NO PAÍS DE ZILBRAVIZ

ou "O AVESSO DO ESPELHO"



GONZAGA PINTO

RIDENDO CASTIGAT MORES
RINDO SE CASTIGAM OS (MAUS) COSTUMES



Crônica sobre um precioso achado, ou como Inocêncio Apóstolo,
um humilde Diretor de Escola Pública,
descobriu e descreveu o país ideal.

Ingrácio Dára Agon

Índice

PREFÁCIO 7

COMO NO CONTO DE ANDERSEN, "O REI ESTÁ NU". 7

REPÚBLICA DE BANANAS PODRES É DE POUCOS 23

DOIS MODELOS: ALEMANHA E VENEZUELA 21

ANATOMIA DO AMORALISMO BRASILEIRO 25

CAPITULO I 27

INGRÁCIO DÁRIO AGON 27

CAPITULO II 33

SOBRE A INTENÇÃO DE EXPLICAR MEU IDEAL 33

A DESCOBERTA DE ZILBRANIZ 38

AS CARAVELAS 39

CAPITULO III 47

ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DE ZILBRANIZ 47

PARTE 1 - ASPECTOS FÍSICOS 47

A HIDROGRAFIA DE ZILBRANIZ 49

RIQUEZAS MINERAIS DE ZILBRANIZ 51

UMA VEGETAÇÃO EXUBERANTE 52

SOBRE OS INCENDIÁRIOS DE MATAS 54

O CLIMA DE ZILBRANIZ 56

PARTE 2 - ASPECTOS HUMANOS 57

UMA POPULAÇÃO EM EXPANSÃO, "MA NON TROPO" 57

A POPULAÇÃO DE ZILBRANIZ 59

CONFLITOS SOCIAIS EM ZILBRANIZ: 61

OS DO CAMPO 61

A QUESTÃO ABORIGENAL 63

CONFLITOS URBANOS 64

NOSSOS TEMPOS 65

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E CONFLITOS SOCIAIS 66

CAPITULO IV 69

EDUCAÇÃO E CULTURA EM ZILBRANIZ 69

PARTE 1 - O ENSINO BÁSICO: MUITA CIDADANIA 69

A MÃEZONA E A EDUCAÇÃO DOS PEQUENOS SERES 71

O EXEMPLO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA MAIS RICA PROVÍNCIA DE ZILBRANIZ 73

DINÂMICA ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS 76

PERCALÇOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA 78

OS MALES DE ZILBRANIZ SÃO 82

PARTE 2 - UM 3º GRAU "SUI GENERIS" 83

UMA UNIVERSIDADE EM CADA ESQUINA 84

O RITO DE PASSAGEM 85

VIVENDO E APRENDENDO 86

DOIS CURSOS EM IRREVERSÍVEL EXPANSÃO 87

UM CURSO PARA PROFISSIONAIS SOLUCIONÁTICOS 89

PARTE 3 - PINCELADAS CULTURAIS SOBRE ZILBRANIZ 91

EDUCAÇÃO, PROPICIADORA DA ENVOLVENTE CULTURA POPULAR 91

A LITERATURA 93

AS ARTES PLÁSTICAS E A MÚSICA DE PEQUENOS E GRANDES MESTRES 94

AS ARTES CÊNICAS 96

CAPITULO V 100

UMA BREVE HISTÓRIA DAS ORDENAÇÕES DE ZILBRANIZ E SEUS ORDENADOS –NÃO CONFUNDIR COM OS HUMILDES VALORES DOS HOLERITES DE NOSSOS MESTRES DAS ESCOLAS PÚBLICAS 100

AS ORDENAÇÕES24 100

"UM HERÓI NACIONAL" 100

AS ORDENAÇÕES91 104

AS ORDENAÇÕES34 111

AS ORDENAÇÕES37 112

AS ORDENAÇÕES46 117

ENTRE ATOS E DESACATOS – AS ORDENAÇÕES67/69 127

AS ORDENAÇÕES88 134

REFORMA ECONÔMICA, ÓH! 139

CAPITULO VI 145

VIDA POLÍTICA EM ZILBRANIZ 145

O PODER LEGISLATIVO 145

A DEMOCRACIA ZILBRANIZENSE E SEUS LIMITE 145

AVES DE ARRIBAÇÃO 145

UM CIDADÃO ÚTIL 147

POLÍTICOS E ESTRIPULIAS 151

CAMPANHAS ELEITORAIS E QUEJANDOS 152

BRIGA DE COMADRES 152

PARTIDOS E IDEOLOGIAS EM ZILBRANIZ NOS NOVOS TEMPOS 160

SOBRE ESSES ACONTECIMENTOS LEMBRO-ME DE UMA INCONFIDÊNCIA DO BULA-LÁ NUMA CONVERSA COM CORRELIGIONÁRIO DENUNCIADO POR QUEM A OUVIU E ME PASSOU. É O QUE PÚBLICO PARA EDULCORAR O EPISÓDIO: 178

O APOCALIPSE NOW **188**
SOBRE O EMBATE ENTRE O CAPETA E O COISA RUIM, EM ZILBRANIZ..Erro! Indicador não definido.
O PODER EXECUTIVO EM ZILBRANIZ..... **210**
A PREVALENCÊNCIA DOS "VICES" **211**
UM EXECUTIVO IMPERIAL, MAS SEM COROA - MINISTÉRIOS..... **212**
MINISTÉRIOS – UM BREVE HISTÓRICO..... **213**
IMPREVIDÊNCIA..... **213**
MINISTÉRIO DOS ESTROPIADOS E AFINS..... **214**
MINISTÉRIO DAS VIAS INTRANSITÁVEIS **215**
MINISTÉRIO DO CULTIVO DE PRODUTOS "IN NATURA" **216**
MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL ENTRE AMIGOS **217**
MINISTÉRIO DE ADAPTAÇÃO À ORAÇÃO E À ESCRITA **218**
MINISTÉRIO DE ACABADOS E DE VENDAS A VAREJO..... **219**
MINISTÉRIO DE FAZER-ANDAR-O-PAÍS **220**
MINISTÉRIO DO TIRA-O-QUE-PODE **222**
O PODER JUDICIÁRIO EM ZILBRANIZ **225**
A RELATIVA PERFEITA HARMONIA ENTRE OS PERTINENTES PODERES..... **225**
A SOBRECARGA DAS PEQUENAS MÉDIAS INSTÂNCIAS E ALTÍSSIMA CORTE..... **228**
A GARANTIA DOS VIVENTES: OS CARTÓRIOS **230**
A SEVERIDADE DAS LEIS NOS CRIMES CONTRA A PESSOA E O PATRIMÔNIO **230**
A POLÊMICA QUESTÃO DA PENA DE MORTE EM ZILBRANIZ..... **232**
CAPITULO VII.....235
VIDA ECONÔMICA EM ZILBRANIZ..... **235**
UM PAÍS EM PLENA ABERTURA ECONÔMICA **235**
AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO ZILBRANIZENSES..... **238**
PRIVATIZAÇÕES & FLEXIBILIZAÇÕES **240**
STOCK EXCHANGES EM ZILBRANIZ **245**
O SISTEMA BANCARIAL DE ZILBRANIZ **247**
SOBRE O MOVIMENTO INDÚSTRIO-EXPLORATIVO **253**
A INDÚSTRIA AUTOMOBILITAL..... **254**
SOBRE A INDÚSTRIA COMPUTATORIAL **256**
O COMÉRCIO DE ZILBRANIZAS..... **260**
A PERSEGUIÇÃO DO FISCO AOS INADIMPLENTES..... **261**
AS CONSORCIEDADES..... **263**
UM PAÍS EM CONSTANTES LIQUIDAÇÕES **264**
SERVIÇOS..... **265**
A AGRICULTURA EM ZILBRANIZ..... **271**

A PECUÁRIA EM ZILBRANIZ 275

SUPERFICIAL TEMPESTADE ECONÔMICA MUNDIAL, FAZENDO ALGUMA "MAROLINHA" EM ZILBRANIZ 279

CAPITUL0 VIII 282

A VIDA SOCIAL EM ZILBRANIZ 282

VISTA D'OLHOS SOBRE UM CERTO PASSADO DE 282

QUASE PROFUNDAS MUDANÇAS SOCIAIS 282

O MISERÁVEL TERÇO 286

RELAÇÕES HUMANAS INTRA-MISERÁVEL TERÇO 287

EM DIREÇÃO À DEMOCRACIA RACIAL 288

CONDUTA E EDUCAÇÃO DOS FILHOS DO MISERÁVEL TERÇO 288

SOBRE A IMOBILIDADE DO MISERÁVEL TERÇO 290

UM MISERÁVEL TERÇO BEM PROTEGIDO 292

DIVERSÕES E LAZERES DA JUVENTUDE NÃO DORÉE 292

AS CLASSES MÉDIAS: TODOS ATRÁS DELAS 293

A DIFÍCIL ESCALADA 295

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS MUDANDO HÁBITOS E COSTUMES DAS CLASSES MÉDIAS 296

O OBJETO DO DESEJO DA CLASSE MÉDIA 298

A PREOCUPAÇÃO COM OS ESTUDOS DOS REBENTOS 299

AS CLASSES DOMINANTES DE ZILBRANIZ 301

O "BONDADAL" CIDADÃO ZILBRANIZENSE 303

UMA SOCIEDADE ABSOLUTAMENTE DESPRECONCEITUOSA 305

A RAINHA DO LAR EM ZILBRANIZ 305

O ACENDRADO AMOR DOS ZILBRANIZENSES PELOS IDOSOS 306

UMA POPULAÇÃO AMANTE DA DISCIPLINA 308

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, MUDANDO USOS E COSTUMES 310

UM EXEMPLO DE BOA ACOLHIDA 310

UMA POPULAÇÃO ENTRANDO PELOS CANAIS 311

RÉVERIES DOS MEIOS E FINS DE SEMANA EM ZILBRANIZ 314

O VÍCIO DO JOGO 316

ALGO SOBRE A MODA EM ZILBRANIZ 318

A FOGUEIRA DAS VAIDADES 320

CAPITULO IX 323

EPÍLOGO DOS ESCRITOS E DO ESCRITOR 324

Prefácio

Como no Conto de Andersen, “O Rei está nu”.

Debaixo do verniz de civilização, somos, ainda, desgraçadamente, sob muitos aspectos, um país bárbaro. Isso porque, as instituições, políticas, econômicas, sociais e culturais, quando funcionam o fazem precariamente.

Do ponto de vista político partidário vivemos na mais deslavada corrupção. Grande parte dos executivos e das casas legislativas, municipais, estaduais e federais, de há muito se tornaram valhacoutos de vigaristas de terno e gravata (com honrosas exceções que confirmam a regra), que neles negociam livremente seus interesses, que, como se sabe, não são os dos que, equivocadamente, os elegeram ou do povo em geral.

Os escândalos propiciados por essa gente, denunciada cotidianamente nos periódicos são tantos que já entraram para o terreno das banalidades e não mais escandalizam. Até mesmo, membros de certo partido que se dizia o campeão da moralidade, após galgarem o poder maior, não só aparelharam a administração federal – aliás como fazem todos os partidos -, como acabaram por se envolver numa corrupção nunca antes vista no país (o mensalão, lembram? o petrolão, recordam?), sob os olhares complacentes do muito amado Lula da Silva, chefe maior, que ignorava as “maracutaias” – termo popularizado pelo mesmo personagem, quando atirava pedra na vidraça alheia -, arquitetadas em sua antessala. Para nos livrar da “peçonha Bozo” que nos desgovernou por 4 anos, ei-lo de volta. Ainda que, já velho, em seu terceiro mandato, Lula, agora deu para elogiar ditaduras, “pseudamente” de esquerda. Mas, mesmo que façamos severas críticas ao seu arraigado desejo de se manter indefinidamente no poder, hoje, respiramos melhor sob seu governo, mesmo porque ele sempre respeitou o Estado Democrático de Direito.

Melhor situação não vivemos durante os governos Dilma, quando o desemprego explodiu e a situação econômica entrou em deterioração do que resultaria o impedimento da “Presidenta”, que de golpe, como propalado, não se conseguiu

evidenciar qualquer fundamento, posto ter a mandatária cometido crime de responsabilidade ao praticar as famosas pedaladas.

A ascensão do vice Michel Temer, com a introdução de tíbias reformas como o teto de gasto e a trabalhista não conseguiriam esconder as práticas delituosas do presidente e de vários de seus ministros, muitos dos quais defenestrados por envolvimento com a endêmica corrupção, de há muito, infestando o país, comprometida pelas ações criminosas do Juiz Moro e seus Procuradores de Curitiba, que praticamente puseram a perder todo trabalho levado a efeito pela Lava Jato, desde sempre, denunciada por grande parte de advogados dos condenados, vinculados a corruptas empreiteiras e envolvidos no escândalo do "Petrolão".

Quase todos eles liberados da prisão pelo Supremo Tribunal Federal, diante dos crimes judiciais cometidos pelo Juiz Sérgio Moro, comprovados quando este se aliou a Bolsonaro, apoiando-o na vitoriosa campanha eleitoral, tornando-se, posteriormente, seu ministro da Justiça.

Que dizer então dos escândalos envolvendo a presidência Michel Temer no que concerne ao célebre encontro na calada da noite com Joesley Batista recebido na garagem do Palácio Jaburu, cuja gravação realizada pelo visitante dava conta de suas relações incestuosas com o então presidente da Câmara Federal, Eduardo Cunha, hoje condenado preso por algum tempo mas já solto pela leniente justiça brasileira, o episódio Loures, aquele da mala com os CR$ 500.000, do tal coronel amigo, gerenciando negócios escusos do presidente, da reforma da casa da filha, comprovadamente paga com dinheiro de propina, fatos que levariam, fatalmente, a novo impedimento, não tivesse Temer robusta base política na Câmara Federal. E aí está ele, como centenas de congressistas corruptos, mormente os do Centrão (protegidos pelo Foro), livre e solto para escárnio dos cidadãos de bem que labutam diariamente para sustentar essa malta. E dizer-se que a rápida prisão de Temer pela Lava Jato, tenha causado escândalo e até mesmo um editorial do Jornal o Estado de São Paulo em defesa do indigitado, alegando ter sido o ato um ataque ao estado democrático de direito?

Mas não foi o bastante a infelicitar a Nação nesta segunda década do segundo milênio com a eleição do Bozo. Este, egresso do baixíssimo clero, ao longo de 28 anos de inexpressiva e corrupta atuação na Câmara Federal com as famosas "rachadinhas", entre outras transgressões gravíssimas que, fosse um Congresso composto de maioria de deputados e senadores respeitáveis, lhe valeria a cassação do mandato.

Essa omissão propiciaria galgar a presidência um notório ignorante nazifascista, defensor da ditadura, da tortura e de torturadores - por acaso ao votar pelo impedimento de Dilma, não elogiou o coronel Ustra, um dos chefes do Doi-Codi durante os Anos de chumbo?

A vitória de Bolsonaro, do ponto de vista político, era de se prever um governo militarizado, autoritário, compromissado com ideias golpistas, que dia após dia anunciava, em seu cercadinho e na Praça do Palácio do Planalto, diante de lombrosianos babões, que o alcunham de mito – ignorando que o apodo significa mentira.

Vai daí, que os milhões de eleitores contrariados com o PT e Lula, acabaram escolhendo o Inferno do Belzebu, no qual, por equivocada opção, resolveram ingressar. Não bastasse o desastroso governo Bolsonaro, nos chega a Pandemia para causar o desastre econômico e sanitário, trazendo a tragédia e o sofrimento às famílias com centenas de milhares de mortes, cuja responsabilidade em grande parte deve ser creditada às atitudes criminosas do presidente, ao despedir experientes médicos do Ministério da Saúde, para nele colocar militar sem qualquer compromisso com, e conhecimento científico para coordenar o combate à pandemia; ao criticar a quarentena e o isolamento social, estimulando a população a se aglomerar em praças, ruas e jardins e conceituando a letal moléstia de simples gripezinha e fundamentalmente, recusar-se por meses à compra de vacinas do que resultaria a morte de 700.000 e tantos infelizes, muitos do quais eleitores do Bozo.

As classes médias, por meio de seus representantes ilustrados, desenvolvem pela imprensa, violentas críticas a esse estado de coisas, mas elas não foram capazes de alterá-lo substancialmente, uma vez que o único remédio à vista para remedia-la seria o impedimento de Bolsonaro, já objeto de dezenas de ações na Câmara Federal,

engavetada por Rodrigo Maia, que não via crimes nos constantes ataques a Constituição, quando o presidente, explicitamente, comparecia e apoiava manifestações golpistas de seus ignorantes apoiadores, diante do Palácio do Planalto, defendendo o fechamento do Congresso e STF; da falta de decoro ao ofender jornalistas e a imprensa; ao ameaçar de fechamento o Supremo; ao responsabilizar ministros do STF pela expansão da Pandemia ao validar a autoridade de governadores e prefeitos para tomar as devidas providências quanto o isolamento social entre outras medidas de proteção a população de seus estados e municípios.

Compreende-se a atitude de Artur Lira, novo Presidente da Câmara, ao engavetar as centenas de pedidos de impedimento de Bolsonaro, posto que é outro envolvido com a justiça, por malfeitos em seu estado natal, Alagoas, ou, seja, também com "o rabo preso".

O governo Bolsonaro, um verdadeiro pesadelo de 4 anos, findou-se com a vitória da Frente Democrática liderada por Lula da Silva, até a última hora ameaçada por um golpe militar que quase se concretizou em 8/1/2023, quando da invasão de terroristas bolsonaristas aos próprios dos três poderes sob o patrocínio do capitão ladrão e golpista, do que decorreu sua condenação a 27 anos de prisão, mas passível de anistia, se seu filho 01, também ladrão, seja eleito em 2026.

Posto que a direita e extrema direita, liderada por pastores evangélicos bolsonaristas e jornalões vem dando apoio explícito aos golpistas do 8 de janeiro hoje invadindo as mídias influenciando aos ignorantes eleitores de todas as camadas sociais com suas mentiras e perversa.

A maioria da população, massa trabalhadora madrugadora, mal remunerada, das grandes cidades, amontoada nos péssimos meios de transportes urbanos, sequer tem tempo para refletir sobre a conduta de seus algozes os quais continuam impunes.

Afinal, as transgressões desses "300 picaretas federais (afinal não foram eles os responsáveis pela eleição de um corrupto bolsonarista a presidência da Câmara Federal, comprados a peso de ouro para fazê-lo?), e outro tanto municipais e estaduais", sequer são julgadas por juízes e tribunais e sim pelos seus pares, ou pela Suprema Corte, que lhes dá o tempo mais que suficiente para prepararem, com calma,

sua costumeira absolvição, enquanto os ministros, afilhados dos poderosos do momento, se engalfinham em discussões estéreis, quando não falam mal uns dos outros, ou mesmo ameaçam resolver suas pendengas pessoais por meio do desforço físico. A que ponto chegamos!

Por sorte, alguns deles, entre os quais o ministro Alexandre de Morais, peitaram as investidas golpistas de Bolsonaro e sua caterva, permitindo eleições livres culminando com a derrota do indigitado presidente.

Sobre os comprados 312 vendilhões da Câmara Federal, e os 52 do Senado, por Bolsonaro, lembro-me, agora, de um artigo no Estadão de 15/3/2021, do insigne professor Roberto Romano, no qual reproduz a fala de Cromwell, chefe puritano, que fez decapitar o absolutista Carlos I, ao fechar o corrupto Parlamento inglês em 1653:

"Já passou a hora de por um fim à sua presença neste lugar que perdeu a honra pelo desprezo de todas as virtudes, contaminados por todos os vícios. Os senhores não passam de uma facção inimiga de todo bom governo, pois formam um bando de miseráveis mercenários. Seu gosto é como o de Esaú: vender seu país por um guisado e, como Judas, trair Deus por moedas. Existe uma única virtude entre os senhores e algum vício que não possuem? (...) Qual dos senhores deixou de trocar a consciência por subornos? Existiria um homem entre os senhores preocupado com o bem da Comunidade? Prostitutas sórdidas! Os senhores não infectaram este lugar sagrado e fizeram o templo divino um covil de ladrões por seus princípios imorais e práticas iníquas? Os senhores se tornaram odiosos para toda a Nação pois foram postos aqui, pelo povo, para reparar suas queixas, mas se tornaram a fonte da maior queixa. Logo o seu país apela-me para limpar a estrebaria de Augias, pondo um ponto final nos procedimentos iníquos dessa Assembleia. Com ajuda de Deus e a força que ele me deu, efetivo tal missão. Ordeno, com perigo das suas vidas que os senhores saiam, imediatamente, deste lugar. Escravos venais, vão embora! Em nome de Deus, vão!"

Claro está que para fazer valer tal libelo, aplicado aos dias atuais ao nosso Parlamento, bastaria substituir as palavras de Cromwell, pelo nosso

Ordenamento Constitucional, se em algum momento ele fosse posto, integralmente, em prática neste País, em que o mocinho passou a ser vilão e o bandido herói e esse herói virou bandido. Até que se descobriu que o mocinho e o bandido se igualaram nos malfeitos. E mais, que o mocinho se aliou ao governo genocida, elegendo-se posteriormente com o apoio do degenerado meliante.

O crescimento econômico nos últimos 10 anos ainda não foi capaz amenizar a miséria que infelicita grande parte da população brasileira, ainda que se diga que o futuro está às portas.

Estão aí as imensas favelas sitiando a maior parte das megalópoles brasileiras, cujos residentes vivem, na maior parte das vezes, uma existência sub-humana em seus miseráveis barracos (enquanto não conseguem se organizar comunitariamente para reivindicar o que lhes é de direito), sistematicamente inundados pelas cheias de rios e charcos poluídos, quando não levados pelas correntezas formadas durante as grandes tempestades; ou, ainda, vendo seus filhos pequenos serem comidos por verminoses, entre outras moléstias produzidas por roedores, companheiros permanentes da pobre gente.

São estes infelizes os que mais sofreram as consequências da Pandemia que lhes roubaram empregos e meios de sobrevivência numa perspectiva, no curto e médio, prazos, aterradora.

Não é diferente a vida que leva a pobre gente nos grotões do norte/nordeste onde a fome, apesar do assistencialismo oficial, é moeda corrente. Gabam-se as autoridades de seu sucesso no combate à mortalidade infantil. Mas, qual seria mesmo esses índices nas favelas e grotões?

Ao lado de uma vida miserável, desamparada dos poderes públicos, a pobre gente ainda enfrenta a inexistência de saneamento básico, o domínio de marginais, de todo tipo, com predominância para os traficantes de drogas - vicio que se alastra por todos os cantos do país, criando um absurdo número de dependentes cujo destino será sem dúvida a morte prematura -, quando não é atropelada pela polícia em busca de delinquentes.

Tais periferias e grotões, por sua vez, se encarregam de produzir uma criminalidade cada dia mais organizada e atrevida colocando em xeque a segurança da população indefesa, uma vez que os órgãos de repressão já não conseguem dar conta dos milhares de delitos – sequestros, latrocínios, feminicídios etc -, fazendo anualmente milhares de vítimas fatais, em irônica concorrência com as moléstias tradicionais e com o trânsito assassino do qual falaremos posteriormente. Crimes esses, em sua maior parte, jamais solucionados, quando a vítima é gente, sem eira nem beira.

Por outro lado, cadeias e penitenciárias, absolutamente insuficientes, que deveriam ser locais de reabilitação de infelizes marcados pelo destino trágico, de há muito, por omissão das autoridades, tornaram-se escolas do crime. Nelas se o pratica nas formas mais variadas por meio das tecnologias postas à disposição dos delinquentes que queiram usá-las. E por incrível que possa parecer, de posse desses instrumentos, as quadrilhas comandam ações criminosas de suas celas, sem que os responsáveis consigam coibi-las, posto resultarem de um entendimento tácito entre membros do sistema prisional e os prisioneiros.

Todavia, somos obrigados a reconhecer o fato de que milhares de prisioneiros, muitas vezes encarcerados por pequenos delitos, mofam nas cadeias, sem julgamento, absolutamente esquecidos dos poderes públicos: juízes, tribunais, defensorias públicas e quejandos, presidiários, muitos dos quais morrerão por numerosas moléstias grassando em infectas celas, quando não, por conflitos internos entre bandidos.

Não é difícil perceber que, além da miséria que forja parte dos criminosos, outras forças colaboram para que o crime tome proporções gigantescas, entre elas a leniência com que são tratados os crimes e os criminosos cruéis, pelos nossos códigos penais e de processo, que chega ao cúmulo de, depois de uns poucos anos de pena cumprida, o criminoso – quase nunca reabilitado - ser brindado com prisão albergue, a fim de que possa desenvolver seu oficio durante o dia, ou seja, roubar e mesmo assassinar, retornando à noite para o merecido repouso.

Por outro lado, o abrandamento na aplicação das penas, que chega ao absurdo de fazer com que o mais empedernidos assassino pague apenas um sexto dela, não faz mais

que contribuir para a multiplicação dos delitos. E se levarmos em consideração o fato de a corrupção já ter chegado a juízes e tribunais, imagine-se a quantas andamos em matéria de justiça neste país. E quando a justiça se corrompe a quem recorrer?

Essa leniência nos códigos penais acaba por institucionalizar a impunidade que abarca, indistintamente, todos aqueles que dispõem de bons advogados, geralmente os criminosos de colarinho branco, mas não só eles.

Não é porventura verdade que um conhecido estuprador de mais de uma dezena de pacientes foi posto, pelo Supremo, em liberdade, sob o argumento de espertos advogados de que é "réu primário de ilibada reputação moral"? E, ao soltá-lo, toma-se conhecimento da impagável sentença do ministro segundo a qual, naquele momento, o meliante não oferecia qualquer perigo a sociedade, uma vez impedido de exercer seu ofício. É verdade que, tardiamente, tal absurdo foi corrigido.

Imaginem se o tal não fosse de ilibada reputação e oferecesse perigo à sociedade?

Mas, as deformações descritas têm sua matriz na péssima educação pública oferecida aos brasileiros em geral, mormente a crianças e jovens da pobre gente. Um país sem educação não poderia trilhar outro caminho que não aquele ao qual nos referimos acima.

Se não é novidade que um dos mais precários sistemas de ensino público é aquele existente no Estado mais rico da federação, pensem, caros leitores, o que sucede nos grotões dos mais pobres, nos quais sequer existem redes de ensino estruturada, na maior parte de seus municípios, nos quais os estabelecimentos não passam de taperas, onde falta tudo, de material escolar, a merenda, de professores capacitados, a prédios escolares decentes.

O professor da rede pública, no passado, um profissional de prestígio e respeitado, hoje não passa de um trabalhador comum, pessimamente remunerado até mesmo em estados ricos como São Paulo e, por isso, cada vez mais marginalizado e sem quaisquer perspectivas de um futuro na carreira. A tal ponto que na recente criação de um "Piso Nacional para o Magistério", a remuneração oferecida por 40 horas semanais, não chegaram a três salários mínimos. Piso Salarial que, em muitos estados

e municípios brasileiros, com predominância no norte/nordeste, configurou "altíssima" remuneração mensal, uma vez que, nessas áreas os docentes, em sua maior parte, leigos, há alguns anos chegavam a perceber entre R$ 150,00/200,00 mensais.

Que esperar desses profissionais em matéria de qualidade de ensino? E o mais revoltante, grande parte de prefeitos e governadores de certos estados alegam não poder cumprir a Lei do Piso Nacional sob a justificativa de ausência de recursos.

Claro está que essa deterioração do ensino público afeta, negativamente, a maioria dos filhos da pobre gente, usuários quase exclusivos das precárias escolas públicas brasileiras. Para os pobres, uma pobre educação é o axioma entre os ignorantes e cínicos senhores donos do poder de todos os tempos, neste país, diz Raimundo Faoro, em sua célebre obra-prima.

Mercê de um ensino sem qualidade, condena-se grande parte das crianças e jovens brasileiros, das classes desfavorecidas, a um futuro sem perspectivas no mercado de trabalho e na carreira universitária (quando é intenção deles a seguirem), quando não a marginalidade, ao evadirem-se de uma escola que pouco os motivam a nela permanecer. Do que decorre fato gravíssimo, ou seja, a perda de milhões de cérebros os quais muito contribuiriam para a evolução do país quando parte da juventude estudantil abandona, desencantada, os bancos escolares.

Ainda que tenha crescido extraordinariamente o número de matrículas das crianças brasileiras, o insuficiente investimento na educação pública, nos coloca há anos luz de uma qualidade escolar, hoje minimamente aceitável, mas fundamental para um país em desenvolvimento.

Se levarmos em conta que a riqueza das Nações neste século XXI repousa na criação de tecnologias de ponta, qual será nosso real destino com um ensino público de tão baixa qualidade?

Mas, como existe quem ainda acredite em Papai Noel, haverá, também, quem acha possível uma educação pública de qualidade, sem vultosos investimentos no setor e salários justos aos mestres, que lhes permitam viver com dignidade.

Esses arautos do princípio segundo o qual um salário adequado para o professor, nada tem a ver com a qualidade do ensino estão por aí, escrevendo sofregamente seus artigos nos principais órgãos da imprensa brasileira, que os acata sem qualquer senso crítico, fechando espaços àqueles que contestam tais disparates.

Não fossemos um país bárbaro e, por isso, absolutamente imprevidente, a educação pública de qualidade iniciar-se-ia nos primeiros anos de nossas crianças com atendimento às famílias desfavorecidas, inclusive alfabetizando-as quando fosse o caso, para que pudessem acompanhar o desenvolvimento físico e mental dos filhos.

Esse procedimento criaria uma rede de proteção a essas crianças, assim como coibiria o analfabetismo, ainda uma praga a infelicitar nosso país e, ainda, muito longe de ser erradicado.

A ausência dessa rede de proteção é trágica. Meninas de regiões pobres e das periferias das grandes cidades, para sobreviverem à miséria que as envolve, prostituem-se na mais tenra idade (porventura não se denúncia, cotidianamente, o vergonhoso turismo sexual nas cidades praieiras do nordeste?) sob os olhos complacentes das autoridades; meninos excluídos da escola pública, são, muito cedo, atirados ao crime e ao tráfico de drogas, fatos que lhes abreviam a existência.

Um povo ignorante será sempre a garantia da manutenção de conhecidos privilégios, privilegiados picaretas e, até mesmo, criminosos no Poder. Posto que esses são os Donos do Poder.

Que dizer da saúde pública em nosso país?

Em pleno século XXI, vastas áreas não contam com saneamento básico – mais de 40% dos centros urbanos não dispõem de água e esgoto -, do que decorre o alastramento de enfermidades e o renascimento de endemias já de há muito erradicadas: tifo, febre amarela, varíola, tuberculose, entre outras.

Como somos país de governos e administradores públicos imprevidentes, depois da porta arrombada, coloca-se a tranca.

Que dizer, então, da atual COVID-19, ceifando centenas de milhares de vidas, destruindo a economia e produzindo o maior desemprego da história do Brasil. Neste aspecto o atual governo Bolsonaro e sua trupe ministerial, mormente, no que diz respeito ao ministério da saúde, do qual se excluíram, em plena pandemia, dois especialistas, substituídos por militares, em sua ignorância e boçalidade, deve ser responsabilizado, diretamente, pela mortandade de significativa parte da população.

No que se refere ao atendimento hospitalar a pobre gente, em grande parte do país, nem é bom falar. Todavia, o Serviço Único de Saúde –SUS-, um tanto precário, por irresponsabilidade governamental que lhe roubou o imposto que lhe garantiria estabilidade e melhor atendimento a pobre gente, é o que poderíamos dizer, a salvação da lavoura, ou seja, a única rede de proteção a pobre gente.

No que diz respeito ao meio ambiente e preservação da natureza não somos exemplo para país algum, pelo contrário. Não bastasse a destruição da Mata Atlântica ao longo dos séculos (lembramos que cem anos atrás o Estado de São Paulo tinha 95% de seu território coberto pela Mata Atlântica, hoje não resta mais que 9%), e do Cerrado, mais recentemente, há décadas devasta-se sem cerimônia a Amazônia sem que as autoridades federais, ou o Exército – pois se trata de fato ligado a Segurança Nacional em áreas de fronteira -, movam uma palha para colocar fim aos grileiros e empreendedores predatórios: abatedores de florestas para exploração ilegal de madeira ou para a formação de pasto, garimpeiros (muitas vezes eliminando indígenas), poluindo grande parte dos rios amazônicos, pela utilização de técnicas rudimentares na exploração de metais preciosos, espalhando nas águas o mercúrio que usam para a separação do cascalho para obtenção do metal. Se a situação do meio ambiente já não era boa, neste momento com as inações do governo Bolsonaro, chegamos ao estado de calamidade pública. Que dizer das recentes queimadas criminosas no Pantanal que se alastraram por enormes áreas pela incúria do ministério do meio ambiente gerido por um débil mental?

A deterioração de imensos mananciais aquíferos em numerosos estados, pelo não tratamento dos esgotos e dejetos urbanos atirados in natura nos cursos de águas próximos de pequenas, médias e grandes cidades, vem comprometendo a saúde de nossos rios, próximos dos centros urbanos.

O exemplo mais grotesco desta distorção é o rio Tietê, no Estado de São Paulo, que em pouco tempo estará poluído em toda a sua extensão, como bem demonstrou recente reportagem (novembro/2009) de conhecido canal de televisão. As intervenções no Rio São Francisco constituem outro perigo a sobrevivência do "Velho Chico". E tudo isso ocorre, justamente, num país que reúne 5% de todo estoque de água potável existente no mundo.

Outro exemplo de nossa barbárie é a falta de respeito às leis do trânsito. Tal qual as resultantes da ação criminosa, as estatísticas de mortes nos centros urbanos e estradas do país devido ao desrespeito às leis do trânsito, são incomensuráveis.

Viajar pela maior parte das estradas e rodovias brasileiras, quase sempre, em estado calamitoso, constitui perigo de morte eminente: caminhões nelas trafegam em todas as pistas a velocidades muito acima do permitido, provocando um cem número de desastres; grande parte dos automóveis percorre centenas de quilômetros em velocidade acima do permitido nas placas e avisos colocados ao alcance das vistas dos motoristas.

Diante desse quadro, não é de surpreender que o número de óbitos nas estradas brasileiras alcance números estratosféricos, mormente em feriados prolongados.

Tudo isso tem causas conhecidas: veículos em petição de miséria e que já deveriam ter sido retirados de circulação, estradas sem conservação alguma e inexistência de fiscalização, razão pela qual essas transgressões, no mais das vezes, permanecem impunes. Quando muito, depois de percorrer centenas de quilômetros, vez por outra, o cidadão se depara com um guarda. E, quando o cidadão é pego em infração, na maior parte dos casos, uma propina resolve o problema de alguma irregularidade no veículo ou do excesso de velocidade praticado pelo irresponsável motorista.

Que dizer de nossas leis econômicas que comprometem profundamente o empreendedorismo, tão necessário num país desesperadamente, necessitado de empregos. O país vive sob um emaranhado de leis e regulamentos econômicos, muitos deles originários dos tempos imperiais, que torna altamente problemático a criação, desenvolvimento e a manutenção de empresas.

Os encargos sociais para a contratação de empregados são escorchantes, razão pela qual começam a aparecer formas de recrutamento de pessoal, cada vez mais desfavoráveis aos trabalhadores. Daí aos empregos informais sem carteira assinada é um pulo.

Não é à toa ocorrer no país tanta sonegação fiscal que, muitas vezes, é a única forma de sobrevivência de pequenas, médias e grandes empresas. Por outro lado, essas empresas ainda são obrigadas a conviver e concorrer com o contrabando, ironicamente, comercializado em suas portas, sem que as autoridades sejam capazes de coibi-lo. E fato gravíssimo, contrabando corruptor de uma população que os consome sem quaisquer pruridos ou problemas de consciência, chegando a ponto de DVDs de filmes, vendidos ilegalmente, quando projetados na casa dos consumidores, traga, geralmente na abertura, o aviso segundo o qual, constitui crime a venda e exibição de filmes pirata.

Não é preciso andar mais de um quarteirão de grandes e médias cidades sem trombar com barracas e camelôs, comercializando produtos entrados ilicitamente no país. E mais uma vez a imprevidência, característica de um Brasil sem qualquer planejamento, faz com que o contrabando se torne uma verdadeira instituição, capaz de prover a subsistência de numerosos cidadãos marginalizados dos empregos formais. E quando essa atividade se torna uma instituição, sabe-se que pouco se poderá fazer para extirpá-la Claro está que, por trás desse contrabando, estão empresários inescrupulosos e desonestos, que por seu poder político ou pela riqueza que ostentam, tornam-se inalcançáveis pela sempre cega justiça.

Ah, mas nem tudo é flor que se cheire entre o nosso empresariado. Há aqueles que desenvolvem honestamente seu trabalho com as previsíveis dificuldades e aqueles que vivem dos chamados lobbies em casas legislativas e mesmo em conluio com executivos, sobre os quais falei no início do prefácio. Quanto mais estes empresários contribuem para as campanhas eleitorais deste ou daquele candidato ou partido, tanto mais mamará nas tetas dos governos que se sucedem ao longo do tempo.

Esses contribuintes, são proprietários de empresas poderosas e por isso acima de qualquer suspeita.

Como conseguem imiscuir-se e ganhar concorrências públicas para o fornecimento de bens ou construção de pontes, viadutos e que tais é um segredo de Polichinelo. Como conseguem repassar a caixinha aos governantes depositando-lhes milhões de dólares em contas de paraísos fiscais é algo incompreensível, uma vez que tudo o que sai do país em matéria de numerário é estritamente controlado pelo Banco Central.

Desde sempre, no Estado mais rico da Federação, há séria pendenga entre o ministério público e um espertíssimo político acusado de superfaturar obras com determinadas empreiteiras que teriam transferido centenas de milhões de dólares para supostas contas do exterior que o indigitado nega solenemente possuir.

E os processos se arrastaram por anos, até que recentemente, muito pouco do que se roubou haja sido recuperado.

Mas isso é apenas a ponta de um imenso iceberg que, com certeza, demorará décadas para derreter. Se é que me entendem, e que o diga a Lava Jato.

Que dizer então do canibalismo tributários entre Estados, cada um tentando prejudicar a economia do concorrente, por falta de uma reforma tributária que ao que parece governante algum deseja realizar, uma vez que no Brasil, se a faz somente para aumentar impostos sobre os desprotegidos cidadãos.

Que dizer, também, da agiotagem oficial dos bancos e empresas de financiamento imposta aos consumidores desses serviços, sob os olhares sempre complacentes das autoridades. Sob o argumento da possível inadimplência deste ou daquele cidadão, estabelece-se juros escorchantes nos empréstimos e financiamentos - spreads. As empresas de cartões de crédito, por exemplo, não têm o menor pudor em declarar os quatrocentos e tantos por cento ao ano nas faturas para quem ousar o financiamento delas.

Os balanços bimestrais e anuais dessas instituições apresentam lucros que alcançam numerosos bilhões, tornando, injustificáveis a cobrança daqueles monumentais “spreads” – o tal seguro contra o calote, quase sempre insignificante diante dos fabulosos lucros dessas instituições.

Muitas outras questões poderiam ser levantadas em favor da tese, segundo a qual somos um país bárbaro, posto que o "Rei está Nu" – como no famoso conto de Andersen-, ainda que se insista em não querer vê-lo nesse estado.

Pois é, justamente, sobre essas e outras misérias que nos infelicitam, que se nutre este, "No País de Zilbraniz ou o Avesso do Espelho" que o cronista Ingrácio Dára Agon recolheu dos escritos do humilde diretor de escola pública, Inocêncio Apóstolo, nomes fictícios, é claro.

É possível que ao longo desta sátira aos usos e costumes brasileiros, tenha este escrevinhador cometido alguns deslizes no que diz respeito a fatos sociais, políticos, econômicos, culturais, tendo sido o autor, nesses aspectos, profundamente, politicamente incorreto. Contudo, feliz ou infelizmente, essa é a função da sátira

Ao término deste trabalho, deparei-me com esclarecedor artigo do escritor Mario Vargas Llosa: "Os dois modelos", inserido no Estadão de 20 de setembro de 2020, que a meu ver deveria ser objeto de reflexão permanente de todos aqueles governantes responsáveis pelos destinos da Nação e que, permanentemente, estão a testa das coisa pública, fazendo as suas escolhas ligadas ao combate às desigualdades sociais, que propagandeiam enquanto candidatos desejar aboli-las mas, uma vez no poder, delas rapidamente se afastam quando se lhes deparam vantagens pessoais, pouco republicanas.

Para ilustrar alguns outros aspectos de nossa sociedade louvei-me, neste prefácio, em dois sugestivos textos do brilhante jornalista: Bolívar Lamounier, e do grande escritor peruano Vargas Lhosa. que guardam certa identidade com este trabalho.

Dois modelos: Alemanha e Venezuela

Mario Vargas Llosa

Uma das teses mais controversas do liberalismo hoje é que, pela primeira vez, na história da humanidade, os países puderam escolher ser pobres ou prósperos. Nunca, antes, isso foi possível, porque a prosperidade dependia sempre da quantidade de recursos com que uma nação contava, de sua situação geográfica e de sua força

militar. Mas no mundo globalizado de nosso tempo, se sabe perfeitamente quais são as políticas que criam empregos e fortalecem economicamente um país, e as que o empobrecem e afundam. Os casos antinômicos da Venezuela e da Alemanha podem nos servir de exemplo.

O caso da Venezuela é conhecido por todo mundo. Era um dos países mais ricos do planeta, porque, resumindo, se trata de um imenso lago de petróleo e outros minerais, que não faz muitos anos atraía uma imigração gigantesca, para a que sobrava trabalho, e o país progredia a passos de gigante, apesar da corrupção e das transgressões de seus Governos, o que permitiu ao comandante Chávez e seu "socialismo do século XXI" conquistar o poder em eleições que provavelmente foram livres. Nunca mais o seriam, evidentemente. Atualmente, a Venezuela morre de fome, se afoga na corrupção, e pelo menos cinco milhões de venezuelanos fugiram do país, a pé, com suas malas e filhos, para sobreviver. É óbvio que o socialismo, do passado e do presente, não garante a prosperidade, e sim a miséria, a curto e longo prazo. Por isso a Rússia e a China deixaram de ser socialistas e praticam, na verdade, um capitalismo de compadrio, com ampla margem na vida econômica à empresa privada e à concorrência, mas uma estrita rigidez na esfera política, onde o velho sistema autoritário persiste quase intacto.

A Alemanha, por outro lado, é um país que prospera a cada dia, e em todos os sentidos. Acabo de ir para lá, após sete meses, e voltei a ficar surpreso com o espetáculo de uma antiga Alemanha Oriental em plena efervescência, onde ressuscitam os velhos palácios e se constroem arranha-céus por todos os lados, onde ninguém parece morrer de fome, onde a democracia funciona em todos os níveis e onde a maioria da população parece contente com seu destino. O Governo de coalização, que Ângela Merkel ainda preside, ainda que possua discrepâncias e conflitos em seu interior, parece firme e as próximas eleições não devem mudar, em seu conjunto e apesar do coronavírus, que ali parece perfeitamente controlado, esse é um período de estabilidade e progresso vivido pelo país.

O que fez a Alemanha para estar como está? Escolheu ser próspera, ou seja, estimulou a empresa privada, a concorrência e a poupança, integrou sua economia aos mercados mundiais, e o desenvolvimento econômico que vem experimentando por longos anos

lhe permitiu ser muito independente. O país mais rico da União Europeia, de fato ainda que, em matéria de energia, ainda dependa da Rússia, com quem a une um tratado preocupante. Mas, no que concerne ao seu europeísmo, às suas políticas de imigração e ao seu respeito pela legalidade, não há nada a que criticar e sim muito o que imitar.

É fácil seguir o modelo alemão? Não é e, por isso, muitos países que quiseram ser prósperos não podem seguir seus passos. Qual é o problema? Basicamente, a corrupção. É o caso da América Latina, sem dúvida. A corrupção está tão profundamente arraigada em seus Governos, seus ministros e funcionários roubam tanto e o roubar é uma prática tão estendida em quase todos os Estados, que é de todo impossível estabelecer uma economia de mercado que funcione de verdade e exista uma concorrência séria e genuína em seu seio. Para que o modelo do progresso funcione é preciso acabar com a corrupção, ou reduzi-la a sua mínima expressão, e isso, para muitos Estados, é simplesmente impossível. Os que conseguiram, como Hong Kong, antes de voltar a ser parte da China, e Singapura, Coreia do Sul e Taiwan, progrediram sem travas e acabaram com a fome e o desemprego. E a democracia começou a funcionar neles (no caso de Singapura, de maneira mais limitada).

Por outro lado, a transição de uma economia sequestrada pela corrupção, onde os ministros, os chefes militares e os meros funcionários enchem os bolsos de maneira ilegal, não é nada fácil. É preciso apoio popular e jornalístico incessante, um poder judicial que aja de acordo com as leis, e governantes convencidos e corajosos que acreditem no modelo e o coloquem em prática sem vacilos e temores. E, principalmente, uma opinião pública que acredite nele e o respalde. Nem tudo se desenvolve no campo econômico. Pelo contrário; uma economia próspera não basta para criar magicamente uma sociedade onde a maioria da população se sinta confortável. É preciso ao mesmo tempo uma verdadeira igualdade de oportunidades que só uma educação pública de altíssimo nível pode oferecer, que garanta, em cada geração, um ponto de partida uniforme. Isso foi uma realidade na França antes do que em qualquer outra parte e o foi também, surpreendam-se, na Argentina, desde o século passado, quando o modelo educativo criado às margens do rio da Prata pelos herdeiros de Sarmiento causava a admiração de todo o mundo.

O curioso é que, apesar do evidente, os ataques ao que o modelo bem-sucedido representa são a cada dia mais intensos e vêm sobretudo de países que tentaram aplicá-lo e não conseguiram por múltiplas razões, especialmente, por um setor público populista e demagógico que questiona o sistema por motivos supostamente morais. Lá, a maior dificuldade para que os países sigam o modelo que traz progresso é semântica: um problema de palavras. Assumir o "capitalismo", requisito essencial, é simplesmente impossível para a maior parte dos países, pois a esquerda em geral, e a esquerda comunista em particular, hoje minúscula, conseguiu criar em torno a essa palavra capitalismo uma sensação de injustiça e desigualdade, de patifaria e egoísmo, que a faz impronunciável, ou, melhor dizendo, a associa a um complexo de inferioridade que impede os que, secretamente, acreditam nela, de pronunciá-la e ainda menos promovê-la. Frequentemente, é o caso dos próprios empresários, que se envergonham do que são e representam.

Aí está um dos grandes paradoxos de nosso tempo: o sistema que trouxe modernidade, prosperidade e, principalmente, liberdade aos países mais adiantados do mundo, costuma ser impronunciável e nenhum líder político respeitado se atreveria no terceiro mundo a promover uma fórmula "capitalista" palavra maldita a seus eleitores, pois o mais provável é que teria bem poucos. A esquerda conseguiu essa confusão mental que hoje impede, sobretudo nos países subdesenvolvidos, de aproveitar essa extraordinária possibilidade de arrancar a pobreza e o subdesenvolvimento de dezenas, ou centenas, de países da terra, que, paralisados pelo suposto socialismo que por fim traria a igualdade, a solidariedade e os bons rendimentos a sua população, se afundam cada vez mais, como a Venezuela, na corrupção e na miséria.

A possibilidade de escolher entre a pobreza e a riqueza está sempre ali, como possibilidade teórica. Mas, na prática, o socialismo continua triunfando sobre o capitalismo, pelo menos no papel e nos discursos. A este não lhe importa, porque tem a sensação a segurança de que o futuro lhe pertence. Os outros se contentam, enquanto continuam empobrecendo, não com adquirir o progresso, e sim com o triunfo de uma só palavra.

Estadão: 20 de setembro de 2020

Anatomia do amoralismo brasileiro

Bolívar Lamounier

Temos mil discordâncias, mas num ponto somos quase unânimes: somos um povo moralmente escorregadio. A maioria está convencida de que somos um povo sem caráter. A esperança de nos tornarmos mais civilizados, que em certos momentos chegamos a nutrir, parece ter-se esvaído de vez.

A pandemia reduziu a quase nada a dúvida que pudesse existir a esse respeito. De fato, quem observa nosso cotidiano logo percebe que centenas de milhares – a começar pelo presidente da República – não parecem dar a mínima para a saúde alheia. Solapam os esforços dos agentes de saúde que combatem a covid-19 na linha da frente. Fomentam aglomerações e recusam-se a cumprir os cuidados básicos estipulados pelas autoridades.

Frisemos que não se trata de um traço meramente psicológico ou cultural. É algo baseado em comportamentos reais, facilmente perceptíveis. Apresenta-se sob uma infinidade de formas, desde as garrafas de plástico deixadas nas ruas e nos jardins, passa por todo aquele contingente que não carece de auxílio emergencial, mas o pleiteia com o maior descaramento, e culmina em requintadas modalidades de estelionato. Tampouco se trata de classe social. Basta olhar em volta para constatarmos que o amoralismo permeia nossa sociedade de alto a baixo. Manifesta-se tanto entre pobres como entre ricos. Entre analfabetos e entre aqueles que estudaram até cansar.

Como compreender que tenhamos chegado a esse ponto? A interpretação geralmente aceita é a de que se trata do desfecho inevitável da colonização portuguesa. São "grilhões do passado". Confesso que essa teoria não me agrada, mas não a rejeito in totum. A debilidade de nossa ordem normativa (ou seja, de nosso sistema de valores e normas morais) em parte se deve ao curso de nossa História. Decididamente, nunca tivemos e não temos nenhuma inclinação calvinista. Entre nós, nem o catolicismo, nem as religiões de origem africana, nem a família e muito menos o sistema de ensino facilitaram a formação de padrões morais introspectivos, de caráter individual. Sem

esquecer que escravos, seres por definição carentes de interesses e desejos, não tinham de optar entre alternativas, portanto, não tinham que refletir sobre critérios de opção.

De qualquer forma, prefiro partir de premissas atualizadas. Parto da proposição de que nosso país, como qualquer outro, pode ser visualizado como uma justaposição de três grupos distintos: A, B e C.

O grupo A é composto pelos verdadeiros cidadãos. Gente honesta, que respeita os semelhantes, e não se afasta dos padrões morais aceitáveis e corretos em nenhuma circunstância. “No matter what”, como se diz em inglês.

No extremo oposto, o grupo C concentra a gente da pior espécie. Não só ladrões de colarinho branco, mas ladrões de verdade, gente violenta e assassinos que cedo manifestam tal inclinação e assim se comportarão ao longo da vida, em qualquer circunstância. “No matter what”.

O grupo B, presumivelmente o maior, é um emaranhado extremamente complexo. Compõe-se de gente que pode pender para um lado ou para o outro, conforme as circunstâncias. Gente que varia da simples malandragem até tipos mais perigosos, mas sem configurar um padrão previamente determinado. É plausível supor que o grupo B seja proporcionalmente maior em países mais pobres do que em países ricos, ou em momentos de depressão econômica do que em momentos de prosperidade, e em países governados por indivíduos e instituições corroídas pela ilegitimidade – retomo esse ponto adiante. Examinado ao microscópio, o grupo B deixa entrever alguns traços principais. O mais importante é o que Thomas Hobbes (1651) descreveu como a “luta de todos contra todos”. Sim, nesse grupo a luta pela sobrevivência é renhida e constante. Muitos dos que o integram não sabem do que vão viver amanhã, e não dispõem de recursos básicos (como uma boa escolaridade) que os tornem mais competitivos na arena cotidiana. Muitos não têm emprego, ou recaem no desemprego ao primeiro impacto de uma crise. Muitos conseguem trabalho, mas em empregos de má qualidade, mal remunerados, que não propiciam segurança, perspectiva de carreira, continuidade, e muito menos motivação. E não nos esqueçamos de que o

Brasil nada possui que se assemelhe a uma classe média consistente, firmemente assentada em pequenos e médios empreendimentos, urbanos ou rurais.

Pois bem, o exemplo, como sabemos, deve vir de cima. Como poderá uma sociedade cujo núcleo coexiste com a amoralidade elevar-se a um nível de civilidade mais alto, se sua cúpula institucional – o Estado e as autoridades que o dirigem – todo dia nos brinda com aberrações jurídicas e acrobacias jurídicas de toda ordem, sem esquecer a corrupção propriamente dita? Se uma multidão de desempregados e subempregados recebe diariamente a informação de que, nos três Poderes, os que mandam metem a mão em cifras astronômicas?

A esperança de nos tornarmos mais civilizados parece ter-se esvaído de vez

Estadão: 31 de outubro de 2020

CAPÍTULO I

Ingrácio Dário Agon

Dentre a gente comum, muitos, se vão “desta para melhor” (noto que este dito popular deve ter surgido na boca de algum demagogo, uma vez que jamais se pôde provar tal assertiva, e, de moto próprio, ninguém deseja experimentá-lo) e nada deixam aos pósteros, senão um nome na fria lápide, que o tempo desgastará, fazendo-o diluir ao cabo de uma geração. Outros rabiscam crônicas, memórias, poemas, lançando-os às gavetas. Náufragos, atirando ao mar suas garrafas, à espera de quem as recolha e tome conhecimento de suas mensagem.

Alguém, menos atento, teria dado fim àqueles manuscritos, não eu, de aguçado espírito bisbilhoteiro, ao varejar os guardados de meu antecessor, repletos dos mais variados e estranhos documentos, como sói acontecer nos de todos atarefados diretores de escola pública. Fora um achado extraordinário.

Não revelarei o nome do ilustre confrade e, muito menos, o do estabelecimento de ensino, sobre os quais, por questão de ética, devo guardar sigilo. Tratarei o insigne colega de Inocêncio Apóstolo, nome fictício, é claro, pois não pretendo ferir suscetibilidade de quem quer que seja.

Antes de dar conhecimento ao caro leitor dessa importante narrativa, faz-se mister elaborar uma curta biografia do focalizado, obtida aos retalhos de relutantes subordinados de boas e más línguas e índoles. Fixei-me nas más, por virem acompanhadas de elevado senso crítico, expurgando laudatórios depoimentos post-mortem ("no fundo era pessoa de bom coração... sofreu muito no final da vida... você sabia que era muito caridoso. Essas coisas"). Estes implacáveis depoimentos diziam-no, em início de carreira, atrevido Don Juan. No entanto, depois de infausto acontecido, Inocêncio transformou-se num ser solitário, frio e calculista, tanto nos afazeres da profissão, como nas coisas materiais mais comezinhas.

Do pouco que pude apurar, dois fatos ilustram com clareza as fases vividas pelo brilhante e infeliz colega. Sobre a primeira fase do confrade, aquelas línguas viperinas narraram-me pecados veniais e mortais quanto ao seu, então, comportamento libidinoso.

As serviçais reclamavam ter ele a mania de apalpá-las numa parte do corpo em que o pudor me impede de mencionar, quando as apanhava solitárias a vassourar classes e corredores ermos; mestras ínclitas e de douradas idades evitavam ver-se à mercê do nosso então efusivo fauno. Abordava-as, insinuando-se com convites ambíguos, mas tendente a se esclarecer, conforme a interlocutora demonstrasse alguma aquiescência. Neste ponto, mostrava-se extremamente despreconceituoso - uma de suas grandes virtudes.

A nenhuma delas discriminava, pois não o atraía o aspecto estético ou cutâneo, mas o gosto pela conquista. Porém "ó tempora ó mores", um dia nosso colega provaria o fel da desilusão, fazendo-o abandonar aquela personalidade sodomita (ou seria gomorrita?).

Um pouco constrangido narrarei o que me contaram desafetos seus. Acreditara em seu peculiar talento sedutor com a professorinha Catarina e marcaram encontro, junto à igreja de São Judas, quarta feira de certa semana, de certo ano, que ninguém soube precisar, à tardezinha, quando as sombras de lusco-fusco conseguem esconder muitas patifarias de certos seres humanos. Não se sabe, exatamente, se obteve êxito na empreitada.

O fato é que, na quinta-feira, Apóstolo aparecera, na escola, portando uns imensos óculos escuros, manquitolando da perna esquerda. Professor João Rosa

deixara, sobre a mesa, o jornal que estivera lendo. Não reparara o docente, num canto da página policial, notícia miúda, dando conta de um espancamento sofrido por "Inocêncio de Tal", cujo sobrenome, os repórteres não conseguiram identificar, posto que a vítima, uma vez livre do agressor, desabalara pela avenida próxima.

A reportagem não obtivera do furibundo brutamonte senão algumas palavras de agressivo deboche ao agredido: "ainda mato esse filho-da-mãe" (a seriedade deste relato não me permite introduzir termos acanalhados, hoje de livre curso entre os sôfregos adeptos do ludopédio, ao se referirem à progenitora do elegante senhor de preto que o arbitra). Com certeza, o caro leitor adivinhará a que qualidade de mulher-mãe se referira o desafeto de Apóstolo.

Com surpresa, todos notaram o súbito desaparecimento da professorinha, às pressas substituída (ao tempo que isso era possível). Data daí as profundas mudanças operadas na forma de ser de nosso personagem, segundo afirmam os contemporâneos do acontecido, surgindo no Apóstolo, àquela solidão, calculismo e frieza, próprios da profícua segunda fase da vida do colega, a de emérito condutor da juventude.

Ele, que tudo deixava a critério de seu direto auxiliar, agora, buscava coibir malfeitorias do alunado, assumindo postura de educador. Reveladoras dessa nova e cartesiana personalidade foram às ações perpetradas, de ora em diante, em favor da formação dos insubordinados.

Regra geral, os pequenos recebiam bons piparotes a guisa de se emendarem; quanto aos maiores, sopesava o mestre, tamanho e vigor físico para evitar desagradáveis e adolescentes reações. Quanto mais avantajado o transgressor, mais se inclinava Inocêncio ao diálogo.

De loquaz diretor, tornou-se reservado e distante de docentes e serviçais (exceto quando os visitava aos sábados e domingos, às horas das refeições), mantendo-os permanentemente ocupados, até mesmo nos recreios, obrigando-os a merendarem com os pirralhos, a fim de não perturbarem suas longas escrevinhações, que todos imaginavam relacionadas às incessantes tarefas burocráticas, mas que se referiam à sua formidável descoberta.

Sabia-se que, neste novo período de vida, se dedicou a prolongadas viagens por este mundo de Deus. Custa a crer que um simples diretor de escola pública pudesse se dar ao luxo de conhecer tantas terras, muitas das quais absolutamente

desconhecidas de qualquer vivente, conforme revelam seus escritos. Mas a que preço, meu Deus! A que preço! Contou-me um de seus detratores ter sido, por algum tempo, confidente de Apóstolo. Na ocasião, este se abrira sobre as opções que tivera de fazer para permitir-se o regular turismo.

Renunciara ao casamento, depois de calcular, item por item, as despesas que acarretariam a constituição de um lar: manutenção da casa; as vaidades da noiva (que não trabalhava e nem pretendia fazê-lo); os custos mínimos de alguns rebentos, que o determinismo biológico lhe imporia, seguidos das correspondentes aporrinhações - doenças dos pequerruchos, por quatro ou cinco anos, tempo de carência para o ajuste de qualquer organismo humano, entre outras despesas, cujo montante lhe pareceu imenso.

Deduziu de si para si: "Viro-me com as mulheres de vida fácil (assertiva de difícil aceitação), que não me trarão despesas irreversíveis".

Assim pensou, assim fez. Rosinha foi dispensada, após cruel exposição de motivos do eterno noivo. Dessa forma, suas economias foram investidas no projeto de correr o mundo.

Em todas as férias, recessos, feriados prolongados e uma ou outra escapada, acobertada por circunstanciado atestado médico, presenteado por um conhecido do departamento, eis nosso personagem, "turistiando" pelos quatro cantos do planeta.

Soube, ainda, pelo mesmo informante, ter-lhe dito Inocêncio objetivarem tais viagens descobrir uma terra, onde tudo funcionasse à perfeição. E, pelo que pude constatar pela leitura de seus manuscritos, Apóstolo parece ter encontrado a sua utopia.

Antes de dar a público tão preciosa crônica, devo informar ao caro leitor sobre os infortúnios acometidos ao nosso colega, nos derradeiros meses de existência.
Matou-o, aos poucos, abdicar de suas produtivas viagens e uma estranha peste, grassando as escolas públicas, cuja principal vítima era, quase sempre, o dirigente maior da unidade.

Essas desgraças devem ser explicadas para o entendimento do contexto. O salário de diretor de escola pública, que nunca fora grande coisa, baixou em níveis de sobrevivência, convencendo-o da sábia decisão de ter renunciado a constituição de um lar. Mas isso não o consolava do fato de, aí por diante, obrigar-se a desistir dos

estudos, quase concluídos, sobre o país perfeito, há muito descoberto, para o qual viajara regularmente e, sobre o qual, escrevia, obsessivamente.

A partir de então, notavam os circundantes o visível definhamento de Apóstolo, agravado pela manifestação de um gravíssimo vírus, o DO-ESP, mortal moléstia, adquirida do contato cotidiano com a legislação normativa, emanada dos órgãos centrais (não os do corpo humano, é claro), que redigida de forma cabalística, era desaconselhada para leituras individuais. Mas como o autossuficiente Inocêncio insistia em fazê-las, contrariando orientação expressa de especialistas do comportamento humano, prescrevendo leituras e interpretações conjuntas, fatalmente, adoeceu.

O progresso da enfermidade levou-o a terríveis alucinações, compelindo-o, com regular frequência, a sair pelos corredores do colégio a rasgar-se até a nudez e a gritar palavras desconexas, entre as quais percebiam os assustados transeuntes das imediações, apenas as de baixo calão, contra a administração superior acusada, em escandalosos brados, de agentes sabotadores da educação.

Contido a pancadas por fornidos servidores, pois não havia outra forma de acalmá-lo e levado à direção, ali se quedava por horas, num tumular mutismo, quebrado somente pelo ruminar dos papéis, causadores desses desequilíbrios. Tal comportamento ainda mais lhe comprometia a saúde, contribuindo para o abreviamento de seus dias.

Uma noite, encontraram-no agonizando à mesa. Respirava com dificuldade, a boca repleta de jornal oficial misturado à baba, escorrendo por todos os orifícios do rosto. Com muito custo, foram retirados os recortes, formando longuíssima gravata de papel. De nada adiantaram os primeiros socorros (puro eufemismo, pois, para Apóstolo, seriam os últimos). Nosso confrade já não recebia sangue e oxigênio no cérebro. Segundo consta, suas últimas palavras refletiam o ponto mais grave a que pode chegar o delírio "in-extremis" DO-ESP: "ESSA RESOLUÇÃO EU NÃO AGUENTO! VOU-ME AO PAÍS DE ZILBRANIZ, POIS LÁ REPOUSAREI FELIZ". Arg.. Arg. Arg... E expirou.

Consternados, os atendentes logo notaram no finalzinho do papel ejetado da boca de Inocêncio, números de idênticas centenas: Lei 35.416, combinado com o

Decreto 74.416, Resolução 84.416... Tais coincidências substituíram nos condoídos servidores, a emoção do momento pelo mais aguçado espírito de cobiça.

Ciosos de um milhar para o jogo do bicho, vício muito alastrado entre trabalhadores de baixa renda, anotaram-no compulsivamente, abalando para um chalé próximo, abandonando aquele corpo exangue. Contudo, almas caridosas, que havia e ainda há, nesta escola, cuidaram dos preparativos e enterro do finado confrade, posto que parentes, se é que os possuía, jamais reclamaram os despojos do nosso sofrido colega.

Tão sórdida atitude, por parte de nossos serviçais escolares, não deixei de recriminar. Enfim, perdoei condescendente que sou com as fraquezas humanas, mormente, às desses pobres viventes, carentes sempre de um achego em seus diminutos vencimentos, ao vislumbrá-lo naqueles fatídicos números. Mas, ó justiça divina a se abater sobre os gananciosos, nada ganharam com tão mesquinho comportamento ao abandonarem o agonizante Inocêncio. Lembro-me, com nítida clareza, de que, naquele dia, deu macaco na cabeça.

Atentaram os caros leitores para as últimas palavras do nosso confrade? País de Zilbraniz. Perceberam? Referia-se Apóstolo à Nação Perfeita, descrita nos manuscritos, que, de hora em diante, levarei ao seu conhecimento.

Notarão os leitores ter o nosso cronista feito algumas considerações sobre si, ao longo de seu relatório. Alguns recriminarão o autor dessas linhas por não as ter introduzido na breve biografia do Apóstolo.

É que o rigor, a que me impus ao lançar-me nesta empreitada, obrigou-me a expurgar depoimentos autobiográficos, a meu ver, sempre tendentes a minimizar pecadilhos e amplificar virtudes. Justificado o procedimento, passemos ao importante relato.

CAPÍTULO II

Sobre a intenção de explicar meu ideal

Reservo-me o direito de pouco declarar sobre minha vida. Interessa-me dar conta de um especial país por mim descoberto ao longo de muitas viagens, a que me propus num determinado momento da existência. Tudo sacrifiquei pelo meu ideal.

Não me casei, não bebo, há muito deixei de fumar e em boa hora, não pelo vício em si e seus denunciados estragos à saúde, mas pelo preço a que chegou o produto, face à ganância do Estado falido, insistindo em ganhar dinheiro com a desgraça alheia, por meio de violenta taxação do produto.

Desde muito não vou ao cinema nem ao teatro; pouco me atraem os prazeres da mesa. Gasto o pouco que ganho parcimoniosamente, moro em modesto apartamento de sala e quarto, comprado naqueles tranquilos tempos do BNH, cujo endereço nunca revelei a ninguém para não ser importunado, principalmente, pelos que me circundam no colégio.

Esta vida, quase monástica, alimenta comentários desairosos a meu respeito entre os linguarudos, mas pouco me importo. Todos sabem que, em priscas eras dei sobejas provas de virilidade, depois é que me tornei um **"heterocasmurro".**

Quando me dispus a pesquisar novas terras, organizei minha vida de forma a assegurar os recursos necessários.

Vendi meu **telefone, controlei, à exaustão, o consumo de água, luz, gás, jornais e livros (estes os filos** da biblioteca da escola ou, de um ou outro descuidado docente), consumindo-me significativas fatias do apertado rendimento.

Economizei nas refeições, realizando-as quase todas no colégio, submetendo-me às aguadas e insossas merendas, que os famélicos pequenos devoram **"piranhescamente",** visto constituírem, com certeza, sua única alimentação diária.

Aos sábados e domingos visito meus subordinados, à guisa de providências a serem tomadas quanto a este ou àquele assunto, além de estreitar relações de amizade. Faço-as geralmente, à hora do almoço, para o qual sou costumeiramente convidado, fato que, acredito eu, os honra sobremaneira, pelo menos aparentemente.

Este pragmatismo me trouxe vantagens: obrigou-me a estar no estabelecimento às primeiras horas da manhã (para desgosto de algumas professorinhas, alheadas da pontualidade), posto que dona Aurora, a merendeira, com suas idiossincrasias, teima em fechar o refeitório, após o sinal de entrada, recusando-se a servir quem quer que seja, depois do ensurdecedor ruído. Para não perder mais um funcionário, não a contrariava, de sorte que a minha primeira refeição se dava às 6h 45 min. As outras seguiam a trilha de dona Aurora.

Madrugar levava-me a dormir com as galinhas, seguindo-se, daí, que era chegar em casa e cair nos braços de Morfeu (favor, não obrarem equívocos, trata-se do deus do sono, segundo a mitologia grega).

Em noites mais claras, sequer a luz acendia. Um rápido banho pela manhã e lá estava eu à espera do ônibus, cuja passagem, às vezes, me saía de graça, pelo esquecimento da carteira e amizade feita com o cobrador. Ao final do mês, contabilizava ganhos respeitáveis, todos eles depositados, religiosamente, numa Caderneta de Poupança, investimento seguro, quando não nos aparece algum reformador da economia, **drogado com supositórios**, disposto a apoderar-se dos nossos parcos recursos, transformando-os em espoletas para seu revólver anti-inflacionário.

Ao cabo de algum tempo, pude pôr em prática meu programa turístico de muitas formas econômico. Além da cara passagem, pouco gastava no exterior, devido à vida quase ascética a que me acostumei. Sabedores deste meu lazer, não faltaram línguas viperinas a cochichar maldades atentatórias à minha honestidade, enquanto administrador da pequena renda escolar. Dei as costas à maledicência, debitando-a ao negror da natureza humana.

Este relato, enquanto tive forças, escrevinhei no colégio, nos poucos momentos deixados pelos afazeres pedagógicos e burocráticos, pois sempre me recusei a realizá-los em casa. Fazê-lo ali, custar-me-ia gorda conta de eletricidade e comprometimento da visão, acarretando, com certeza, despesa com oculista, pela hora da morte.

Por outro lado, dada a localização do meu apartamento, em plena Major Sertório, estar acordado até altas horas da noite poderia provocar-me pensamentos lúbricos, prazerosamente satisfeitos pelo excesso de oferta, logo abaixo de minha

janela, compelindo-me a apanhar borboletas e borboletos (hoje, já não se sabe mais quem é quem! Sorry) esvoaçantes para acalmar-me os desejos.

Dormir e dar asas à imaginação sempre me pareceram mais compatíveis com meu modesto modo de vida e, consecução dos objetivos, aos quais me propus. Cair em tentação significaria sacrificar proventos em detrimento de meu ideal.

Quem conhece de perto o cotidiano de um diretor de escola pública, pode calcular o atanazamento a rodear-me na composição desta obra.

Escrevo em meio à balbúrdia e as aporrinhações da profissão: “Seu diretor, a torneira do pátio está vazando, a criançada molha-se toda, que, que eu faço?...”. “Corra aqui, o Chiquinho arrebentou as fuças no corredor, está botando sangue por todos os poros...”. “Pra dentro da classe, seus moleques...”. “O professor puxou cabelos e orelhas do meu pequeno, não vai tomar providências, seu diretor...”. “Assine rápido este ofício, seu diretor, tem de ser entregue até o meio-dia, senão...”. “Reunião amanhã? De novo?...”. “Com licença, seu diretor, gostaria de apresentar aos alunos este brinquedinho pedagógico, é possível?...”. “Estamos oferecendo uma bolsa de estudos, to-tal-men-te gra-tui-ta a seus alunos, apenas necessitamos que preencham uma pequena ficha cadastral, pode ser?...”. E por aí vai.

Não sou escritor, longe disso. Tropeço nas vírgulas, trombo com as concordâncias, esqueço acentuações, engano-me com o tempo dos verbos, entre outros pecados idiomáticos dos quais os puristas jamais me absolveriam. Também, esta língua portuguesa vive a nos oprimir! Verdadeira ditadura sobre a livre expressão. Não é à toa o surgimento de movimentos libertários contra os totalitarismos normativos. Em boa hora, chegam-nos ares renovadores neste campo e que só poderiam vir de **portenhas** obreiras da linguística internacional, orientando as mestras a libertarem as pobres crianças dessas excentricidades ligadas ao bem falar e escrever, permitindo-lhes darem livre curso à criatividade espontânea.

Afinal, concordo em gênero, número e grau, deverem os pirralhos construir o seu bem dizer a partir do sonoro linguajar aprendido pelas ruas, lares e meios televisivos, plenos de corretas construções vocabulares. Ora, se conseguimos desvendar, verdade seja dita, com grande dificuldade os garranchos e o balbuciar de precárias orações dos pequenos, médios e grandes educandos, ninguém tem o direito de corrigi-los e censurá-los (o que poderia causar-lhes irreparáveis traumas, quais

sejam, aprenderem o correto falar e escrever) nas suas mnemônicas transmissões caligráficas e verbais. Houve comunicação, pronto, acabou-se... Normas gramaticais são coisas de educadores desocupados, creio eu.

Por essas e outras razões é que me cansei deste país no qual, até hoje, só pude constatar incoerências, má fé e completo desrespeito pela **Res Publica**. Muitas vezes, pensei em me mudar para outras plagas, como o fazem inúmeros habitantes de certa cidade das Minas Gerais, mas, logo percebi não valer a pena tal aventura (isso, antes de descobrir Zilbraniz).

Nunca fui dado aos afazeres domésticos e braçais, por força até da educação esmerada, recebida no lar, considerando-os exclusivas tarefas femininas e das classes destituídas de luzes. Quanto às tarefas domésticas, verdade seja dita, os tempos mudaram e, hoje, se veem marmanjos orgulhosos, auxiliando esposas e esposos, preferencialmente, quando uma câmera de televisão ou reportagens de importantes periódicos buscam demonstrar, "in loco", a igualdade dos sexos dos homo e heteros, no mundo hodierno.

Inclino-me à leitura e reflexão, hábitos não condizentes com a forma de sobrevivência daqueles que se autoexilam.

Vai daí que, em certo momento de minha vida, resolvi pesquisar a existência de um país ideal. Extremou-se-me a ideia, depois de grande violência contra mim praticada por um desses desqualificados, passando impunemente pela grande urbe, agredindo seus semelhantes **por-da-cá-aquela-palha.**

Namorava eu, em meu tempo de doidivanas, por detrás de um templo, a horas tantas, e eis que, no auge do êxtase amoroso (mais poético do que o sucedâneo utilizado por entrevistados em "talk-shows", quando revelam candidamente seus hábitos sexuais), surge um desses trogloditas, invejosos do prazer alheio.

Confundindo a moça com a qual eu trocava carinhos com sua esposa, o homem enlouqueceu. Atirou-se sobre a pobre indefesa cobrindo-a de bofetadas.

Tentei contê-lo, chamando-o à razão. Procurei desfazer o equívoco, pois não sou pessoa dada à violência.

Qual não foi minha surpresa, quando esta, escapulindo-lhe das garras, desembestou rua abaixo, desaparecendo qual nuvem passageira, deixando-me à mercê do indigitado.

Adepto da não resistência à brutalidade apenas pretendi defender-me, escudando-me em meus braços estendidos. Uma saraivada de socos e pontapés prostrou-me, rolando-me pelos íngremes paralelepípedos.

Se não aparecessem almas cordatas e apaziguadoras entre as quais não se incluía a mãe de um aluno da minha escola, linguaruda, e que não me tinha em boa conta -, com certeza, daria o troco, ao abusado, pois me erguia disposto a colocar minha indignação nos punhos.

Contudo fui aconselhado a desistir do intento, à vista de estarem os **apasiguadores** convictos de que o agressor não passava de um lunático. A contragosto, deixei o local para que o incidente não se transformasse em mais uma dessas tragédias da grande cidade.

Diante do acontecido, eu, que sou visceralmente contra a pena de morte, lembrei-me dos tempos do grande "Gengis Khan", empalando seus mais humildes ofensores. Não baixei de minha condição, tinha um nome a zelar e o furibundo era um ninguém. Tal injustiça me fez sonhar com uma terra de paz, tranquilidade, bom senso, justiça enfim. A partir de então, procurei-a com sofreguidão. Inicialmente, visitei países que em nada diferiam do nosso, mas, finalmente, encontrei aquele com que sempre sonhei, cujos usos e costumes afinavam com minha utopia.

Infelizmente, foi uma descoberta tardia, posto que estou de malas prontas para a eternidade, infectado que fui pelo maldito vírus DO-ESP, consumindo-me aos bocados.

Não me atrevi a mudar-me para Zilbraniz, pois as autoridades sanitárias dessa modelar Nação mostram-se extremamente cautelosas com tal praga que, em determinado momento, também, se alastrou pelos estabelecimentos de ensino público zilbranizense, matando numerosos dirigentes.

Assim, nunca tentei ultrapassar, mesmo incógnito, as fronteiras de Zilbraniz, depois de descobrir-me doente. Resta-me o consolo deste relato, quero crer capaz de motivar eventual leitor, revoltado com as nossas cotidianas mazelas e incontornável miséria, a buscar refúgio nessa terra de delícias das quais provei, inebriado.

Ah, antes de dar início a minha narrativa, devo esclarecer aos leitores que a língua zilbraneza é muito semelhante à nossa. Apenas determinadas palavras são

grafadas em suas terminações de forma inusual entre nós. Assim, se não me enganei na ortografia, as reproduzi tal qual escrevem os zilbranizenses.

Ao longo de minhas pesquisas sobre Zilbraniz, deparei-me com notável documento no qual se narra em versos a descoberta dessa maravilhosa terra. Todavia, espero que o leitor não estranhe o estilo um tanto quanto cáustico do nosso inspirado bardo zilbranizense de antanho, que as más línguas da época apelidavam de "O Zarolho".

A DESCOBERTA DE ZILBRANIZ

Educas os meninos
Sortilégios
Nas fímbrias dos colégios
Tanto desencanto, quanto?
Contando, cantando, contanto que...

Palavras:
Acalantos, espantos e lamentos
Inverto o verso
O vezo
Versejo o rio Jeto
Dos séculos

Caminho, Drope Resvala, Caminha
Pero que te vás
Às putas que Páris
Emprenhou nos brejos
Dessas Troias varonis
De míticas conquistas
Enquistadas de ardis

Vês a sífilis no país?
Ou as sílfides dos chupins
Bemolando cupins
Rubras madeiras do zilbraniz
Enfeitadas de saguis, papagaios
Araras e guris
Enflorados de florestas, ris???

Business e busílis
No fogo dos Avis
Drope Resvala
A calmaria, o tédio, o mar sereno
O moreno da tardinha

As caravelas

"Aqui del Rey", estandartes amenos
ancorando em prantos
nas praias de amianto

Por sobre:
Canhões, bacamartes, tantos...

Os trêfegos bocós apascentam suas cismas
Rococós
Nos tacapes e nas tangapemas
Boquiabertos em face dos fedorentos
Deuses de melenas:
Desdentados, "muitcho" horripilantes
Vestidos de tratantes

Putrefatos
Às vezes hilariantes
Esfarrapados comediantes
Quiçá dementes

Drope Resvala a frente
Caminha, Pero escrevinha:

"Um mundo a se fazer
em se deflorando
tudo florescerá
na terra farta
pel´águas que têm"

Assim rezava a carta
Do navegante-cortesia
A garranchar deslizes
A pedido do almirante
Enjoado pela maresia

Os ditos de carniça
Defronte dos bocós
Cantigam trololós e gesticulam
O verbo sem sentido
Então
Se alisam e se confraternizam
Na tarde da preguiça

À noite se acasalam

E elas desgarradas se arregalam
Nos peni(?) tentes sesguetupor
De moléstias malsãs
Orgasmam vãs
Parindo tredos deuses
Nos semens deletérios
Dos falsos tupãs

Amanhecem na paleta
De um Américo colérico
Tintas e borrões
A tela melam
A missa do Braimco
Na Vera Cruz cristã
Ali se brinda com sangue de romã
Da gente saguetupor, a nova cortesã

O mar ruidoso e tenebroso
Encomprida o tédio sem remédio
Desses mefistos argonautas
Famintos das terras dos sabores
E vão os malfeitores
Da falsa e Vera e colorida Cruz
Por enquanto...

Enfunam velas para o Oriente
Os vagalhões
Drope Resvala vomita à tripa forra
Os cios da Gomorra

Um mal-estar que dura a aventura
A esperança é que depois do Cabo
O mar se acalme das Tormentas
Que se aplacarão com as pimentas
Trocadas por miçangas
Guirlandas e buduns
Otários fossem arabindus
Da esplendorosa Licacu(t)
Ciosa de seus ares e de seus manjares
Dos ricos ouropéis e dos seus bordéis
Do serralho das pardas, das morenas e das claras
Da especiaria rara
Tudo com que sonha
A corja ignara

Nem bem há terra a vista
Arrotam os trovões dos arrivistas

A gente assustadiça
Responde com balaços

A guapa esquadra estaca
Aos fogos de artifício

Do tombadilho a tropa treme
Atrás de seus canhões
engasgados nos seus trões
Drope Resvala em atarantos
Caminha em prantos

São muitos os naufrágios
As perdas e os ágios

O almirante em cólicas
Nostalgia o bucólico
E sempre sólido Montalbel
Muito além detrás dos montes
De misérias reservadas para si
Depois desses malogros

Um oceano de mormaço
Aquece o mau retorno

Regressam sem assédio
E sem contornos
Num mar que é nédio e sem respostas

As ninfas camonianas
Além da Tabrobrana
Adeusam navegantes e dão-lhes
Uma banana

O Jeto a vista
A multidão ausculta em festa
Ao som das teorbas e dos madrigais
No porto de Boasli em trajes anormais

As caravelas mascaradas de procelas

Ancoram deprimidas
Estabanando velas

No porto um venturoso rei
Aguarda a comitiva
A noz moscada, o cravo e a canela
Mas desenxabidos os marujos
Desembarcam sacos de mazelas
Nenhum ouro, só prejuízos
Sob olhos percucientes

Só resta solfejar as meãs culpas
Defronte ao venturoso
Numael desses destroços
Mercantis

Drope Resvala
O rosto ressequido de desditas
De mãos vazias verborraja
Azias e acídias
Na expressão nervosa e muito aflita:

“Oh, senhor meu venturoso
tal périplo não me trouxe o mérito
somente desventuras
Não vos trago da Dinia opulenta
Um naco de pimenta
Ou o valor preciso
Que investiste

Entrego-vos, contudo um paraíso
De gente pacífica e decente
Que fez do bem da vida
O ignorar o ouro ou pedrarias
E faz de seu tesouro as alegrias
Dos verdes arvoredos
A lhes cobrir a lida de folguedos
Sob o sol e a lua
Divindades nuas
Sem dogmas, sem ritos
Estigma dos mitos
Caçando bichos belos uns
Em bom repentes
E outros repelentes

De terras plena de gemas e cristais
Anátemas de solos abissais
E de consolos
Que há de criar um outro mouro
Em terras tropicais

A descoberta se me inflama
E é maior do que a do próprio Gama!!!!"

"Ah, que já me canso de tal parolagem"
espuma El Rei numa saliva amarga:

"Posto que desembarcas palavras banais"
deblaterava o venturoso, mui raivoso

sem os quintais

em seu tesouro

de dívidas fatais

“Drope Resvala

pelo teu fracasso nesta empresa

serás banido do assento em minha mesa

e do Conselho Egrégio

Condeno-te a eternidade de seu nome

Na cabeça dos meninos do colégio

Que zombarão de ti, do teu saber de néscio

Serás até nota de mil

Por puro privilégio

Da ignorância elital de Zilbraniz

Ao se fazer Nação feliz inflacional

Sempre no brejo

A tua Montabel ide

Que o tempo não lapide

Um vulto com bravura

“Fóquiu” e vosso cunhado

A quem solicitaste a sinecura-ussu

Favor ao seu achado

Que as harpias consumam os teus bagos

Como reduzistes meus haveres sem afagos

E a mim em colapso

Ipso facto

E sem tacto

Monarca dos estragos

CAPÍTULO III

ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DE ZILBRANIZ

PARTE 1 - ASPECTOS FÍSICOS

Introdução

Embora não distinguido pelas luzes da sociologia, história e geografia tenho por dever de ofício, próprio de quem se propõe a descrever um rincão desconhecido, caracterizá-lo nos seus aspectos essenciais.

Direi, inicialmente, tratar-se de um país vastíssimo, quase um continente, mas tão despretensioso de suas potencialidades que muito pouco dele se comenta no exterior. Contudo, às vezes, periódicos internacionais se ocupam de peculiares acontecimentos em Zilbraniz, geralmente quando:

- **Mantenedores da Ordem Pública** iniciam campanha pelo controle populacional, eliminando jovenzinhos e maduros habitantes, que, constantemente, perturbam o turismo nas grandes capitais;

- seus alegres e folgazões turistas de classe média praticam efusivas manifestações de regozijo, em hotéis e logradouros públicos de capitais européias e norte-americanas, às altas horas da noite (pois se tratam de grupos etílico-insones, dando vazão aos seus instintos galhofeiros), buscando alegrar sisudos europeus e mal-humorados "gringos", estes, muito chegados aos chamados ***serial-killers*** (assassinatos em série, para os desconhecedores da língua inglesa);

- são expostas aos olhos do mundo, cabrochas e mulatas, pudicamente engalanadas, e a acompanhante "descalcinhada" da sedutora autoridade suprema de Zilbraniz, de antanho, nos festejos de Momo, abobalhando os televoyeurs do planeta;

- disputa campeonatos mundiais de ludopédio, cujas seleções vencedoras dão provas de extrema competência na importação de supérfluos, isentadas das devidas taxas, para desgosto do Diretor da Receita Federal, preocupado em arrecadar o suficiente para o equilíbrio orçamentário, no que é desautorizado por autoridades superiores, cuja identidade será sempre uma incógnita;

- são inaugurados planos econômicos revolucionários elaborados para conter, temporariamente, o processo inflacionário apoiado às escondidas por empresários, classe média afluente, enfim, por todos aqueles que possuem alguma renda, capaz de gerar juros e correção monetária; informo que o último deles conseguiu chegar a duas décadas e mantém o país um tanto quanto parado, econômico e socialmente no espaço e no tempo para a alegria daqueles que ontem conseguiam meia refeição por dia e hoje, graças a um certo Messias meia boca, conseguem chegar a ¾ dela. O que não deixa de ser um extraordinário avanço, segundo o mencionado taumaturgo de botequim;

- este ou aquele pesquisador estrangeiro estudioso dos costumes aponta Zilbraniz entre os cinco mais respeitáveis países do Universo no trato dos bens públicos e privados.

- por força de equivocada eleição do serial-killer, Javoltar Mandrião, cujo mérito administrativo, fora dar grande colaboração a redução populacional, ao incentivar a expansão de célebre peste a grassar em Zilbraniz, nesta segunda década do XXI.

Há, em Zilbraniz, vastas áreas férteis, como também muita barba-de-bode, saúva e vassourocas, motivo de orgulho para os seus honrados governantes, vendo nelas causas relevantes para desobrigarem a população inativa de interromper o repouso em berço esplêndido, permitindo, assim, que grande parte do povão se mantenha absorvido no promissor futuro.

Aliás, esperado há uns quinhentos e alguns anos, mas gente cordial e paciente (base da estabilidade institucional desse país) nunca se importa com o tempo (o que explica, em parte, o total desprezo pelos horários de compromissos assumidos pelos zilbranizenses). Estas virtudes se consubstanciam no hino da prestigiosa Nação, no qual são enfatizadas sábias alusões ao ***dolce-far-niente***, hoje bastante prestigiado pela altíssima competência de seus empreendedores e economistas.

Até faz bem pouco, era este hino entusiasticamente imposto a todas as comemorações cívicas. Mas, em uma de minhas últimas visitas, ouvi de anciãos sérias recriminações ao novo comportamento da juventude e mesmo de "burros-velhos", introduzindo palavras acanalhadas no hino, nos momentos que antecedem a partidas internacionais de ludopédio, e o desprezo em cantá-lo nas grandes datas pátrias em estabelecimentos de ensino. Interpretei essas críticas como ranzinzices de conservadores.

A hidrografia de Zilbraniz

Existe, em Zilbraniz, belíssimos e numerosos rios planos e encachoeirados, lagos, lagoas absolutamente despoluídas enquanto não os toca a população, extremamente preocupada com o meio ambiente.

Córregos empantanados são mais encontradiços nas periferias das metrópoles, servindo às populações desfavorecidas, como: criadouros de inofensivos roedores (que quando muito transmitem leptospirose), bichinhos de estimação da pobre gente; esgoto a céu aberto, portanto oxigenado (evitando gastos supérfluos com saneamento básico), ponto de lazer para as suas barrigudinhas crianças, carinhosamente alimentando desprotegidos vermes, refugiados em seus saudáveis organismos.

Atualmente, os cursos d'água dão pouco trabalho aos habitantes - a não ser em épocas de chuvas torrenciais -, mormente os ribeirinhos, visto que os peixes vão rareando, por força de almas caridosas (industriais, garimpeiros, etc.), atirando neles todo o tipo de dejetos, evitando, dessa maneira, o imenso esforço para pescá-los e consumi-los. E que se o fizessem, os fariam contrair graves moléstias, embora muitas delas sejam recomendadas para o controle populaçional em Zilbraniz.

Sábia política dos governantes, que se sucedem, é construir, nos rios de planalto, enormes hidrelétricas, alagando milhares de quilômetros que, com certeza, dariam, em algum momento, enorme faina aos nacionais. Por outro lado, tais obras alimentam a poupança (economistas de Zilbraniz diriam desenvolvimento autossustentado) das classes empreendedoras do ramo, bem como a dos que as propiciam, naturalmente, os representantes do povo de Zilbraniz. Estes, preocupados em bem aplicar os numerosos impostos, atendidos a tempo e à hora, com orgulho e prazer, pela feliz população, que os sabe em boas mãos. Um aspecto peculiar desses

investimentos estatais é a forma pela qual são distribuídos às empreiteiras, nas chamadas concorrências públicas (um exemplo para qualquer país). O que oferecem para vencê-las, em valor sonante, é de somenos importância.

Os requisitos básicos, exigidos para ganhar tais concorrências, são as demonstrações de: afetividade, amizade, lealdade e solidariedade; tudo incluído no custo de obra. Exigências que, também, são solicitadas aos que as aprovam (como se vê, virtudes de mão dupla). A filosofia norteadora de tais empreendimento está contida na máxima inserida nos contratos: "O barato sempre sai caro", razão pela qual, ao final da construção, o preço se eleva a umas vinte e tantas vezes do que o estipulado originalmente, garantia da qualidade e durabilidade do monumento.

Costumeiramente, aparecem os despeitados de línguas viperinas, que os há em qualquer país, mas, em menor número nesse simplório Estado (o termo simplório, entenda-se, neste caso, como lhaneza d'alma), procurando pôr em dúvida a lisura desses negócios. Imediatamente, os maldosos instalam Comissões Parlamentares de Inquérito no Congresso de Ziliabrás, capital desse gigante. Mas logo se percebe não prosperarem essas mesquinharias, porque os invejosos acabam vítimas de outras CPIs, perpetradas pelos furiosos ofendidos acusados, ao provarem terem agido os delatores de forma idêntica em outros departamentos da administração - por aí, pode-se notar o perfeito equilíbrio político vigente em Zilbraniz.

Sobre essas maledicências, os jornais criam temporárias celeumas, até o ponto em que todo o estardalhaço cansa os consulentes, fazendo com que caiam as vendas. É o sinal para que passem imediatamente a tratar de novos, verdadeiros e supostos escândalos, capazes de recuperar os cofres vazios dos periódicos. Dessa forma, todas as acusações, cedo ou tarde, acabam por cair no esquecimento, posto que, em Zilbraniz, ninguém tem memória de elefante.

Essas diatribes tornam verdadeira, segundo figuras exponenciais de Zilbraniz, uma frase cometida por certo ex-mandatário maior, enxotado do cargo, há algum tempo, por incompetência em "gerir sobras de campanha", quando declarou pomposo, em meio a exercícios atléticos: "o tempo é o senhor do olvido" (por favor, não confundir com ouvido, órgão escutador de quem não é surdo).

Acho que me perdi em digressões e não sei bem por que acabei entrando em terreno assaz espinhoso. Melhor devera tratá-lo na economia de Zilbraniz. Coisas de escrevinhador neófito.

Riquezas Minerais de Zilbraniz

O solo de Zilbraniz é riquíssimo, tanto em metais nobres como **plebeus**. Governo e povo desatenciosos sequer têm ideia da extensão dessa riqueza (como se vê, tudo concorreria para dar trabalho a essa brava gente).

Quanto aos metais nobres parecem nunca se exaurir. Existem no ventre das montanhas, no fundo dos rios, à flor da terra, nos cofres dos doleiros, intermediando transações em ouro para ex-chefes máximos da Nação, enfim, por toda parte. Mas governantes dadivosos, e por que não dizer, desambiciosos, não se empenham em conservá-los, de sorte que, hoje, ao se descobrir uma jazida de ouro ou diamante aqui, um formigueiro humano lá se instala e, amanhã, tudo desaparece num passe de mágica, explorada de forma livre e vendida idem. Nunca alguém se preocupou em saber o destino de tantas riquezas. Alguns cochicham alimentarem esses tesouros economias de países vizinhos, desfavorecidos pelos recursos minerais, abundantes em Zilbraniz.

Por essa razão, entristecidos com a situação precária dos coirmãos, o governo nada cobra aos transportadores castelhanos, quando embarcam tais preciosidades em aviões clandestinos, decolando sabe-se lá de onde. Bizarrices de Zilbraniz.

Com relação aos metais **plebeus**, tropeça-se neles por onde se anda. Nem se sabe o que fazer com tanto estrepe. Por isso as leis sabiamente determinam que fiquem onde estão.

Algumas nações alcunhadas de “devoradoras de riquezas de algures e alhures”, por “espíritos nacional-extremados”, oferecem-se para explorá-las a preços razoáveis, no que são veementemente rechaçadas por aqueles, ciosos da pureza d’alma dos zilbranizenses. Esses **xenofobitas** preocupam-se com a possibilidade de se abarrotar o país com dinheiro espúrio capaz de corromper a pacata população, desviando-a para misteres ligados ao fatigoso trabalho.

Sem estes defensores dos "bens nacionais improdutivos" o que seria do repouso dos habitantes dessa esforçada Nação? - perguntam luminares zilbranizenses. Em tempo: cochicha-se que esta situação está prestes a mudar... para pior. Também tem o seguinte, quando grande empresa nacional explora tais jazidas, mormente as de ferro, nunca se esquecem de guardar zelosamente os resíduos em imensos reservatório barranqueiros, que só por fatalidade são capazes de despencar, pondo abaixo as casas dos desatenciosos habitantes vizinhos, que se imaginavam seguros, ao acreditar nos avisos otimistas dos proprietários, que prometem indenizá-los a tempo e hora depois de anos de discussões para saber quem tem razão no caso. É verdade, também, que águas, peixes e pescadores, próximos do acidente, não deixam de sofrer alguns prejuízos, no máximo, por algumas décadas.

Uma vegetação exuberante e bem cuidada pelas autoridades, de longe

A vegetação de Zilbraniz é exuberante: florestas, campos, cerrados enverdecem os quatro cantos dessa terra inexcedível; entretanto, por esforço dos nacionais foi retirada ao cabo de quatro séculos de denodado trabalho dos pioneiros, que os há, ainda, em grande número. Pelo trabalho destes, os morros pelados de vegetação atlântica constituem, hoje, uma espécie de tobogã para as residências que lá se constroem, lazer, muitas vezes, perigoso para os que insistem em praticá-lo, mormente em épocas de chuvas torrenciais.

A floresta localizada no extremo norte de Zilbraniz é considerada o verdadeiro pulmão do planeta, hoje, um tanto comprometida pelos incêndios carinhosamente patrocinados por empreendedores e população local. Os empreendedores, condoídos com a precariedade dos empregos na região, procuram criá-los pela transformação do entulho vegetal em campos de cultivo e de pecuária. Como têm pressa, seguindo o dito popular "tempo é dinheiro", tocam fogo às matas, ganhando, em poucos dias, milhares de hectares de terra para serem semeadas. É verdade que se tornam imprestáveis após uma ou duas safras, mas isso não os preocupa, pois a floresta é infindável e o tempo de vida deles, breve.

Esta política, sabedoria dos governantes de Zilbraniz, é incentivada com várias doações, seguindo à risca as virtudes exigidas aos empreiteiros (afetividade, amizade etc...). Muitos aplaudem e congratulam-se com a expansão de terras estéreis, uma vez que estas determinam o declínio da "exploração do homem pelo homem" e

o cansativo trabalho braçal. À boca pequena, comenta-se caminhar Zilbraniz celeremente para o socialismo, não o vermelho, que está fora de moda, mas o cor-de-rosa, em que o Estado fará da população local enorme corpo de funcionários públicos bem remunerados, para cuidar dessa riqueza, um tanto longe daqueles que as exploram sub-repticiamente, programa de certo partido progressista zilbranizense.

Outro uso, que se faz da grande floresta, é o aproveitamento da madeira, mais uma forma de limpar áreas atrapalhadoras dos que querem se locomover por lá. Previdentes, esses pioneiros laboram para o presente e futuro, retirando quantidades de troncos acima das necessidades, conservando grande parte deles no fundo dos rios, para que os pósteros se ocupem de retirá-los, quando lhes der na telha. Aliás, como a madeira não afunda, esses pósteros contrabandistas fazem uso delas em serrarias clandestinas, visualizada com facilidade pelas grandes reportagens jornalistas na maior parte da imprensa sensacionalista.

Espíritos mesquinhos acusam essas nobres almas de dilapidarem a riqueza vegetal, contrabandeando madeiras de lei, entre as quais o mogno para a **Pérfida Albion** - driblando ecologistas e Erário Público -, a preço de libras esterlinas, que nem de longe se comparam ao **zilbranão**, moeda forte em circulação no país. Uma deslavada mentira, pois as ações desses madeireiros têm contribuído em muito para a expansão das indústrias moveleiras de compensados do Sul e para o preço justo cobrado pelos resistentes móveis a disposição dos fregueses.

Economistas de Zilbraniz justificam a avançada visão dos madeireiros, predicando o seguinte: “Imaginem o que aconteceria se toda aquela madeira chegasse intacta aos moveleiros? Estes teriam de fabricar móveis maciços de grande durabilidade. Seria a estagnação e ruína dessa florescente atividade. Controlando o fornecimento e o preço dessa matéria-prima, ou comercializando-a sub-repticiamente, os madeireiros de lá estimulam a produção e o consumo de cá, uma vez que as classes populares e médias são obrigadas a trocar seus móveis, no mínimo de três em três anos, isto quando enchentes, comuns em campos e cidades de Zilbraniz, não os fazem substituí-los anualmente”.

Inclino-me a concordar com esses PhDs, pois, como se observa, o senso clarividente dos madeireiros tende a conservar o dinamismo de uma atividade econômica de considerável importância, em Zilbraniz.

Apesar dos esforços para abrirem novos espaços à civilização, a floresta parece invencível. Para desconsolo de muitos, ela resiste às investidas de quantos pretendam, entre outras coisas, combater seus efeitos nocivos à saúde, qual seja, produzir oxigênio em excesso com o qual tem de conviver as populações próximas e remotas. Epa, lá estou eu fugindo do assunto, **"putsgrila".**

Ao analisar a vegetação deste verdejante país, lembrei-me de um tocante poema de ecológico bardo zilbranizense, crítico severo da política ambientalista de certo incendiário ministro-boiadeiro.

Sobre os incendiários de matas

O vaqueiro ficou triste
Via queimada na serra,
E lá se iam as matas,
Pássaros, bichos e rios
Que para sempre sumiam



De cima de seu cavalo,
Ouvindo o fogo queimar,
Então se pôs a pensar:
"Mas que coisa indecente,
Transformar floresta boa
Naquele deserto quente.

"E não se pega essa gente,
Que pratica tanto mal,
Contra si e com certeza
Contra toda a natureza?
Garanto que o bandido,

Usando de seu isqueiro,

Tocou fogo no palheiro.

Isso é coisa de moleque,

De bicho-homem danoso,

Esse animal perigoso.

Destruir tantos quilômetros

De vida que nos sustenta!"

"Ah! Eu queria agarrar

Esse tal pra castigar.

Não lhe batia ou prendia,

Eu o faria lavrar

Pra viver, se alimentar

Dessa terra ressequida,

Que nada produziria

Com semente, e muita lida"

"Então ele aprenderia

Fraquinho, seguindo a estrada

Que a querida natureza

Com sua toda riqueza

Deve de ser respeitada"

O clima de Zilbraniz

O clima de Zilbraniz é bastante variado como sói acontecer com um país mergulhado em tantas zonas do planeta. Os habitantes reclamam que o sol, brilhando o ano todo e em todas as regiões, incomoda um bocado, mormente onde não existem praias para os refrescarem. Sua-se muito, em Zilbraniz, com realce nas áreas **Nordestinheiras**, onde chove nada e o calor parece ser eterno. Por essa razão, o povo dessa próspera região mostra-se **"terrosamente**" bronzeado e raquiticamente esbelto.

Esta última característica deve-se à balanceada alimentação em regiões pouco chuvosas, na qual entram carnes excêntricas, como as do calango e do carcará, e vegetais exóticos, entre os quais o xique-xique e o mandacaru. É verdade que o governo central tenta diversificar as refeições dessa gente, investindo muito dinheiro nessas áreas. Contudo os alcaides locais, ciosos em manter a perfeita forma física de seus munícipes, empregam esses capitais no tratamento da obesidade de que são vítimas (os alcaides, claro), por não seguirem a dieta da maioria que os rodeia.

O grande desenvolvimento industrial de Zilbraniz trouxe grandes alterações climáticas para o país. Detectam-se, hoje, climas campestres e metropolitanos.

Os campestres incluem chuvas, massas de ar frias e quentes, ventos fortes, moderados e fracos, enfim, os elementos tradicionais por todos conhecidos. Já os metropolitanos apresentam características próprias, dentre as quais precipitações ácidas, produzidas pelas odorantes emanações das chaminés, de motores a álcool, à gasolina e a diesel, movendo ônibus, caminhões, automóveis, todos eles com seus respectivos lacres abertos. Tais emanações trazem numerosas vantagens aos habitantes das grandes urbes, produzindo sombra cinza, impedindo, na maior parte dos dias, o contato com o inclemente astro-rei; promove, também, perfeita adaptação da gente urbana para um futuro não distante, quando todos serão obrigados a aspirar e inspirar o monóxido de carbono e quantas substâncias químicas contidas na atmosfera, ditas, por pessimistas e ignorantes sanitaristas, nocivas à saúde.

Neste aspecto, devem-se louvar as autoridades de trânsito das metrópoles zilbranizenses, quando obrigam os cidadãos a permanecer com os narizes e bocas próximos aos escapamentos abertos dos veículos, tranquilamente, espalhando gases necessários ao processo de adaptação aos novos tempos, que já estão por aí.

Não se deve esquecer da importante contribuição das autoridades municipais para os climas metropolitanos, ao implementarem a completa impermeabilização do solo urbano. Esta medida faz nascer um novo conceito de urbanização, ao introduzir cursos d'água, quase permanentes, em quase todos os cantos das cidades, logo após a eclosão de tempestades, comuníssimas nas grandes metrópoles. Tal iniciativa sofre ferozes críticas dos linguarudos, que desconhecem as vantagens de cidades cortadas por canais, como Recife e Blumenau durante verões chuvosos.

O único inconveniente da introdução de cursos d'água, nas megalópoles zilbranizenses, é chocarem e submergirem áreas residenciais, nas zonas de baixadas, ou varrerem construções clandestinas, nos morros. Mas quem os mandou construí-las justamente nesses locais? Recriminam os urbanistas.

PARTE 2 - ASPECTOS HUMANOS

Uma população em expansão, "ma non tropo"

A população de Zilbraniz já atinge mais de duas centenas de milhões de pessoas, espalhadas, predominantemente, pelas áreas de beira-mar (antiga vocação dos colonizadores, mantida entre os contemporâneos muito chegados a uma praia). Ali se localizam suas metrópoles.

É uma população sempre em crescimento (apesar do controle populacional, do qual se falará adiante), pequena parte dela estimulada pela carência de TVs, em muitos lares, e o apoio governamental às famílias numerosas, livres para se instalarem onde bem entender, preferencialmente os menos aquinhoados, sob viadutos e pontes, permitindo-lhes ampla ventilação em seus originais tugúrios e magnífica visão do dinamismo urbano. E é o que se vê hoje nas grandes megalópoles, coisa que ao que parece, não tende a diminuir, sob a vista das elites zilbranizenses, sempre preocupada e condoída com a indigência, desde que não estejam por perto...

Muitos consideram existir gente demais, em Zilbraniz, propondo o controle da natalidade, no que são contestados por homens ligados à espiritualidade, inconformados em ter de conviver com templos vazios e ausência de vocações. Contudo os proponentes da contenção populacional incorrem em grave equívoco e desinformação, pois, há muito, as autoridades tomaram providências nesse sentido.

Estes benfeitores de Zilbraniz fundam suas ideias na filosofia "estóico-epicurista", muito bem aceita pelo povo desfavorecido, mas viril, qual seja, a de "manter-se feliz com a ninhada em meio aos tormentos". Ideias que se consubstanciam:

> - no controle da natalidade pelo incremento à diminuição de nascituros, na proporção média de cinqüenta nascimentos para um sobrevivente;
>
> - no restabelecimento de endemias, que, eliminadas no começo do século, vêm sendo revividas com muito sucesso (a tuberculose, o cólera, a febre amarela, o tifo e, mais recentemente, a peste, entre outras de menor importância), para regozijo dos sanitaristas zilbranizenses;
>
> - ao não atendimento a doentes, portadores de doenças tradicionais e recentes, em hospitais e postos de saúde, pelo atraso de pagamento governamental a essas instituições, e ao estímulo ao não comparecimento de médicos ao trabalho.

Mas a sabedoria dos administradores de Zilbraniz, nesta matéria, não para por aí. Hodiernamente, foram introduzidos novos métodos, dentre os quais o trânsito urbano e interurbano, também contribuindo para a eliminação de excedentes, nas ruas das grandes cidades e nas numerosas rodovias, perfeitamente, compatibilizadas para esse fim. Assim, motoristas, transformados em "planejadores familiares", exercem o seu ***métier***, atropelando os desatentos em calçadas e acostamentos, livrando-os, prematuramente, segundo informam, deste "vale de lágrimas" muitas vezes, diga-se, a bem da verdade, contra a vontade do suplicante.

Em certas cidades, dentre as quais a epitetada de "Wonderful City" (as classes ilustradas de Zilbraniz têm especial predileção pela língua anglo-saxônica), criaram-se, recentemente, novas formas de controle populacional; as ações, nesse sentido, correm pelo acerto de contas internas às corporações, vinculadas a jogos de azar inofensivos ou às que se dedicam ao intenso comércio de produtos destinados a proporcionar prazer aos entediados (que, pelo volume de usuários, conta significativo número). Nota-se, fazerem esses desentendimentos, declinarem as estatísticas no cômputo de excedentes zilbranizenses.

Em menor escala, contribuem, para esse fim, o exercício da função dos **Mantenedores da Ordem Pública**, quando: surpreendem este ou aquele cidadão de má catadura e variados matizes cutâneos**, desatenciosamente** invadindo moradias alheias, ou flagrando-os com as mãos no bolso do vizinho; "convictos" indóceis tentam escapulir das chamadas **Instituições de Reabilitação de Cidadãos Desajustados**. Estas, cada vez mais repletas, dado ao inconformismo de parcela da população não pacata de Zilbraniz, hoje, muito versada em códigos penais.

Por último, não nos devemos esquecer do autocontrole de crescimento populacional, propiciado pelo "suicídio coletivo", durante os feriados prolongados, que não são muitos, em Zilbraniz. Nessas ocasiões, indivíduos, já fartos dessa vida mansa e pacífica, estouram seus veículos: contra outros, em ribanceiras, em rios, em riachos e em morros próximos das **superfiscalizada**s rodovias.

A população de Zilbraniz

A população de Zilbraniz é dócil e cordata, na sua esmagadora maioria, suportando as adversidades, que, diga-se de passagem, não são tantas, com profundo ***fairplay***.

Não a apoquentam momentâneas dificuldades, quais sejam:

- a fome, que, ao final, contribui para a existência de uma raça esbelta;

- a carestia, sempre contornada por planos econômicos de eficácia temporária;

- aluguéis elevados e carência de moradias, motivando a ocupação de vazios urbanos;

- os **"cinqüentetantos**" impostos promovendo o funcionamento da máquina administrativa garantidora de modelares serviços públicos, dos quais se destacam os relativos à saúde e educação;

- as mensalidades escolares, cujo preço julga a classe média baratíssima, sim, pois essa camada social se recusa, terminantemente, aumentar as despesas do Estado com Educação, não colocando filhos seus em escolas públicas, pondo, em risco, as oportunidades aos desfavorecidos. Apenas, exigem mensalidades correspondentes às que pagariam nas escolas públicas, o que nos parece uma proposta razoável.

Nenhum desses percalços revolta o povo por sabê-los condição essencial para o promissor porvir. Mantém-se pacífico e ordeiro, reconhecendo o esforço de governantes, empresários e tecnocratas, para conquistar, em curtíssimo prazo, a tão almejada estabilidade econômica. Esta, buscada com afinco por meio de sucessivos "planos", só não alcançando pleno sucesso, até o momento, pelos "caprichos do destino".

Os caprichos do destino, por sua vez, encontram, entre os sábios zilbranizenses variadas explicações, das quais ressaltam:

- a quase impossível adaptação de ruralistas, comerciantes e industriais a doutrinas econômicas antiquadas, predicando "o produzir muito para vender a preços módicos";

- posições humanitárias de governos municipais, provinciais e federal ao atenderem os clamores de enorme contingente de candidatos a empregos funcionais - não confundir com trabalho árduo, pois essa espécie não é de ferro -, principalmente em regiões, onde vige o espírito de gratidão pelos benfeitores, quando os agraciados, de quatro em quatro anos, são chamados a apertar aquele botãozinho de agradecimento, para demonstrarem aquela virtude, ou, ainda, auxiliando suas **Corporações de Ofício** e respectivos empregados, sempre carentes de remuneração compatível com seu espírito de união, quando buscam garantir seu futuro pelo incremento das **Caixas de Pensão**, que lhes garantirão garbosa aposentadoria;

- a compulsão governamental de distribuir renda à população mais ou menos abonada, remunerando empréstimos ao Erário, com juros e correção, assustando os próprios poupadores, que, esfregando os olhos, diante do extrato bancário, ao resgatar suas aplicações, perguntam: "Senhor Gerente, não há dinheiro demais em minha conta?";

- a mesquinhez do sistema financeiro internacional, suplicando o pagamento dos juros daqueles miseráveis empréstimos, ao longo de "trintetantos" anos (que um célebre gaiato da política denomina de perdas internacionais). E não se diga terem sido mal aplicados. Sabem-nos tendentes a tornar Zilbraniz autossuficiente numa porção de coisas, dentre as quais a produção do **ouro-negro**. autossuficiência, garantem entusiasmados dirigentes e técnicos da **Corporação de Ofício**, em tela, devendo ser alcançada, rapidamente, mas somente depois de satisfeitas as

necessidades de sobrevivência de seu pobre pessoal, sempre discriminado nos acordos coletivos de trabalho;

- O correto posicionamento dos progressistas zilbranizenses contra:

  • a migração de dinheiro espúrio para o país, capaz de desviar a população para afazeres extenuantes;

  • o pagamento de direitos pelo uso de inventos estrangeiros (afinal, alegam, somos todos filhos de Adão e Eva, portanto, irmãos, e, em família, não cabe essa coisa de respeito a patentes);

  • a livre importação de tecnologia avançada, comprometendo a criatividade copiativa de seus "mestres-montadores", especializados em produzir aparelhos de 1ª geração;

  • a instalação de empreendimentos exógenos, destituídos de filantropia - pois, em Zilbraniz, não se admite qualquer forma de usura aos "devoradores dos bens de algures e alhures - quando muito, aceitando-as, com restrições dos nacionais". Isto posto, iniciativas de gringos em Zilbraniz, contaminadas pela ideia do lucro, atentando contra convicções religiosas, não calvinistas, são imediatamente repudiadas.

Mas é bom lembrar que muitos dos "caprichos do destino" se encontram bem explicitados na Carta Magna zilbranizense, redigida há alguns anos, e, reformada, há pouco, pelos propugnadores do ascetismo popular, caminho reto para a santidade dos que sofrem.

Entretanto essas posições progressistas foram e vêm sendo criticadas pelos conservadores, que não se cansam de denunciar o "*status quo"*, deblaterando, pelos quatro cantos do país, a seguinte máxima: "Quem é burro, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue".

CONFLITOS SOCIAIS EM ZILBRANIZ:

Os do campo

A população de Zilbraniz é bastante heterogênea, originária de diversas etnias. Negros, brancos, amarelos e vermelhos, hoje, bastante miscigenados, convivem de forma pacífica numa sociedade de tênues conflitos. Estes ocorrem sazonalmente, quando a fome aperta em demasia, no campo e na cidade, promovidos por grupamentos sociais, cheios de injustificáveis ressentimentos. Caprichos dessa gente.

No campo, dão-se escaramuças de variada ordem.

De um lado, estão aqueles que, com tremendo esforço, onde não faltaram guerras justas contra atrevidos (estes insistindo em cultivar terras não registradas em cartórios, como condena a lei), amealharam alguns milhares de alqueires. Terras essas, em grande parte deixadas em repouso, para serem semeadas pelas futuras gerações de familiares.

Nas terras, em que cultivam, ocupam mão-de-obra apenas durante parte do ano, pagando regiamente camponeses-turistas, transportados de suas vilas com cuidado e zelo. Os ingratos, com emprego assegurado por três ou quatro meses insurgem-se, às vezes, contra a generosa política salarial imposta pelos proprietários causando alguma confusão, logo aplacada por diálogos, onde não falta a doçura...das balas - mais um exemplo de conciliação, vigente em Zilbraniz.

Outro motivo de dissensões no campo, muito encontradiço em áreas **Nortenhas** e **Nordestinenhas** de Zilbraniz é determinado por grupos de indivíduos enérgicos e bem apetrechados que se apossam de territórios cultivados, há décadas por pequenos proprietários, a fim de promoverem ali a melhoria das técnicas agrícolas. Delicadamente, colocam para fora (das terras e da existência) esses atrasados roceiros, produzindo quando muito para si e sua família.

É de se ressaltar, nessas regiões, o amor dos proprietários de latifúndios pelas **Uniões Trabalhais Campestres**, cujos líderes são, normalmente, brindados, quando muito **pentelham**, com "doces balas" no organismo, fato ignorado pelas autoridades locais, visto que essas guloseimas nunca são encontradas nas autópsias dos amolantes.

Conflito de terras, em áreas produtivas, é também, bastante comum. Migrantes de pequenas cidades, convertidos por "apóstolos" do trabalho **lavral** inexistente, acomodam-se em território alheio, negando a validade das escrituras em cartório, segundo defensores da livre propriedade, lavradas em algum momento da

história, na qual a terra não era de ninguém (argumento dos apóstolos), decorrendo, daí, intermináveis discussões.

Chamados os **Mantenedores da Ordem**, para dirimir dúvidas e apaziguar ânimos, usando o diálogo democrático fundado em instrumentos persuasivos, retiram os enxeridos e resolvem essas questiúnculas num piscar de olhos.

Ato contínuo, os recém-camponeses buscam outro local, onde possam exercer a sobrevivência de forma menos extenuante do que plantar em terra alheia, que não era mesmo sua intenção, uma vez garantida a alimentação diária pelos apóstolos.

Sabe-se que, ultimamente, vêm as autoridades provendo propriedades para estes esforçados grupos a fim de que possam tornar-se rapidamente corretores imobiliários rurais - face aos fictícios investimentos governamentais nesses minifúndios, colocando em xeque a permanência dos pequenos rurícolas nas áreas doadas. Todavia, fui informado de que aqueles pequenos ruralistas tem produzido alimentos destituídos daqueles venenos utilizados pelos proprietários do Agronegócio de Zilbraniz que, ao que tudo indica, parecem ter ojeriza pelos chinapaus, condenando-os a uma morte lenta e gradativa, mais dia, menos dia, ao exportarem os bilhões de grãos de suas riquezas agricultáveis, enriquecidas com aqueles milagrosos agrotóxicos, que fazem crescer até cabelo em calvos cocorutos.

Pena é, que a produção saudável dos pequenos rurícolas, seja exígua e de valores inexequíveis para as posses das populações carentes de grana, para consumi-la, seguindo o destino dos chinapaus.

A questão aborigenal

Ainda sobre conflitos campestres, devo mencionar a questão dos aborígenes. Ouvi reclamos de que vivem a atrapalhar a vida de empreendedores rurais, estes pretendendo vê-los pelas costas. Verdade seja dita, estarem os governantes sensíveis à preservação e futuro dos silvícolas, criando um dia especial, dedicado a eles, muito comemorado nas escolas e pela delimitação de suas reservas, há décadas.

Algumas dessas reservas chegam a alcançar extensões comparáveis a de inúmeros países europeus. No entanto, pude notar que, quanto mais elas crescem, menor é o número de selváticos a ocupá-las, e maior a presença de grileiros dispostos

a registrá-las em cartórios, ultimamente apoiados pelo Javoltar Mandrião, que as queria produtivas, ao tempo em que desgovernava Zilbraniz.

Para os antipáticos aos silvícolas entre os quais o Javoltar Mandrião e seu ministro boiadeiro, são eles uma eterna dor de cabeça para Zilbraniz.

Ambos os acusam de nada produzirem para a riqueza da Nação, e apesar disso, terem garantido enorme território para dar continuidade às suas tradições, nas quais já se incorporaram às dos civilizados: as novelas de televisão, o radinho de pilha e, ultimamente, câmeras de vídeo, tornando-os cineastas, dedicados a filmar lembranças do que um dia foram.

Os responsáveis pela proteção dos aborígenes, ciosos das liberdades individuais de quem quer que seja, não excluídos os "nacionais-primeiros", abstém-se de interferir nesses problemas, praticando a política do "virem-se", considerando impossível cuidar de gente tão espalhada pelo imenso território.

Este posicionamento vem dando valiosos frutos e proporcionando eficiente ocupação das reservas, principalmente, por catadores de metais preciosos. Estes ou se associam aos espertos silvícolas, dando-lhes tarefas compatíveis com sua tradicional cultura, ou fazem-nos passar desta para melhor, enviando-os de "mala e cuia" ao reino de Tupã - o que não deixa de ser um ato de misericórdia, impedindo-os de darem cabo dos intrusos invasores.

Aliás, a prática de enviar essas puras almas, prematuramente, ao panteão de suas divindades, é uma tradição transmitida de geração em geração, desde o descobrimento de Zilbraniz. De sorte que, dos doze milhões de aborígenes existentes há quinhentos e poucos anos, sobrevivem, hoje, a fabulosa quantia de uns trezentos mil (devido à esterilidade de almas silvícolas de outro mundo que não conseguem reproduzir-se).

Mas eles resistem valorosamente a essas investidas com suas mortíferas armas de guerra, ao surpreenderem este ou aquele interventor, enchendo-os de bordoadas. Como se observa, são grupos belicosos de altíssima periculosidade, pondo em risco a segurança nacional de Zilbraniz.

Conflitos urbanos

Nas cidades, preferencialmente, nas grandes metrópoles observam-se pequenos percalços nas relações sociais, quebrando de quando em vez a harmonia urbana. Ultimamente, vem tomando vulto a ação de grupos inconformistas, negando-se a dietas prolongadas.

Muitos buscam mitigá-las pelo convencimento de cidadãos desatentos, nas ruas ou em casa, a ceder-lhes parte dos bens, no que são raramente contestados dadas a cortesia dos **abordantes.** É fato acontecerem acidentes nessas relações, decorrendo, em muitas ocasiões, o exílio deste ou daquele pai de família para a outra vida, quando não dispostos a atender as justas reivindicações do meliante. Mas, como o humanitarismo não tem limites em Zilbraniz, logo surgem almas generosas, recriminando a mesquinhez da vítima, obrigando o inconformista àquele agir destrambelhado.

Não é incomum, fazerem-se preces ao tresloucado, na esperança de que se emende. Quanto à vítima consideram-na afortunada posto que o ditoso acontecimento lhe permitiu alcançar o Paraíso antes do tempo oportuno, evitando sofrida agonia numa futura hora de morte.

Levado à justiça, pois se repudiam transgressões em Zilbraniz, acontece com o inconformista mais ou menos o que narra famoso bardo zilbranizense, num de seus mais tocantes poemas de costumes e que transcrevo a seguir:

Nossos Tempos

O juiz estava impaciente,
queria ser imparcial
nas barras do tribunal,
Julgava-se um criminoso,
que se mostrara impiedoso
para com a pobre vítima.
O homem fora imprevisto
e desfechara dez tiros
na cara do cidadão,



que não quisera entregar
uma coitada carteira
que não continha tostão,
O julgamento foi longo,
infeliz, insuportável
pelo calor que fazia
nessa corte insuperável.
O advogado inquieto,
incapaz e inexato,
disse que o réu, coitadinho,
precisava de carinho.
O promotor falou depois,
com grande convicção,
que o réu era um imprestável
e seria inadmissível
a sua absolvição.
Mas a justiça implacável
concluiu o julgamento
nesta sentença impagável:
"Que não se faça escarcéu,
a vítima já morreu,
quem sabe se lá do céu
o réu já não foi perdoado?
Que se deixe o homem livre,
o caso está encerrado.

Desenvolvimento econômico e conflitos sociais

Com o desenvolvimento industrial e tecnológico de Zilbraniz, nota-se pretenderem inconformistas **lights** estruturar-se, tomando, por modelo, organizações políticas e empresariais, (especializadas em acumular valores, paralelamente, às suas fontes

tradicionais: sonegação, caixa 2, sub e superfaturamento, entre outras estratégias de marketing), buscando alcançar a eficiência daqueles. Eis uma tendência muito forte, em **"Wonderful City**", espalhando-se rapidamente para outras capitais de Zilbraniz.

Estas novas organizações, promotoras de todo o tipo de atendimento a populações carentes de morros e planícies (contribuindo para evitar gastos desnecessários com segurança pública) acumulam capital das formas mais peculiares:

- guardando filhos e filhas de famílias abastadas por dias, semanas e meses, com a dita paciência de Jó, esperando serem ressarcidas das despesas decorrentes;

- aliviando carros-fortes, abarrotados de zilbranões, pondo em perigo a estabilidade dos veículos e a segurança de seus ocupantes;

- incrementando a esperança popular de enriquecer, sem maior esforço, concorrendo com iniciativas do Estado, nesse sentido, por meio do barato e aconchegante **lazer bichal, loterial, megal e quejandos**;

- transacionando produtos destinados aos entediados (aos quais já me referi ao tratar do controle populacional) etc.

Essa concorrência com atividades dita respeitáveis provoca um misto de inveja e despeito da parte dos Catões zilbranizenses, desejosos de participar desses lucros.

Normalmente, os que acumulam riquezas paralelas concordam em ceder, mormente, em época de eleições **algum** àqueles necessitados de achego em suas campanhas eleitorais. Mas não é fora do comum, vez por outra, irem empresários paralelos, para breves temporadas, às **Instituições de Recuperação de Desajustados de Segurança Máxima**, para satisfazer discordantes cidadãos não aquinhoados e por isso ressentidos. Todavia, os paralelos não se amofinam, e entes ubíquos continuam a gerir livremente seus negócios por meio de celulares, não deixando, ao desamparo, funcionários e população dependentes de morros e planícies.

Focos de alguma violência, em Zilbraniz, são comportamentos desatenciosos das autoridades (nem tudo se pode fiscalizar numa grande cidade) com conjuntos residenciais, construídos não se sabe por e para quem à espera de ninguém e com terrenos baldios. Estes, hoje, rareando nas grandes capitais zilbranizenses, posto que

as populações migratórias costumem urbanizá-los com poéticas construções de tábua e papelão, dando um toque singular à paisagem das grandes urbes.

Tanto os conjuntos habitacionais como os terrenos baldios constituem chamarizes para os discursos humanitários dos propugnadores da livre ocupação urbana (ramo daquela descrita nos conflitos rurais), interessados em conscientizar grupos desfavorecidos, mediante a filosofia do "pegue e não pague", a fim de que cerrem fileiras em suas hostes para empolgar o poder em Zilbraniz, pondo em vigor o exercício de cidadania àqueles.

Contudo os ingratos, embora acatem a recomendação quanto à ocupação de moradias abandonadas (cujo sucesso é abortado pelos **Mantenedores da Ordem Pública**), teimam em não lhes seguir a arenga partidária, mormente no maior centro urbano zilbranizense, votando num certo candidato, interessado em estimular indústrias cimenteiras e metalúrgicas e abertura de avenidas, pontes e viadutos, começando não se sabe onde e terminando em lugar nenhum. É verdade que o indigitado alcaide sempre se constituiu, juntamente com a parentela, em sócio majoritário dessas iniciativas empresariais investindo seus "profits" em paraísos fiscais, ultimamente infernizando-o profundamente, o que em certa ocasião obrigou-o a consumir seus **"Romaneés Conti"**, em cárcere privado por quase um mês. A prisão desse célebre investidor de origem arábica constitui equívocos da justiça, às vezes, por distração de seus eminentes causídicos, também partícipes da dolarizada "bufunfa", tão honestamente, amealhada pelo indigitado.

Desentendimentos de menor calibre, podem ser observados, também, nas eleições para novas diretorias das **Uniões Trabalhais**, quando a oposição pretende remover este ou aquele eterno presidente, ou facção, absolutamente contrários ao retorno às máquinas e ferramentas. Estes, julgando a **valiosidade** de seu **know-how** na condução das massas, buscam alternativas no Congresso de Ziliabrás, onde o comparecimento, apenas uma vez por semana, é severamente vigiado.

Durante as eleições nas **Uniões Trabalhais**, atiram-se foguetes nos adversários, à guisa de festejá-los, não chegando o evento a fazer grande número de vítimas, se comparados a outros assemelhados nas disputas políticas em territórios **Nortenhos** e **Nordestinenhos** de Zilbraniz. Ali, os proprietários rurais, preocupados em apressar a reforma agrária, buscam dissuadir candidatos indesejáveis, aconselhando-os a desistir do objetivo traçado e da própria vida.

Estas são algumas características físicas e humanas desse país modelar, descritas como introdução.

Procurarei, a seguir, aprofundar os aspectos setoriais dessa brilhante civilização, quais sejam: a Educação e Cultura, a Vida Política, a Economia, a Sociedade, dando uma visão mais ampla de Zilbraniz.

CAPÍTULO IV
EDUCAÇÃO E CULTURA EM ZILBRANIZ

PARTE 1 - O ensino básico: Muita Cidadania

Ao narrar aspectos da civilização zilbranizense, não poderia deixar de privilegiar o setor educacional, o mais perfeito de quantos observei ao longo de minhas viagens.

Direi ser comovente o carinho dispensado pelas autoridades, à formação moral e intelectual da população - mormente a desafortunada -, por força de altíssimos investimentos nesse segmento, permeando os demais. Perde apenas para o **Ministério da Ação Social Entre Amigos** outrora objeto de maledicência, quando os titulares da Pasta exageraram no repasse de verbas do "Orçamento" a Instituições de Benemerência Familiar, gerido pelos próprios.

Decorrente desses investimentos, nos ensinos de 1º, 2º e 3º graus, e, também de adultos e velhos, é a profunda conscientização da sociedade para com:

- os direitos e obrigações dos cidadãos. Dado estarmos diante de uma Nação avançadíssima, eles se alternam. Os direitos perdem importância quando o Estado se encontra em apertos financeiros emergentes, cuja superação participam os setores **estatais corporativizados** e a elite, **defendendo o seu**, mais a massa populacional "estóico-epicurista", exercendo a virtude da compreensão às vicissitudes governamentais, concordando com novos encargos para aplacá-las. Vice-versa, nas ocasiões em que está em jogo o respeito às leis inadequadas e inoportunas, sugeridas por legisladores desocupados (leis de trânsito, de combate à contravenção e à sonegação etc);

- a criteriosa escolha de representantes do povo para a gerência da "coisa pública", em cargos executivos e legislativos, cujos votantes elegem de olhos

fechados uns e, de mãos espalmadas, outros (estes mais encontradiços numa certa região de Zilbraniz, onde os empregos escasseiam e a conscientização política é mais aprofundada, por força de métodos e instrumentos persuasivos, empregados pelos postulantes). Daí resultam excelentes administradores quadrienais, tendentes a mobilizar o bestunto do povo para a solução de problemas, deixados pelas autoridades de mandato findo aos sucessores, quais sejam: dívidas acumuladas; processos criminais contra assessores, especialistas, na aplicação do dinheiro público, em proveito de sua prole - que os há em pequeno número em Zilbraniz;

- obras inconclusas, mas já pagas, com as respectivas corretagens honradas, estimulando o talento laboral dos recém-empossados, impedindo-os de deixarem-se levar pela inércia **desambiciosa.**

Todo o exposto concorrerá para incrementar o espírito crítico da população, por mais quatro anos, mantendo-a em constante inquietação intelectual e angústia d'alma.

Esse fenômeno político-educacional faz com que inexistam analfabetos em Zilbraniz. Escreve-se obsessivamente, com destaque para a juventude criativa e despreocupada, exercendo essa inclinação em quase todas as paredes de casas e edifícios - por mais altos que se apresentem, em sua escalada -, das grandes, médias e pequenas urbes decerto, por não ser aplicada em Zilbraniz, a legislação de Cingapura sobre a matéria, prescrevendo boas bordoadas nos **edulcoradores paredais, em praças públicas.**

Lê-se com sofreguidão em Zilbrraniz, a ponto de, numa cidade com quinze milhões de habitantes, ser encontrado o exorbitante número de algumas dezenas de livrarias e bibliotecas, o que dá uma média de duas para trezentos e tanto mil leitores: um recorde!

Explica-se o fenômeno pelos intensivos programas de leitura e redações, levados a cabo pelos zelosos mestres de língua zilbraneza, em quase todas as salas de aula das escolas públicas desse notável país.

Escreve-se e lê-se tanto, que alguns milhões de habitantes, saturados, se negam a assinar o nome por completo em documentos, preferindo forma mais sucinta, a de apor neles apenas a impressão digital.

A alta cultura popular, propiciada pela educação, levou-me a constatar o extremo cuidado no manejo da língua falada e escrita em Zilbraniz, observado: no coloquial das pessoas, engolindo "esses" e preposições, conjugando verbos improváveis, entre outras criações vernáculas; nos veículos de comunicação escrita e audiovisual, isentos de erros gramaticais (quando os malditos computadores e os travalínguas não fazem suas **merrecas** nos textos); nas mensagens publicitárias, plenas de correções linguísticas, das quais se destacam as concordâncias verbais e nominais, combinando, maravilhosamente, o singular com o plural, de acordo com o seguinte modelo: "Popular são os outros".

A Mãezona e a educação dos pequenos seres

A educação básica e fundamental, em Zilbraniz, se dá no lar, na rua e nas escolas, com predominância para o primeiro, não pelos progenitores, é claro, pois eles já não têm tempo, ou disposição, para tão ingrata missão. Esta é uma tarefa para a incansável **Mãezona Eletrônica**, instalada em todos os lares e, perfeitamente, adaptada para conduzir o ser transformador exigido por uma sociedade avançada (e, também, por que não dizer, evitar que, por algum tempo, se fale mal da vida alheia).

Desde tenra idade, as crianças e jovens são orientados pela "Responsável", incumbida, à revelia de veicular, subliminarmente os valores necessários à formação da personalidade dos pequerruchos:

- Incrementando neles a agressividade, preparando-os para a violência encontrada nas ruas, por meio de modelos baseados em desenhos animados, nos quais se dá ênfase a carnificinas generalizadas entre inofensivos seres animados; em filmes educativos, sobre gangues juvenis e adultas, nos quais significativa parcela da população do país, em tela, é eliminada de forma didática;

- Estimulando-os à criatividade imitativa, propiciadora da padronização no trajar, expressar-se e agir deles, contribuindo para aspirações inexequíveis, fomento às indústrias de confecções e de "badulaques eletrônicos" (enlouquecendo gordas matronas e esquálidos paterfamílias), hoje, fazendo concorrência a **Mãezona**;

- integrando às "psiquês", princípios de afetividade, entre os sexos difundidos: por dramas edificantes, nos horários das seis, sete e oito da noite, onde se sugere "a eterna infidelidade" no casamento (cessão de esposas a estranhos, o sexo

desamorizado); por meio de filmes extremamente pudicos, nos quais não faltam lições de educação sexual explícita, levadas ao ar, indiscriminadamente, nos horários nobres e madrugadas; por mensagens publicitárias, nas quais se valoriza a chamada "mulher objeto" - aquela que a gurizada lambe com a testa - mostrando-lhe a completa anatomia, incluindo o inocente "nu frontal", atualmente, muito em moda e bastante apreciado pela garotada, entre outros exemplos capazes de fazê-los fornicarem e parirem aos onze ou doze anos, sugeridos em alguns comerciais infanto-juvenis, dando muito trabalho às avós. Enfim, ensinando-os a não ter medo de serem felizes;

- promovendo o desenvolvimento da sensibilidade musical pela oitiva de ternas canções, metalicamente amplificadas ao máximo, a fim de que consigam identificar os ruídos dos instrumentos, em seus pormenores, e deem, com o passar do tempo, algum trabalho aos otorrinolaringologistas.

A escola é um mero detalhe na constituição da "Criança-Jovem-Cidadão", mas local privilegiado ao exercício da aprendizagem adquirida, em telinhas e telões - as saias da **Mãezona**.

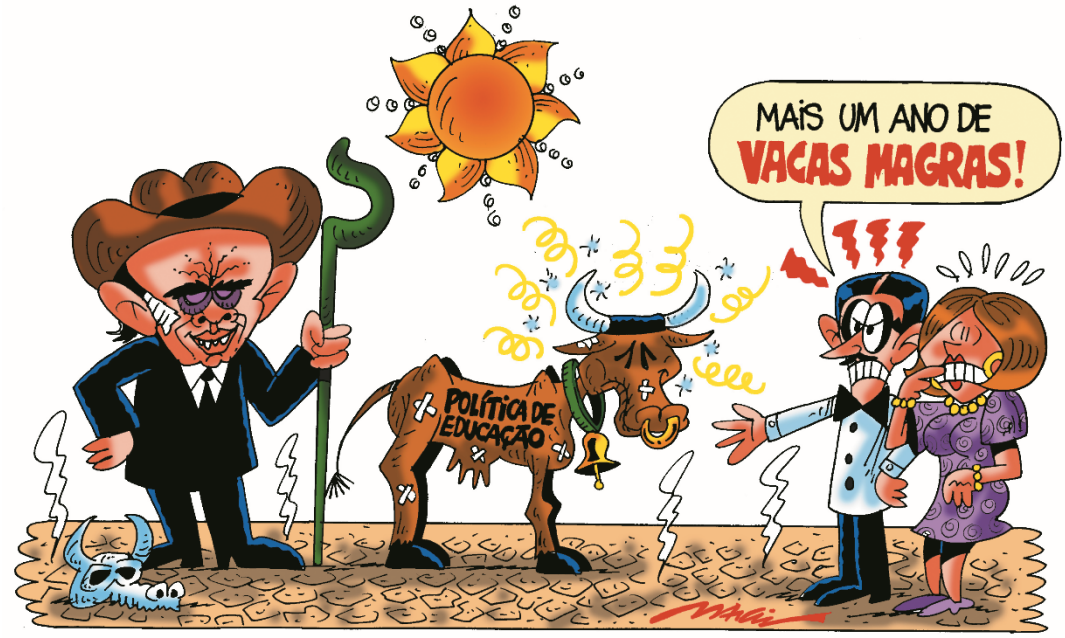
Preliminarmente, os jovensitos assimilam dela o princípio do repouso mental, ou seja, a recusa da absorção de falsos saberes em seu bestunto. No que são apoiados por pedagogos progressistas, conferindo nenhuma validade às ciências e humanidades contidas nos currículos.

De sorte que, durante as aulas trocam eles impressões sobre o cotidiano, exercem suas inclinações artísticas, nos tampos das carteiras, paredes e costados de algum coleguinha distraído, boxeiam, praticam o tiro ao mestre com giz, bolinhas de papel, entre outros lazeres inocentes, em salas de aula.

Se chamados à atenção pelo docente opressor, muitos reagem à altura, de forma a coibir autoritarismos, enviando elogios as progenitoras daqueles, aconselhando-os a se dirigirem a um certo órgão execrável do corpo humano.

> - Se perder a paciência, o mestre incorre em posições mais duras, fazendo-lhes alguma carícia nas orelhas, atitude repudiada nas escolas de Zilbraniz, aplicasse-lhe o **Código de Mão Única**, ou, em linguagem menos simbolista, forma adequada para fazê-los sublimar os elogios recebidos de **pequerruchinhos e pequerruchões.**

O exemplo da educação pública na mais rica
Província de Zilbraniz



As escolas públicas em Zilbraniz, com destaque para as da mais rica Província (dado serem exíguos meus recursos, fixei-me na observação e análise dessa rede de ensino, pela qual o caro leitor poderá inferir as das demais), constituem exemplos a serem seguidos por quantos países pretendam fazer evoluir seus sistemas educacionais, a começar pela sua administração e estrutura física.

A administração da vasta rede educacional dessa rica Província é bastante complexa, carente, portanto, de pessoal especializado no fazer andar a burocracia. Tem, no seu topo, um secretário de instrução pública, escolhido entre aqueles dispostos e encerrar carreira em casas legislativas, ou sequer sonhar com elas.

Recomenda-os para o cargo de secretário da instrução pública:

- serem resignados a não esquentarem seus traseiros nas desconfortáveis poltronas secretariais, recebendo "bilhete azul", sem grandes traumas, ao demonstrarem incompetência para convencer os mestres **resinguentos** de que não há dinheiro;

- humildade e modéstia, em seus projetos improvisados, visto que só conseguirão viabilizá-los com a autorização dos detentores dos redutos, na retalhada secretaria;

- o alheamento sobre questões pertinentes à Pasta, para evitar meterem o bedelho em assuntos sobre os quais não estão suficientemente informados.

Essas dificuldades os obrigam a contratar assessores entusiasmados com a sala de aula - agora, de longe -, depois de anos de contribuição inócua para o processo pedagógico. Dir-se-ia, de todo modo, não ser a educação propriamente dita a tarefa precípua desse corpo superior; sua função repousaria, basicamente, no fomento as indústrias **papeleira**s e de impressos, a alma do sistema educacional zilbranizense, unindo o público e o privado.

Preocupa-se a administração educacional com a autonomia das unidades escolares, desde que elas realizem o que os órgãos superiores determinem.

Do ponto de vista financeiro, provê-lhe a tempo e à hora, tudo o que necessitam as unidades escolares, mas, somente, ao final do ano letivo (e sob este aspecto não devemos levá-las a mal, visto que essas autoridades são permanentemente vítimas de lapsos mentais), quando os gastos são menores pela debandada de professores e alunos para gozarem merecidas férias, completando as extraordinárias.

Estas verbas, enviadas com presteza, permitem a sustentação das unidades, por algumas semanas, que é para não desmotivarem as comunidades, em seu ardor de "esmoleres". Por outro lado, procuram as autoridades educacionais inibir a ganância dos dirigentes escolares, ao proibirem terminantemente contribuições obrigatórias, em início do ano, esperando que o espírito caturro dos pais desobedeçam-lhes às determinações.

Essa desobediência se liga diretamente ao temor de que seus filhos tenham de conviver com insetos e roedores inofensivos, sanitários excessivamente limpos e até capazes de afetarem as vistas das crianças, pelo forte brilho de suas paredes, com latarias pelos pátios, desenvolvendo vocações **ludopédicas** em detrimento das acadêmicas.

Quanto à estrutura física, a rede se compõe de edifícios resistentes, principalmente os construídos nos últimos vinte anos, em bairros desfavorecidos e afluentes; sofisticados nos primeiros, e extremamente modestos, nos segundos, demonstrando a "opção pelos pobres", entre os agentes educacionais de Zilbraniz.

Essas construções honram a engenharia do país pela longevidade dos prédios, chegando a permanecer intactos por um ou dois anos, pelo zelo demonstrado em conservá-los pela comunidade e alunado. Depois desse longo período, deixa-se que deteriorem, a fim de impedir a falência das empreiteiras interessadas em reformá-las, mediante concorrências públicas, seguindo os ditames já descritos na hidrografia de Zilbraniz.

Estas escolas são atendidas, na sua infraestrutura de serviços, por numerosos funcionários, admitidos por concurso público, quase sempre após completarem cinqüenta ou sessenta anos, ou seja, no vigor da idade e com enorme experiência no trato com crianças e jovens. Ingressam prontos para aposentarem-se ou serem readaptados - por excesso de saúde -, depois de uns seis ou sete meses de estafante trabalho, recompensados com salários “supimpas”.

Bom, mas tudo isso, ou seja, servidores concursados, saíram da moda, por provocarem grandes despesas ao erário.

Recentemente se criou nova forma de contratação de pessoal de apoio escolar, por meio daquilo que que se conveniou chamar de Privatização desse procedimento contratual. Concede-se a empresas interessadas, selecionar pessoal disposto receber de vez em quando seus devidos salários sempre na expectativa de que essas empresas quebrem, deixando-os à deriva, ou seja, na rua da amargura. Mas o curioso é que são elas que quebram, não os proprietários, como sói acontecer com pequenos médios e grandes empreendimentos em Zilbraniz. E ao ficarem à deriva, esses servidores das escolas públicas, provocam a costumeira escassez de trabalhadores em todos os cantos dos educandários fazendo com que dedicados diretores sejam obrigados a pilotarem vassouras e quejandos.

Daí pode-se imaginar a higiene e limpeza vigente, em grande parte dessas escolas, quanto a banheiros, cozinhas e salas de aula, causando invejas às unidades de ensino japonesas. Neste aspecto, não se pode negar a colaboração da petizada, auxiliando, dentro de suas possibilidades, na ornamentação desses estabelecimentos. Poucos são os espaços não aquinhoados com suas obras de arte e poéticas referências a colegas amantíssimos, professores simpáticos e diretores risonhos.

Para que serviçais e merendeiras não permaneçam na ociosidade, o que lhes seria traumático, a criançada evita o uso de latões de lixo, distribuindo simetricamente

papéis de lanche e restos de merenda por todos os cantos, de preferência em vasos sanitários - com o fito de ocuparem encanadores desempregados -, o que dá um toque sofisticado a muitas dessas instituições, seguido do odor característico. Programas "extraescolares" incentivam os estudantes a não esmorecerem em seu desiderato.

À época das chuvas, põe-se à prova a solidez dessas construções: são tetos, abrindo-se aos fúlgidos raios solares; são correntes de águas a refrescarem usuários, propiciando a aprendizagem da natação ***in loco***; são, às vezes, interrupções no sistema elétrico, trazendo penumbra à unidade - mais que necessária à meditação -, e feriados escolares, fora de época e incomuns, para gáudio da **Mãezona**.

Dinâmica Escolar nas Escolas Públicas

Observando as escolas públicas em seu funcionamento, os corpos diretivos, docente e discente, trabalham na mais completa harmonia, constituindo uma verdadeira família, semelhante àquela disputando heranças problemáticas.

As relações entre docentes e discentes, com exceção daqueles momentos de afabilidades e elogios mútuos, já descritos anteriormente, são de grande camaradagem e de produtiva aprendizagem de ambas as partes.

O processo pedagógico, em sala de aula, apresenta algumas características peculiares. Ao lado dos que insistem em operar milagres pedagógicos e purgar pecados, mestres há, que procuram preservar as cordas vocais, induzindo o alunado à autoaprendizagem, fazendo-os concentrar-se de forma absoluta nos textos didáticos, trazendo os conteúdos adrede preparados.

Evitam, assim, dirigirem-se os mestres ao departamento médico, em busca de readaptações para um dos empregos, por julgarem-nas prejudiciais às finanças do Estado; outros, preocupados, de um lado, com o excessivo gasto governamental com os salários e, de outro, em não saturar os alunos com sua sistemática presença e o **ministramento** de ensino inútil, ausentam-se o maior número de dias, posto que a legislação pertinente os estimula a perseverarem nessa compulsão.

O processo de avaliação e retenção do alunado é o que existe de mais progressista, de quantos possam ser postos em prática, no campo da educação hodierna. A aprendizagem obtida, quase por "osmose", é de somenos importância, nas provas parciais e finais. A filosofia vigente é promover, promover, promover (no

que concordam ou discordam mestres passivos e ativos de acordo com maior ou menor estafa ao longo dos intermináveis duzentos dias letivos, quase sempre, reduzidos aos cento e poucos dias, por motivos óbvios: festanças, feriados prolongados), de acordo com mecanismos muito bem engendrados pelos experientes "Mentores Pedagógicos", espremidos em seus desconfortáveis gabinetes. Estes formam um corpo estável de profissionais, não contaminados pela complexidade do exercício da docência, que é para mantê-los infensos às dificuldades de sala de aula e, assim, criarem soluções originais, coibindo evasão e repetência.

Graças aos esforços desses bravos educadores, para não dizer luminares da ciência pedagógica, muitas foram as conquistas das escolas públicas de Zilbraniz, nos últimos anos, quais sejam:

- a eliminação daquele execrável hábito de os professores viverem a especular o real conhecimento adquirido pelos alunos, quando os mensuravam com menções alfabéticas. A reintrodução dos conceitos numéricos trouxe nova perspectivas posto que a numerologia hoje aplicada nas avaliações, além de impedirem o mestre de "queimar pestana", na aferição, abrevia-lhe o ano letivo. Por outro lado, permite ao docente deixar de lado aquela coisa antipedagógica de levar a interessadíssima classe a entender a finalidade do conteúdo em exposição.

- a valorização das ausências do alunado, quebrando a obtusa exigência quanto ao comparecimento sistemático, quando a petizada tem coisa mais agradável a fazer pela rua, que é pública, e lá está para ser utilizada por crianças e jovens. Há muito, os "Mentores" determinaram aos mestres não insistirem em traumatizar a juventude, com esses deveres fúteis, ligados à assiduidade e que só servem para lotar diariamente as salas de aula, já de si saturadas. Em lugar de perderem seu tempo com essa trivialidade, que lhes abonem as faltas, mediante alguma conversa de pé-de-ouvido, diálogo seguro para o bom relacionamento, dizem eles:

- a sistemática redução do currículo pela eliminação de disciplinas relacionadas "à língua dos gringos" (suspeita-se que isso é coisa de **xenofobitas** infiltrados entre os "Mentores") e matéria vinculada ao desenvolvimento da criatividade artística. Ambas consideradas supérfluas no conjunto de disciplinas obrigatórias, transformando-as em atividades destituídas de avaliação, motivando o alunado a testar o estoicismo latente dos respectivos professores.

- a superação da arraigada mania de pretenderem os mestres a aprendizagem dos conteúdos, durante as aulas, e algum estudo em casa (essa coisa antiquada de tarefas no lar, de há muito foi abolida nas escolas de Zilbraniz). O que se recomenda é que se deem tantas oportunidades quantas possíveis para que a garotada consiga o necessário para saltar a série - exercício físico cada vez mais apreciado nas escolas públicas zilbranizenses -, conhecimento só serve para encher de minhocas inocentes cabecinhas e, por isso, não deve ser levado em muita conta, dizem os luminares.

- o convencimento dos pais para com os seus direitos de contribuintes, segundo os quais, em nenhuma hipótese, acatem a retenção dos pimpolhos, mesmo que se constate a total inadequação de promovê-los por todos quantos os avaliem - quase sempre equivocados, segundo normas administrativas vigentes;

- a relevância da biografia do "aluno desinteressado", em detrimento de seu real aproveitamento, nas chamadas "Reuniões de Empurra, Empurra", quando corpo diretivo e docente é aconselhado a animá-lo com aproximações de notas, evitando, assim, injustiças irreparáveis, uma vez que retê-lo, por estar reprovado, em três matérias, para um total de cinco disciplinas, poderia configurar a mais cruel impiedade pedagógica.

Mas tudo o que foi narrado até aqui é passado, coisa do século passado posto que no século XXI, recente administração educacional resolveu todos os problemas de aprendizagem do alunado inaugurando a chamada aprovação compulsória que consiste na ideia de que os discentes assimilam conteúdos pendentes no ar das salas de aula. Uma espécie de osmótica pedagogia, aparentada ao método construtivista já um tanto esquecido nas atuais escolas públicas hodiernas.

Percalços da Educação Pública

São duzentos dias letivos de trabalho pedagógico insano, nas escolas públicas de Zilbraniz. É verdade que a extrema benevolência governamental os quebra de muitas maneiras, a fim de não esgotarem as reservas mentais de seu magistério. Como os feriados teimam em cair nas quintas e terças-feiras, as autoridades se incumbem de prolongá-los, inviabilizando segundas e sextas-feiras, evitando, assim, gastos com água, luz e telefone nas unidades.

Por outro lado, as escolas públicas de Zilbraniz são excessivamente alegres e festeiras, mormente, ao reverenciarem os chamados “Santos Fogueteiros”, honrados com as tradicionais quermesses, ocupando por dias e semanas o alunado, em busca de prendas pelas ruas. Estas comemorações têm funções específicas tais como:

- prover uma falta abonada a cada mestre participante, visto que o exercício de ir e vir nas festas pelos pátios, por uma ou duas horas, causa estafa, só recuperável pela ausência consentida, num dia do mês, por ele escolhido;

- promover a integração discentes-docentes-comunidade, ficando cada um no seu canto durante a festividade;

- ampliar os já numerosos recursos, enviados regularmente a todas as unidades de ensino público, mais que suficiente para a compra de material de limpeza, pelo menos num mês do ano.

Também se interrompem os dias letivos, por força de eleições gerais às prefeituras, governanças das províncias, à presidência da República, bem concentradas, visto que cada uma ocorre em anos diferentes.

Nessas ocasiões, o extremo cuidado em se evitarem fraudes (há sérias desconfianças de que atrevidos venham a pernoitar nos estabelecimentos de ensino, para favorecer este ou aquele candidato, fato nunca ocorrido “Graças a Deus”, conforme depoimento dos responsáveis) leva a justiça eleitoral a interditar prédios por três ou quatro dias, antes do evento, mesmo considerando chegarem urnas e cédulas no dia da eleição.

Entendo, até por experiência pessoal em minha escola, serem corretas essas precauções, uma vez que preparar a unidade, afastando carteiras para o fundo das salas, colando avisos e orientações aos eleitores, montando duas ou três cabines indevassáveis de papelão, é tarefa hercúlea e demorada.

Além desses poucos dias, em que as escolas permanecem encerradas, o que de modo algum interferem na aprendizagem do alunado, são raras, mas acontecem algumas greves durante o ano letivo, sempre quando o governo põe à prova a resistência dos mestres às dietas prolongadas tendentes a manter-lhes as esbeltas silhuetas.

Geralmente, as paralisações pedagógicas começam com médias

concentrações, onde se pode notar a elegância e o *"savoir-faire"* dos participantes, trajando colorida indumentária, na qual se destacam tênis maltratados, calças jeans puídas de sofisticadas grifes, como manda a moda, respingadas camisas e blusas furta-cores, repousando nelas cabeleiras tratadas nos mais renomados ***"Coiffeurs"*** da praça.

Tudo correspondendo às sólidas remunerações, com que são aquinhoados esses privilegiados. Digo sólidas remunerações, porque permanentes são os empregos no setor educacional, os quais fácil é obtê-los e quase impossível deles desfazer-se, tal o apreço governamental pela função educativa e a educadores em Zilbraniz.
Decretada a parede educativa, dois grupos nela se integram, os ativos e os passivos:

- os primeiros interessados em dar o que fazer aos sapateiros (aqui me ocorre uma dúvida, pois não me recordo de ter observado calçados de couro nos pés de mestras e mestres paredistas), ao percorrerem as principais artérias das capitais, nas suas marchas reivindicatórias. Nelas, como não poderia deixar de ocorrer entre educadores, não faltam palavras de carinho e devoção às autoridades constituídas, louvadas à exaustão, cuja recíproca vem sempre acompanhada de afagos pelos **Mantenedores da Ordem Pública**. Tudo porque insistem os grevistas em coibir a velocidade dos veículos nessas vias, evitando, assim, acidentes de trânsito e a circulação de ambulâncias, dirigindo-se a hospitais próximos, impedindo que algum paciente venha a morrer em mesas de operações, nas mãos de médicos inescrupulosos. Fatos esses acontecendo sob os olhos compassivos e compreensivos de motoristas e transeuntes apressados, dirigindo aos manifestantes calorosas "palavras extensíssimas";

- os segundos utilizam o evento para se reciclarem em suas inclinações turísticas ou rever parentes e amigos próximos ou distantes que as curtas férias escolares inviabilizam.

Normalmente, as greves se dão de forma intermitente – para, recomeça, para, recomeça, ao longo do ano, visto que não lhes atendendo as demandas, a fim de que os educadores não passem a idolatrar o vil metal que, de muitos modos poderia conspurcar-lhes a missão sacerdotal, o governo imagina: fazer alguma economia, preservando os prédios escolares de excessivo uso por alguns meses; estimular o lazer da petizada, pouco acostumada com o extraordinário evento, concedendo-lhe férias

extras; conscientizar as famílias pelo esgotamento da paciência delas ao terem de aturar os pirralhos vinte e quatro horas dentro de casa.

O acontecimento tira-as da modorra, mobilizando-as em apoio aos mestres em suas reivindicações. Ao colaborarem, esperam os pais o retorno dos professores às aulas, o que poderia fazer cessar a crueldade mental impingidas às matronas pelo movimento grevista.

Democráticas ao extremo, as autoridades deixam a critério dos paredistas a decisão de solucionarem os problemas postos, dando-lhes alguns meses para refletirem sobre os rumos do movimento - contanto que não falem em dinheiro - pagando-lhes sub-repticiamente os salários que de tão altos sangram de morte o Erário Público. É verdade que, de qualquer modo, teriam de fazê-lo, posto que as folhas de pagamento lhes asseguram de que nada de anormal vem ocorrendo na rede de ensino.

Mas como tudo na vida tende à "entropia", os mestres põem a mão à consciência, reconhecendo os males causados à escola pública, pela sua intempestiva atitude tomada meses atrás.

Aos poucos, semana a semana, lotes deles reiniciam suas atividades didáticas com um ânimo a fazer inveja a ganhadores de gordas loterias.

Agem dessa maneira por estarem:

- saudosos de suas crianças há tanto tempo deixadas na rua da amargura pedagógica;

- sensibilizados com os argumentos governamentais, segundo os quais o tesouro está exaurido com os gastos com educação, pois as despesas ultrapassam em muito as receitas, conforme demonstrativos estampados em todos os periódicos, nos quais se nota, com meridiana clareza, a veracidade da informação (sim, pois sabe o Governo que a mentira tem pernas curtas e o nariz do potoqueiro tende a crescer desmesuradamente), razão pela qual reconhecem ter seus propostos fazendários baixinhos e narigudinhos, quanto muito cometidos irrelevantes enganos, vitimados, nessas ocasiões, por convenientes amnésias matemáticas;

- com os pés escalavrados, todos, e, em outras partes do corpo, alguns, por força de gentilezas recebidas nas cordiais relações com os **Mantenedores da Ordem**, ao oferecerem-lhes as paredistas rosas petrificadas.

A partir de então, iniciam-se as negociações dos dias parados, que se fazem de forma peculiar e enigmática. Contentes por conseguirem economizar alguns trocados, posto que os grevistas não tivessem recebido níquel, durante o festivo evento, as autoridades constatam surpresas, o crescimento da "folha" o que as leva a fazer "beicinho". Recuperadas do choque, declaram-se dispostas a pagar novamente os dias parados, mediante reposição de aulas e por convocação extraordinária, dando aos mestres o direito de recebê-los com acréscimo de 50%.

Perguntados por "espíritos de porco" por que não as pagaram, às claras, anteriormente, para descontá-las aos recalcitrantes não dispostos a repô-las, respondem ter sido esta, a maneira encontrada para puni-los por tão grave transgressão e, por outro, brindá-los com um aumento inesperado???

Mas tudo isso foi coisa de outrora. Hoje, o trato governamental às greves é diferente. Os dias parados são pagos, antecipadamente, para acalmar os docentes conformados com os polpudos reajustes de salários produzidos por sua intimorata luta, conquistando remunerações menores do que as percebidas antes da greve.

Ontem, como hoje, agradecidos pela concessão, observam-se, nos dias de reposição de aulas, jubilosas comemorações de esquecidas datas cívicas, realizadas quase sempre em *"Pétit Comitê"*.

Tudo que foi descrito são fatos do século XX. A partir do XXI, os mestres vêm inovando nas suas práticas paredistas, realizando greves não remuneradas por conta própria, simplesmente desaparecendo das salas de aula por tempo indeterminado, até que algum discente se lembre de que necessita de documentação para prestar vestibular.

Foi o que verifiquei, com muita dificuldade de entendimento, somente possível aos que vivenciam o fenômeno, razão pela qual peço ao caro leitor ingressar numa escola pública zilbranizense, para compreendê-lo em sua exata dimensão (I'am sorry!).

Sobre as virtudes da educação na mais rica província de Zilbraniz, por mim narradas encontrei forte oposição do bardo Ingrácio Dára Agon expressa em seu curioso poemeto, dedicado ao estudioso, Mestre Jonjoca da Cruz:

Os males de Zilbraniz são...

Mestre jonjoca da Cruz

Começou a pesquisar

Os problemas de Zilbraniz

Estudou, pensou, refletiu

E depois de analisar

Essa falta de progresso

No terreno do social

Do nosso bom Zilbraniz

Disse umas frases famosas:

Os problemas do país,

A pobreza das pessoas,

Tem umas causas antigas

E outras bem atuais,

E, sem muita discussão,

Chega-se, sem mais delongas,

Que uma das principais

É falta de Educação".



Embora pressão se faça

Em cima dos maus políticos,

Esses muitos distantes,

Só fingem que estão ouvindo

Não se preocupam e noto,

Que estão dizendo, rindo,

Muito baixinho entredentes,

"Educação não dá voto".

Mas o tempo passou e nos últimos 10 anos no século 21, mais precisamente entre os anos 2.018/2026, uma terrível reviravolta se deu na educação pública do mais rico estado da federação com a ascensão de dois formidáveis secretários de educação dispostos a por um ponto final naquela banal qualidade de ensino que então vicejava em algum recanto do sistema, pela introdução de tecnologias de ponta capazes levarem seus mestres a extremas confusões mentais e aos discentes total interesse em descobrir conteúdos em seus possantes celulares, hoje proibidos em sala de aula, impedindo o alunado de se especializarem com o "nada-farniente" e concederem aos seus mestres um tratamento pra lá de carinhoso, quando estes lhes exigirem alguma atenção às suas explicações, por meio de seus extensos palavrões, moda em educados estudantes. Não é preciso dizer que o novo sistema tecnológico imposto por esses secretários à rede tornou-se importante fonte de renda para si e familiares.

PARTE 2 - Um 3º Grau "Sui Generis"

Uma universidade em cada esquina

A educação superior em Zilbraniz reputei-a brilhante, mormente, nas privadas – não confundir com water-closet, por favor!

Depara-se com universidades em cada esquina de grandes, médias e pequenas cidades, as duas últimas funcionando quase sempre nos fins de semana, em "full-time", para atender uma clientela decepcionada com o estudo por correspondência e à longa distância -, existindo para todos os gostos e bolsos.

Noventa e nove por cento delas como informei são privadas – repito: não confunda com o cômodo do lar, onde realizamos a mais profunda meditação sobre os percalços desta vida, naquela posição sugerida pela escultura o "Pensador" de Rodin.

Tais faculdades representam a enorme devoção dos **biliardário**s, em prol de uma instituição capaz de levar Zilbraniz ao topo do "Primeiro Mundo" pela excelência de seu ensino. Mais meritória se torna a ação desses idealistas, quando sabemos acolherem essas instituições superiores de ensino, "a preço de banana" - conquanto o valor dessa fruta, hoje, desminta a metáfora - a vasta população de egressos das escolas públicas e, outro tanto. das particulares modestas, muito bem-preparadas para **alavancarem** a tecnologia de ponta, necessidade de um país em franco desenvolvimento.

Envolvendo uns dez por cento do sistema superior de ensino, existem as universidades estatais, criadas para abrigar aqueles que, desde tenra idade, recebem os cuidados devidos, alcançando o vigor físico e mental, condição ***sine qua non***, para frequentá-las depois de terem **catatonizado** enorme contingente de mestres das escolas particulares primárias e secundárias elitizadas. Professores que, se de um lado recebem altos salários, de outro, gastam-no em dobro para curar-se com especialistas de doenças nervosas.

Essas famílias, de há muito, vêm colaborando, embora a contragosto, para a redução de investimentos governamentais em educação pública. Como despenderam somas consideráveis nas escolas privadas ao longo de muitos anos, nada mais justo ressarci-las, franqueando as universidades oficiais aos seus filhos.

Sob este ângulo, seria incoerente garantir vagas, nas faculdades de primeira linha, àqueles que, durante dez ou doze anos (que é o tempo extra oficial despendido pelos alunos das escolas públicas de Zilbraniz, para concluírem os oito obrigatórios, recebendo um ensino robusto), gravaram o Erário Público com educação gratuita.

O rito de passagem

Chamou-me a atenção, em Zilbraniz, o "rito de passagem" do 2º ao 3º grau, caracterizado por temporária inapetência intelectual dos discentes, face aos conteúdos, que, complexos para serem vencidos em três anos de curso intermediário - equivalente ao nosso colegial -, se tornam, como num passe de mágica, relativamente simples ao longo de alguns meses de assistência a preparatórios particulares, antecedendo a "Grande Competição", correspondente aos nossos vestibulares.

Analistas da síndrome, de que são vítimas os jovens nesse período, afirmam faltar aos mestres dos cursos de Ensino Médio, das escolas públicas "senso de humor" para combatê-la, (a síndrome, é claro) muito ao contrário de seus confrades, "maceteadores histriônicos" dos preparatórios, iniciados nos segredos da "Seletiva", cujas provas são constantemente alteradas na forma, para permanecerem as mesmas nos conteúdos. Curioso para constatar a veracidade dessa inapetência pedagógica, percorrendo várias unidades, pude verificar que, de fato, os mestres são por demais carrancudos, acentuadamente ao serem questionados pelos enxeridos rapazinhos,

neste ou naquele ponto, sobre os quais se recusam a emitir opinião; assim procedem para não posar como pretensiosos e dogmáticos.

Neste caso, deixam os mestres, aos discípulos, a tarefa de **"desencasquetarem**" - a fim de os jovens adquirirem habilidade e autonomia -, uma vez que seu objetivo é formar cidadãos para uma vida conformista, virtuosa e sem vícios, entre os quais não estão incluídas ambições intelectuais e o subir na escala social - mormente se esses jovens forem destituídos de recursos para tal.

Diga-se, a bem da verdade, que os momentos de reflexões discentes sobre os conteúdos das disciplinas em sala de aula são raros, posto que esses mestres se mantêm compulsivamente em vigílias reivindicatórias, por força de terem introjetado o péssimo hábito de fazer três refeições diárias, contrariando a filosofia governamental, pretendendo-os vocacionados para a santidade de um **"Simão, o Estilita**", por exemplo, (aquele asceta medievo, residindo, por toda a vida, no topo de uma coluna, levantada no deserto, alimentando-se de gafanhotos). Também não posso ficar detalhando biografias de todos os personagens históricos mencionados, desculpem-me!

Corroborando o ponto de vista dos mestres do segundo grau das escolas públicas, segundo o qual, sua tarefa, não seria preparar o alunado para o ensino superior, ouvi-os cochicharem que as universidades, com ênfase, nas oficiais, não passam de antros de "arrivistas".

Vivendo e aprendendo

É bastante pitoresco acompanhar o aproveitamento de grande parte dos universitários zilbranizenses das privadas, em seus respectivos departamentos. Nota-se que sua aprendizagem se dá mais acentuadamente em colóquios etílicos, em torno das mesas de botecos, estrategicamente instalados defronte às faculdades, lembrando mais, a "Simpósios Gregos", que, propriamente, trabalhos em salas de aula.

Ao término de um ano de estudos, observa-se que o fígado de certos estudantes se enriqueceu em volume, muito mais do que o cérebro, e que as companhias cervejeiras computam elevados percentuais de venda do produto, em pontos próximos àqueles templos do saber. Chamou-me a atenção, também,

predominantemente em faculdades de fim de semana, a rotatividade de mão-de-obra docente, quando alguns mestres se mostram excessivamente exigentes na assiduidade e rigorosos na produção intelectual dos sacrificados universitários **"pro rata temporis".**

Dois cursos em irreversível expansão

Sabe-se que a maioria das universidades de Zilbraniz forma, principalmente, docentes para as escolas de ensino fundamental e médio e rábulas, nome dado aos advogados nesse país.

Graduam-se docentes para um mercado de trabalho saturado, mas, por paradoxal que possa parecer, em franca expansão, pela oferta de empregos não preenchíveis na rede pública: a carreira de professor provoca calafrios nos formandos, ao calcularem o salário oferecido e sua incompatibilidade com o orçamento doméstico, de sorte que, somente, a somatória de duas remunerações consegue equilibrá-lo (o orçamento doméstico, com certeza).

Assim, apenas casais enamorados, dispostos a renunciar à prole (mais uma vez se nota a sabedoria da política salarial dos poderes públicos, livrando professores secundários das fraldas e dos pipis na cama... de quem?... de quem?...), abalam-se a experimentar uma vida de monges tibetanos; se optarem pelas escolas particulares, são postos à prova em sua resistência física e mental, diante de um alunado capaz de mostrar-lhes a excelência em educar o "Mau, digo, Bom Selvagem", idealizado pelo grande "Jean Jacques Rousseau".

Sobre os rábulas, são absolutamente necessários à sociedade, face ao encarceramento de cidadãos de má catadura, por motivos fúteis - razão pela qual grande parte dos causídicos prolifera em portas de cadeia. Leis, códigos, jurisprudências de Zilbraniz constituem intrincados enigmas desvendáveis exclusivamente por iniciados.

Decisões judiciais, em Zilbraniz, são sempre surpreendentes, a ponto de estreantes, em assassinatos de comprovada culpa, serem normalmente considerados "réus primários", respondendo os processos em liberdade. Dessa forma, o arcabouço jurídico é sistematicamente utilizado para não molestar sofisticados senhores de

ternos bem cortados e gravatas sóbrias, enfeitando colarinhos imaculados, surpreendidos, às vezes, com "a boca na botija", não os sujeitando à companhia de inconformistas de cores variadas.

Estes, instalados confortavelmente e aos borbotões em espaçosos apartamentos gradeados, para estreitar laços de eterna amizade e desenvolver trabalho em grupo, vendo-se em liberdade.

Sob este aspecto, a justiça de Zilbraniz é enfática, separando, com rigor, meliantes vulgares dos agredidos pelo Código Penal, sob o guarda-chuva jurídico, sombreando ainda mais os olhos da cega justiça.

Algo semelhante se deu em processos contra um conhecido político zilbranizense - postulante ao cargo maior da Nação -, que construiu uma abalizada carreira em cargos legislativos e executivos na mais rica província de Zilbraniz, proporcionando-lhe fama e fortuna consideráveis, utilizando as sábias leis para provar que enriquecimento ilícito - segundo as más línguas - merece "atestado de idoneidade moral". Um doce para quem descobrir a identidade da figura! Uma pista, não é o turco não senhor...

O sonho de qualquer rábula, ao formar-se, é compor o **Corpo Juizal** de Zilbraniz, responsável pela interpretação e aplicação das leis, em si, muito embrincadas - razão pela qual não deve ficar em mãos de coletivo numeroso, capaz de reduzir-lhe a remuneração. Porém, para realizar tal sonho, será necessário constar o postulante de pertinente árvore genealógica, posto que os cargos do **Corpo Juizal** sejam hereditários, dentro dos quais não cabem adventícios.

Não que esteja vedada a qualquer rábula, não, isso não, até porque essas autoridades judiciárias são selecionadas por concurso público, ou seja, aberto a todos os habilitados.

Ocorre que é exatamente durante a seleção, que se provará quantos trazem nas veias aquele sangue de jurisconsultos.

Cheguei a presenciar, em alguns fóruns zilbranizenses, essas seletivas, nas quais brilhantes candidatos se esmeraram em destrinchar todo tipo de problemas jurídicos, envolvendo do Código Penal ao Teodosiano, sob os olhos atilados e ardilosos dos examinadores, perguntando uns aos outros: "É de que família?...".

Pertencer ao **Corpo Juizal** de Zilbraniz é merecer o respeito de todos quantos sejam tementes às leis, entre as quais os governantes, necessitando seu *"non obstat"* nesta ou naquela ação manifestamente condenável e a descontinuidade de processos criminais contra os próprios, de sorte que as relações entre executivo e judiciário são da mais profunda intimidade.

Um curso para profissionais solucionáticos

Muito em moda e com elevado prestígio nos cursos superiores de Zilbraniz, são os relacionados às Ciências Econômicas. Formados, naturalmente escolherão uma das duas correntes, ecônomo-ideológicas existentes:

- a **alquímica-heterodoxa**, consistindo na busca da "pedra filosofal" da ciência em tela, consubstanciada na descoberta da "estabilidade econômica a qualquer custo".

Esta, partiria dos efeitos produzidos pela "alta incontrolável dos preços" determinada pelo Estado, pródigo e incorrigível na fabricação do papel pintado sem lastro, contida por decretos, congelamentos, confiscos, mudança de moeda entre outras medidas que ainda se descobrirão...

Basicamente essas ações se fundam na ideia segundo a qual por trás de todo mercador se encontra sempre o fantasma de um ***"Shilock Shakeaspiriano"***, para não dizer em claro zilbranês, o de um ladrão em potencial.

Esta é uma doutrina mais do que humanista (com o inconveniente de tornar a população cada vez mais pobre), aplicada, várias vezes, à economia e defendida, às lágrimas, por lusitana economista, preocupada com a felicidade, ainda que breve, do povo resignado, e que quase deu certo em muitas ocasiões - uma das quais próxima às eleições gerais -, guindando ao poder os seus mentores, fracassando dias depois da posse, por culpa exclusiva dos bois gordos que não se pôde apressar nos pastos;

- a **líbero-burgortodoxa**, na qual, as "leis de mercado", imutáveis, devem gerir condutas transacionais, de tal forma que a conquista do lucro não deve sofrer qualquer interferência. Mesmo que se verifique estar a maior parte da população impedida de consumir, praticando dietas incompatíveis com a sobrevivência, uma vez que os resultados do crescimento econômico, baseado na liberdade de produzir e

vender, gerando riqueza, só se obterá em longo prazo - quando todos já estiverem transitados à perenidade.

Tal doutrina confere, segundo o decano dos mestres dessa corrente, alguma santidade aos agentes econômicos nas práticas **indústrio-mercantis**, pela sua capacidade de gerar empregos, cujos salários se não matam de fome o suplicante, tendem pelo menos, a provocar-lhe tonturas.

Sob muitos aspectos, os seguidores dessa doutrina são pessoas altamente sensíveis à pobreza e a sua continuidade, pois aumentam preços em proporção geométrica, enquanto, o que é produzido corre em progressão aritmética.

Da oposição entre essas duas correntes, alternadamente no poder, pondo a prova o espírito estóico-epicurista da população, crescem, subterraneamente, a riqueza em Zilbraniz pelo esforço daqueles que se preocupam em não se envolver com elucubrações econométricas, que só fazem impedir o desenvolvimento do país durante o dia.

Portanto, ser economista, em Zilbraniz, é o primeiro passo para estar apto a elaborar planos ortodoxos e heterodoxos de recuperação nacional, resolvendo problemas ligados à inflação, que, diga-se de passagem, não é tão alta como a de alguns países africanos, nos dias que correm, à da Bolívia, em anos atrás, ou à da Alemanha, em 1923, o que dá algum gás aos zilbranizenses para suportá-la por mais algumas décadas.

Contudo os economistas zilbranizenses consideram o fenômeno **inflacional** de fácil solução temporária, sendo que as mudanças engendradas não têm outra finalidade senão a de "mudar tudo para que as coisas continuem as mesmas" - que me desculpe o plágio o grande "Lampeduza", que pôs essa pérola na boca de um de seus personagens de "O Leopardo", pois não encontrei metáfora mais apropriada para louvar a eficiência desses luminares.

Sob o comando dos progressistas, Zilbraniz quase deu cabo da inflação, definitivamente, pelo aperto do Centralzão sobre os juros, capazes de atrair investimentos de cidadãos locais e d'além mar, que costumavam guardar suas economias debaixo do colchão – não fosse os préstimos da Sra. Rosscoff, desfazendo os benfeitos.

Hoje sob o desgoverno do Mandrião e do Falastrão Gueles, e em meio a Pandemia, até o 22, desconfia-se que, não só a economia, como o próprio Zilbraniz conseguirão sobreviver ao **Apocalipse Now**

PARTE 3 - Pinceladas Culturais sobre Zilbraniz

Educação, propiciadora da envolvente cultura popular



Desgraçadamente, não pude aprofundar-me nas criações culturais de ZILBRANIZ. Analisei-a, portanto, pela rama, por meio de diálogo com este ou aquele sábio, interessado em confidenciar-me alguns segredos da cultura desse país, pedindo-me absoluto sigilo sobre ela para não atrair imigrações indesejáveis.

Recordo-me, a propósito, de um proveitoso diálogo sobre o tema havido com um pensador nativo, em uma de minhas últimas viagens. Disse-me o filósofo - um tanto cínico para o meu gosto -, que a instituição, em tela, se definiria pela difusão do conhecimento, com vistas a transformar o homem bruto num "bruto homem", capaz de descobrir as belezas, que o rodeiam, entre as quais: as ocultas pela natureza; as dos

semelhantes, quando não nos chateiam; as das mais triviais ocorrências da vida cotidiana, dando um jeito no implacável tédio, acompanhando-nos os passos.

Explanou-me serem as artes pictóricas acadêmicas, a música tonal dos grandes mestres, a literatura sem mistificação, a poesia inteligível, o teatro formal e uma ou outra película, que não nos ferva o traseiro, fundamentais para ver o tempo a nos consumir, sem que venha à telha a ideia de explodir os miolos, terrível compulsão, dizia ele, quando se entra em contacto com algumas artes de vanguarda zilbranizense.

Imaginei tratar-se de um sábio ultraconservador e suicida, entre tantos encontradiços nesse deslumbrante Estado. Afirmou apiedarem-se daqueles seres não bafejados pelas luzes do conhecimento - poucos nesse país -, pois seu destino irreversível seria:

- chafurdarem na telinha;

- deblaterarem nos campos de ludopédio;

- afogarem-se em líquidos etílicos, que, afinal, os levará às filas da riquíssima previdência social zilbranizense, que por usa vez os enviará às delícias do Paraíso;

- esfolarem-se - mormente os jovenzitos -, em meio a multidões desvairadas, assistindo a espetáculos do mais alto nível musical, onde se sobressaem os gritos alucinantes de medonhas figuras saídas de algum apocalipse, que, de quebra, às vezes, costumam urinar em extasiados fãs;

- elegerem, quadrienalmente, seus algozes.

Completou-me a arenga, louvando o elemento propiciador da rica cultura, a educação, descrita alhures, justificando tantas benesses ao povo.

Bibliotecas como já relatei, anteriormente, são numerosas em Zilbraniz, principalmente, nas escolas públicas, atendendo, ao mesmo tempo, alunado e comunidade. Pelo menos, as unidades de ensino, que visitei, mostravam com meridiana clareza, no alto das portas, a plaqueta indicativa de sua existência..., quando deixarem de ser ocupadas por alunos de classes regulares.

As bibliotecas públicas espalham-se pelos quarteirões dos bairros, apresentando, contudo, o inconveniente de não se saber, exatamente, onde se localizam, mas que existem, existem e... com livros. As maiores guardam a memória

de Zilbraniz tão bem, que, dificilmente, se encontram documentos sobre grandes e pequenos feitos do passado da Nação, principalmente, os que escaparam de terem sido transformados em ásperos ou macios apetrechos de higienizar manchas, decorrentes da prestação de contas de simples ou lautos ágapes.

De fato, muitos documentos desapareceram por falta de espaço para guardá-los e historiadores para pesquisá-los, tarefa de estrangeiros, denominados **zilbranizilianista**s, aos quais são dadas todas as facilidades, por demonstrarem isenção histórica na análise e interpretação dos fatos zilbranizenses contemporâneos, por seu distanciamento.

Ao final, a pequena produção histórica local elimina o estigma de "os vivos serem conduzidos pelos mortos", assertiva muito em voga nos meios acadêmicos e jornalísticos de Zilbraniz.

A literatura

A literatura zilbranizense mostra-se pujante. Anima-se, sobremaneira, em épocas das chamadas efemérides literárias, que se realizam bianualmente. Nessas ocasiões, a população é incentivada a desenvolver seu lazer por entre *"stands"* de editoras, dispostas a sair do vermelho, expondo o que de mais atual existe no mercado, quanto à produção nacional e internacional.

Entusiasmados com o inesperado lucro sazonal, anunciam os editores de boca cheia que nunca se leu tanto no país, afirmação um tanto quanto desacreditada ao desarmarem-se as barracas literárias.

Os leitores zilbranizenses são extremamente criteriosos e seletivos na escolha dos autores, estimando, preferencialmente, os vanguardeiros, dos quais se sobressaem os que tratam de temas metafísicos e de autoajuda; os primeiros atendem as profundas inquietações místicas da população, disposta em saber o que sucederá no futuro, preocupada com as velhacarias de seus anjos-da-guarda, com as **maracutaias do tinhoso** e com a possibilidade de viverem outras vidas menos sacrificadas do que a deste "vale de lágrimas". Por essa razão, esses autores mantêm esperançosos milhões de leitores.

Os segundos são bastante apreciados pelo seu espírito de desprendimento, ao ensinar aos consulentes os segredos “de subir na vida sem fazer força”, tarefa, afinal, reservada aos autores, depois de milhares de reedições de suas obras-primas. Não se diga que tais obras não funcionem, posto que os leitores, pelo menos durante a leitura, conseguem resolver todos os seus problemas, mostrando-se, posteriormente, incompetentes para pôr em prática tão preciosos ensinamentos.

O limbo literário está reservado aos escritores talentosos, preocupados com questões terra a terra, merecedores, por isso, de vastas edições de uns três ou quatro mil exemplares, vendidos no curto espaço de algumas décadas.

Os grandes vultos da literatura reúnem-se na **Academia dos Lembrados e Esquecidos das Letras Zilbranizenses**. Alguns consagrados escritores chegam a ela depois de terem jurado de **pés juntos**, durante toda a vida, jamais participar de tão antiquada instituição. Tudo isso, antes de receberem o convite para disputar cadeiras deixadas pelos transitados ao olvido ou a imortalidade, ocasião em que descobre os equívocos de suas antigas opiniões e curiosos para experimentarem o chá e as bolachinhas em tardes de se jogar conversa fora e receber **algum,** para a sobrevivência. Votos que se obterão por meio de constrangidas visitas aos seus compadres literários, **useiros e vezeiros** em mudá-los na boca da urna para desconsolo dos que se viam metidos em dourados macacões, reafirmando suas antigas desconfianças. No que não deixam de ter alguma razão em vista de o eleito dedicar-se muito mais a discursos parlamentares ou uma ou outra incursão em colunas de jornais, do que a criação literária, propriamente dita. Estes sim, os verdadeiros “vultos” da Academia - na acepção do termo.

As artes plásticas e a música de pequenos e grandes mestres

Museus se encontram por toda a parte, desde os sacros, particulares, com peças adquiridas de alguns acervos de comunidades religiosas, em dificuldades financeiras, ou deles retirados sub-repticiamente, passando pelos de artes plásticas, com obras emprestadas por colecionadores vaidosos e interessados em valorizar “obras-primas e irmãs”, chegando aos históricos, ricos mais em imensos painéis patrióticos do que em peças e relíquias de antanho, encontradiças, com facilidade,

nos países estrangeiros. São visitados pela maioria da população nos interregnos deixados:

- pelos jogos de azar e ludopédio;

- pelos dramas novelais;

- pelos concertos de ruídos metálicos, dedicados à juventude irrequieta;

- pelas apresentações de trovadores urbano-rurais, estridentes e merencórios, para quem não teme acessos intestinais (pela vendagem de discos desses artistas, observa-se que grande parte da população adora cólicas);

- pelos cantores populares, **catartizando** dores de cotovelos e tragédias sociais de variada estirpe, cujos intérpretes são recompensados com volumosos cachês, pagos, muitas vezes, pelos poderes públicos, para acalmar multidões atingidas pelo desemprego e, por isso, capazes de reconhecer a importância do "*Panis et Circenses*", oferecido pelo mecenato oficial com o dinheiro do contribuinte.

Como se vê, tempo para apreciar "Les Beaux Arts" é o que não falta em Zilbraniz.

A propósito das habilidades de "Euterpe", não poderia deixar de mencionar a grande admiração à música e aos músicos eruditos, por parte dos poderes públicos. Por via de consequência, são numerosas as orquestras sinfônicas, cuja qualidade rivaliza com as do Primeiro Mundo.

Constituem-se de instrumentistas compulsivos, visto não pararem de se exercitar ao longo dos dias e das noites. Muitos os acusam alimentarem verdadeira loucura por dinheiro, pois, nem bem deixam as salas de concerto, correm às gravadoras, aos bailes, aos batizados, aos casamentos, tentando levantar **algum** para as crescentes despesas do mês, em Zilbraniz, sempre mais comprido do que os salários.

As autoridades tratam-nos **semelhantemente** aos mestres-escolas, remunerando-os, simbolicamente, impedindo-os de se conspurcarem, o que afetaria o brilho da execução.

Consideram os poderes públicos, dever tais artistas espelhar-se nos compositores barrocos, clássicos e românticos, com seus sofrimentos e dificuldades financeiras, sublimados em imorredouras melodias. Dinheiro declaram as autoridades, é para esses tocadores de viola, sem compromisso com a imortalidade,

acostumados à vida boêmia e dissipada, por isso dispendiosa, razão pela qual devem receber altas somas por algumas horas de apresentação, cujo montante daria para pagar os salários de uma orquestra sinfônica, por meses.

Muito apreciados são os compositores de música erudita nativa. Grande parte da população conhece a obra de um ou dois autores do século XVIII, outro tanto do século XIX e nenhum dos séculos XX e XXI. Estes, pelo estilo adotado, fazem questão de se manter no anonimato no que são apoiados pelas gravadoras e pelos editores de música. Pelo esforço de musicólogos estrangeiros, alguns brilhantes compositores barrocos foram descobertos para continuar, pelo esforço de eruditos zilbranizenses, incógnitos.

As artes cênicas

As artes cênicas - cinema e teatro - recebem os maiores estímulos, não temendo poderes públicos e iniciativa privada planejarem investir milhões na produção dessas atividades, cujo retorno seria seguro se... se concretizasse.

Sobre a indústria cinematográfica, observei não ser ela ainda maior, em virtude de os cineastas insistirem numa temática excessivamente casta de um lado - contrariando cine maníacos lúbricos e sorumbáticos - e pouco hermética de outro, neste caso, zombando da inteligência dos cinéfilos, acostumados às metáforas de um Godard ou de um Bergman. Também não propicia maior quantidade de películas o linguajar culto e afetado dos roteiros e protagonistas, enfatizando "palavras extensíssimas", reproduzindo, com fidelidade, os aperfeiçoamentos linguísticos dos campos de ludopédio, aliás, as únicas inteligíveis durante a projeção.

Ignorantes do **Écran** comentam pecar os filmes zilbranizenses pelo assimétrico das imagens. Mal sabem eles ser essa técnica avançada, uma das maiores contribuições de Zilbraniz ao cinema hodierno, trazendo o único inconveniente de se ter de assistir às projeções, às vezes, plantando bananeiras - o que não deixa de ser ótimo exercício para irrigar o cérebro de sangue.

Louvável são os esforços de atores e atrizes, diretores e teatrólogos, em prol do desenvolvimento do teatro em Zilbraniz. No geral, atores e atrizes de teatro são pessoas enriquecidas pela profissão, quando conseguem bons contratos...nos veículos televisivos, onde há a oportunidade de, em artísticos comerciais, demonstrarem todo

o seu talento histriônico, se belos e jovens, pois, em Zilbraniz, não se quer nem ouvir falar dessas tranqueiras de atores e atrizes maduros e experientes (a não ser um ou outro, com reputação firmada) só fazendo irritar libidinosos patrocinadores. De sorte que os velhos concorrem, quase sempre, com artistas de geração espontânea, para os quais cursos de dramaturgia servem mesmo para impedi-los de se bronzearem em praias e serem notados por caçadores de talentos, preocupados em garantir seu prazer na cama.

Montar peças, em Zilbraniz, não apresenta dificuldades relevantes, visto que o mecenato se trucida para financiá-las. Mas ocorre que o tempo, para prepará-las, é longo, atores e atrizes têm o direito, como qualquer cidadão, de se alimentar, vestir e prover o sustento de suas respectivas famílias, fazendo com que o mecenas perca a paciência e desista da empreitada. A saída são os artistas reunirem-se em cooperativas, onde todos entram com um pouco e saem sem nada, depois de longa temporada de enorme sucesso.

Sobre as montagens (tragédias e comédias), pode-se dizer que a maior parte delas obedece a uma temática convencional com começo, meio e fim, para desgosto de alguns críticos, pretendendo-as em ordem inversa, mista ou sem enredo. Tanto mais fazem sucesso, quanto numerosas sejam as fisionomias oriundas da **Grande Arte Televisiva**; devido terem os espectadores muita dificuldade em acompanhar desempenhos de atores e atrizes desconhecidos, cujos trejeitos fujam do padrão naturalista, ao qual se acostumaram, por ser o único inteligível a um público ansioso por emoções fortes e identificação com os personagens.

Esses sazonais amantes do teatro, dir-se-ia, não estão interessados na peça em si, mas tornar realidade o velho sonho de, um dia, tocar seus ídolos, confirmando-lhes a existência por meio de autógrafos e lembranças decorrentes dos frangalhos da indumentária, arrancada à vítima num êxtase orgástico. Sob este aspecto, o teatro perde, de longe, para a **Grande Arte Televisiva**, tanto que numerosos zilbranizenses são capazes de manter extensas conversações com personagens **novelais,** inquirindo-as nas ruas, sobre fatos e circunstâncias do enredo, esquecendo-se de que estão abalroando ficções.

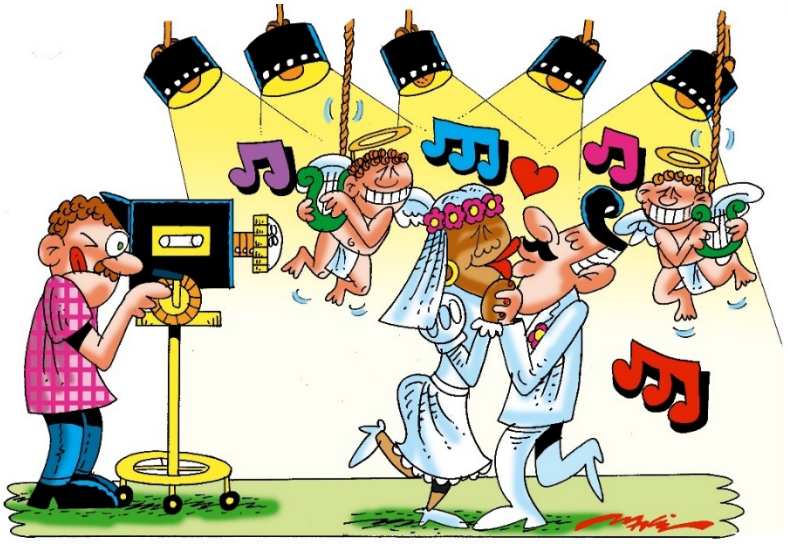
Essa atitude faz verdadeira a assertiva de um empresário circense norte-americano, do século passado, o **espirituoso Barnum,** segundo o qual, sucesso, nos negócios ligados ao entretenimento das massas, basearia no fato de "nascer um otário

a cada minuto", o que, com o aumento da população em cem anos, deve ter subido para percentagem bem maior.

Sobre a **Grande Arte**, um bardo zilbranizense escreveu singular poema, que transcrevo a seguir:

Você assiste à TV de Zilbraniz?
Mas é claro, ó infeliz!
Mas você já reparou
o que acontece nela?
É aquela miscelânea.

O amor floresce adoidado,
entre o rico e a empregada,
e, sempre chega o momento,
impacientemente esperado,
da festa de casamento.
Casa de pobre, menina,
tem tudo o que se imagina,
às vezes, até tem piscina
e, de acréscimo, esse pobre,
na maior parte das vezes,
tem descendência nobre.



E as velhas de novela
só fazem rejuvenescer.
Levantam umas corocas
e, de repente, a Marocas
se pinta e se maquia,
coloca roupa indecente
e fica uma adolescente.

Ascensão de negro, então,
é a coisa mais normal,
deita-se como ladrão
e amanhece patrão.

E até quem já morreu,
nuns capítulos atrás,
consegue ressuscitar,
pela consciência do médico
carinhoso, ortopédico,
que arruma novo esqueleto,
para esse Lázaro andar

Notáveis experiências se fazem no teatro zilbranizense. Numerosas são as montagens vanguardeiras, nas quais o autor, ou adaptador consegue ocupar horas do paciente espectador com grunhidos, vagidos, mugidos, onomatopeias, trava-línguas, entre outros sons rascantes, conseguindo um não enredo, coerente com tudo o que o autor imaginou, não, necessariamente, condizente com o que se vê no palco.

São espetáculos esfuziantes e pirotécnicos, nos quais predominam: as partes **pudentas** de atores e atrizes (sendo que um, dos atores, pelo aspecto grotesco e insólito, ainda causa algum frêmito); canibalismos familiares, nos quais filhos devoram pais e mães, sem cerimônia, depois de seviciar lhes à saciedade, por horas, à guisa de expressarem conflitos de gerações.

São inovações de suma importância para a evolução da dramaturgia zilbranizense, com o único defeito de se encerrarem nelas mesmas, não fazendo seguidores.

Ao término desses espetáculos, quase sempre aplaudidos de pé, entre bocejos e alguma sonolência, os espectadores constatam ter incorporado alguma coisa relevante à sua cultura, sem saberem, exatamente, o quê, pois se retiram com muitas dúvidas sobre a integridade do autor e ansiosos pelos jornais do dia seguinte. Neles, os críticos elucidarão enigmas pendentes, conseguindo, com facilidade, decodificar a mensagem do não enredo, dando cada um deles a sua versão.

Todas, exatamente, opostas à concepção do autor, este execrando-os - aos críticos é claro -, em missivas plenas de agressividade e contundência, enviadas aos jornais. Coisas da arte de Sófocles e Eurípedes, em Zilbraniz.

Capítulo V

Uma breve história das Ordenações de Zilbraniz e seus ordenados –não confundir com os humildes valores dos holerites de nossos mestres das escolas públicas

AS ORDENAÇÕES24

Em Zilbraniz, como em nosso país, a Nação tem sido regida ao longo de quase dois séculos por diversas Constituições, ali denominada Ordenações. Sim, porque os **paralamentares e paralamentos** zilbranizenses – **(não estranhem essas denominações dos Órgãos Legislativos porque, às vezes, as ações desses políticos em suas Casas são para fazer a população de Zilbraniz chorar de alegria)**, posto que em matéria de Ordenações, adorarão, imensamente, variar o cardápio.

Antes de entrarmos na primeira delas, nas Ordenações24, seria interessante prestarmos homenagens ao Imperador Cedro Sacana dos Balanças I, proclamador da independência de Zilbraniz, um tanto quanto apertado... segundo os versos satíricos do bardo Ingrácio Dára Agon:



"Um herói nacional"

"Independência ou morte"
bradou o Cedro Sacana
As margens do rio Briga
com forte dor de barriga

Pobre Cedro dos Balanças
depois do solene ato
desembarcou do jumento
à procura de algum mato.

Iniciaram-se elas, como já disse, com as Ordenações24, denominada as do **AIPIM,** na qual se ordenava que só poderiam votar e serem votados para as diversas instituições político/administrativas governamentais quem dispusesse de certa quantidade daquele produto, convertido em moeda corrente: 100 mil **zilbranões** nas paroquiais, 200 mil nas provinciais e 500 mil nas maiorais, na qual **democratísticamente c**oncedia-se algum poder moderador... definitivo ao seu patrocinador, o priáprico Cedro Sacana dos Balaganças, (Sim, pois Zilbraniz fora Reino e Império), responsável pela libertação de Zilbraniz do jugo daquele extenso e populoso reino, se considerarmos terras milagrosamente agregadas, e pela enorme contribuição do famigerado imperador, ao povoamento da capital e arredores, de sorte que, examinando-se numerosas árvores genealógicas de seus habitantes haverá de aparecer sempre o dedo daquele monarca, para não dizer um certo membro dos **países baixos** do dito-cujo, cuja denominação o pudor me impede de mencionar.

É que o Cedro Sacana, quando não estava compondo, estava libidinando com marquesas, abadessas, com.... com... com... E haja potência.

Muito chegado ao autocratismo que fez incluir "Moderadamente" na primeira Ordenações, e por causa, não foi à toa, levar, por mau comportamento político, em poucos anos, um pé no traseiro que o levou de volta a mãe pátria e de lá, ter ido ao Paraíso (?) muito cedo, ou seja, antes do combinado, como diria célebre apresentador de TV cultural, deixando cá, de tenra idade, o Cedro das Balaganças II, ainda não das Bananas.

Essas Ordenações24 apresentavam artigos extremamente avançados para época entre os quais o que determinava educação pública para todos...quando fosse possível levá-la adiante, que afinal não demoraria muito tempo para se concretizar... apenas uns dois séculos.

Entre outras bondades vinculadas à 24, ressalte-se, o esquecimento em limpar a mancha negra que eram e os Pés e as Mãos, dos preguiçosos rurícolas.

Desde a independência de Zilbraniz formaram-se dois partidos: o dos Preservativos (não confundir com aquele produto impeditivo do crescimento desordenado da prole) e os Libertários.

Os Preservativos seriam aqueles responsáveis pela conservação dos valores morais, costumes políticos, culturais e quejandos, já os Libertários defendiam temas

mais avançados como, por exemplo, a Res Pública, o fim da **Mancha Negra**, pelo menos enquanto não eram convidados pelo Cedro Banana, - apelido dado ao filho do Cedro Sacana, por seus detratores e lítero-filosofo caboclo, pelos áulicos apreciadores de suas qualidades literárias e linguísticas posto que este monarca, depois de crescido até falasse, até mesmo, o javanês.

De acordo com as Ordenações24, as eleições eram um tanto quanto bizarras no Império zilbranizense: escolhido o novo partido para governar em nome de nosso **lítero-filosofo** caboclo imperial (não confundir com certo atual ministro da Altíssima Corte, nela introduzido de forma um tanto **nepótica,** costumeiramente, apiedado da bandidagem), realizava-se o pleito com vitória certa dos Libertários ou dos Preservativos, uma vez que os chefes de polícia de paróquias e províncias faziam o serviço de convencimento aos eleitores, se preciso, por meio de severas bordoadas nos recalcitrantes, costume que se manteria na República Matusalém até meados do século XX.

Ah, esqueci-me de mencionar um dos aspectos mais avançados das Ordenações24 no que diz respeito aos eleitores, qual seja, o fato de que naquela época o direito ao voto ser extensivo aos analfabetos... desde que atendesse as determinações vinculadas aos valores correspondentes ao **aipim.**

Depois do bota-fora do novel imperador por absoluta incompatibilidade de gênio com seus súditos, doidos por vê-lo pelas costas em razão de viver em constante arranca rabo com políticos locais para ver quem mandava mais, sucedeu-o o boníssimo e sapientíssimo Imperador Cedro Banana II também das Balaganças que, decerto, não puxou o pai posto deixasse descendência conhecida, ainda que de vez em quando tenha pulado algumas cercas, que lhe atrapalhavam o alcance à condessas e quejandos.

Devo esclarecer, conforme me informaram alguns historiadores de Zilbraniz, que o boníssimo Imperador conviveu, muito contra a vontade, com a **Mancha Negra,** que envergonhava a todos os habitantes de Zilbraniz... desprovidos de propriedades agrícolas, por suposto.

Mas como diziam aqueles estudiosos, era a Mancha Negra ou o trono, fato confirmado quando turistiando pelo velho mundo, sua dileta filha apiedada **"Dos Pés e as Mãos do Senhor"** sofredores, numa histórica canetada, diga-se de ouro,

libertou-os do cativeiro de trezentos e tantos anos de bordoadas e pancadas, pouco interrompidas daí pra frente, por força dos "Mantenedores da Ordem Pública" do ontem e do hoje, diga-se...

Todavia, a opinião pública... dos proprietários falidos, muito reprendeu severamente a princesa. E o castigo veio a cavalo, literalmente, pela rasteira perpetrada pelos **Rosa-Choque** da época, contra o querido monarca diante de abestalhada plateia, inaugurando essa prática que, intermitentemente, aplicaria ao longo das próximas décadas do século XX e quase no XXI. E o fazia com compreensivos propósitos, para corrigir maus costumes políticos, ou para salvar o país daqueles atrevidos inimigos do **Capital**, influenciados pelo autor de obra do mesmo nome.

Grave pecado da Redentora foi ter olvidado de que os libertos teriam que se virar pelos morros, planícies da capital federal e adjacências, ainda que despovoados, á época em que não existiam aqueles programas habitacionais semelhantes aos "BNHs e Minha Casa Minhas Dívidas" da vida, entre outros conhecidos projetos sociais, que hoje fornecem moradias a todos os pobres... que possam adquiri-las, em suaves prestações, nem sempre honradas, do que decorre retornar a pobre gente, à vezes, aos status-quo. Por tudo isso, fora a princesa criticada severamente pelos descendentes dos libertados, que até hoje, lhe devotam certo desprezo.

Este último, muito amado monarca, sempre preocupado com a alfabetização de seu povo, ao examinar o aproveitamento dos alunos de renomado colégio que, coincidentemente, tinha o seu nome, dos muitos... poucos existentes em Zilbraniz, naquela época, fora responsável pela profícua educação, razão pela qual saber ler e escrever por aquela época atingia alto percentual de uns 5% da feliz população da Zilbraniz imperial, livrando-a de quebrar o bestunto, em tediosas escolas, a serem construídas num futuro...incerto e não sabido, como rezavam as Ordenações24. Por essa razão vivia o bom velhinho a declarar, que se não fosse rei, abraçaria a carreira de Mestre-Escola. Isso porque não se dava conta, desde sempre, do passado, presente e futuro dessa profissão.

Pelo que me narraram historiadores de Zilbraniz, esse insigne monarca pouco se aproveitou das "Moderações" concedidas pelas Ordenações24, a não ser, quando o partido que escolhera para governar, diga-se, somente aqueles dois, que era para não inflacionar o Imperial Paralamento, dava ouvido às fofocas do adversário.

Dessa forma quando um deles lhe aporrinhava a paciência, era substituído pelo rival, mudança que não alterava o andamento político do reino. Não posso deixar de mencionar o fato de que ambos os partidos, uma vez montado no poder, ideologicamente, não diferiam um do outro, em gênero, número e grau.

Mediante sua bonomia, o nosso lítero-filosofo caboclo conseguiria a proeza de se manter e ao regime, quase incólume (a não ser por raras rebeldias de norte a sul, contidas pelo Duque, um Caxias pau pra toda obra), durante quase cinco décadas, quando **os Rosa-Choque** lhes passaram, por aquela vez, e só pela aquela vez, pleno de bons propósitos, aquela rasteira, acima mencionada, inaugurando o novo regime da **Res Pública Positiva**, fundada nas Ordenações91.

AS ORDENAÇÕES91

Agradecidos pela não resistência ao convite de mudar-se junto aos seus familiares e confrades do Velho Mundo, os **Rosa-Choque** condoídos da futura péssima condição financeira do monarca, que saia com mão na frente e outra atrás, ofereceram-lhe alguma grana que o nosso sábio ex-imperador, cheio de dignidade recusaria, terminantemente, preferindo sobreviver por meio de algum calote aos amigos coroados do Velho Mundo.

Fato comovente na rasteira ao Cedro Banana foi o fato de o seu algoz, ter sido o Marechal Te Adoro, amigo de cama mesa do imperador, que uma vez tapeado por alguns radicais de que seria posto em galera pelo amigo imperial, com dor no coração, que já não andava lá essas coisas, armou a parada, fazendo-o filosofar em outra freguesia.

Como ainda não houvera sido construída novas Ordenações, o Marechal Te Adoro, um tanto birrento, imaginou que o que ainda valia era a 24. Por essa razão quando esse **Rosa-Choque** não concordou com algumas medidas tomadas pelos paralamentares republicanos, deu-lhes um pé no trazeiro, fechando o **Paralamento,** para escândalo geral da Nação desacostumada de um gesto que, posteriormente, tornou-se corriqueiro, como se verá ao longo da história de Zilbraniz.

Mas, conversa vai, conversa vem, já cansado de briga, o Marechal Te Adoro renunciou em favor de seu Vice (aqui começa a história dos previsíveis vices), o

Marechal de Aço que meteria ferro em todos aqueles monarquistas que se opusessem a consolidação da Res Pública, como por exemplo, o tal Custódio, e o tal **Waidarcroque**, comandantes da marinha, saudosos do sempre pacífico Cedro Banana.

Depois de ter enviado a perenidade grande parte de seus opositores, por meio de doces balas, o Marechal de Aço, ainda teve de se haver com sérias tundas aplicadas as forças republicanas pelo povo dos Canudos liderado por um pobre santo milagreiro que só sonhava viver em paz com sua gente dos confins nordestinheiros, a que os **Rosa-Choque** da época confundiram com amantes do imperador desterrado, que, dizia-se, colocava em perigo a novel Res Pública.

Eis então que, finalmente, um terceiro corpo militar armado até os dentes acabou por enviar à perenidade a esgotada jagunçada resistente.

Terminada a batalha, o Marechal de Aço, um pouco enferrujado com tanta confusão entregaria o poder a um civil bastante Prudente que, diga-se, fora muito mal recebido pelos **Rosa-Choque,** que se imaginavam perpetuar-se na defesa da sua amada **Res Pública Positiva**. E, tanto, que um Bispo – que não era autoridade religiosa, por suposto – tentaria, sem sucesso, na posse do Prudente eleito, enviá-lo aos braços do Redentor.

Daí, por algum tempo, **as Províncias Quase Unidas de Zilbraniz**, viveram um período de relativa paz, sob a égide do **Bico de Pena**, instituto garantidor da alternância dos representantes da **Rubiácea com Leite** - se bem estivesse essa Província, dita com Leite, mais voltada à pecuária e metais nobres e plebeus.

Ao consagrar as Ordenações91, em um de seus artigos, o "Bico de Pena", com o correr dos anos esse instituto passou a incomodar a **tenentada Rosa-Choque**. Esta, como sempre, preocupada com os costumes políticos um tanto quanto polêmicos, por excesso de lisura nas eleições, sempre vencidas por candidatos **Rubiáceos com Leite**, alternando-se, um de cada vez, com os votos de renitentes eleitores movidos a **cacete e por almas de outro mundo**, apresentando-se muito à vontade nas mesas de votação, guardadas por vigilantes guardiões da vontade popular...dos **Rubiáceos com Leite**. E, se, assim mesmo, o candidato favorito saísse derrotado, determinavam as Ordenações91 que se revisse o resultado, pois, com certeza, ele fora fraudado, de

sorte que, ato contínuo, em pouco tempo, o trem voltava aos trilhos para o desconsolo dos opositores daquela Res Pública, como já declarei, anteriormente.

Devo confessar que as Ordenações91 já nasceram matusalém em muitos aspectos entre os quais:

- a saudade do poderoso poder imperial, que o Cedro Banana exercera com certa moderação e que os novos chefes do Executivo não o desdenharam de todo, como o fizera, primeiro o Te Adoro e depois o Marechal de Aço, seguido de ações no mesmo sentido dos demais presidentes, como se verá ao longo desta narrativa da República Matusalém;

- a confirmação do vetusto patriarcado que concedia as moças e velhas senhoras o direito político do forno, fogão, panela e tanque e aos jovens e velhos senhores o voto e libidinagens extra familiares;

- a exclusão dos 99% do povão fora das eleições o que tornava a democracia da nova república um tanto restrita aos antigos eleitores do império, resolvidos, agora, a se alfabetizarem, em escolas públicas a serem criadas em tempo incerto e não sabido;

- O transpasse das velhas oligarquias imperiais às republicanais: nos confins nordestinheiros, com a manutenção dos doces coronéis canavieiros, fazendo e acontecendo sobres as gentes de algumas letras, que eventualmente votavam em seus territórios; das mesmas (oligarquias, por certo) nos domínios da Província da Rubiácea cafeteira, sustentáculo da economia da região, e dos seus governos pouco palatáveis aos briguentos **Anarco-Laborantes e aos Rosa-Choque**, um tanto perturbadores da ordem pública e particular, nos 17, os primeiros, nos 18, 24, 30 e quejandos, os segundos.

Mas antes de prosseguirmos a narrativa sobre a Res Pública Matusalém, será de grande relevância outras informações sobre as Ordenações91. Ressalte-se que elas, espelharam-se na Constituição dos Steites Big Sticks, razão pela qual se chamou **Províncias Quaseunidas de Zilbraniz**

Tal qual o ocorrido com a redação das Ordenações 24, os temas sugeridos por alguns rábulas, seriam redigidos, ao que se sabe, por apenas dois deles, entre os quais, um **futuro Àguia,** um tanto antipático aos **Rosa-Choque**, em muitas ocasiões.

Diferentemente da Constituição dos Steites Big Stick, redigidas por preguiçosos juristas, que se contentaram com meia dúzia de artigos, a escrita pelo futuro **Águia e Parceiro**, que não dormiam no ponto, estenderam-nas às minúcias para dar algum trabalho aos membros da recém-criada **Altíssima Corte**, naquele momento, um tanto despreocupada com a formação profissional de seus membros.

Mas voltemos a vaca fria no que diz respeito aos acidentes que sucederam ao Prudente período de calmaria, pós Marechal do Aço, nos 1905 quebrada pela tentativa de o governo salvar vidas contagiadas por moléstia grave, a tal varíola, por meio da vacinação em massa da gente que temia muito mais morrer imunizado, que da moléstia, a qual já estava acostumada. E foi aquele bafafá na Capital Federal.

Para convencer a população de que a vacina funcionava foi preciso os Mantenedores da Ordem, enviar a perenidade um bom número de habitantes revoltados que, enfim, se convenceram que seria melhor morrer de vacina que de bordoada.

Acidentalmente, na primeira década desse século, um **Rosa-Choque** intrometeu-se nas alternâncias da **Rubiácea com Leite**, elegendo-se em concorrido pleito, contra vetusto jurista, de há muito, sofrendo urticárias no contato com as cores **Rosa-Choque**. Contudo, fora, mais uma vez um **Águia civilista** de voo curto, para desgosto dos muito...poucos antipáticos aos **Rosa-Choque.**

Ah, me ocorre que durante o governo do Marechal, sobrinho do Te Adoro, como de praxe entre milicos da época, preocupou-se sobremaneira com os pecados cometidos pelos governantes das Províncias, razão pela qual instituiu uma Política de Salvação, afastando alguns deles, todavia sem grande sucesso uma vez que terminado seu mandato eles voltaram às práticas pecaminosas.

Sobre esse matusalém Marechal **Rosa-Choque**, casado com jovem alpinista, a tal Anina de Confé, dotada de inclinação às belas arte, sabe-se ter a bela o costume de surpreender o consorte – literalmente-, do ponto de vista visual, caricaturando-o em pelo, no qual pelo surgia nos países baixos o pequeno **** do envergonhado maridão, obra prima pictórica, facilmente observável em recente obra literária de famoso biografador de polêmicos personagens de nossa terra, entre os quais um craque do ludopédio, nascido em Pau Grande e de membro idem, que o caro leitor poderá encontrar nas boas casas do ramo (a obra é claro) se já não estiver esgotada

ou fora de catálogo – a tal caricatura, não a do jogador de Pau Grande (evidente que estou me referindo a Vila onde nasceu o craque e não...) mas ao do Pau Pequeno. Epa, Inocêncio, pornografia não...

Mas, voltando ao que interessa, no que diz respeito às justas eleições em Zilbraniz, como era de se esperar, a reação a tanta lisura eleitoral, à época, não deixou de ter resposta da **Positiva da Tenentada Nacionalista**, vivendo a atirar para todos os lados, para o desconforto dos mandatários da velha república, um dos quais useiro e vezeiro em governar em estado de sitio, garantido, temporariamente, por "fiéis **Rosa-Choque**, ... não se lhe apresentando melhor oportunidade de atingir objetivos em se chegar e se instalar Lá.

Nesse sentido lembro aqui os exercícios bélicos dos **18 Rosa-Choque e um civil** beligerantes do Forte, que talvez fosse, pouco mais, ou muito menos, num certo ano dos 22.

De posse de suas potentes carabinas de um só tiro, resolveram enfrentar as tropas do antipático Epitácio de plantão, em fim de carreira (e a outro Bernardes, ainda mais antipático, com estreia pouco tempo depois), ao demonstrar valorosa resistência até o penúltimo tenente, que, atingido nos bagos, renunciaria as atividades procriadoras, numa época em que o transplante desse membro era quase inexistente (e talvez o seja até o momento), por falta de doadores.

Ou aquela rebelião, nos 24, comandado por aposentado **Rosa-Choque,** um tanto quanto entediado com a falta do que fazer, liderando novas **Tenentadas** contra outro pouco apreciado Executivo Federal muito chegado ao **Estado de Sítio**, a fim de segurar o **Timão da República** (que não fora, com certeza, daquele falido time de ludopédio da Paulicéia Desvairada, nos XXI, por suposto).

Acontece que os rebeldes resolveram iniciar o movimento na capital da Província da Rubiácea, sofrendo a cidade um tremendo foguetório de modernas aeronaves, obrigando grande parte da população a mudar-se, rapidamente de residência, lotando todos os meios de transporte disponíveis, a fim de evitar precoce despedida daquele vale de lágrimas.

Não é preciso dizer que a coisa não foi adiante, com a fuga desabalada dos contestadores, organizando-se em célebre Coluna liderada por famoso capitão ainda não convertido a Utopia colorada, seguido por outros **Rosa-Choque,** que logo, logo,

virariam a casaca e Prestes se enquadrariam nas novas diretrizes políticas estabelecidas nos 30.

Mas, nesta terceira década do século XX, as coisas iriam mudar...para uns, pra melhor, pra outros nem tanto, de acordo com a ideologia de cada grupamento político consultado a respeito.

Assim, de repente, os acontecimentos que já não eram lá, politicamente, essas coisas, se complicaram de vez.

Deu-se que o VógintonMandão, o último da República Matusalém, egresso das hostes da Província da Rubiácea, entrou em choque com o da vez, da Província do Leite, fazendo com que, não o leite, mas os ânimos azedassem.

É que, o **VógintonMandão** queria, porque queria, como seu sucessor o governador caipira, Pé de Valsa, da Província da Rubiácea, ainda que não fosse a vez dele.

E foi aquele forrobodó quando o Mandão descobriu que seu oponente, vindo da Província dos Confins do Sul – aquela pacífica Província na qual as disputas partidárias/eleitorais sempre acabavam em degola dos adversários, que era para impedir o suplicante sofrer além da conta -, que ao Mandão jurara eterna fidelidade, mas, traíra sua confiança, ousando candidatar-se.

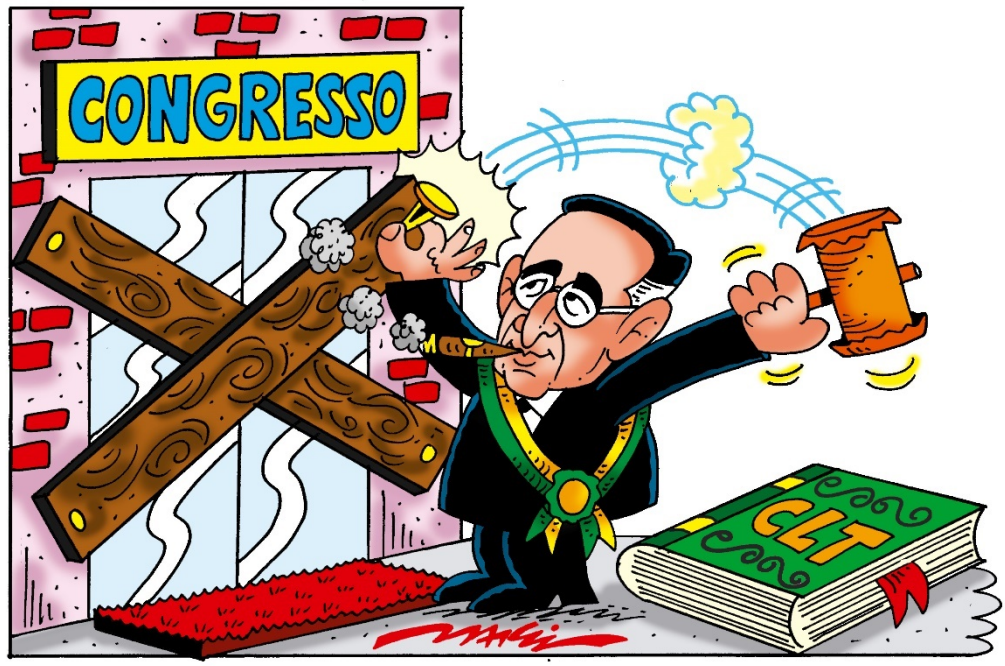
E vieram as eleições e o Bico de Pena fez valer a vontade do Chefe. Como mandavam as Ordenações91. A vitória da situação fora esmagadora.

Todavia, inconformado, o baixinho GG dos Pampas, declarava que as coisas não ficariam por isso mesmo.

Enfarados do VógintonMandão e do caipira Pé de Valsa, tanto o povão da Província da Rubiácea, quanto o da Capital Federal assistiram, de camarote, os adeptos do GG dos Pampas amarrarem, acintosamente, seus burros num certo obelisco da capital, uma vez que a comunidade **Rosa- Choque** deu de ombros, posto não tivesse o VógintonMandão em alta conta.

Tomar o poder foi fácil, difícil mesmo seria retirar o Mandão de seu trono em Palácio. Dizia ele que do trono só se levantaria morto; chamado o cardeal amigo para lhe aplicar os santos olhos (ou seriam óleos?), descobriu-se que o indigitado não passava de um grande bravateiro ao sentir certo frio cano sobre sua espessa sobrancelha.

Mesmo resmungando, o Mandão foi levado ao porto e despachado para gozar longas e merecidas férias, alhures.



Como adorava o canto lírico, o VógintonMandão foi cantar em outra freguesia. E, dele, não mais se ouviu falar, uma vez que Zilbraniz viveria novos e risonhos tempos, sob a batuta do GG dos Pampas, por longa temporada – para desgosto dos equivocados e arrependidos povos das Províncias da Rubiácea com Leite, como se verá longo adiante.

Assentado no trono presidencial, o GG foi ficando, num provisório definitivo.

Incomodado com os resmungos dos mandatários provinciais, todos eles ex filhos **de "Bico de Pena",** também mal vistos pela **Tenentada,** e para agradar aos **Rosa- Choque,** o GG dos Panpas resolveu dar uma renovada naqueles executivos, das Províncias, nomeando, sem cerimônia, alguns intrusos para os cargos que se iriam vagar, muito a contragosto dos titulares.

No geral não houve resistência por aquelas bandas, mas, no particular, teve o GG dos pampas de se haver com políticos da Província da Rubiácea, desejosos de botar freio no GG, fazendo-o obedecer às novas Ordenações que defendiam e, outros, saudosos dos velhos tempos...das Ordenações91, absolutamente em desuso, nesse **Novo Estado** das coisas, para gáudio da comunidade Rosa-Choque, em perfeita sintonia com as singulares liberdades introduzidas em Zilbraniz pelo GG.

Enfarados com as intromissões do GG na Província Rubiácea e verificando que as Ordeações91 não mais estavam funcionando, os cafeteiros pegaram em armas e marcharam contra o GG, defendendo novo ordenamento jurídico.

Tão poderoso se mostrou o movimento cafeteiro que após três meses de "fustigamento bélico" contra as pacificas tropas legais, fora o bastante para pedirem água ao GG.

Todavia, para evitar novos aborrecimentos, que poderiam lhe custar alguma nova despesa extraordinária, o GG prometeu aos amotinados novas Ordenações para "sossegar o pito" dos cafeteiros, por suposto, prometia atender o GG dentro de pouquíssimo tempo... de uns dois anos nova Ordenações.

AS ORDENAÇÕES34

Meio a contragosto, o GG cumpriu a promessa, concedendo as Ordenações34, plena de inovações democráticas: eliminação do bico de pena; as bizarras revisões eleitoreiras, tão apreciadas na república matusalém; criação do voto secreto, mas, sem exagero, respeitando as velhas prerrogativas dos coronéis e agregados de certas regiões de Zilbraniz – não muito diferentes das nossas.

Ah, não se pode esquecer, também, da revolucionária introdução do voto feminino extensivo a quase todas as mulheres desde que tivessem elas jornada dupla, uma no batente fora do lar e outra dentro.

Este fato entusiasmou tanto a participação das mulheres na política que foi capaz de eleger, se não estou enganado, o volumoso número, de duas mulheres no novo "Paralamento"; afinal, como não havia nenhuma delas, na **Fábrica de Leis e Emendas**, a eleição de duas delas constituiria grande avanço.

Todavia, essa coisa de se eleger madames para o Paralamento, não agradou, completamente, o patriarcado de Zilbraniz, acostumado a manter a rainha do lar, entre panelas, fogões e tanques, a fim de não ser atrapalhados em seus libidinosos lazeres noturnos.

Entretanto, como o GG dos Pampas fora tão dadivoso, tornou-se consenso... entre seus seguidores, com base nas Ordenações34 que se estava fazendo, de que deveria ser recompensado pelo generoso gesto, com a oferta de mais um quadriênio no trono presidencial, porque aqueles primeiros quatro anos teriam sido insuficientes

para atender as súplicas dos pobres de Zilbraniz que, afinal, não eram tantos, só três terços da população, naquele tempo de poucas agruras.

Sob a batuta das Ordenações34, os políticos, de olho nas eleições de 38, mormente, os da Província da Rubiácea – saudosa dos velhos tempos, diga-se, iam-se, sob os olhos atentos do GG dos Pampas se organizando, para a tão sonhada batalha eleitoral que, celeremente, se aproximava e cuja véspera, afinal, chegara no dezembro de 37, ano de grandes esperanças em Zilbraniz.

Preparavam-se os candidatos, entre os quais, o favorito seria o representante da mencionada Província, que já considerava favas contadas o pé no trazeiro no GG dos Pampas.

AS ORDENAÇÕES37

Ó quanto otimismo!!! Não perceberam que desde os 35 assombrava Zilbraniz o perigo colorado, velha doutrina criada por célebre filósofo alemão, para concorrer com os fiéis adeptos do **Sermão da Montanha** que, afinal, não enchia barriga dos sofridos laborantes, a não ser naquele episódio dos pães e peixes dos tempos do novo testamento, laborantes, estes, sempre ás voltas com a antipatia dos detentores do capital que os faziam madrugar e dormir tarde da noite, por um salário mais do que suficiente para rações um tanto quanto exíguas para si e prole, a qual desde muito cedo, auxiliavam-nos no orçamento doméstico, se alguns percalços não fazia, parte da prole, despedir-se desta para melhor – literalmente-, em curto espaço de tempo.

Fora a doutrina do severo filósofo germânico, um tanto quanto popular naqueles pretéritos tempos do XIX. Todavia, o tal filósofo, mostrava-se bastante tolerante nos encontros internacionais com os laborantes, desde que camarada algum ousasse contrariar seus infalíveis pontos de vista econômicos sobre o Capital e Capitalistas.

Essas ideias introduzidas com muito sucesso, no meio laboral em meados do XX, em certo país que passaria do regime da monarquia única para a do partido único dirigido pela "Ditadura dos Laborantes" urbanos que, afinal, passaram a ter voz ativa nos destinos da invulgar e novel nação, desde que se abstivessem palpitar nas decisões de seus líderes, sempre com a razão, dentre os quais, um deles, que em pouco tempo passaria a ter mais razão que os demais.

Este grande líder dotado das virtudes da infalibilidade, enciumado daqueles poderes absolutos, que fora do feliz ex-monarca e família, encaminhados por doces balas a eterna perenidade, tornou-se então, o **"Infalível Guia"** de todos os setores da civilização colorada.

Não é preciso dizer que o Infalível Guia, tornou-se mundialmente popular entre aqueles que acreditavam ter o famigerado contribuído para aquela Utopia sonhada por séculos, ou seja, um estado sem nobres e pobres, na qual todos os laborantes se transformariam em atenciosos e dedicados barnabés.

Mais infalível se tornou o Guia, quando sob sua batuta, soldados colorados aplicaram uma tremenda surra às tropas invasoras do **germano carniceiro,** que esquecendo a lição recebida pelo corso francês de priscas eras, acabou entrando, literalmente numa gelada. Do que decorreu a derrocada dos tais avanços aterradores britzkriegs, por obra dos ataques dos exércitos dos **Steites Big-Stick**, saindo de sonolento isolamento, ao prever que o embate lhe traria algum lucro, o que de fato ocorreu, **sem duvidamente.**

Mas ó tempos ó costumes! Depois das muitas benfeitorias do Infalível Guia colorado, sobreveio o tempo de sua despedida deste vale de lágrimas, em cuja véspera, ameaçou antecedê-lo a perenidade seus mais diletos amigos, num célebre jantar onde seria consumido um suposto saudável ensopado, devolvido de imediato pelos convivas, após sinistra revelação do hilariante hostess.

Mas que escândalo quando, batendo com o sapato na Tribuna da ONU, o então improvável sucessor denunciou os malfeitos do Infalível Guia.

Soube-se, então, depois dessas revelações, que muitos adeptos daquém e dalém mar daquela Utopia, extremamente frustrados abandonaram o barco. Contudo, os mais devotos doutrinados alegaram que isso não passava de tramoia dos capitalistas de plantão, para desacreditar as grandes realizações do sublime Estado, do que decorreu manterem-se fiéis às suas convicções religiosas; acreditem, até a segunda década do XXI, em alguns países ideologicamente ortodoxos, dois deles, suportando aquele conhecido voto de pobreza franciscana, tão apreciada pelos seus habitantes, acostumados ao saudável regime alimentar que os mantinham permanentemente abaixo do peso e, por isso, sempre esbeltos, e o outro, o heterodoxo povo Chingling, cometendo a heresia de solicitar auxílio ao Capital, a fim de resolver

a sobrevivência de seus poucos bilhões de habitantes, antes um tanto raquítico, hoje, atingindo perigosa obesidade burguesa.

- Ah, Inocêncio, a propósito do que toda essa digressão???

- Sim, Sim, a propósito, dos novos caminhos a serem seguidos pelo GG dos Pampas no que dizia respeito a seu inconformismo em deixar a cadeira presidencial a que tanto se acostumara, segundo o sacripanta, ameaçada pelos adeptos dos colorados (não confundir com o uniforme de um time da nossa querida Porto Alegre).

Afinal, foram apenas sete anos, tempo insuficiente para tirar Zilbraniz do atoleiro e dar aos laborantes o que eles mereciam.

Foi então, que um tal Mourão **Rosa-Choque (não confundir com pedaço de porrete, ainda que o sacripanta viesse usá-lo, algumas décadas depois, para o mesmo fim),** afirmou, peremptoriamente, em Carta, absolutamente crível, que a democracia de Zilbraniz se encontrava a perigo em face da oculta ameaça colorada, pretendendo transformar Zilbraniz naquela conhecida Utopia descrita linhas atrás.

O diabo era que os colorados que já haviam levado grandes bordoadas em 35, ao serem comunicados que pretendiam revolucionar o país tornaram a sê-lo naquela fack-news de 37.

Sabedor da possível hecatombe ideológica, o GG dos Pampas tomou imediatas providências: extinguiu as Ordenações34 que, segundo o GG dificultariam medidas eficazes contra aquela subversão a vista... de não se sabe de que olhos!!!; Fechou o Paralamento, onde dizia, se infiltravam ocultos colorados; botou pra correr os membros da Altíssima Corte, posto que achava que seus membros iriam atrapalhar suas medidas de salvação nacional, concedendo, os ilustres ministros, habeas-corpus a tripa forra aos linguarudos de plantão.

Tudo isso e mais algumas coisas que neste momento não me ocorrem, sob as vistas de distraídos cidadãos, uns, aturdidos, outros, ao tomarem conhecimento dos inusitados acontecimentos daquela quase véspera de Natal, se puseram na moita.

Como Zilbraniz não poderia ficar sem suas Ordenações, GG convocou célebre jurista das alterosas, o chamado **Chiquinho das Campinas** para compor as novas Ordenações37, inspiradas nas constituições de países do velho mundo, nesse momento governados por ferrabrases fugidos de hospícios vários e, por isso, pouco chegados às velhas liberdades de ir e vir de seus cidadãos; todavia, muito a gosto do

GG dos pampas, que com elas – as Ordenações37 decerto, iria inaugurar um **Novo Estado.**

Dessa forma, grande parte da desatenciosa população de Zilbraniz observou, penso que, dando de ombros, as inocentes alterações em sua vida cotidiana, não fossem, a partir dos 39, passar a consumir aqueles deliciosos pães de serragem que se conseguia, enfrentando pequenas filas de alguns kms, uma vez que o trigo, entre outros produtos de consumo diário sifu, com a tremenda guerra no Velho Mundo provocada pelos lunáticos descritos acima.

Preparando-se para se transformar no **Pai dos Pobres** e **amiguíssimo** dos laborantes, todavia, padrasto dos colorados e dos de verdejantes camisas do doce Salgado, que pretendiam fazer-lhe concorrência ideológica começaria, já nos próximos sete anos, as grandes transformações trabalhais inesquecíveis aos democratas das muitas gerações posteriores, ignorando o fato de que tais benefícios "trabalhais" tivera origem em celebre "Carta" daquele histriônico falastrão romano, cheio de hilários movimentos corporais, ao palestrar em praças e jardins, aos seus milhares de seguidores ali aglomerados. Aquele personagem latino que imaginava restaurar o Império Romano, ao conquistar a poderosa Etiópia.

Mas não é que, apesar de suas bizarras intenções malucas, acabou, ao final da grande guerra, plantando bananeira, pendurado com a corda no pescoço, fato que o levaria ao esperado óbito, que muito tardou, mas que enfim não falhou.

De passagem, quero lembrar que seu germânico companheiro de malfeitos, cujos braços do capeta há muito o aguardava, para não ser reconhecido depois de suicidado, poderia se transformar no Judas em sábado de aleluia, determinou que o churrasqueassem, ordem cumprida à perfeição, visto que nunca se encontrou qualquer resquício do indigitado, o que levaria muitos de seus inimigos a levantar a hipótese de ter ele se homiziado, como tantos outros de sua estirpe, na terra dos **hermanos,** excelente abrigo para inocentes criminosos de guerra, ao final daquela hecatombe.

Condoído da situação dos laborantes urbanos, que quando muito labutavam umas poucas dezenas de horas entre máquinas e motores em troca de salários preferidos pelos patrões, saudosos dos tempos em que a mão-de-obra não entrava em sua contabilidade, resolveu o GG dos Pampas dar um fim nessa farra empresarial.

Daí por diante os laborantes, de acordo com as Ordenações34 e 37, seriam protegidos por suas respectivas **Uniões Trabalhais** (correspondente aos nossos sindicatos), subsidiados por substancial imposto corporativo recolhido, meio a contragosto, do salário dos laborantes e pelo **"Salário Máximo Possível"** capaz de cobrir as despesas básicas da prole, dependendo, sempre, das instabilidades, dir-se-iam pouco comuns em Zilbraniz.

Diante dessa inovação trabalhal, os patrões acostumados a pagar aos laborantes o que lhes dava na telha, reclamaram aos ouvidos moucos do GG dos Pampas, que tal despesa seria muito capaz de quebrá-los no curto espaço de tempo... de uns dez lustros, prazo suficiente para expandir novos negócios.

Em troca de tais benefícios, a chefia das **Uniões Trabalhais** e associados se comprometia a ter bom comportamento diante do padrinho e dos patrões, abrindo mão daquelas paredes que os colorados viviam a apregoar por baixo dos panos, quando percebiam que o tamanho dos salários dos laborantes não suportava o meio do mês.

Não era à toa que o GG dos Pampas não tirava os olhos do líder dos colorados, que poderia colocar em perigo sua grande popularidade obtida pela distribuição de santinhos com sua simpática e sorridente efigie, completada com todas as incontestes realizações, que lhe permitia, de vez em quando, dar longos passeios a pé pelo centro da capital federal, demonstrando aos transeuntes desavisados as vantagens de um regime sem oposição, visto que seus membros, de há muito, se encontravam repousando em ilhas paradisíacas como a das Cobras, por exemplo, ou então enviados a perenidade, à custa de muitas bordoadas, aplicadas pelos fiéis mantenedores da ordem pública.

É preciso ressaltar que neste período do Novo Estado do GG, a guerra corria solta no velho mundo com os exércitos do lunático germano, abocanhando, pouco a pouco, quase todo velho mundo cuja única resistência residia na antiga Pérfida Albion, mas, agora, na valente Realeza cada vem mais chamuscada, entretanto, sem se deixar abater.

Sabe-se que nesse momento, lá pelos 42, grande parte dos chefes **Rosa-Choque** e o GG mostravam profunda admiração pelos lunáticos germanos carniceiros, sem, é claro, declará-las a imprensa amiga, para não se comprometerem.

Se as coisas no Velho Mundo mudassem de direção o que viria a acontecer muito em breve, eles abandonariam aquele sinistro barco, numa boa, como de fato aconteceu nos 44 do segundo tempo.

Todavia, para livrar a cara e acalmar os ânimos dos raros democratas ainda existentes em Zilbraniz, o GG começou a isolar germanos e japas daqui, vivendo a dar bandeira, festejando a fictícia vitória de seus conterrâneos.

Finalmente, ia chegando o meio da década com os ventos mudando de direção, com a iminente derrota dos lunáticos. E como o GG e os Rosa-Choque não eram bobos nem nada, para salvar a pele, logo se bandearam para o lado dos prováveis vitoriosos, procurando tirar uma casquinha, ao cederem, em troca de alguma grana, bases militares aos **Steites Big Stick**, para angariar investimento para a indústria de base de que tanto necessitava Zilbraniz, posto que a coisa andava não muito agradável, economicamente, por aquelas bandas; é que naquele momento GG e os **Rosa-Choque** precisavam mostrar, ainda que constrangidos, obrigatória inclinação pelas liberdades públicas, um tanto comprometidas nos últimos sete anos. E o fizeram, enviando, nos estertores da grande guerra, seus heroicos pracinhas, com os quais faziam de conta que haviam mudado suas convicções ideológicas.

Mas o GG não conseguiu enganar a ninguém uma vez que os agora democratas **Rosa-Choque** o botaram pra correr pelas planícies pampais. De sorte que o Novo Estado, nesse 45 envelhecera, sobremaneira.

E lá se foi o GG, depois de 15 nos de esforços hercúleos para recolocar Zilbraniz nos trilhos, repousar ao lado de seus bois, vacas e bezerros, na expectativa de nova oportunidade, que afinal, não demoraria, em vista de certa população saudosa daquele sorriso esfuziante, que muito atemorizara colorados e quejandos, jamais conformados com as bordoadas recebidas durante uns bons três lustros.

Eis que, ato continuo a despedida do GG, Zilbraniz voltaria, para gáudio dos defensores das liberdades, um novo e breve tempo da sempre maltratada democracia.

AS ORDENAÇÕES46

Dessa forma, tudo voltaria como antes ao **Quartel de Abrantes,** não confunda com o dos **Rosa-Choque**, que desta vez voltariam ao poder pela porta da

frente com a eleição do sibilino General **Orico Grão-de-Bico**, aquele, que em determinados momentos da grande guerra, maravilhou-se com ações do alucinado germano açougueiro, a seu ver cheio de razão, ao abater alguns milhões de seguidores da lei mosaica de dentro e de fora do Velho Mundo, que pelo profundo espirito pacifista, sequer se deram ao trabalho em opor-lhe resistência e "pour cause".

Como os tempos mudaram... para melhor, as Ordenações37, de uma só mão, envelheceram no extenso período de 8 anos, razão pela qual, deveria ser substituída por uma nova, agora elaborada por muitas mãos, posto que afinal, viviam elas desacostumadas das liberdades, por tempo determinado - aliás, em Zilbraniz, os bons momentos políticos sempre tiveram grande dificuldade de se perpetuarem.

Progressistas libertários, agora obedientes as Ordenações46, viriam restaurar as bases da democracia por tempo determinado.

Restabeleceram um novo **Paralamento** desinflacionado de partidos, posto que nesse tempo os políticos não houvessem, ainda, descoberto a fórmula mágica de meter a mão no bolso dos contribuintes, com essa coisa de verbas para financiamento de campanhas eleitorais, providas por empresários desinteressados que, futuramente abolidas, passaram a ser de responsabilidade do distinto eleitor, sempre devedor dos favores prestados pelos seus representantes, como o prezado leitor tomará conhecimento naquela virtuosa vida política das duas primeiras décadas do século XXI.

Outras grandes novidades seriam postas em prática pelas Ordenações46:

1- a contragosto do patriarcado, o voto feminino foi estendido às mulheres, independentemente de turnos de trabalho;

2- grupos de todas as cores partidárias, incluindo os utopistas colorados, agora convertidos ao pluripartidarismo, ganharam direitos políticos, sob os olhares desconfiados dos **Rosa-Choque** e dos conservadores, que jamais imaginaram o substancial número deles, uma vez que a polícia política do GG, sempre teve enorme dificuldade de recenseá-lo (os colorados, é claro), posto que viviam a fugir, muitas vezes, sem grande sucesso como foi o caso de seu líder máximo, guardado a sete chaves por uns bons dois lustros ao tempo do GG.

Livres, por pouco tempo, os colorados até conseguiram várias cadeiras, dir-se-iam temporárias, no Paralamento de Zilbraniz. Mas, quando seus eternos

desafetos, que os leitores adivinhavam quem fossem, revelaram que, possivelmente, em tempo incerto, teriam séria recaída, que afinal, nunca tiveram tempo de tê-la, mais uma vez foram colocados pra correr do Paralamento no qual não esquentaram cadeiras.

É importante mencionar terem as Ordenações46 determinado:

- o restabelecimento das eleições;

- o restabelecimento dos esquecidos órgão judiciais entre eles a "Altíssima Corte", absolutamente irrelevante nos tempos do GG, por sua absoluta desnecessidade;

- a liberdade da imprensa, agora pronta para ser devolvida a seus legítimos proprietários recém-chegados de prolongadas forçadas férias, recuperando empoados móveis e utensílios, por falta de uso ao tempo do GG;

- a volta da vida federativa e que tais, a fim de deixarem, imediatamente, a quarentena de três lustros, imposta pelo GG dos Pampas.

Dessa forma, Zilbraniz, cansado de tanta balbúrdia, passaria pelo menos um tempinho de relativa tranquilidade com os **Rosa-Choque**, aquietados e os colorados manietados.

Assim, com a eleição do sibilante **general Orico Grão-de-bico,** cujos eleitores esqueceram que fora grande admirador dos derrotados lunáticos, quando estes predominavam na grande guerra, voltou Zilbraniz a normalidade democrática, por tempo determinado.

Todavia, o **Orico Grão-de-Bico,** não deixou de dar uma nota agradável para uns e desagradável para a maioria quando influenciado pela muito devotada cara metade, preocupada com o leite das crianças da pobre gente, resolveu interferir no principal lazer da população, qual seja, as apostas de muitos teores, inclusive aquela ligada ao zoológico cujos tratadores desses animais acabaram por aumentar seus lucros, uma vez que em Zilbraniz, tudo o que se proíbe estimula a população a relativa obediência.

Para não dizer que o sibilante Grão-de-bico, proibia todas as manifestações jogatinais, manteve aquela dos bilhetes, que de certa forma fazia parte do orçamento do Estado.

Findo os cinco anos do Grão-de-Bico, voltava Zilbraniz a agitar-se com as novas eleições, chegando à segunda sem grandes polêmicas, até que o GG dos Pampas, depois de tedioso descanso, retomava o fôlego político, agora, convertido às liberdades Ordenativas46, e cheio de novas ideias, a fim de, pela primeira vez, disputar a eleição com indesejados concorrentes.

Não é preciso dizer que foi só o GG anunciar que concorreria, para grande parte dos eleitores declararem que o **Queriam** de todo coração. E o foi, para desgosto de seus desafetos, aquela vitória retumbante.

De volta ao trono presidencial, o GG lembrou-se de que deveria mostrar serviço. E o problema a resolver era a descoberta do ouro negro, cujas "cavocações" para encontrá-lo tivera início durante o governo do Orico Grão-de-Bico, com resultados um pouco auspicioso, uma vez que, alguns baldes eram recolhidos aqui e ali, demonstrando que o produto existia, mas não se sabia exatamente, onde.

Diante dessas importantes descobertas, passou-se a declarar, que estivesse, onde estivesse, segundo slogan, "O Ouro Negro É Nosso, ou seja, de Zilbraniz", razão pela qual o GG, muito esperto, criou **a Petroaniz** nos 53, cujos resultados positivos não demorariam mais que uns...30 anos e a quase autossuficiência, mais outros 20, ocasião em que o mundo começava a achar que os combustíveis fósseis não estariam fazendo muito bem a saúde das populações de Zilbraniz e de além-mar.

Apesar da grande conquista do futuro ouro negro a ser descoberto em tempo incerto e não sabido, o baixinho não teria vida fácil, uma vez, não mais dispor das Ordenaçoes37, com a qual tanto se identificara.

A cada passo dado, na governança de Zilbraniz, havia sempre aquele antigo colorado, **o Lamerda**, agora convertido ao mais conservador democratismo a acusá-lo disto e daquilo, para profunda irritação do anjo-da-guarda do GG, que perdendo a paciência resolveu enviar o linguarudo aos braços do capeta.

Mas, como os contratados pelo serviço foram muito incompetentes no manejo do "berro", ao atirarem no que viram e acertarem no que não viram, fazendo a coisa ferver pros lados do pobre do GG que não teve, alternativa, senão entrar para a história, para desgosto da multidão de médios, remediados e miseráveis, que o acompanharam compungidos a viagem que o levaria a indesejada morada, aquela em que quem nela ingressa, em definitivo, o faz muito a contragosto.

E assim terminou a história do Pai dos Pobres, que pelo que se sabe, deixou saudades naqueles ranhetas viventes que não conheceram suas bondades e tolerância nos tempos das Ordenações37. Inclusive no Bula-Lá que, em homenagem ao GG, denominou-se Avô dos Pobres.

O caro leitor adivinhou quem fora o sucessor do GG?

Pois é, foi o eterno Vice, um Café amargo. Mas, fato inusitado em Zilbraniz, o pobre do novo Vice não teve vida longa no poder, uma vez ter ido a tratamento médico para não retornar, fazendo, em pouco tempo, companhia ao seu ex-parceiro de chapa.

Seria substituído por ambicioso paralamentar senatal que, diante do novo eleito para o cargo, o Presidente Sorriso, não queria largar o osso. Foi preciso que um raro democrata **Rosa-Choque** lhe dar um pé no traseiro, completando, assim, os longos dois dias de mandato. Vai daí, assumiu um terceiro paralamentar, um mais cordato Nereu, terminando esse tormentoso fim de governo.

Ah! Que bons tempos viriam sob o Presidente Sorriso das Alterosas, que substituía aqueles carrancudos de antanho.

É verdade que para chegar lá, o Presidente Sorriso, ainda teve de enfrentar a resistência de um grupinho **Rosa-Choque** – sempre eles -, que avaliaram que o novo mandatário era, por demais, libertário e, de menos, Positivista.

Pela derradeira vez, esses idealistas **Rosa-Choque** não chegariam lá. Contudo, não demorariam mais que dois lustros para realização dos sonhos da **categoria miliquiana.**

Enfim no trono, o Sorriso pôs mãos à obra.

Era preciso correr com o progresso, segundo declarava, pois o pessoal de antanho fora muito negligente com as necessidades emergentes de Zilbraniz

Pregava o Sorriso das Alterosas um desenvolvimento rapidíssimo, dizia-se cinco anos em um, que, no entanto, como se observou posteriormente, fora mesmo, cinco em cinco, no que teve o apoio de uma população meio sem pressa, acostumada com dirigentes devagar quase parando, quando se tratava de fazer andar o país para...trás.

Era, pois, fundamental incrementar, ainda mais, as indústrias de Zilbraniz, mormente, as da ex-Província da Rubiácea, agora a rica Paulicéia Desvairada, a

toque-de-caixa, pela implantação da produção **automobilital e caminhonal** a fim de eliminar aquela coisa demodée de estradas de ferro, que antiquadas Marias Fumaças, agora substituídas pelas Elétricas, não fizeram outra coisa senão poluir o meio ambiente urbano e rural por um longo espaço de tempo no qual uma viagem de uns 100 km durava bem umas 10 horas, pela velocidade daquelas rapidíssimas locomotivas que só às vezes descarrilhavam, mas que, graças ao Altíssimo e o pouco excesso de velocidade, em alguns trechos, não deixavam vítimas fatais embora muitos ficassem um tanto estropiadas..

Muito mais interessante e progressista seriam velhos e novos veículos movidos a perfumado combustível fóssil, colorindo de cinza as grandes e médias metrópoles, e que agora seria utilizado pelas estreantes carrocinhas nacionais introduzidas pelo Presidente Sorriso das Alterosas, principalmente na pujante Paulicéia Desvairada.

Fora a indústria automobilital um grande passo socioeconômico, posto que essa inovação contribuísse para dar ocupação a grande parte das populações nordestinheiras, fugindo de morte anunciada pela eterna seca da região, transportadas de seus locais de origem em confortáveis **Paus-de-Papagaios** à Paulícéia Desvairada – quase confundindo esse veículo, com aqueles aparelhos utilizados nos "Anos do Ferro" para convencer certos contestadores a dizer sempre a verdade, quando delicadamente arguidos, por Ul(s)TRAs simpáticos interrogadores.

Por outro lado, com a introdução das modernas carrocinhas, que não conseguiriam percorrer com eficiência as ecológicas rodovias de então, foi necessário substituí-las pelas modernas e bem conservadas, por algum tempo, estradas asfaltadas, se nas mãos do estado, e por muitos anos, se geridas por particulares, neste caso, a custo um tanto desagradável ao contribuinte condutor do veículo, em visita a parentes dos interiores e litorais.

Mas o grande sonho do Presidente Sorriso das Alterosas e meta fundamental de seu governo seria mudar a capital de Zilbraniz da beira-mar para os **cafundós do Judas.**

Alegava o novel presidente que a produtividade dos políticos da capital à beira-mar caía a baixíssimo nível, uma vez que, ao enfrentar aquele clima férvido, a solução para refrescarem-se era buscar a tranquilidade das praias em hora de

expediente paralamentar, debaixo de grandes guarda sóis, apreciando pernas e coxas das meninas **da Capanema**, circulando sob seus lúbricos olhares bem como dos de poetinhas e pianistinhas, permanentemente, bebericando pelo pedaço, do que resultaria aquela esquálida garota de Capanema.

Além do mais, para tratarem zelosamente o bem público, a nova capital, isolada no sertão, destituída de inconsequentes lazeres, permitiria grande introspecção no que dizia respeito a criação de projetos de leis de interesse da Res Pública, sem a importunação deste ou daquele opositor e da opinião pública, posto que viver-se-ia naquele grande horizonte, desprovido de muita gente, pelo menos no curto prazo, uma vida ascética e por isso politicamente produtiva, mas que, logo, logo, pelas oportunidades oferecidas, se tornaria promissor campo a arrivistas de todos os matizes, posto estarem suas bocas próximas as tetas, que os distintos leitores conhecem a origem.

Para esse desiderato, o Sorriso das Alterosas contratou engenheiros e arquitetos de alto gabarito dispostos a engolir pó, que era o que mais havia naquele descampado escolhido para se fundar a nova capital.

Mas como a nova capital era do gosto do Sorriso, eles também sorriram e foram pra lá, uma vez que estavam esses profissionais loucos para colocarem em prática suas mais avançadas propostas arquiteturais, que só se saberiam validadas belas e funcionais, ao final das obras, depois de rasparem o tacho dos cinco orçamentos anuais da República, despesas essas percebidas apenas nos próximos decênios de Zilbraniz, quando a arrecadação dos impostos, não mais conseguiram, para todo o sempre, cobrir as despesas correntes, a que se somaria, ao longo do tempo, aquela relativa inflação a atormentar aqueles que não conseguiam poupar algum pelas décadas subsequentes.

O governo do Presidente Sorriso das Alterosas, que como se sabe vivia no ar – o presidente, por suposto -, foram os chamados anos de ouro de Zilbraniz, período em que o país cantou o mais não poder, sob a batuta de certa batida revolucionária do violão, cujo ranheta criador dela, não abdicou até a hora de apresentar-se ao Criador que, de tanto ouvir-lhe batucar e sussurrar as mesmas melodias sugeriu-lhe ir cantar em outra freguesia, ao que respondeu o inesquecível cantante, com todo respeito ao Criador: - “só se fizerem absoluto silêncio”-; ao lado do querido poetinha das mil canções e dos mil amores que eram eternos enquanto durava... o tesão, segundo

declarava o simpático sedutor, bebericando aquelas biritas, que jamais lhe afetaram a saúde...depois de algumas temporadas em nosocômios especializados, dos quais se mandava antes da hora, devido a saudade insopitável das noites de boêmia e dos papos de anjo, para desespero de seus desacorçoados esculápios.

Por cantarem demais durante o governo do Sorriso das Alterosas, o castigo foram os zilbranizenses chorar nos governos seguintes, como se verá logo adiante.

Nesses anos de ouro de Zilbraniz é preciso voltar os olhos para acontecimentos políticos na Paulicéia Desvairada, pois ali despontavam políticos responsáveis por aquelas lágrimas mencionadas acima.

Um, mais antigo, o **Adebarão,** que fora mui amigo e fiel colaborador do GG dos tempos das Ordenaçoes37, quando recebeu a incumbência de gerir a Paulicéia, ocasião em que inauguraria aquela prática dos minguados 20% sobre obras encomendadas a empreiteiras amigas, que ao contrário das futuras, costumavam, pelo menos, entregar as obras prontas.

Daí surgindo aquele apodo a ele referido do **"LEVA, MAS ENTREGA'**, que no futuro criaria levas de seguidores, entre os quais o célebre político descendente de gente do Oriente Médio, estreando na política a época dos Anos do Ferro.

Dele se dizia ser muito chegado aos **Rosa-Choque** e ter preferência em receber os 20% longe dos olhos do Leão, ou seja, longe de Zilbraniz, a fim de não atrair a atenção de bisbilhoteiros agentes judiciais, sobre o qual falaremos mais pra frente.

. O outro, um tal **Vassourinha**, com carreira meteórica nos 50, pouco mais novo que o **LEVA, MAS ENTREGA** e, logo, logo, seu grande desafeto na disputa pela governança da Pauliceia Desvairada, a qual chegou com grande facilidade, por meio daquele cabelo casposo, do terno amarfanhado e de uma vassoura cheia de pelos moralizadores, que empolgaram os costumeiros e desatenciosos zilbranizenses, sempre dispostos a levar ao poder aqueles que acreditavam, que num dia incerto e não sabido, os levariam ao Paraíso.

Pois foi o então famoso Vassourinha, justamente o sucessor do Sorriso das Alterosas nos 60, levando consigo o promissor vice, um tanto quanto chegado ao GG dos Pampas.

Claro está que exercendo essa função, a de vice, por certo, sabia que, cedo ou tarde, "chegaria Lá", como aliás chegou.

Uma vez eleito, o novo presidente instalou-se naquela terra de ninguém onde a "candangada", engolindo poeira, dia e noite se esfalfava para concluir aquelas complicadas obras que dariam abrigo, futuramente, aos 300 futuros picaretas paralamentares, segundo um dito chistoso do ilustrado Bula-Lá, que, neste ponto, "acertou na mosca".

As primeiras vassouradas do novo presidente tentavam varrer de olhos lúbricos aqueles indecentes trajes femininos usados nas praias da antiga capital federal que, muito diferente dos atuais, ainda não mostravam tudo. Daí porque quase foram proibidos.

Fora essa atitude do presidente, o primeiro sinal de que alguma coisa não ia bem com seu bestunto, possivelmente, pelo tédio produzido por aquela solidão, e as noites mal dormidas pelo excesso de silêncio daquela urbe em construção.

Seu tempo seria constantemente preenchido com o consumo de biritas que o faziam, depois de algum tempo, defrontar-se com forças ocultas que o impedia de governar à sua maneira, qual seja, com pouca consulta aos outros poderes, até que numa determinada noite, depois de "sorver todas", deu-se um ultimato: ou concordavam com suas demandas ou se mandava, deixando Zilbraniz sem pai – ele – nem mãe a dileta esposa.

Sabendo que voltaria no cangote do povo e que o Paralamento o prestigiaria, enviou a missiva intempestiva. E deu no que deu. Mais uma vez o país caia nas mãos do vice.

Mas o dito cujo vice, o Janjão estava muito longe, em viagem, à Utópica Nação, um tanto quanto desapreciada pelos **Rosa-Choque**. "Assumir esse aí, jamais", resmungavam os **Rosa-Choque**, naquele momento não sabendo se conseguiriam manter a palavra, diante do ameaçador cunhado do vice, movendo céus e terra pela sua posse.

Todavia, a turma do "deixa disso" do Paralamento e de alguns ajuizados **Rosa-Choque,** em dúvida sobre o que fazer naquela emergência consertaram um acordo singular. O vice chegava, mas não levava, posto que para governar lhe

arrumariam o cargo de rainha da **Pérfida Albion**, que ele aceitaria em meio a muito muxoxo.

Incomodado com a atuação daqueles "Primeiros Ministros" de araque, que lhe não davam satisfações, e não eram lá muito populares, uma vez que o povão já não sabia quem os governava, o Janjão, logo, logo, encontrou uma forma de driblar, os sempre de olho, **Rosa-Choque**.

Vai daí, o Janjão perguntaria aos eleitores quem eles preferiam, por meio de um Plebiscito!

Como os eleitores, na sua profunda sabedoria política, só conhecessem o governo de presidentes e ignorassem o regime vigente, que só levava bordoada da imprensa e quejandos, é claro, votaram pelo retorno do eterno vice ao poder, sem desconfiar o que vinha pela frente.

Eis então que Zilbraniz entra em sua derradeira etapa das amplas liberdades, com o novo presidente que chegava, segundo se dizia, acompanhado por bons conselheiros que lhes assopravam aos ouvidos ideias socialmente progressistas a serem implantadas com brevidade, entre as quais:

> 1 - bons 100% de aumento nos salários aos laborantes, reivindicada pelas convincentes **Uniões Trabalhais** as quais, se dizia, a boca pequena, estarem recheadas de colorados,
>
> 2 - distribuição dos poucos milhões de hectares de terras do estado, há séculos abandonadas a espera que grileiros, garimpeiros, madeireiros e quejandos as registrassem em cartórios, sub-repticiamente, como o fizeram milhares de antigos e recentes proprietários, em detrimento dos rurícolas sem-terra, entre outras mudanças que contrariavam os **Rosa-Choque,** homens do capital e que tais, mudanças essas, diziam as más línguas aprendidas na viagem do vice aquele país de ateus ou no mínimo de agnósticos a assustar as classes medias, congregações religiosas, que logo marchariam pelas capitais e interiores, em defesa de Deus, Pátria e Família, que, como se sabia não corriam tanto perigo assim, até porque Deus, que tinha muito o que fazer, nunca tivera tempo para imiscuir-se nas eternas confusões em Zilbraniz.

Mas o fato é que certo comício do Janjão na ex-capital federal, posto que se fosse realizado em Ziliabras, não haveria a necessária audiência, botou lenha na fogueira. Nele, o Janjão declarava que a coisa era pra valer, precipitando os acontecimentos, mormente, quando Janjão foi almoçar com alguns **Rosa-Choque** heterodoxos, e fez vista grossa às reivindicações da sargentada que pretendia, vejam só, criar sua União Trabalhal, desrespeitando a sagrada hierarquia milical.

Assim, para os **Rosa-Choque** chegava-se ao limite da paciência. Mas quem atiraria a primeira pedra? Força de expressão posto que, verdadeiramente, não seriam pedras que desalojariam o Janjão.

Para surpresa dos Rosa-Choque que ainda quebravam o bestunto pra botar pra correr com o Janjão, sem perigo de eles próprios terem de chispar, eis que um tal Mourão, aquele da celebre Carta que garantiu o trono do GG nos 37, movimentou alguma tropa que não era lá essas coisas, a fim de derrubar o Janjão.

Sabedor daquele movimento de tropas mambembes, pelo sim ou pelo não, o nosso corajoso reformista, que não podia ver derramamento de sangue, mormente o seu, resolveu seguir os passos de seu guru, mandando-se às suas campinas do sul que, coincidentemente, se conectava com as de país castelhano, para desespero de seu ilustre cunhado, armando-se até os dentes de general amigo, para impedir o golpe em marcha.

ENTRE ATOS E DESACATOS – AS ORDENAÇÕES67/69



Assim, finalmente, **os Rosa-Choque** realizavam seus sonhos de levar Zilbraniz ao tão esperado futuro Nacional Positivo, projetado desde a rasteira aplicada ao Cedro Banana II, digo nosso imperador Marco Aurélio caboclo.

Mas para os Rosa-Choque atingirem seu desiderato seria necessário fazer profundas mudanças nas estruturas da Nação: por fim aquela coisa de Justiça e Paralamento meterem o bedelho nas novas ideias político-econômicas a serem postas em prática, até porque a situação de Zilbraniz naquele momento estava um tanto quanto escangalhada, razão pela qual, parte substancial dos formadores de opinião apoiou o movimento, inicialmente acreditando ter sido o movimento uma revolução, mas pouco depois, um tanto desiludidos chamando-a, pejorativamente, de golpe; coisas desses volúveis zilbranizenses.

Todavia, os Rosa-Choque juravam de pés juntos, nestes 64, que tudo aquilo que fizeram não afetaria, por enquanto, as normas legais e que logo, logo tudo voltaria à normalidade de antanho, com pequenas alterações, por meio de **desacAtos, por enquanto, Sem Misericórdia,** contra os oponentes:

-o primeiro desacAto adiava por 10 anos a realização dos sonhos de retorno dos três últimos governantes bem como sugeria ao "Paralamento Conformado" eleger a presidência seu líder fardado, por algum tempo; sugeria, sem contraproposta, aos Paralamentos provinciais que nomeassem em eleições livres, mas internas, figuras de confiança dos Rosa-Choque;

- o segundo simplificava a organização dos partidos políticos, dividindo-os em apenas dois, ou seja, um a favor e outro contra, a fim de que ficassem jogando conversa fora, enquanto, diziam os Rosa, consertavam as bobagens realizadas dos governos anteriores, sem indevidas interferências;

- o terceiro dava folga aos eleitores das províncias transferindo a responsabilidade em fazê-lo as deputações dos Paralamentos provinciais, a partir de então, autorizados a conchavar nomes simpáticos aos Rosa-Choque; por outro lado confiava ao Paralamento federal o poder de eleger, sem grandes discussões, o sucessor do primeiro Rosa-Choque presidente.

- o quarto, ah, aquela volubilidade dos governantes zilbranizenses! lá se iam as velhas Ordenações46 que durara exatamente longos 18 anos para ser substituída pelas Ordenações67/69, um pouco mais participativa quanto a autoria, que as de 37,

que passara de um redator para quatro juristas, que, afinal, não tiveram muito trabalho senão transcrever os temas **dos desecAtos Sem Misericórdia**. Trabalho perdido uma vez que os hoje ignorados juristas não adivinharam que os **Rosa-Choque** seriam capazes de levar adiante o **5º desacAto**, que liquidava a fatura. Entretanto, houve outros 12 de menor importância que a população já conformada, nem se preocupou em identificá-los.

Terminado o mandato do primeiro e único Castelo, pouco simpático aos demais Rosa-Choque pela mania dele viver a declarar de que tudo voltaria **a Antes ao Quartel de Abrantes,** não viveria o pobre muito tempo para constatar o seu vaticínio, vítima que fora de **previsível acidente de aeroplano**, segundo as más línguas.

Seu sucessor, infernizado pela estudantada que vivia a botar a boca no trombone, pra baixo e pra cima, sempre espantados, ou seria espancados, pela Policia Montada de Zilbraniz, e contestadores colorados sonhando com Utopias varias, dispostos a fazer alguma poupança quando de visita a bancos e assemelhados, para obter fundos necessários a organização da resistência aos usurpadores, enquanto não atingiam seus remotos objetivos, botou fim na anarquia, como já informei anteriormente, aplicando um **DESACATO DE MISERICÓRDIA DEFINITIVO**, fechando a boca dos eternos linguarudos da imprensa escrita e falada, que para não fechar as portas, transformaram-se em competentes gourmets passando a publicar apetitosas receitas, que durante muito tempo fizeram a delícia de desapetrechadas donas de casa, destituídas de livros de receitas. Aliás, receitas essas, que uma vez experimentadas pelas donas de casas, jamais acertaram o ponto.

Por outro lado, **o DESACATO DEFINITIVO** concedia longas férias aos membros dos **"Paralamentos Federal e Provinciais Conformados**", bem como deixava a população em geral sem pai nem mãe, que era pra ninguém, sair por aí em busca de seus direitos, na Altíssima Corte, bem como nas Menores, dando grande prejuízo aos rábulas, antipáticos azucrinadores das autoridades de plantão.

Todavia, o nosso segundo dirigente Rosa-Choque não resistiu àquelas contrariedades e bem antes do fim do mandato **partiu antes do combinado**, como apregoava o Boldrin, em seu prestigiado programa de televisão.

Desta vez, contudo não valeu a tradição e o vice civil que poderia por em perigo a salvação nacional em andamento, sifu.

Dessa forma, o Paralamento conformado foi chamado a eleger o favorito Rosa Choque, sem competidor. Aquele **Medisse** de sobrenome assemelhado aos governantes florentinos da renascença toscana.

Como por esse tempo, a economia de Zilbraniz crescia como nunca... para os laborantes que não tiveram seus salários congelados e a população, nesse 70, prestasse mais atenção ao mundial de ludopédio, este governante, amante desse esporte, até que teve certa identificação com os torcedores (vê lá se torcedor de ludopédio perderia tempo com política, uma vez que seus hábitos pós partida eram trucidar adversários!), que o aplaudiram no grande estádio, quando a seleção de Zilbraniz voltava com a taça definitiva do mundial, que diga-se, foi pouco saboreada, uma vez que os amigos do alheio levaram-na para local incerto e não sabido-literalmente -, para alegria de contrabandistas de metais preciosos.

De sorte que o que restou da conquista, foi um troféu fake, hoje fechado a sete chaves, sempre na expectativa de uma nova visita...dos Sete Dedos.

Sabe-se que esse governante ofereceu lauto jantar de 150 talheres a seleção tri, que seus players, juram, hoje, não se lembrarem de terem comparecido a tal ágape e terem consumido aquele robusto crustáceo muito estranho ao seu paladar, cuja denominação e origem ao que se conta desconheciam, hoje, exigido pelos membros da Altíssima Corte nos regabofes oferecidos a ilustres convidados que a imprensa nunca se interessou em identificar, pela sua irrelevância.

Interessante observar que nos 70, de intenso crescimento econômico de Zilbraniz, o povão induzido a profundo patriotismo consubstanciado no "**Adore-a ou Caia Fora**", não tolerava os contestadores que viviam, como já informei, anteriormente, realizando incursões a bancos e congêneres, a fim de fazer caixa para derrotar os Rosa-Choque; outra fonte de renda dos contestadores era guardar a sete chaves embaixadores de afluentes nações, forte moeda para troca deles com os aprisionados, a fim de difundir o que pensavam do regime em rádios e TVs e livrar companheiros um tanto quanto estropiados pelos U(s)LTRAs, financiados por alguns insidiosos detentores do capital, em locais certos e sabidos, mas que todos temiam aproximar-se por motivos óbvios.

Nesses casos sabe-se que os contestadores sempre obtiveram êxito, uma vez se mostrarem os governantes Rosa-Choque temerosos de se verem mal falados no exterior e Zilbraniz prejudicado em suas compras e vendas externas, bem como perderem a boquinha na grana dos ricos investidores exógenos.

Desde o princípio os Rosa-Choque dividiram-se entre "os Duros e os Mais ou Menos". É claro que nos setenta e setenta e pouco, predominaram os Duros os quais viviam às turras com as dissidentes organizações coloradas que haviam partido pra briga contra os **Rosa-Choque**, formando diversos ramos de combate, todos dispostos a passar desta para melhor naquele enfrentamento, um tanto sem futuro pela assimetria de forças.

Estes resistentes, que não duraram muito, não se acertavam com os colorados ortodoxos, preferindo estes permanecer na moita das Uniões Trabalhais, até dias melhores, livrando-se, muitos, daqueles dolorosos cadeirões, trapézios e que tais a que os Duros submetiam os membros da resistência quando pretendiam ter acesso a informações privilegiadas sobre certos aparelhos que, decerto, não eram aqueles que o suplicante usa para consertar a dentição torta. Isso quando Duros psicopatas não os faziam mergulhar em voo livre sobre oceanos, e quando questionados sobre o paradeiro dos infelizes alegavam que os tais houveram por bem migrar para local incerto e não sabido, cujos ossos, provavelmente, trazidos a terra pelo movimento das marés seriam, surpreendentemente, tempos depois, encontrados em campos santos de periferias da grande metrópole, dando grande trabalho a peritos criminais na identificação daqueles ingênuos combatentes.

Mas não se diga que todos os zilbranizenses se omitiam dos malfeitos perpetrados pelos Duros.

Protestavam aos ouvidos atentos das autoridades de plantão:

> 1 - heroico cardeal sempre bem recebido pelos Mais ou Menos e esconjurado pelos Duros que só não o prendiam por temor de serem excomungados e terem de responder tal aleivosia junto ao Capeta, que de qualquer forma, a cujos braços estavam destinados ao passarem a perenidade; todos eles, hoje, ardendo o traseiro naquele local indesejado pelos que "batem as botas".

2 - juristas de alto coturno, acadêmicos escapados da degola universitária; a imprensa, por meio de suas receitas que os censores buscavam decifrar, não fossem eles analfabetos funcionais;

3 - a justiça de primeiras e segundas estâncias bem como a Altíssima Corte, todas elas, nesse momento, preocupada em, pelo menos, garantir o leite das crianças e a preservação do cargo, na esperança de que no curto, médio e longo prazo, envelhecessem as Ordenações67/69 que lhes haviam deixado sem pai nem mãe.

Mas como não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe os "Mais ou Menos" um tanto preocupados com as atitudes destemperadas dos Duros que provocara o maldizer internacional contra Zilbraniz, reabriram o **Paralamento Abre e Fecha, Segundo as Circunstâncias,** a fim de que **democratísticamente,** eleger seu representante, que vinha ameaçando flexibilizar o regime.

Sem grande constrangimento e um tanto esperançosos, os paralamentares não lamentaram indicar o novo Rosa-Choque, General Alesto Gaiguel, um tanto germanizado.

Todavia, os Duros, que vinham exagerando nas medidas protetivas aos seus direitos desumanos resolveram desafiar os "Mais ou Menos" suicidando por enforcamento célebre jornalista – que se sabe não movera uma palha para aquele desditoso final de vida - e dando fim a alguns pobre diabos que sequer souberam porque os mandaram a presença do Criador; aí já foi demais para o novo timoneiro **Rosa-Choque.**

O chefe dos Duros que pretendera aquela cadeira um tal Frota e seu Heleno (Sím, é esse mesmo que você está pensando!!!) foram postos pra correr, muitos dos quais, obrigados a vestir o pijama, precocemente.

Novidades postas em prática pelo novo timoneiro Rosa-Choque desanuviaram, em termos, a situação política em Zilbraniz.

Antigos pretendentes ao trono presidencial, nesse tempo, residindo no exterior há bem uns dez anos por força **dos DESACATOS COM E SEM MISERICÓRDIA**, já puderam regressar, desde que não botassem as manguinhas de fora, que os tempos ainda em distensão, eram pouco resilientes.

Outros DESACATOS também já vinham caducando, entre eles os que impediam eleições ao Paralamento, desde que a propaganda fosse realizada na moita, sem que a carantonha do freguês na mídia escrita, falada e televisionada assustasse os já desacostumados eleitores.

Mas nesse momento algumas rusgas entre paralamentares e Rosa Choques reapareceram, quando os primeiros corajosamente discordaram de reformas que visavam dar vantagem senatal ao partido do governo.

Por isso, Paralamento e paralamentares ficaram de castigo por exatos 14 dias, findo os quais voltaram a ocupar suas cadeiras, agora, mais cordatos, uma vez que a oposição do **Partido do Movimento da Barganha** viria, em novas eleições, dar um banho no governo, estranhamente conformado. E tanto, que ao final do mandato, o penúltimo" Rosa**-Choque Mais ou Menos**", deu fim ao **DESACATO DA MISERICÓRDIA5,** abrindo a possibilidade da emigração daqueles que, ao discordarem dos **Rosa-Choque**, houvera, por bem ou por mal, mudar-se para local mais seguro, posto não desejassem, naqueles tempos pouco róseos, partir antes do combinado.

E foi aquela festa quando o novo titular Rosa Choque, apreciador do **odor cavalar** e que dizia que **"tudo que acontecera de ruim em tempos idos era para melhorar".**

Nesse sentido foi baixada a **"Lei de Reconciliação Nacional**" entre entes absolutamente irreconciliáveis, uma vez que aqueles que receberam tantas bordoadas, ao retornarem, com razão, nunca as assimilaram e jamais concordaram que aqueles malfeitos de antanho fossem premiados, ainda que, alguns dos retornados, tivessem feito das suas, despachando desafetos descuidados e desatenciosos cidadãos, aos braços do criador, é claro, por motivos nobres em uns, mas em menor escala e sem querer, em outros.

A partir de então passaram a revelá-los, através dos "MALFEITOS NUNCA MAIS", sem grande sucesso posto que os U(s)LTRAS responsáveis, embora identificados, sempre escapassem pela tangente, protegidos pela **Lei de Reconciliação**, sempre confirmada pela Altíssima Corte, por votação unanime.

Dessa forma, entrando pelos 80, Zilbraniz caminhava, celeremente devagar para a abertura total, quando certo paralamentar lembrou-se de que poderia precipitar

os acontecimentos propondo o projeto de lei, **ELEIÇÕES PRA JÁ,** no que foi apoiado entusiasticamente pela população empolgada, mas que na última hora esfriada pela discordância dos já decadentes **Rosa-Choque** que, quando muito, concordaram com uma disputa paralamentar interna na qual seu ilustre candidato, já naquela época, em acerto de contas com a justiça da Pauliceia Desvairada e a **PEGARATO,** demonstraria total incapacidade de derrotar velho político **do Partido do Movimento da Barganha**, que enfim saiu vencedor, preparando-se para substituir, nos 85, o último **Rosa-Choque**, saturado de ouvir tantos elogios e, nesse momento, estava louco para voltar a cheirar seus cavalos e vestir pijama.

Todavia, o vetusto vencedor, ganhou, mas não levou vítima que fora de insidiosa moléstia tratada, não se sabe se com os devidos cuidados e informada à população a conta gotas, plena de grande veracidade, para não preocupar o povão nesse momento, temeroso do que lhe esperava, se o velho político não se recuperasse. E foi justamente o que veio acontecer em véspera de o pobre tomar posse.

AS ORDENAÇÕES88

Assim, na falta do titular, o reserva era quem? Era quem?

Mais um vice na parada e pior, o Ribas Amar, dono de humilde província dos confins de Zilbraniz, e que vivera o tempo todo ao lado dos Rosa-Choque.

Fazer o que, diziam todos, conformados com as desditas de Zilbraniz. Entretanto, após o curto governo de um lustro do ilustre vice, posto que, quem esperou por vinte e um anos, para ter um governante alçado diretamente pelos braços do povão, o que custaria esperar mais cinco, pensavam os pacientes eleitores zilbranizenses.

O novo governante, o Ribas Amar, receberia mais uma herança maldita, sina de todos os titulares e vices que assumiam o poder em Zilbraniz: a inflação, companheira permanente daqueles que não tinham acesso à correção monetária, estava chegando aos poucos a mil por cento ao ano, transformando a moeda em papel pintado, tornando, simples garis em milionários do dia para a noite, ainda que esses milhões mal dessem para a compra do leite das crianças.

Mas eis que o Ribas Amar teve a brilhante ideia de criar o Plano Gozado (como todos já adivinhavam, o seria, hilariante e por tempo determinado), baseado em nova moeda originalíssima (que já era a terceira dos muitos zeros), e na proibição de aumentarem-se o preço das mercadorias, controladas pelos fiscais do Ribas Amar que passaram a conflitar, sem muito sucesso, com donos de supermercados, que logo, logo, voltariam às suas maquinetas de valorização de preços no atacado e varejo.

É de se notar que tal inovação de longo prazo de alguns meses ter provocado copiosas lágrimas de risonha economista originária das terras de Cabral, ao elogiar tais medidas diante de câmeras de televisão de Zilbraniz; piada de português, com certeza.

Contaram-me intolerantes zilbranizenses amigos, que tudo aquilo fora sonho de uma noite de verão, posto que tudo voltaria como **Antes no Quartel de Abrantes,** ditado muito utilizado nessas ocasiões por aquela gente acostumada com os altos cifrões e porcentuais inflacionais, que o último ministro da economia, um tal Malison Lumbrega, conseguiu estabilizá-lo nuns dois mil por cento ao ano, a espera de quem viesse salvar Zilbraniz daquele forrobodó financeiro.

Em meio a esse perrengue, eis que o Ribas Amar, ao lado dos amigos do Estado de Direito, um tanto esquecidos, se lembrou de que vivia Zilbraniz fora dele – do estado de direito, por certo -, uma vez que ainda vigoravam as Ordenações 67/69.

Assim, pressionou-se o Ribas Amar a que convocasse eleições para a formação de **Paralamento Ordenatuinte** para constituir novas leis, que deveriam ser organizadas de forma pouco comum em Zilbraniz, acostumada a vê-las escritas por poucas mãos, mas, agora, realizadas por centenas delas.

Nesse 87, o compromisso dos **Ordenatuíntes** era recuperar as liberdades negadas durante os anos de ferro, impondo a proibição de quaisquer tentativas de censura, mesmo que libidinagens várias invadissem os meios de comunicação cinemais, televisais e quejandos, no mínimo, ensinando os pequenos e médios a educarem-se sexualmente, contribuindo dessa forma para a gravidez precoce, que pais ignorantes se negavam a discutir com seus rebentos – aquela educação, decerto.

Em pouco tempo elaborada, com acréscimos particulares sub-reptícios, é verdade, transmudou-se nas Ordenações88, chamadas por otimistas, Ordenações Cidadã e pelos pessimistas, Ordenações Frankenstein. Os primeiros pela tentativa de

oferecer a pobre gente vida privilegiada, sonhada pelo miserável terço, os segundos por colocar em dúvida a existência de recursos necessários para atingir aquele desiderato.

Pelo que me contaram amigos zilbranizenses, depois de uns 30 anos de vigência daquela Carta a pobre gente continua na expectativa de que aqueles dispositivos **ordenacionais,** que lhe permitiriam três rações diárias, fossem postos em prática. O que parece difícil de se concretizar:

1- pelo temor de paralamentares municipais, estaduais e federais de se verem impossibilitados de equacionar suas pequenas vantagens salariais,

2- pelo fato de os membros do corpo judicial temerem perder entre os seus inúmeros penduricalhos, o ter de se apresentar nas audiências maus vestidos de auxílios paletós entre outros sofisticados vestuários, para recepcionar seus convidados com vinhos premiados e crustáceos vários;

3-, pelos barnabés top, julgando inaceitável viver sem reajustes periódicos, sempre concedidos de bom grado pelos diversos Paralamentos, receosos de perderem seus sufrágios que lhes permitem eternizar-se em suas cadeiras paralamentares.

Como se vê, uma gente nem sempre conformada com as razoáveis remunerações obtidas dos distraídos contribuintes, estes pouco felizes ao serem excluídos daquelas liberalidades remuneratórias...

As Ordenaçoes88, nessa existência recorde de três décadas, constituem um conjunto de leis extremamente flexíveis, de tal modo que podem ter interpretações de acordo com a vontade do freguês, mormente pelos rábulas zilbranizenses, quando pretendem fazer valer suas teses nas cotidianas demandas à Justiça, em defesa deste ou daqueles direitos tortos de seus constituintes.

E se políticos, sempre às voltas com pequenas transgressões relativas a alguns milhões recebidos sub-repticiamente, em forma de caixa dois, também necessários para pagamento dos diligentes causídicos, que não abrem mão da inocência de seus fregueses, mesmo condenados em todas as instâncias, incluindo o transitado em julgado, evitado a todo custo pelos competentes rábulas, temendo ver-se destituídos de seus pobres vencimentos advocatícios de longo prazo.

Inconformados com o resultado desses julgamentos, numerosos rábulas escrevem longos artigos nos periódicos de Zilbraniz, acusando juízes e tribunais de

ter a mania de condenar esses infelizes réus a penas cruéis de uns oito a dez anos dos quais pagarão longos dois ou três, em razão daquele "1/6 de abatimento".

Todavia, para evitar exageros naquelas interpretações estapafúrdias dos rábulas, os artigos das Ordenações88, somente podem ser decodificados pelas interpretações da Altíssima Corte isto quando os 11 ministros não se engalfinham para fazer valer a sua versão, razão pela qual as sessões as vezes se transformam numa arena dedicada a nobre arte.

Como já mencionei anteriormente, a Altíssima Corte é composta por 11 ministros escolhidos, criteriosamente, pelo chefe do Executivo de plantão, desde que apresentem afinidade com o padrinho, o que não significa, necessariamente, que o escolhido lhe vai ser sempre grato pela indicação, mas, só às vezes.

A indicação, entretanto, não será suficiente para chegar ao Paraíso da Altíssima Corte. Os suplicantes ainda devem passar por um exame de admissão, arguidos que serão por paralamentares **senatais**, o que, de certa forma constitui ação puramente protocolar, uma vez que o aspirante, em suas visitas antecipadas a todos os julgadores, fato que precede a arguição, já demonstrara seus vastos conhecimentos jurídicos, o que facilitará o trabalho dos **senatais**, posto não serem eles experts na matéria.

De sorte que todos os aspirantes acabam por ser aprovados com distinção, ainda que alguns apresentem sérias deficiências no trato com códigos presentes e pretéritos.

Ah, em tempo. A substituição de seus membros ocorre quando atingem a idade provecta de seus cinquenta e tantos anos de serviço, ATO FALHO, digo de idade, para alcançar pobre aposentadoria – o que é raro, porque poucos querem largar aquele **sabor'osso**, muito a contragosto, ao completarem de bengala, as fatais 75 primaveras compulsórias, ou quando batem as botas por causas naturais ou acidentais.

Aprovada as Ordenações88 vai chegando ao fim o governo indireto do Ribas Amar, que no próximo 89 deveria entregar a normal herança maldita, da qual os sucessores sempre reclamam, ao receber a faixa e os problemas, sempre insolúveis, de acordo com o ponto de vista de cada um deles.

Finalmente, agora, de acordo com as Ordenações88, a eleição seria direta, uma vez os **Rosa-Choque** extenuados pelas duas décadas de ingentes bordoadas nos opositores, que ninguém é de ferro, tivessem se recolhido a suas tarefas Ordenacionais.

Nessas eleições, agora, de verdade, opunham-se dois candidatos favoritos, entre outros sem chances: o pouco elegante, Bula-lá que houvera criado o partido dos laborantes, de sua propriedade exclusiva, e o novato e belo nordestino, que em nada se parecia aos seus mirrados conterrâneos, autointitulado caçador de sheiks e sultões, que não se sabia bem quem eram e de onde vinham, mas que parte do povão acreditava existir nos serviços públicos, paralamentos e justiça de Zilbraniz. E no que dizia respeito à herança maldita do Ribas Amar, dizia ter uma bala no mosquete para implodi-la.

Ainda inexperiente no "metier" o Bula-Lá, que para o futuro ainda seria tri candidato, acabou, enrolado pelo **Bolando Bolor das Lagoas** de Zilbraniz, graças ao auxílio da Mãezona Eletrônica Global, sediada na metrópole à beira-mar, temerosa do improvável radicalismo daquele falante **Pau-de-Papagaio.**

Muito pimpão e rico pelas sobras de campanha providas pelo solerte secretário, pau pra toda obra, no árduo trabalho em arrancar milionárias doações de empresários, equivocadamente, aterrorizados com a possibilidade da improvável escalada do Bula-Lá, eis que nosso insigne novo presidente, observando as pouco confortáveis dependências do Palácio, instala-se em residência própria na chamada Casa da Linda.

Lá, em noites insones, elaboraria revolucionário plano econômico capaz de tirar o sono de:

1- todos aqueles que um dia sonharam enriquecer num futuro distante com suas grandes, médias e parcas economias na caderneta de poupança;

2- empresários preocupados em fechar suas folhas de pagamento e em honrar compromissos com fornecedores;

3- arrependidos investidores daquela malfadada campanha eleitoral que lhes levaram irrecuperáveis recursos

4- enraivecidos detentores de alguma reserva monetária, que na véspera daquele tiro de mosquete efetuado na calada da noite, teve a infeliz ideia de depositar no sistema bancarial de Zilbraniz.

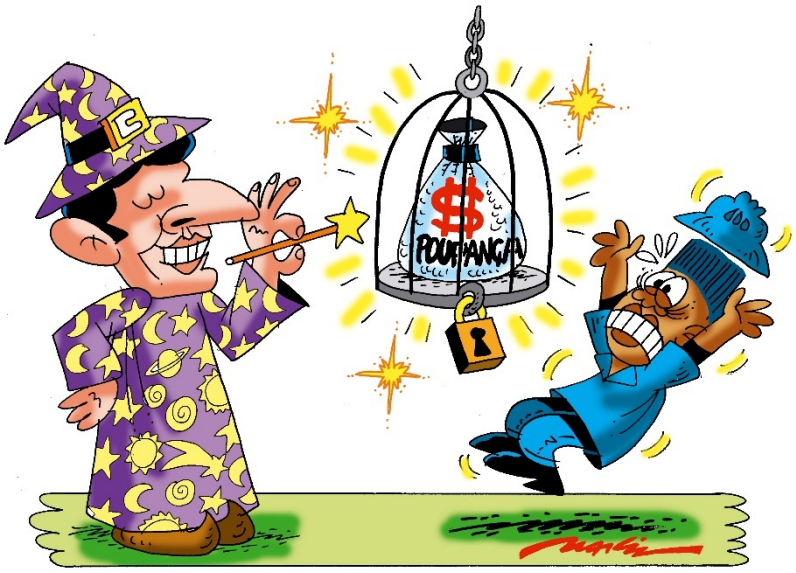
De sorte que, no dia seguinte, no qual a inflação dos mil e tantos por cento fora, finalmente, debelada, todos disseram adeus por algum tempo incerto e não sabido, de seus grandes e pequenos haveres.

Sobre o bizarro episódio contaram-me alguns amigos zilbranizenses, ter um grande **industrial votorantiniano** dessa terra, financeiramente, com as calças na mão, perseguido por credores desesperados, meio atribulado com a inovação do elegante presidente, ter pegado o telefone para parabenizá-lo – ao presidente - pelo feito, dirigiu a progenitora do indigitado, palavras extensíssimas nas quais expressava a ideia de que fora ela, em priscas eras, uma grande filha de senhora uma tanto quanto promíscua, entre outras menções pouco apreciáveis aos ouvidos do famigerado, que agradeceu a lembrança, desejando o mesmo a Mama do ex-admirador.

Sobre esses insólitos acontecimentos descritos acima, fiquei sabendo que os poucos haveres do Ingrácio, depositados em cadernetas de poupança, viraram fumaça, deixando-o, financeiramente, com alguns caraminguás incapazes de fechar o mês, fato que o enfureceu de tal forma, até porque, teria votado no caçador de sultões, levou-o a produzir esse libelo poético:

Reforma econômica, ÓH!

No país de Zilbraniz,
Certo dia um governante,
Muito ousado e pedante,
Usando de muita química,
Armou um plano econômico,
Pra acabar com a inflação



Com fórmula de mágico,
Não se importou um pouquinho,
Se o resultado era trágico.

Raspou o fundo do tacho

Das poupanças e haveres

De toda a população,

E muitos afirmam e não nego

Que não se poupou sequer

O pobre pires do cego.

Os muito ricos sabidos,

Com método assaz faceiro,

Transformaram seus muzados

Da forte moeda muzeiro,

Ressuscitado lampeiro,

Meio aos trancos e barrancos.

Os mais pobres, coitados,

Ficaram com seus muzados,

Hibernando por uns tempos

A fórmula funcionou,

E a inflação despencou.

O rico ficou mais rico,

A classe média chiou

O pobre perdeu o emprego,

Pois era tudo o que tinha,

Mas quase ao final da linha,

O povo se conformou.

Esse país tão gozado

De pacato povo bom,

Só tem um grande defeito:

Quando se vê espancado,

Conserva a linha e o tom.

Por tudo isso, e por poucas e boas de seu secretário para assuntos monetários, que andou lhe comprando um carrinho de pouco valor, levantando suspeitas de alta corrupção no seu breve governo, e que, posteriormente, desapareceria, para não se sabe onde, enfim localizado se não estou esquecido em um supermercado da Conchinchina, nosso jovem e elegante político das lagoas não durou muito no cargo.

Vítima de algumas querelas ligadas a divisão de heranças, muito comuns entre membros de famílias ilustres, entre as quais a do indigitado presidente e das declarações de um irmão linguarudo a revistas e jornais, curiosos da vida alheia, que o acusava de ter conduta não condizente com a moral e os bons costumes domésticos, as coisas se precipitaram.

Diante de manifestações de desapreço pela sua administração por aqueles que não esqueceram do sinistro tiro de mosquete, incluindo membros do Paralamento, mas certo de estar intacto o seu prestígio junto ao povão, o presidente, em seus estertores, pediu-lhe que não o deixasse só, conclamando-o a sair de preto pelas movimentadas avenidas de Ziliabrás, em defesa de seu mandato, apelo a que não responderam admiradores, enviando ao protesto seus os bulhentos meninos pintados, apoiando veementemente aquele histórico bota-fora presidencial.

Orgulho ferido, nosso primeiro insigne executivo pós-restabelecimento das liberdades públicas se mandou de mala e cuia para a Casa da Linda, com outra linda, diga-se, depois de escapar de séria corrigenda do furioso ex-sogro habituado a tirar (ou seria retirar) - satisfação com desafetos -, entre outros, membro dos países baixos do suplicante????

Ah, Inocência, diz logo, sem subterfúgios, do que o sogro seria capaz!

Iria o EX, um tanto contrariado, curtir longas férias de oito anos, que, afinal, passaram muito rapidamente. De sorte que, hoje, absolvido dos pecados de outrora, que a Altíssima Corte os considerara apenas veniais, agora, um tanto velhusco, tem, atualmente, acento numa das Casas do Paralamento ainda, fazendo das suas, sob os olhos atentos da **PEGARATO,** ao observar suas excursões pelas avenidas de

Ziliabrás, dirigindo Jaguares e Ferraris compradas a preço de banana, é verdade, com novas sobras recebidas de empreiteiras desajuizadas.

E não é que o indigitado, já meio velhusco, não se emendou das antigas maracutaias e no século XXI envolvendo-se em nova corrupção que lhe valeu neste 2023 uma suave condenação de 8 anos. Mas se vai em "galera", por enquanto, não se tem lá muita certeza. Contudo o foi, mas no aconchego de um lar de uns 500 m2, em razão de algum atestado médico fajuto(???).

E quem assumiu quem, quem? Adivinhou? O vice é claro, desta vez **o Ita das Alterosas**, recebendo na posse, mais uma herança maldita: dois mil e tantos por cento de inflação, **karma** de todo vice de plantão.

Para saltar mais esse obstáculo o Ita reuniu a turma pão-de-queijo cuja competente equipe econômica vinha disposta a encarar o desafio por meio de novos planos de estabilização, fundado no ensaio /erro, porque afinal não custava nada tentar inaugurar novas moedas, congelar preços e salários que já haviam dado bons resultados temporários, à época do Ribas Amar e do expert Maldison Lumbrega

Mas, qual, tanto o primeiro como o segundo ministros do governo Ita das Alterosas, não deram conta do recado, posto que quanto mais trocavam o nome da moeda, mais elas insistiam em desvalorizar para desespero da Casa da Moeda que já não dava conta de produzir tanto papel pintado.

Nos 94, a inflação em Zilbraniz chegara aos módicos 2.708%, fazendo inveja aquela da República de Weimar nos anos 20.

Que fazer? Pensou o Ita das Alterosas. "Já que economistas não resolviam, o negócio era inovar, matutou o Ita" ao ler artigo de conhecido sociólogo de celebre universidade da Paulicéia Desvairada, conhecido como O Príncipe CHF pelo seu elegante modo de falar, argumentar, trajar, e acima de tudo conhecer gente que dava nó em pingo d'água em matéria de economia.

Diante do convite, do Ita, para ser o novo ministro da Fazenda, raciocinou o "Príncipe" – apelido que se conformava com seu porte sofisticado - : "Se acerto na mosca me recupero do vexame daquela disputa municipal na qual fui punido pela soberba, quando sentei naquela antecipada cadeira do Tinhoso".

Refletiu: "Eu nada sei de economia, mas eles tudo sabem, pois é com eles que eu vou". E foi, em boa companhia, ao (L)azarento ministério.

Aceito o convite, lá se foi o "Príncipe CHF" e sua trupe enfrentar os módicos 2.708% de inflação, sob os olhares esperançosos do Ita das Alterosas, já resignado a receber, se tudo não desse certo, outro imprevisto pé no traseiro,

A partir de medidas heterodoxas, absolutamente incompreensíveis aos jejunos na matéria e total descrédito dos especialistas que não haviam conseguido acertar no ponto, eis que do dia para a noite Zilbraniz ingressava numa na era da economia estável, para desespero do Bula-Lá que, mangando do Real Plano, contava ser favas contadas vestir a tão sonhada faixa na sua corrida bi.

E não foi que o Príncipe subiu e o Bula-Lá caiu no Real!

Neste ponto dou um break nesta narrativa sobre as Ordenações, posto que Zilbraniz, ao cair na Real (ou seria no Real?), entraria em nova fase de sua história plena de mudanças, entre as quais:

1- a descoberta por parte dos paralamentares com foro, de colocarem em prática sua criatividade, implementando uma série de reformas internas nas duas casas, que viriam substituir o antigo voto de pobreza em que viveram seus antecessores de alguns lustros atrás. Estes obrigados a se virarem para levar adiante suas campanhas, contratar seus poucos assessores de gabinetes, sem **rachadinhas** e quejandos nepotistas; a se conformarem com salários compatíveis com suas necessidades; ausências daquelas verbas, que atualmente são transferidas aos carentes correligionários e cabos eleitorais a fim de garantirem o valoroso trabalho em prol de seus munícipes, entre outras vantagens que viriam, a partir dos 90 e alguma coisa, ser inscritas nos novos regimentos e nos orçamentos das casas, valorizando o exercício do cargo, uma vez que essas despesas, segundo o parecer dos aquinhoados, pouco pesassem nas contas governamentais, sempre superavitárias, diziam eles, muito ao contrário do que declaravam ministros do setor na hora de honrar folhas de barnabés, entre outras despesas como saúde, educação e etcétera, que quase os obrigavam, no frigir dos ovos, a dar aquelas pedaladas.

2- O contubérnio entre políticos e empreendedores da construção cívil descapitalizados, mas, contudo, interessados em oferecer seus préstimos a Nação, projetando obras públicas de grande alcance social, isso se o

governo financiasse 100% do empreendimento por meio **do Banco Zilbranizense de Desenvolvimento Econômico e Social Para Empreiteiras e Demais Interessados,** a juros mais que justos, desde que bem relacionados com as autoridades de plantão, garantia de que concluiriam essas obras, às vezes, a tempo e hora, bem como honrariam o compromisso de algum dia saldar essas dívidas, o que era comum acontecer... às vezes.

3- a participação nos lucros das empresas estatais, entre elas a da Petroaniz, sem o conhecimento da mesma, transferindo parte deles ao país do Cuco, entre outros Paraísos Fiscais por meio de laranjas e mexericas, que os guardariam zelosamente, até que fossem descobertos pela **PEGARATO.** Ocasião em que se obrigariam a devolver a rapinagem, sem juros e correção monetária à época extinta em Zilbraniz. É verdade que, às vezes, alguns seriam condenados a alguns anos de retiro na Papuda (que evidentemente não era uma mulher de papo grande), pela transgressão cominada em lei para aqueles que não tinham aquele foro, decerto. Ao que se falava a boca pequena e grande, que muitos dessa gente, teriam sido amigos íntimos do Bula-Lá e da Senhora Rosscoff os quais ao tomar conhecimento do que já sabiam, se declaravam envergonhados daquela conduta de seus correligionários de confiança.

   Tudo isso conhecido como o escândalo do **Petroanizão** sobre o qual analisaremos mais adiante.

Antes de tratar dos próximos mandatários de Zilbraniz quais sejam, os quadriênios do Príncipe CHF, do Bula-Lá da senhora Rosscoff também conhecida como a Poste, acompanhada de seu conceituado Vice o Migué Treme (que como a maioria dos vices, também chegaria Lá) e do **Apocalipse Now,** do Javoltar Mandrião, seria interessante uma vista d'olhos na vida política nesses novos tempos de Zilbraniz.

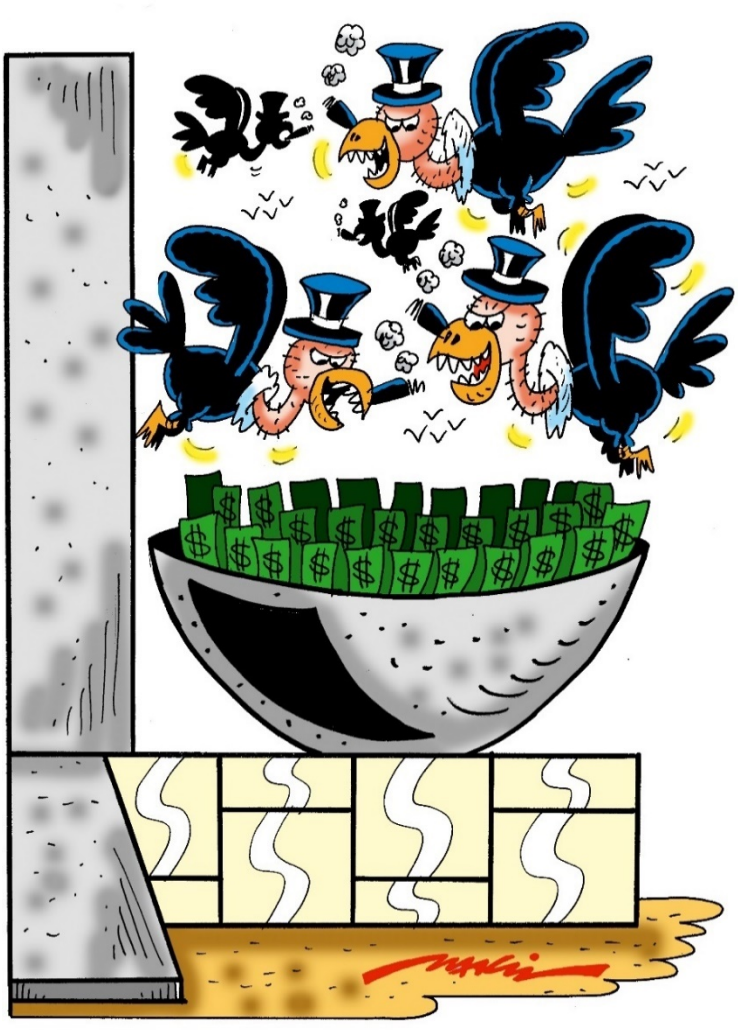
CAPÍTULO VI
VIDA POLÍTICA EM ZILBRANIZ

O Poder Legislativo
A democracia zilbranizense e seus limite

Não poderia iniciar este capítulo, sem os versinhos picarescos do Ingrácio Dára Agon, premonitórios do que se vai tomar conhecimento ao longo da seguinte narrativa.

Aves de Arribação

Os legítimos representantes
Do país de Zilbraniz,
Florente nação do globo,
Fazem, sem cerimônia,
Seus eleitores de bobo.
Dão lições bem pedagógicas
De como ganhar o máximo,
Trabalhando sempre o mínimo



Contrariando as leis da física,
Ao mesmo tempo conseguem
Estar em muitos lugares:
"no bem bom" e nos Paralamentos.
Leis de que povo precisa
Empilhadas sempre estão,
E poucas alcançam sucesso
Se dependem da presença
Desse grupo mandrião.
Pássaros de arribação
Voam de um lado a outro...

Não chegam no dia sétimo,

E muito menos no décimo.

Só pousam no dia azado,

Que é o de receberem

O seu líquido ordenado,

Aumentando-o de madrugada

Da forma mais descarada.

Como já declarei anteriormente, Zilbraniz é o típico país de democracia intermitente, vai e volta, vai e volta:

- ao sabor das conveniências castrenses;

- do enfado da classe média, atingida permanentemente, pela contumaz elevação do poder aquisitivo da moeda, não correspondente ao aumento de salários;

- dos temores da elite com reformadores sociais, pretendendo melhor distribuição de renda por meio de medidas econômicas, ao final, concentrando-a cada vez mais, visto prevalecerem planos engendrados, predominantemente, por membros da corrente alquímico-heterodoxa, disposta a eleger correligionários aos executivos provinciais, municipais e ao cargo máximo da Nação.

É de se notar provocarem iras antidemocráticas em Zilbraniz:

- a tendência dos políticos, instalados nos Paralamentos, com ênfase no de Ziliabrás, em realizarem projetos pessoais com o dinheiro do contribuinte resignado. Este sempre compreensivo com as reconhecidas dificuldades financeiras dos mal remunerados representantes da Nação, preocupados em equacionar salários e *jetons*.

Por isso não surpreende ver esses abnegados ocuparem suas cadeiras, há décadas, reconduzidos por eleitores gratos, distraídos e desinteressados, levando em consideração a excessiva assiduidade dos representantes do povo às sessões paralamentares, fazendo-os concorrer com os mestres das escolas públicas zilbranizenses - embora devamos considerar não receberem os segundos, pelas faltas.

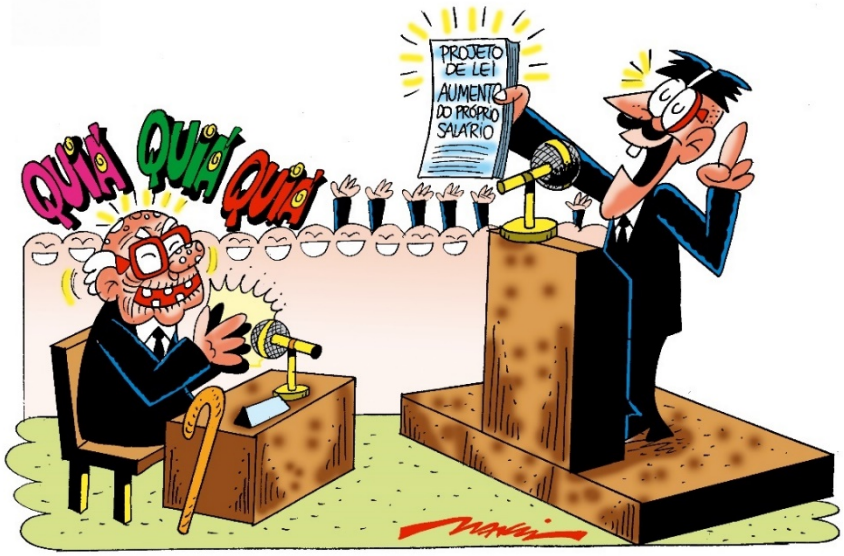
Esfalfa-os, de tal modo, uma ou outra votação de projetos empoeirados que, a partir de determinado momento, comparecem os insignes apenas alguns dias por

semana aos Paralamentos, a fim de evitar o stress, doença profissional dos paralamentares.

Essas ausências alegram os serviçais dos plenários, colaborando para o asseio dos recintos, bastante poluídos com a pertinaz presença desses apreciadores de bolachinhas e petiscos vários.

Sob os aspectos acima narrados, nosso conhecido bardo zilbranizense Ingrácio escreveu esse picaresco poemeto:

Um cidadão útil



Era tão antigo e velho
Que o chamavam brincando
De antediluviano até
Mas não arredava pé
Do bom Paralamento
Do país de Zilbraniz

Fazia anteprojetos,
Que sequer eram apreciados
Pelos seus pares danados,
Senão por aqueles que aumentavam
Seus salários a todo o momento,
Nuns bons quinhentos por cento.
A estes anteprojetos
Davam com muito gosto
O certo deferimento.
Este deputado aéreo,
Um dia, recebeu um broche
De pedras preciosas e ouro,
Homenagem até que séria

Por não fazer outra coisa
Senão ouvir ludopédio
Nas sessões legislativas,
Ou perseguir um besouro
Que insistia em pousar
No seu fedorento couro.

Uma vez lhe perguntaram
Por que não se aposentava?
Descascando a mexerica,
Respondeu o "bom de bico"
Que nisso já não pensava,
Pois muito se divertia
Com as cenas a que assistia
No plenário desse circo
E tanto e tanto que ria
Seus olhos umedeciam.

E acrescentava no ato:
- Ademais, no fim do mês,
Tem pagamento outra vez,
Com novo aumento talvez...

São características desses agrupamentos paralamentares o espírito de solidariedade, unindo-os na compreensão dos tênues deslizes de seus pares, ao destinarem "verbas do orçamento" para instituições geridas pelos próprios, a fim de atender familiares necessitados, ou, ainda, engordar rateios de loterias monopolizadas pelo Estado - criadas para evitar a desmotivação popular na concretização dos sonhos de enriquecimento sem esforço - ações, diga-se a bem da verdade, temporariamente suspensas -, ou ainda dar algum trabalho aos preguiçosos oficiais das **gráficas**

senatais, ocupando-os na preparação de calendários de campanhas eleitorais, que, proibidas pela justiça zilbranizense, são logo rechaçadas, como interferência indébita dos superpoderes **judiciais e executivais** aos quais eles não dão grande atenção.

De sorte que ao se tentar punir um representante do povo, punir-se-ia a todos, razão pela qual é muito querido o ato de anistiarem-se a si mesmos, nesses pequenos deslizes.

Às vezes, as excelências são apanhadas de surpresa por denúncias de corrupção apontadas por pessoas ilibadas (que, quando muito, eliminam esposas indiscretas), às quais muitos deles estiveram associados.

Denúncias essas confirmadas por extratos bancários, mirrados em valores. Nessas ocasiões, poucos se sacrificam por grande número de implicados imprescindíveis aos trabalhos congressuais irrealizáveis.

Assim, apenas resta aos mártires paralamentares curtir pesadelos em áridas capitais europeias, como: Paris, Madrid, Londres, Roma, entre outros centros tediosos, menos votados.

A justiça de Zilbraniz os consola, esquecendo os pertinentes processos em providenciais gavetas, posto que apreciá-los, em curto espaço de tempo, esbarraria, em milhares de outros, cuja importância salta aos olhos de qualquer mortal, como por exemplo:

- os longos anos de trabalho paralamentar, para obter ínfimas aposentadorias, as quais se podem juntar a tantas outras, a que fazem jus, a partir da primeira legislatura;

- A possibilidade de concederem privilégios nas alfândegas a turistas amigos ressarcirem-se das despesas de seus **tours** culturais.

Não há povo mais amante da democracia do que o de Zilbraniz, mormente, por ser este sistema - ou seria regime -, entendido a gosto do freguês, conduzido de forma a atender interesses os mais diversos, quase sempre, em detrimento da maioria.

Sendo um sistema pleno de humanidade - o que não ocorre nos países de ortodoxa democracia, preocupados, apenas, com o respeito às leis e às instituições - concorre para que a representação congressual seja proporcional à pobreza e a novel idade de algumas províncias. Estas carentes de verbas para mitigar as dificuldades,

predominantemente, municipais, nas quais os bens pessoais de numerosos alcaides se confundem com os públicos.

O sistema democrático zilbranizense abre amplas perspectivas a todos quantos se dispuserem a laborar pela grandeza da Nação e do patrimônio pessoal, pois, como afirmam muitos deles, apenas trabalham de graça relógios e, assim mesmo, tem-se de fazer algum investimento para adquiri-los.

De sorte que não se fecha a possibilidade a qualquer cidadão em habilitar-se às cadeiras **vereais, deputais e senatais**, desde que possam uniformizar times de ludopédio, garantir concorrências públicas a empreiteiras e a fornecedores, prover colocações bem-remuneradas nos 1ºs, 2ºs e 3ºs escalões de secretarias provinciais e ministérios federais, contribuindo para a criação de novos postos de trabalho de que carece o país.

Uma peculiaridade dos convocados ao primeiro escalão é o fato de deixarem empresas e empregos rendosos para assumirem cargos, cujos salários, nem de longe, se comparam aos que percebiam. O que é uma prova de seu aguçado patriotismo, dedicação à causa pública e amor ao povo.

É verdade que, ao final do mandato, a fortuna de muitos, num passe de mágica, mais que quintuplicou, tornando-se esses idealistas, objeto de maledicência jornalística e investigação da **PEGARATO** a qual a maioria deles deveria explicações convincentes, não fosse a proteção do foro que sempre os livra do desaforo da Papuda e que tais.

Ouvi de muitos defensores do libertinismo político, digo da liberdade zilbranizense, a excelência da democracia comparada ao autoritarismo, há pouco extinto nesse país.

Argumentam ser a democracia o regime ideal, para aniquilar a corrupção, muito ao contrário da vil ditadura, na qual, aquela, se fazia por debaixo dos panos, - a corrupção, decerto. Já na democracia zilbranizense, a corrupção é praticada, às claras, de forma que os transgressores são sistematicamente apontados pelos periódicos, em intermináveis listas a se sucederem semanalmente.

O fato de os corruptos não serem punidos exemplarmente é um mero detalhe no combate a esse "câncer social", praticado por meia dúzia (de centenas) de indivíduos de má índole, envergonhando uma Nação, na qual a honestidade campeia

por todos os setores da administração pública e privada; tão apreciada que a devolução de objetos de valor, esquecidos em táxis e metrôs, a seus legítimos donos, confere, ao honrado cidadão reportagens de primeira página, em jornais e revistas e, mesmo, a medalha de mérito nacional.

Inclino-me a concordar com esses pontos de vista, pois sou ardoroso defensor das liberdades públicas e acerbo crítico do autoritarismo, contrariando grande parte da população zilbranizense, preferindo um sistema híbrido, tal qual o exercido no recesso dos lares, nas delegacias de polícia, nas casernas, nas empresas privadas, entre outros locais, que não me foram possíveis averiguar.

Dir-se-ia que a verdadeira democracia zilbranizense só se pratica no serviço público, no qual faz a norma o barnabé top, atencioso, assíduo e diligente...quando o público bate o pé.

Resta dizer que o conjunto das províncias de Zilbraniz forma uma Federação interessantíssima, na qual as unidades são autônomas, desde que obedeçam as determinações do Poder Central, guardando as chaves do cofre de que tanto necessitam as primeiras.

Políticos e Estripulias

Os políticos de Zilbraniz, tanto quanto pude observar, são pessoas estranhamente afáveis - principalmente durante as campanhas eleitorais. Ao ser apresentado a alguns deles, senti na pele e nos ossos essa bizarrice, pois me recordo de ter luxado dedos e costelas ao confundirem-me com eleitores e de ter sido, absolutamente, ignorado após identificar-me.

Os representantes do povo de Zilbraniz podem ser divididos em três biotipos característicos: os de alta estatura moral, em absoluta minoria; os de médio tamanho e anões, estes em número considerável nos paralamentos federais , estaduais e municipais.

Grande parte dos anões é oriunda de regiões, onde proliferam nanicos, face ao excesso de alimentação recebida na infância. Libertos desse estigma, uma vez eleitos, buscam ganhar estatura com tratamentos pagos com o rateio das sobras de campanha

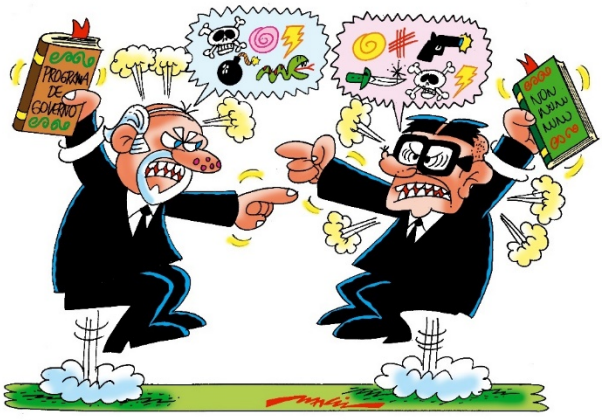
e com o decorrente dos lapsos da Comissão do Orçamento, dos quais participam ardorosamente.

Por outro lado, por meio dessas verbas, procuram dar vazão às suas inclinações benemerentes, acudindo, a tempo e à hora e até fora de hora, numerosas instituições de serviços sociais, tendentes a enriquecer cabos eleitorais ou companheiros de bancada, condoídos com a miséria de sua região. Região que, ao final das transferências monetárias, continua na mesma, enquanto a conta bancária do esmoler engorda a tripa forra, sem o conhecimento do interessado, só revelada por meio de CPIs, quebrando o sigilo bancário do dadivoso.

Campanhas eleitorais e quejandos

Não poderia iniciar este aspecto da vida política de Zilbraniz sem os versinhos do Ingrácio:

Briga de Comadres



Nas últimas eleições,
No país de Zilbraniz
Ouvi briga de políticos:
Um mostrava o currículo,
O outro, as muitas dádivas,
Que fizera ao povo pobre,
Do metalúrgico à doméstica.

O primeiro quis ser prático
E dissera que no mínimo
O outro era ladrão,
Esbanjando em propaganda
O dinheiro da Nação

O outro, sem argumentos,

Diante da acusação,

Disse que o um era fraco,

Indeciso, sem programa...

E no final desse drama,

O outro disse para o um

Essa fantástica pérola:

"Ora, senhor não me amole,

Pois não passa de um moleque

De um tremendo bunda-mole"

Pois aí se vê compadre,

Que em briga de comadres

São que aparecem verdades.

Notáveis são as campanhas eleitorais em Zilbraniz. Elas se iniciam com ampla decoração das grandes, médias e pequenas cidades.

Muros, paredes de casas e edifícios de maior ou menor porte são brindados com estampas dos mais belos espécimes fisionômicos da raça humana - confirmando antigas teses sobre as relações entre o tipo de conformação craniana com tendências transgressoras, das quais se destacam as determinadas pelas teses de **Lombroso** -, fazendo inveja aos astros e às estrelas hollywoodianos.

As autoridades zilbranizenses procuram coibir exibicionismos dos talentosos candidatos, preocupadas:

- com excesso de cores nas urbes capazes de provocar daltonismo na população;

- com o compulsivo orgasmo das moçoilas, face aos maravilhosos e atraentes retratos, expondo o **sex-appeal** dos candidatos;

- com o clamor dos mal-humorados munícipes quanto às consequências do ato poluidor dos estetas, levando ao aparecimento de indesejáveis piscinas, nos costumeiros vendavais de verão, que às vezes afogam veículos e respectivos condutores, dispostos a enfrentar mortíferas enxurradas.

Entulhados de cidadania, os candidatos, sempre tementes às leis, pagam as multas respectivas ao embelezamento por eles produzido, sem, contudo, abdicar daquela vaidade em se verem expostos nos quatro cantos das cidades. De tal maneira que, desacorçoados, os "justiceiros eleitorais Teésistas" acabam por conformar-se com as inclinações narcisistas dos candidatos, não voltando ao assunto.

Para a alegria dos proprietários das emissoras, e respectivos espectadores, também, são usados os meios **radiais e televisais** para essas aparições cinematográficas.

Geralmente, elas se dão nos horários nobres, evitando a continuidade temporária das concupiscências novelais, para desgosto da garotada, vendo-se privada, em exata, uma hora, da sequência de sua iniciação sexual.

O tempo concedido a cada partido é dividido, como tudo em Zilbraniz, **democratisticamente**, ficando alguns com numerosos minutos e outros, com segundos, apenas. Do fato decorre que aqueles privilegiados gastam o horário para enaltecer as qualidades morais dos adversários, no que são pagos, na mesma moeda. Quanto aos candidatos de agremiações nanicas, restam-lhes poucos segundos para breve identificação, evitando, assim, bajulações constrangedoras.

É verdade que muitos deles acabam por apoiar sub-repticiamente os partidos em evidência nas pesquisas, tentando recuperar parte dos investimentos, aplicados na campanha, impedindo que suas famílias abdiquem de suas moradias.

No conjunto das campanhas **televisais e radiais** tudo vêm a dar no mesmo, uma vez que as mensagens pouco diferem uma das outras, todas elas eivadas de soluções para os problemas do país, que jamais se colocarão em prática, posto que os candidatos pouco saibam do que tratam os textos colocados ao alcance de seus olhos, lidos com a destreza inerente às crianças, em início da alfabetização (fato demonstrando o quanto abominam a hipocrisia).

Para deixá-los à vontade e por estarem convencidos de que tudo o que prometeram será cumprido - mas só nas próximas eleições -, a população prefere

retomar o salutar e catártico hábito de falar mal dos vizinhos, que, aos poucos, se vai perdendo, por força do sagrado silêncio, exigido pelas tragicomédias, levadas ao ar, pelas TVs, entre 18 e 23 h.

Os mais carrancudos audientes de programas políticos, uma vez ou outra, arriscam manter os aparelhos ligados nesse excelso horário, na esperança de que surjam, no vídeo ou soem no ***dial***, figura e voz de gaiatos capazes de amenizar lhes a neurastenia. Às vezes, são recompensados, já que tais programas tendem a revelar futuros ***clowns*** de que tanto carecem, hodiernamente, as atividades circenses.

Muitas dessas revelações conseguem ombrear-se, em popularidade, com antiquíssimos postulantes ao cargo máximo da Nação (um dos quais tendo provado, "ad nauseam" sua capacidade administrativa, ao transformar o mais belo recanto turístico de Zilbraniz, em pacata cidade do faroeste), cuja vocação histriônica passou despercebida por décadas.

Dinheiro para **alavancar** campanhas não falta aos partidos e candidatos majoritários, bem situados nas pesquisas eleitorais, por parte do desinteressado grande empresariado zilbranizense. Ele o distribui, equitativamente, de acordo com a volubilidade popular. Mesmo candidatos e partidos, remando contra os interesses das classes produtoras **endógenas** e **exógenas**, conseguem **algum** - o que vem provar a isenção com que tratam os empresários as questões eleitorais. Assim agindo, previnem-se da inflação mercurial de Zilbraniz, capaz de produzir desagradáveis surpresas, até mesmo na **boca-de-urna**, fato ocorrido mais de uma vez.

O quanto as classes produtoras distribuem aos partidos não é segredo para ninguém. Todavia, logo após as eleições, numerosos candidatos inconformados acusam-nas de favorecimento por meio da inocente **Caixa 2**. Mas, em pouco tempo, essas aleivosias caem por terra, pois fica provada, estarem suas doações perfeitamente documentadas com notas **quentíssimas**. Elas se refeririam às técnicas de produção inovadoras, encomendadas ao Comitê de Finanças dos partidos aquinhoados, absolutamente ignoradas pelos PhDs de fábricas e escritórios, só funcionando, a contento, em épocas de pleitos.

Depois de algumas discussões constrangedoras, nos veículos de comunicação, os supostos transgressores das leis eleitorais são chamados a prestar esclarecimentos

aos **Tribunalais Eleitoralais de Esclarecimentos** de Zilbraniz. O resultado de tudo é a falsidade das acusações, obra de despeitados, frustrados com a derrota nas urnas.

Passada a tormenta, o mecenato reúne-se para contabilizar os prejuízos... à Receita Federal, computando, esta, alguns pontos percentuais negativos em sua arrecadação. Por outro lado, o tal empresariado, com ênfase no **automobilital, bancarial e construtorial** vislumbra no novo Staff dirigente, a possibilidade de novos empreendimentos e isenções capazes de elevar o PIB... de seus negócios.

Não se deve esquecer, ainda, tratando do financiamento das campanhas eleitorais, da existência de determinados partidos prenhes de solidariedade humana, conferida pelo extremo amor aos desvalidos. Estes (os desvalidos, decerto) esperando, um dia, ascenderem ao reino do consumo, por obra de seus representantes.

Para esse fim, colaboram com o dízimo de seus salários, a fim de que os candidatos, uma vez eleitos, defendam no Paralamento a continuidade do ascetismo da maior parte dos militantes, ao batalharem, em suas **deputações e senatações**, pela manutenção das **Corporações de Ofício** - onde se encontram os seus mais fiéis seguidores, capazes, pela sua afluência, de sustentarem os maiores encargos da campanha. Não perdendo de vista, é claro, as palavras do **Sermão da Montanha**.

Sobre campanhas eleitorais em Zilbraniz relataram-me alguns impolutos políticos dos **"trintaetantos partidos por enquanto",** um tanto constrangidos, que nesta pouco conturbada segunda década do século XXI, aconteceu a proibição de financiamentos bancariais, construtoriais, automobilitais e quejandos (Será mesmo?). Devo dizer, para desconsolo daquelas instituições acostumadas a contribuir ao custo de muitos zeros em seus lucros, uma vez que seus apadrinhados, nunca demostraram ingratidão àquelas benemerências. De tal sorte, que a feliz população não percebeu de que **esses alguéns**, mais uma vez, lhes haviam batido a carteira.

Em conversa com políticos zilbranizenses descobri que, de raros partidos, há décadas, o número deles neste XXI caminha para meia centena, acompanhando decerto o crescimento da população, que hoje pelo precário controle da natalidade atinge a mais de duas centenas de milhões, formando uma sociedade plena de justiça social na qual 1% da renda dos afluentes engole 99% da das demais camadas, provando as teses daquele otimista Malthus, pensador inglês um tanto desacreditado hodiernamente.

Os membros desses partidos são por excelência, irrequietos, ajeitando-se neles pouco tempo, mormente, quando se lhes abrem de ganhos extraparlamentares de preferência em forma de verdes cédulas -, demonstrando a **de... putadaiada** seu apreço pela ecologia.

De sorte que vivem a dar exemplo de comovedora fidelidade partidária...votando nas raras ocasiões em que o fazem ao sabor das circunstâncias e das vantagens que se lhes oferece este ou aquele convincente lobista, ou mesmo os governantes de plantão, quando pretendem fazer aprovar seus projetos, como recentemente ocorreu, sob os auspícios do Mandrião, neste fevereiro de 21, na eleição dos chefes das duas Casas do Paralamento atual.

De maneira geral estes grupamentos apresentam acendrada devoção ao Poder, agarrando-se a ele, desesperadamente, como a ostra ao rochedo, não havendo onda que os desalojem.

O fenômeno explica-se: políticos de altíssimo espírito público, não se permitem desamparar os novos governantes, concedendo-lhes sempre a maioria nas casas legislativas, principalmente nas dos paralamentos, quando da aprovação das **Medidas Provisórias Para Sempre** usadas por certos executivos, para se evitarem inúteis discussões, sobre matéria decidida, e favorecerem a sistemática ausência dos ocupadíssimos representantes do povo no plenário.

Todavia, uma ou outra dessas "Provisórias" mostra-se tão fora de propósito, como as atuais do Javoltar Mandrião, que não passam nem a pau, instrumento muito usado pelo mesmo para fazer valer seus pontos de vista.

Não se deve esquecer o fato de o Executivo mostrar-se muito grato pelo apoio das bancadas, atendendo prontamente os pedidos de nomeações de competentes técnicos, ovelhas brancas da família dos parlamentares, para gerirem órgãos da Res Pública.

Quando muito se podem acusar alguns paralamentares de carregarem umas cinco aposentadorias, dada a ubiquidade de sua personalidade na vida profissional; uma ou outra distribuição de veículos, em campanhas eleitorais, correspondendo às posses dos candidatos; alguma falseta a concorrentes da mesma sigla, lapso deste ou daquele na relação de bens, muitos dos quais adquiridos de corretores acostumados a trabalharem no vermelho.

As agremiações partidárias guardam profunda homogeneidade em cada região.

Nas mais ricas sofrem os partidos com volubilidade das classes médias nem sempre satisfeitas com a insistente mão da Receita em seus bolsos, e a atuação de seus representantes, razão pela qual não é fácil enredá-las, mormente, quando não se consegue convencê-las de que o custo de vida e os impostos vão baixar e o processo **inflacional** desaparecer.

As frustrações produzidas por essas agremiações partidárias fazem com que as classes médias, em muitas ocasiões, se bandeiem para o lado dos progressistas, estes declarando, que enfim, o povo aprendeu a votar. Opinião logo desfeita ao primeiro sinal de instabilidade econômica.

A debandada provocava nos progressistas a chamada síndrome do abandono, fazendo-os declarar, apenas a periódicos estrangeiros, que a reação das camadas intermediárias zilbranizenses seriam típicas de Repúblicas das Bananas.

Nas mais pobres regiões **nortenhas e nordestinheiras** de Zilbraniz dá-se o contrário, mantendo-se os eleitores fidelíssimos a seus líderes progressistas. Quanto mais sofrem mais acreditam que as coisas vão melhorar – "se Deus quiser e por que não haveria de querê-lo?" Graças à intervenção milagreira de santos politiqueiros de priscas eras ainda não canonizados por distrações vaticanas.

Seus representantes são considerados reencarnação rediviva daqueles beatos e, por isso merecedores dos sufrágios, uma vez atendidas demandas por algum óbolo pelo trabalho em fontes cavoucais e empregos aleatórios em local indeterminado, destituído de assinatura de ponto.

Tais fatos é que explicam a ascensão do passado chefe progressista ao poder em Zilbraniz ao prometer-lhes o milagre de diária refeição e meia, que para quem não tinha nenhuma constituiu excepcional avanço.

Todavia, um ou outro eleitor herege e caturro, ousando contrariar a norma eleitoral vigente é logo convertido ao credo comum a custa de longa penitência da qual se excluem o pão e, principalmente a água – cujos chefes políticos controlam as torneiras de São Pedro -, o que, ao final, não lhe provoca fome e sede, visto estarem, comumente, submetidos a elas.

Os variados membros dos partidos dessas regiões confluem para o mesmo objetivo, o de manter a maioria no Paralamento de Ziliabrás, e pelo que me informaram, com a concordância dos representantes das províncias ricas e populosas, do Corpo Juizal Eleitoral e, mesmo, a da Altíssima Corte, desinteressada em pôr em execução o preceito ordenacional referente à proporcionalidade na representação, por falta de quem a requeira a Altíssima.

Um fato interessante relativo as composições partidárias no Paralamento Federal de Zilbraniz diz respeito ã formação de bancadas a defender interesses específicos de segmentos produtivos, religiosos e **executivais**.

Dessa forma surgiram ao longo do XXI:

- a bancada Rurícola, hoje esteio da economia do país, propondo o crescimento dos plantios por meio da ampla liberdade de aplicação de um sem número de defensivos agrícolas, condição essencial à produtividade das lavouras, para desgosto daqueles contestadores ambientalistas, defensores de produtos da agricultura orgânica capaz de sustentar parte da população, dispondo de recursos para adquiri-los;

- a bancada das Santas Escrituras cujos pastores enriquecidos pelas orações ensinadas a todos aqueles dispostos a se desfazer, em cada culto, de pelo menos uns 10% de sua renda, “em nome de Jesus S/A” – codinome dos proprietários das seitas -, bem como atender aos apelos eleitorais de seus guias espirituais a cada pleito, sob pena de os desobedientes serem condenados a prestar contas ao Anjo da Luz, mais conhecido pelo nome de Lúcifer, amigo do peito dos pastores desses inocentes rebanhos;

-A bancada do Tiro Certo, reunindo os representantes dos **Mantenedores da Ordem Pública** responsáveis pela desobediência a cláusula pétrea das Ordenações88, que proíbe, terminantemente, mas sem muito sucesso, o envio de meliantes, suspeitos e às vezes até quem tem nada a ver com isso, aos braços do Redentor, antes do combinado;

- a bancada dos fugitivos do **PEGARATO**, o famoso **CENTROCÃO,** reunindo grande parte dos paralamentares dos **trintaetantos** partidos vinculados a todos os Executivos, se dispostos a apoiar seus projetos, condenados pelas atuais

Ordenações88, entre os quais as celebres andanças naqueles veículos de duas rodas que poderiam levá-los a sérias **impichações.**

Quero lembrar que os fugitivos do Pegarato, depois da absolvição do Bula-lá III, pela Altíssima, foram todos inocentados uma vez considerados equivocados aqueles julgamentos nos quais não faltaram provas de culpabilidade dos réus, inclusive um deles condenado a algumas centenas de anos, quando se descobriu que os julgadores entre os quais o Matamoros, eram tão bandidos quanto aqueles bandidos. Coisas de Zilbraniz.

Essas bancadas cheias de foro, ainda em liberdade, para sempre, variavam de número de acordo com o humor da **PEGARATO**, ontem fortíssimo, hoje um tanto extinto, Aras! Pela bisbilhotice em processos que não dizem respeito ao atual Procurador do Mandrião, digo, da Res Pública, e de certos membros da Altíssima, desafetos do Matamoros, um deles, famoso garantidor de solturas de compadres e agregados, às voltas com mal-feitos, fortemente vinculado **aos Quase-Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias,** a quem deveu o cargo.

Outros dois ligados aos ProntoTrabalhistas - o primeiro, de notória ignorância jurídica chegando a Altíssima por serviços prestados ao partido e seu dono, hoje um tanto de namoro com o Mandrião; o segundo, oriundo de **Tribunalal** da Paulicéia Desvairada, (também indicado por aquele proprietário), sobre o qual se diz que andou, por ocasião da necessidade de alguma grana, antecipando uns recebimentos de precatórios, quando se descobriu merecedor dos mesmos, fora de hora.

Aquele, lembram, que acabou livrando a cara da Sra. Rosscoff e que, possivelmente, livrou a do padrinho, por ocasião de sua ampla inocência, anunciada pela segunda turma?

Partidos e Ideologias em Zilbraniz nos novos tempos

As ideologias, norteando os fundamentos dos partidos zilbranizenses, são das mais ecléticas, tanto entre os **ProntoTrabalhistas**, quanto entre os "**Quase-Progressistas-Conforme--as-Circunstâncias" (hoje quase extinto) e os trintaetantos grupamentos Conservadores e Agregados entre os quais se destaca**

o Movimento Dedicado as Barganhas – partido que jamais desampara os vitoriosos de plantão...com algumas exceções, é claro.

Graças aos novos ares propiciados pelo Príncipe CHF ao tempo em que serviu ao Ita das Alterosas, consertando, com as mãos de gato, temporariamente, por longo prazo, a economia de Zilbraniz, este caiu no gosto do povão, para desgosto do Bula-Lá, sendo elevado ao posto máximo de Zilbraniz, por dois quadriênios.

Fora o Príncipe, político de impecável formação acadêmica, com excelentes publicações de sua lavra na qual inicialmente seguiu a cartilha dos utopistas colorados ensinando esses conteúdos aos jovens de universidades endógenas e exógenas, diga-se, com grande aproveitamento da estudantada sociológica, mormente, no momento em que se atracaram com muita coragem, e pouco sucesso, com os **Rosa-Choque** dos Anos do Ferro, como já comentei anteriormente.

Contudo ao entrar para a política abjurou daquelas crenças não muito apreciadas pelos eleitores não dispostos a repartir seus bens e haveres com os pouco aquinhoados e muito menos com membros do miserável terço.

De tal sorte que, após ter provocado aquele inesperado milagre econômico, que ninguém acreditava ser possível, antevendo o bem maior de sua atuação, qual seja chegar Lá, o Príncipe lá chegou pronto para introduzir grandes novidades em Zilbraniz.

Formulando planos inovadores apoiado e bem acertado com os, então, rarefeitos números de partidos nos 94, posto que naqueles anos os políticos zilbranizenses ainda não haviam percebido que as Ordenações88, estimulavam-nos a investir nessas instituições capazes de fazerem-nos galgar ministérios plenos de milhares de colocações aos seus apaniguados cabos eleitorais e participarem da partilha das pobres dotações oficiais dos contribuintes aos partidos.

Diante disso o Príncipe programaria importantes reformas a começar pela desengorduração de Zilbraniz, um tanto obeso no que tangia a inclinação dos **Rosa-Choque** de antanho de criar empresas estatais a fim de concorrer com as da iniciativa privada, a fim de dar a impressão de que o povão seria o dono de parte importante das riquezas nacionais, sem imaginarem que viriam a ser usufruídas, algum tempo depois, pelos governantes de plantão, para abrigar cabos eleitorais.

Do que decorreu a privatização das principais delas como as das comunicações entre pessoas, cujos fones constituíam peça valiosíssima e tanto que chegavam a ser objeto de sérios conflitos familiares quando das disputas na partilha de heranças, mas que, após a privatização da respectiva CIA, seriam atirados ao lixo, pela sua desvalorização, causando sérios prejuízos aos investidores e herdeiros; da **CIA Exploradora do Ferro**, que mesmo exportando milhões de toneladas, não se sabe por que, só veio a dar lucro quando nas mãos de particulares, ignorando estes o ônus das poucas centenas de sólidas barragens de resíduos do metal que teimavam em despencar sobre os habitantes das urbes vizinhas levando-lhes casas, vidas e a destruição do meio ambiente em vale de doces rios irrecuperáveis, que os inocentes dirigentes prometiam a reparação de imediato, dos prejuízos ao longo do tempo, até que as vítimas cansadas de demandarem pelas indenizações, desistissem dessas solicitações por não mais encontrarem os responsáveis pelas tragédias, há tempos demitidos pela CIA, entre outras empresas estatais de menor calibre.

Privatizações essas recebidas a pontapés por dirigentes das respectivas **Corporações de Ofício e Uniões Trabalhais**, quando representantes do Príncipe se dirigiam as Stock Exchange para concretizar o negócio.

Tais privatizações, que renderiam muitos bilhões, é verdade, tinham dupla função: de um lado quebrar o galho do tesouro de Zilbraniz um tanto exaurido pela controversa administração dos bens da nação por diligentes governantes de outros tempos; por outro lado, recompor perdas de outrora daqueles que as patrocinaram, que segundo as más línguas o fizeram em troca de propinas, cujos recebedores (ou seriam receptadores) e recebimentos nunca foram identificados, porquanto àquela época ainda não havia sido instituída a falida **PEGARATO.**

Segundamente, lembrou-se o Príncipe do miserável terço, existente de norte a sul de Zilbraniz sempre deslembrado dos antigos governantes que lhes negavam as três rações diárias, criando para ele, duas pobres bolsas nas quais colocou algum dinheirinho, no entanto, incapaz de suprir a totalidade delas – das refeições, decerto-razão pela qual esse benefício não ficaria na memória da pobre gente no momento de demonstrar sua gratidão, pela sua insignificância, quando o Príncipe pretendera fazer o sucessor, nos dois mil e dois. Instituição essa que, incrementada pelo Bula-Lá, garantiu-lhe o apelido de Avô dos Pobres e década e meia de permanência dos **ProntoTrabahista** no poder, período em que seus seguidores políticos e particulares

encheram suas burras, que com certeza não eram as fêmeas dos respectivos muares, conforme será revelado mais pra frente.

Outra relevante iniciativa do Príncipe fora o estímulo a que gringos introduzissem em Zilbraniz suas verdinhas uma vez estar o país um tanto, reservadamente endividado e, cuja grana nacional era de pouca aceitação **exógena** e por isso destituída de lastro.

Por outro lado, os gringos decepcionados com os juros de seus países de origem, observando os suculentos de Zilbraniz, de bom grado encaminharam seus investimentos para lá, cujos juros estavam, permanentemente, em ascensão.

O problema desses investimentos era que, aos primeiros sinais de crises em países próximos e remotos, essas aplicações fugiam de Zilbraniz em desabalada carreira, causando previsíveis malfeitos ao câmbio local para desespero de importadores e exportadores nativos, que viam suas mercadorias permanecerem em estoque.

No que dizia respeito à indústria **automobilital** o Príncipe tomou algumas importantes providências, buscando acabar com o monopólio daquelas primeiras montadoras no tempo do Sorriso das Alterosas, convidando dezenas delas a trazerem novas carrocinhas para consumo dos zilbranizenses.

Convite aceito, de imediato, por já estarem esses empresários exógenos informados de que nesse país as autoridades se mostravam extremamente tolerantes a reajustes periódicos do produto, elevando-lhe o preço e consequentemente os impostos, sobre o que com certeza, traria grande alívio aos sempre desequilibrados orçamentos municipais, provinciais e federais, todos eles, é claro, tirando sua casquinha dos veículos a serem produzidos pelas novéis montadoras.

Ao final, tornando seus preços compatíveis com a ingenuidade dos consumidores que não imaginavam estar comprando gato por lebre, tanto no que dizia respeito a qualidade do produto quanto dos valores que dispendiam para adquirir aquelas maravilhosas máquinas, de custo dez vezes menor em seus países de origem, entre outros próximos e distantes, cujos consumidores não caiam nesse conto do vigário **automobilital.**

Do que decorria que esses veículos em Zilbraniz sempre apresentassem os maiores valores do planeta, evidentemente sem a devida valorização esperada, na revenda.

No que dizia respeito à saúde, como Zilbraniz houvera instituído o direito de toda a população ao atendimento médico-hospitalar, sem ter feito os cálculos de quanto custaria o nobre benefício, só existente em países civilizados, posto que os governantes zilbranizenses nunca demonstrassem ter memória de elefante, foi preciso consertar a coisa por meio do conselho de ilustre esculápio segundo o qual, seria preciso muita grana para manter o benefício.

Dessa forma foi criado a **CPMFE** – **Contribuição Prometida para Medicar Famílias Estropiadas,** imposto com durabilidade por tempo indeterminado e não sabido.

A **CPMFE** constituiria a mais democrática contribuição já introduzida em Zilbraniz.

Recolhia humilde porcentual de empresas, trabalhadores afluentes, médios, e pobres, bem como de dois ou três vezes mais, por meio do efeito cascata (termo que, entre nós, se refere a potoca), nas vendas de produtos comerciais, industriais e quejandos, para desespero de empresários, ao observarem parte de seus lucros escorrerem às instituições **bancariais,** que os guardavam por alguns dias, antes de repassá-los, diga-se, com grande tristeza ao tesouro, sabendo, de antemão que esse imposto como tantos outros, seriam muito bem aplicados pelos governos em setores, não necessariamente ligados aquele para o qual fora criado, ou seja, ao atendimento aos estropiados, para a frustração de seu idealizador.

Tudo ia muito bem com tal imposto até que se percebeu que seu montante excederia as necessidades do programa **médico hospitalar para todos,** razão pela qual, essa grana começou a ser emprestada – sem devolução prevista - para tapar buracos orçamentários de todos os ministérios.

Contudo, como eles – os buracos decerto -, começaram a se transformar em precipícios, Zilbraniz foi se esquecendo de seus doentes que logo, logo, seriam atendidos em confortáveis macas alocadas **nos corredores de seus bem equipados nosocômios, de tal sorte que sem mudar o** nome da sigla **CPMFE**, o imposto

transferiu-se naturalmente para qualquer coisa que não fosse relacionada a saúde da população.

Assim, depois de muita controvérsia, no fim da segunda década do XXI chegou-se à conclusão de que não valia a pena manter esse imposto, principalmente porque não atendia aos interesses dos amigos do capital, alegando, em conluio com as autoridades de plantão que, provavelmente, a saúde dos zilbranizeses ia bem obrigada, ou seja, obrigada a ir bem????

O Príncipe deparou-se, ao longo de seu governo, um tanto assustado, com a ameaça de crise **bancarial,** ao constatar que muitas dessas instituições marchavam, inexoravelmente, para quebradeira geral, pelo excesso de empréstimos, em parte a clientes caloteiros nunca identificados, em parte a seus proprietários interessados em conservar seus haveres em certos paraísos, jamais localizados à época.

Iniciou-se, então, o programa de salvação **bancarial** pela injeção de alguns bilhões nos sadios descapitalizados, se dispostos a incorporar em seus haveres, alguns quase falidos, extinguindo aquelas indesejadas empresas **bancariais** que o sistema queria ver pelas costas, pela sua total inviabilidade, cujos proprietários de há muito houveram mudado de profissão.

De sorte que o sistema se salvou a custa daqueles bilhões, sem, contudo, escapar de ter de pagar gordas indenizações a certos banqueiros, que desaparecidos à época da salvação do sistema, reapareceram após ganharem na justiça, sempre estrábica, ações indenizatórias pelas propriedades que lhes foram retiradas ex-abrupto, sem a sua concordância. Neste caso, unindo o inútil – a grana guardada nos paraísos, ao desagradável: a grana indenizatória dos contribuintes.

Não é preciso dizer que essas medidas tomadas pelo Príncipe, ou seja, a de salvação do sistema **bancarial** fora muito elogiada... pelos favorecidos.

No que respeita a gastança a que se acostumaram alcaides, governantes provinciais e federais, o Príncipe procurou contê-la por meio de Lei especifica, a qual, em troca de assumir humildes dívidas produzidas por aquelas autoridades, estas, com muita dor no coração, se comprometiam, somente, a gastar o mínimo com os **barnabés tops**, além de despesas extras aprovadas pelos Paralamentos municipais, provinciais e federal, o que dificilmente deixava de acontecer pela proximidade entre executivo, legislativo e os **barnabés tops.**

De sorte que, como dizia o **Lampeduza**, tudo seria mudado quanto a gastanças, para que elas continuassem no mesmo pé – ou seria nas mesmas mãos?

. Todavia, quando se aproximava o fim do primeiro quadriênio do Príncipe, surgiu um problema. Tão excelente administração, diziam os membros dos **Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias,** não poderia ser interrompida, pois ainda havia muito por fazer para que Zilbraniz consolidasse o seu caminho para o futuro.

Entretanto, a permanência do Príncipe dependeria de alteração nas Ordenações88, ao custo de algum óbolo aos recalcitrantes.

Daí, conversa vai, conversa vem, não foi assim tão difícil fazerem muitos paralamentares algum desconto naqueles adjutórios, que decerto, atrapalharia, por algum tempo, o sono deles, ao colocar o bestunto sobre o travesseiro.

Sem saber de nada (?) sobre aquelas tratativas paralamentares, o Príncipe foi, para sua agradável surpresa, informado de que teria direito a mais um mandato, recebendo-o como uma nova carga sobre seus ombros os quais nos últimos tempos vinha lhe trazendo fortes dores no local.

Finalmente, como tudo na vida, chegara ao fim, o último quadriênio do Príncipe, sem que o futuro ainda tivesse chegado a Zilbraniz, também teve aquele destino, ou seja o fim.

Deixaria o trono um tanto desgastado pelos percalços no segundo quadriênio, entre os quais a desvalorização da moeda que viria perder um quarto se seu valor frente às verdinhas, para a felicidade dos especuladores do câmbio e infelicidade dos consumidores ao entrarem em contato com os preços nas gôndolas dos supermercados.

No que concerne à avaliação da governança principesca me lembro de ter lido um escrito do ranheta cronista Ingrácio Dára Agon, ao que parece não muito favorável às realizações presidenciais, que julguei um tanto injustas, depois de ter observado suas narrativas, em noites insones, sobre a quase década de seus bons feitos em favor do engrandecimento de Zilbraniz.

Todava, ao publicar a **"Breve Crônica Sobre Certo Príncipe de Zilbraniz",** deixo a critério do caro leitor a procedência, ou não, do julgamento do Ingrácio, sobre o Príncipe. Ou tratar-se-ia de maledicência do famigerado escriba? La vai ela:



"Numa tarde calorenta da capital federal de Zilbraniz, o Príncipe estava reflexivamente entediado em sua poltrona de veludo azul-turquesa, defronte a um enorme espelho.

Mirava-o, preocupado com as rugas e os cabelos brancos, que o tempo e os solavancos do poder lhes haviam acrescentado à catadura e ao couro cabeludo, num relativo curto espaço de tempo.

A vaidade fê-lo, subconscientemente, reportar-se às histórias da carochinha: "Espelho, espelho meu, existe um governante mais competente, mais honesto, mais ético, mais democrata, mais inteligente, mais amigo da educação... mais.... mais... que eu?" – ocorreu-lhe, em sua proverbial modéstia. Ao que respondeu o espelho: "Competente, nem há dúvida que sois. Competir por mais alguns aninhos ao trono de Zilbraniz, com três azes do mesmo naipe na manga, não é vantagem!

"Quanto a honestidade, argumentam as línguas de trapo deste lado do espelho, que no caso das privatizações das companhias de escuta e transmissão de vozes do aquém e do além, não andaste muito na linha, com aquela história de favorecer a Nação, na disputa entre Corporações de maior ou menor poder aquisitivo. Procuraste saber quanta erva, os intermediários de sua confiança levariam em defesa da pátria amada, salve, salve?... não fosse um providencial grampo-bisbilhoteiro de plantão?"

"Quanto ao teu respeito a ética, lembro que restabeleceste a arapongagem dos anos do ferro com aquela famigerada ABINada sobre a vida alheia, que hoje o Mandrião usa para a defesa da sua prole peculatária.

"Que és um grande democrata sabe-se pelos projetos de tua autoria aprovados e imediatamente considerados "foras da lei" pela egrégia Altíssima Corte, ainda que muitos de seus membros sejam "teus amigos do peito", ou

quando distribuis "medidas provisórias para todo o sempre", que conseguiram superar em gênero, número e grau daquelas semelhantes legislações dos "Anos do Ferro".

"Inteligência não se pode negar a teu bestunto ubíquo, capaz de ocupar, dois pensamentos no mesmo espaço cerebral: a direita e a esquerda, de acordo com a elevação ou queda nos teus índices de popularidade aferidos por intrigantes institutos de pesquisa."

"Que és amigo da educação, prova-o teus austeros vetos à dinheirama "pibiana" que se queimaria, nos PNE da vida, civilizando a raça ignara de Zilbraniz, um tanto refratária à livros, lápis, caderno e borracha, que num espaço de dez anos, dizem as boas línguas, poderia alçar-se do brejo as excelências educacionais de Finlândias e quejandos.

Moral da crônica: Não ouses criticar o Príncipe, ele odeia o avesso do espelho

Depois de muita controvérsia o partido do Príncipe e aliados de sempre, escolheram para sucedê-lo o Serrador, mirrado candidato oriundo da Paulícéia Desvairada, ministro da saúde do governo findo, cuja biografia se notabilizava pelos estudos acadêmicos, todos realizados no exterior devido ter batido de frente com os **Rosa-Choque** ao liderar a estudantada nos primórdios dos **Anos do Ferro.** Para evitar ser pego e viajar naqueles doloridos Paus de Papagaio, destino dos descontentes com o novo regime, ele **pirulitou-se** para país sul americano, cujo regime, naquele momento, se coadunava com seus pontos de vista político-ideológico, país no qual se graduou e constituiu família, por algum tempo até que, a semelhança de Zilbraniz, essa nação fosse atropelado por milicos, um tanto quanto, agastados com participação popular nas liberdades públicas, alocando opositores em estádios de ludopédio, quando não enviava os mais recalcitrantes aos braços do Redentor, milicos esses que, diga-se, não foram tão condescendente como os **Rosa-Choque** de Zilbraniz que se livraram de uns 400 (segundo os próprios), enquanto que aqueles despacharam para o além boa parte da população descontente.

Para evitar a sanha do novo regime, o Serrador buscou ares mais amenos e por lá ficou à espera de que Zilbraniz voltasse a quase normalidade democrática.

De volta, depois de abjurar ideias coloradas, incorporou-se ao **Partido dos Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias,** no qual faria carreira.

Também o qualificava para a sucessão do Príncipe suas realizações enquanto ministro da Saúde, ao passar a perna nos laboratórios quebrando-lhes o monopólio de suas criações medicamentosas ao determinar que muitos fármacos não mais valeriam aqueles preços incompatíveis enfiados goela abaixo da população zilbranizense, fazendo com que, dali por diante, os mesmos medicamentos convivessem com preços diferenciados, dando um verdadeiro nó na cabeça do consumidor que nunca compreendeu o fato de dois medicamentos produzidos pelo mesmo laboratório pudessem ter valores tão diferenciados... quando o eram, realmente!!!

Com tal biografia esperava-se grande desempenho do candidato. Seria?

Adivinhem o opositor, adivinhem? Pois era ele mesmo, o Bula-Lá, em sua terceira aventura eleitoreira.

É verdade que tivera de disputar a candidatura com o célebre Suplício, aquele, que houvera tentado mudar a indumentária dos confrades paralamentares, introduzindo o uso da cueca vermelha sobre as calças. Todavia, como não era o proprietário do partido dos ProntoTrabalhistas, fora, por comportamentos considerados no mínimo esquisito, descartado, de pronto, na convenção.

Outros candidatos, relativamente robustos tentaram a sorte, mas ao fim do primeiro turno das eleições vendo-se fora de combate bandearam-se para o lado do candidato cujas pesquisas apontavam como favorito, em busca de uma boquinha no novo governo, daquele, **quem espera sempre alcança** no caso o tri Bula-Lá, que bateria de longe o Serrador, que como sabemos não desistiria de chegar Lá nos 2007, depois de realizar estragos na educação da Paulicéia Desvairada e ter sido chamado pelos desafetos de **Stalinzinho da Móoca.**

Algumas palavras sobre os **ProntoTrabalhistas** do Bula-Lá se fazem necessário, no momento em que, depois de longa espera, assumiram o trono.

Nesse partido misturavam-se, sem qualquer cerimônia, religiosidade e materialismo, **democratismo e autoritarismo, ética e alcagüetismo, entre outras sínteses menos originais.**

Ilustrativo destes comportamentos é o comovente trabalho de sacerdotes progressistas, na conversão dos companheiros materialistas. Provavam esses religiosos, com sólidos argumentos teologais, a cristianidade das teses defendidas pelos materialistas. Estes, predicando a salvação da alma na Terra, em detrimento de um Paraíso improvável, uma vez que ninguém dele retornou para provar a veracidade da "Boa Nova".

De sorte que religiosos progressistas e políticos materialistas dos **ProntoTrabalhistas** conviviam, harmoniosamente, nesse partido, sem que a manutenção do "status quo" lhes criasse quaisquer problemas de consciência.

Ambos não se cansavam de pedir a Deus pela libertação dos oprimidos - contando que não estivessem por perto, aporrinhando - por meio de vasta literatura, enviada e publicada em jornais e revistas, estimulando a massa descamisada e até mesmo "descuecada", destituída de luzes que não os lêem e ***pour cause***, - a pegar em armas contra a miséria a que estavam submetidos há séculos.

Às vezes, movidos por rompantes heroicos, esse contubérnio provocava ações radicais, indo da teoria à prática, estimulando inconformados com a vida ao ar livre, a buscarem terra e teto, em terrenos baldios, deixados por proprietários desinteressados em valorizá-los.

Em meio às lágrimas e ao ranger de dentes dos resistentes, ***condotieris***, religiosos e materialistas observavam durar muito pouco tempo a ocupação, pois os invasores eram frequentemente desalojados, depois de investirem suas últimas economias, levantando três ou quatro paredes, imediatamente, postas abaixo pelos **Mantenedores da Ordem**, por determinação de cruéis empedernidos membros do **Corpo Juizal**.

O fato de os ambiciosos ***homeless*** darem com os **burros n'água** e terem aprofundado sua penúria, não atingiam a consciência dos taumaturgos, acreditando estes, terem alcançado seu objetivo, qual seja o de incutir na mente dos desvalidos a noção de cidadania, plantinha, que, com certeza, floresceria... em futuras gerações de desabrigados.

Nota-se original pensamento híbrido nos **ProntoTrabalhistas** quanto a sistemas de governo. Embora prenhes de democratismo, inspiram-se em regimes de países, cuja população, recentemente, se enfarou com tanta solidariedade humana e

divisão de riqueza... entre os membros do **Partido Único**, varrendo-os depois de desveladas as benesses concedidas pelos velhos camaradas a si mesmos.

Todavia, a permanência dessa seita, digo regime - ou seria regime-seita? -, num certo **Paraíso Ilhíaco-Caribenho**, é o suficiente para que os Progressistas vivam a declarar que nem tudo está perdido - pelo menos até que reste algum renitente, disposto a não emigrar desse depauperado **Xangri-Lá**.

Tudo isto fica demonstrado pelas palavras e artigos de um entusiasmado **sacerdote fundamentalista**, após visitas críticas a prósperos países ocidentais, onde a miséria há muito foi erradicada. A partir desses turismos observativos, provava o religioso que o profundo materialismo, trazido pelo enriquecimento desses povos, nada mais fez do que provocar o surgimento de verdadeiras **Sodomas e Gomorras**, destruindo nos cidadãos o amor ao próximo - pedra angular dos regimes varridos, inclinando-os a viverem em pecado, dos quais os mais graves seriam a gula e a luxúria.

Gigantesco é o esforço do maior partido progressista de Zilbraniz, na defesa da Ética, na Política - última moda entre os políticos zilbranizense, aplacando a consciência pelos raros deslizes.

Seus membros esmeram-se em apontar quaisquer falhas dos adversários, escarafunchando-lhes o passado, o presente e o futuro por meio de **grampos telefonais, gravadores providenciais, parabólicas televisais**. Assim, contribuem para que os **adversários conservadores exerçam profundo policiamento em seus ínvios** comportamentos, em público e em privado.

Como os opositores insistissem na indiscrição, muitas vezes se justificavam as ações dos guardiões da moralidade política zilbranizense.

O fato de os **ProntoTrabalhistas** provarem ou não, as assertivas, não vem ao caso, pois denúncias, estigmatizando inocentes e culpados, eliminavam um bom contingente de conspurcadores da pureza dos costumes políticos zilbranizenses -além de reservarem aos candidatos progressistas novas cadeiras nos Paralamentos, municipais, provinciais e federais.

Tão criteriosos eram esses progressistas, na apuração de falhas alheias, que um de seus Catões, o Suplício, travestido de Sherlock Holmes espiritualista, a propósito de sério escândalo na Comissão do Orçamento de antanho, pesquisou em

Nova York - cidade pequena e provinciana -, o fantasma de uma esposa falastrona, eliminada por tentar reconduzir o transviado esposo (então diretor do órgão) ao bom caminho, sem qualquer sucesso. E não a encontrou, evidentemente, pois há muito se sabe que os mortos não voltam e, muito menos, são aceitos como prova testemunhal de seu óbito.

Tal Catão, o atento leitor deve se lembrar, vou repetir, foi aquele puro espírito que lançou a moda do uso da cueca vermelha pelos corredores do Paralamento Federal de Zilbraniz, moda que, diga-se, não pegou.

Poucos podem recriminar os progressistas quanto à ética, movendo suas ações. Se pecados apresentam, não passam de veniais tropeços, quais sejam:

- trocas de favores com **Uniões Trabalhais**, supostamente filiadas ao partido, mantendo absoluta isenção nos pleitos (à semelhança de **Cristãos Novos** de priscas eras coloniais, perseguidos pela Santa Inquisição), cujos membros exercem, em suas declarações à imprensa escrita e **televisal**, quando se defendem da infame acusação de apoio aos progressistas, a chamada **Reserva de Consciência**, pela qual se pode acender uma vela a Deus e outra ao diabo, sem que se perca a alma nas profundezas da habitação do segundo;

- o recebimento de pequeníssimas propinas (entendida no seu verdadeiro significado, segundo as **Ordenações Filipinas**, vigente no período colonial) de empresas de pequeno porte, sustentando-se como fornecedoras dos numerosos municípios, onde com facilidade, o partido galgou o poder;

- uma que outra fraqueza de certa **ex-alcaida**, investindo dinheiro público, na divulgação de **Paredes Generalizadas**, mais do que justas e sempre vitoriosas, promovidas pelas **Uniões Trabalhais,** a ela umbilicalmente associadas; ou de outra **alcaida,** mais recente e muito chique, que ao tentar embelezar a grande metrópole, em véspera de eleições, na qual pretendia dar continuidade a sua fecunda administração, mormente nos “jardins” (onde vivia está claro), deixou ao sucessor um tal superávit nas finanças que o dito cujo, atarantado com tanto dinheiro, homenageou-a com um processo judicial vinculado a enorme responsabilidade fiscal de madame.

È verdade que os **Tribunalais de Esclarecimentos Eleitorais**, até o momento negam-se a manifestar-se sobre esse trivial acontecimento, como soe a

acontecer com todos aqueles que incorrem na virtude de sempre dizerem a verdade sobre o recebimento de pequenas subvenções em espécie... de cheques, equivocadamente aceitos pelo vice de ex-alcaida, tendente a auxiliar o mais competente e culto de seus candidatos ao posto maior da Nação, por parte de pequenos empresários, desiludidos com o capitalismo e a saúde de seus negócios.

Mas tudo isso se deu em tempos de antanho, posto que, recentemente, primórdios do século XXI, os progressistas viriam alcançar o poder maior em Zilbraniz, batendo o tri aspirante, em eleições muito disputadas, o desnutrido candidato **dos Quase-Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias**, que recebera amplo apoio de seus correligionários os quais muito festejaram a vitória dos progressistas, demonstrando ausência de preconceitos contra quem quer que seja.

Prova disso foi o fato de o Príncipe CHF na transmissão da faixa, fazê-la esborrachar-se a fim de deixá-la devidamente engraxada para o tri candidato acostumado a máquinas e motores assassinos, os quais foram, por longo tempo, operados com enorme competência pelo vitorioso candidato, de acordo com o depoimento de dedicado ortopedista da respectiva fábrica.

La chegando, o Bula-Lá, declarou que aperfeiçoaria o modelo de desenvolvimento de seu antecessor, conjugando-o com outro de meio século atrás. Aquele estupendo cinqüenta anos em cinco, levado a cabo pelo mais risonho governante de antanho, com o único inconveniente de ter inaugurado o sistema **inflacional** tão apreciado nas cinco décadas posteriores pelos habitantes de Zilbraniz, fato já comentado alhures.

Das premissas assopradas pelo ilustre presidente-pitonisa resultou a paralisação geral de Zilbraniz durante alguns meses de mandato, que era para planejar-se a grande cambalhota, “nunca ocorrida em tempo algum” - mote que o novel governante aplicaria em todas as anteriores realizações, pela reconhecida incompetência de todos os seus antecessores, incluindo o primeiro governador, aportado em Zilbraniz em 1549.

Não se diga que as previsões do muito querido taumaturgo Bula-Lá "Não Sei de Nada", apodo a ele aplicado pela ranheta oposição do Paralamento de Zilbraniz, não tenha tido sucesso em sua empreitada, pelo menos nos cinco primeiros anos quando o planeta ainda não tinha conhecimento das estripulias do sistema **bancarial**

internacional com derivativos e saudáveis hipotecas, estas não honradas a tempo e hora pela população gastadeira da hiperpotência, **Steites Big-Stick.** Do que decorreram pequenas dificuldades na economia mundial, impedindo o encurtamento dos outros cinquenta anos nos tais cinco.

Mas como nosso taumaturgo mandatário Bula-Lá "Não Sabia de Nada" do que estava se passando no mundo econômico, "garrou" a jurar de pés juntos que a crise internacional não passaria de um ventinho em Zilbraniz. E concluía, cheio de razão, certamente, de que somente os países ricos é que "SIFU".

Estranhei muito o linguajar purista do mandatário maior de Zilbraniz, mas desconfio que deva ter tido alguma recaída ligada à época em que negociava, sem bons resultados, nas demandas por reajustes de salários de sua categoria com empresários preocupados com a sobrevivência de suas empresas ou manter em funcionamento seus negócios.

Não é preciso dizer, que o tal ventinho fê-lo pensar seriamente na transformação do Seguro-desemprego em Bolsa Família – sim, pois em Zilbraniz também existe esse programa que presenteia os desamparados com a sardinha já frita, ao invés de ensiná-los a pescar a bicha, que é para não mudarem de opinião sobre o Bula-Lá, no momento de apertar certo botão nas sessões eleitorais.

Medida essa, com certeza, aconselhada por luminares da economia, entre os quais um robusto ministro da fazenda dos tempos dos **Anos do Ferro** (pois é, Zilbraniz, também passou por essas agruras), à época, fã incondicional e mentor do mandatário mor, (talvez saudoso de uma boquinha nas mansões de certa Península de Ziliabrás), visto que a partir da crise cresceriam algum tanto, as atividades vinculadas ao **"dolce-far-niente"** em Zilbraniz.

Voltando aos primórdios dos governos dos progressistas, devo informar que, instalados no poder, iniciaram a administração da economia sob a batuta de incrementado ministro da fazenda, o tal **Aloniopelote,** segundo o noticiário dos jornais, de brilhante e honesta vida pregressa como alcaide de **Ribeirão Fuliginoso**, importante urbe da Província mais rica da federação zilbranizense.

De posse do ministério declarou que, do que dependesse dele, o país seria um modelo de desenvolvimento, fundado na retidão e ética.

Todavia, as más companhias fizeram-no, muito contra a vontade, diga-se, frequentador assíduo, de festinhas libidinosas em certas mansões de Ziliabrás, costumeiramente oferecidas a renitentes paralamentares da oposição. Todos usufruindo desses ruidosos, mas inocentes momentos, até que o ministro se encrespou com seu moralista jardineiro, insistindo em pôr fim aquela balbúrdia, que não o deixava dormir sossegado no sótão daquela mansão.

Desconfiado de que o dito cujo recebia **algum por fora de** invejosos do prazer alheio resolveu o ministro, com todo o respeito, dar uma **espiculadazinha** na conta corrente do indigitado cuidador de suas flores. Do que resultou a revelação de intimidades familiares desconhecidas até mesmo da vítima. E foi aquela **fofocagem.**

Envergonhado com os acontecimentos, como sempre ocorre com aqueles que honram as calças que vestem, nosso constrangido personagem passou o cargo ao ministro Margarina, que "sossegou o pito" do ministério em tela.

No que diz respeito à ética e retidão, dos progressistas, avultou a figura do notório **Chefe das Coisas Palacianas – correspondente ao nosso ministro da casa civil -,** o tal **Ozéorfeu**, que, se não me falha a memória, por meio de ações as mais louváveis, primeiramente, designando honorável figura para fazer o meio de campo entre as bancadas do Paralamento e o Bula-Lá, sempre atacado de amnésias providenciais, quando as coisas não saiam conforme o planejado no gabinete pegado ao seu.

Mas eis que senão quando, o preposto, (que se chamava **Salsomiro** ou coisa que o valha), sempre risonho, mas um tanto quanto afoito, resolve dar uma de distorcido aforismo **Franciscano** (**ou seja, é recebendo que se dá**).

E não foi que o indigitado entra em entendimento com célebre negociador metido a cineasta, de quem solicita, candidamente, adjutório para correligionários do **Chefe das Coisas Palacianas**, segundo o mentiroso negociador-cineasta, é claro.

Filmada a cena verificou-se que o preposto-ator não passava de um canastrão do que resultou sua imediata demissão.

É claro que os feitos do tal **Salsomiro,** que, quando muito, frequentara o Palácio algumas vezes, não guardava relação nem com o **Chefe das Coisas Palacianas**, nem com o Chefe do Governo de Zilbraniz, que nunca soube de nada.

Como o problema da governabilidade continuava, buscou o **Chefe das Coisas Palacianas** outras soluções. Encontrou-as, no tesoureiro dos progressistas, o **comentado Dilúvio,** especializado a obter empréstimos sem custos adicionais para o partido e nos dutos e condutos de certo empresário de brilhante e **Valerosa** Cabeça – literalmente -, de tradicional Província, sem saída para o mar.

Mas a questão do apoio paralamentar aos projetos dos progressistas se resumia a irrelevantes problemas de caixa de membros de importantes bancadas, o que levou a **Valerosa** Cabeça a instalar por meio de prepostos, em alguns rurais bancos, aqueles já mencionados dutos, vertendo mensalmente pífias quantias destinadas, algumas delas, a cobrir dívidas de esposas gastadeiras deste ou daquele paralamentar.

Mas, eis que senão quando, surge ilibado Catão, de partido ilibadíssimo, recém-aliado dos progressistas - por meios que só os meandros demoníacos da política explicam - para comprometer os planos do **Chefe das Coisas Palacianas** e salvar o distraído mandatário mor de Zilbraniz e dos Progressistas, que, evidentemente, "nada sabia do que se passava", do outro lado de sua porta.

As consequências do ato heroico do nosso notório Catão ilibado foram gravíssimas... não se sabe, exatamente, para quem.

De um lado abriram-se numerosas CPIs cujos resultados, como tudo em Zilbraniz são bastante sopesadas para chegar-se a alguma conclusão, de sorte que somente alguns representantes do povo cujo relacionamento com seus pares não era dos melhores acabaram desistindo do mandato que, por sinal, estava em seu final, incluindo **o Ozeorfeu, Chefe das Coisas Palacianas,** que resolveu procurar emprego mais rendoso, que como hoje se sabe, rendeu-lhe uns bons anos de descanso na Papuda. Sim, porque em Zilbraniz também existe essa Casa de Repouso, para os políticos não muito, bem-comportados.

Ao final do primeiro mandato novas eleições reconsagraram o grande benfeitor, e se encarregaram de desfazer as injustiças produzidas por aqueles mal-entendidos, envolvendo, seguramente, inocentes daqueles recebimentos mensais que o presidente da Altíssima Corte provou terem chegados aquelas inconspurcadas mãos.

Assim, graças à manutenção das uma e meia refeições diárias aos membros do miserável terço **nordestinheiro**, as completas, das classes médias seguida da frequência a restaurantes em fins de semana, e a constante afluência dos grandes mamadores das tetas da **Viúva** oficial e quejandos, e ei-los quase todos novamente no Executivo e nos Paralamentos, na luta pelo engrandecimento de Zilbraniz, por mais uma mais ou menos próspera temporada.

Ainda que durante nesses novos quatro anos A Altíssima Corte não houvesse olvidado as estripulias **mensaleiras** dos progressistas, aplicando-lhes leves corretivos, levando-os a breves estadias em confortáveis salas de repouso, durante a noite, para que se apresentassem descansados para as lidas do dia seguinte, essa grei, dada a costumeira amnésia de seus seguidores, mantivera prestígio suficiente para conservar-se pronta para novas aventuras.

Chegara, enfim, o tempo dos grandes campeões da economia zilbranizense. Entre eles avultaria a figura do Senhor EX, entendendo-se esse X a forma pela qual tantas vezes alguém conseguia multiplicar uma fortuna virtual para a real, (ou seria o real?) sem tirar um puto tostão do bolso.

De que maneira, perguntaria o curioso leitor? Apenas, festivamente, batendo o martelo nos Stocks Exchange de Zilbraniz, ao criar numerosos empreendimentos que dariam lucro em pouquíssimo tempo, que não se sabia exatamente quando.

Em minha última visita a Zilbraniz lembro-me de ter visto o indigitado bilionário, Senhor EX, descrevendo a extasiada entrevistadora televisiva o segredo de seu sucesso.

Declarava aos boquiabertos telespectadores que seu êxito não deveria causar espanto, posto que, estaria ao alcance de qualquer mortal, desde que, assumisse com coragem os riscos do negócio, sem temer suas eventuais consequências???

É verdade que algum tempo depois as teses do Senhor EX, se mostraram um tanto quanto controversas, posto que dos seus muitos bilhões ???, não lhe restou, sequer, a bela peruca sobre o lustroso cocuruto, ignorada do grande público, no momento que os Mantenedores da Ordem, lhes descobriram suas boas práticas financeiras.

Mas eis que outras aventuras se desenvolveriam nos gabinetes pegados ao do mandatário-mor, durante o segundo tempo desse ilibado governo sobre os quais ele nunca saberia de nada, ao se dizer traído por empedernidos companheiros.

Coisa pouca é verdade: inocentes incursões de correligionários públicos e privados, nas finanças da Petroaniz; perigosas **burnlescas** aproximações do compadre do chefe do executivo; alguns adjutórios de benquistas levantadoras de edifícios e congêneres, para o aumento do mesquinho patrimônio do querido mandatário, entre outras "cositas más", que não tardariam a ser de domínio público e objeto da **"PEGARATO**" que a Justiça de Zilbraniz poria em andamento para, pela primeira vez, esquecer os bagrinhos para dedicar-se aos tubarões, estes um tanto inconformados com lucros ínfimos de antanho, ao tempo em que as tetas da **Viúva** ainda não estavam ao seu alcance e muito menos secas...

Sobre esses acontecimentos lembro-me de uma inconfidência do Bula-Lá numa conversa com correligionário denunciado por quem a ouviu e me passou.



"- A coisa tá preta, companheiro". Sabia dessa sujeirada toda?

Como ao fim o segundo quadriênio do memorável mandatário**,** sob aplausos de certos membros de academias oficiais vinculados às leis e humanidades, de

construtoras desinteressadas de lucros excessivos, um tanto quanto enroscadas com a justiça, consumidores de ração e meia, diária, dos confins e periferias, de parte das classes médias ilustradas e bem alimentadas, muitas das quais adeptas do leite vertido daquelas tetas as quais o caro leitor deve ter alguma ideia quais seriam.

Fora tal o prestigio angariado pelo renomado mandatário, o qual sem qualquer vínculo com instintos caninos, contudo, muito apreciador de postes, indicou a brilhante e experiente ministra, Sra. Rosscoff. , em razão seus grandes méritos, ao longo do governo entre os quais sua capacidade de revelar, em reuniões ministeriais, as costumeiras potocas de afoitos ministros, quando ousavam pedir a palavra para expor seus pontos de vista sobre ações de sua pasta e, principalmente, sua heroica atuação em tempos políticos bicudos, ocasião em que enfrentou e experimentou, galhardamente, a comunidade Rosa Choque, que lhe aplicaria suaves bordoadas por meio daquelas "U(s)LTRAs" civilizadas "organizações dispostas a conter a ação de algumas centenas de beligerantes armados até os dentes com pesados dispositivos bélicos de primeira geração, capazes de fazer frente a tanques e canhões dos pouco preparados pelotões ativos e passivos, espalhados pelos quatro cantos de Zilbraniz, naquele tempos do Ferro e assemelhados.

Devo lembrar ainda em favor da senhora Rosscoff ao tempo de seu ministério, aquela ousada aquisição de importante siderúrgica dos **Steites Big-Stick** que proporcionaria enorme lucro a Zilbraniz... se o negócio não se **concretizasse.**

É verdade que os progressistas, desta vez, reforçaram suas possibilidades eleitorais indicando para vice (Ah, os eternos vices!!!) **o Dr.Migué Treme** famoso interpretador das Ordenações88, um dos chefes do partido do **"Movimento Da Barganha"**, que sempre vivera a farejar as façanhas dos eternos vitoriosos, sonhando que em algum momento chegaria sua vez.

Neste primeiro quadriênio vivera a Sra. Roscoff dos rescaldos do antecessor, ainda que as relações entre a chefa e o vice, dizia-se, ocorrera de forma harmoniosa, ainda que o segundo vivesse à espreita de algum escorregão da comparsa.

Ainda que ocorressem algumas barbeiragens da Sra. Rosscoff, ao longo de seu mandato, a cobertura do padrinho lhe garantiria certa segurança no cargo.

Contudo, neste primeiro quadriênio da Sra. Rosscoff, começaram a aparecer alguns bons feitos do período Bulá-Lá, no que dizia respeito a exploração de grana

ouronegrina, que fora o escândalo do Petronizão na qual todo o staff do Bula-Lá meteu a mão.

Foi o início da **PEGARATO,** célebre instituição centralizada na capital da Província do Paralá, (coincidentemente, as ratazanas pegadas em controversos flagrantes delitos iriam para lá), chefiada pelo severo juiz Matamoros e sua equipe de Procuradores que vinham dispostos a achar os mal-feitos dos com foro (instituto introduzido nas Ordenações88, a fim de proteger paralamentares em sua presunção de inocência, quando achados com a boca na botija) e desaforados roedores dos bens públicos da **Viúva.**

A **PEGARATO** introduziu procedimentos extremamente eficazes para fazer valer a lei e a ordem entre os roedores entre os quais, uma vez, achados os culpados, levavam-nos à preventivas galeras, por tempo indeterminado, até que se enfarassem das quentinhas, quando então, (muito a contragosto de seus rábulas defensores), davam o serviço, em troca de alguma folga nas possíveis condenações a uma dezena e pouco de anos, que pela misericórdia das leis zilbranizenses ficava por um boníssimo sexto da pena, tempo suficiente para, então livres dos encargos da lei, praticarem novas estripulias.

Dessa forma, a **PEGARATO v**iria revelar a misteriosa afluência dos grandes executivos e paralamentares, propiciando imensos lucros para os dois lados da mesma moeda construtorial, demonstrando a maneira pela qual a aproximação entre eles e a existência dos novos milionários de Zilbraniz infiltrados oficialmente na Petroaniz,, entre os quais aquele que se tornaria detentor da quarta maior fortuna do planeta, sobre o qual comentamos alhures e iremos tratar mais adiante.

Diante de tudo isso, a população de Zilbraniz imaginava que a corrupção seria, definitivamente, varrida do país, sem perceber os Pegaratos, Matamoros e Cia, também eram ratos, como se comprovaria muiitos anos depois.

Todavia, ó céus, nuvens negras começavam a ensombrecer o último ano de lambanças do governo da Senhora Rosscoff: surgimento de linguarudos denunciando algumas malandragens com sérias incursões de intrometidos nos recursos da Cia Petroaniz, coisa assim de alguns milhões de verdinhas desviadas a paraísos monetários; grandes adjutórios construtoriais aos sempre empobrecidos aspirantes aos Paralamentos municipais, provinciais e federais, que línguas

viperinas insistiam em chamar de propinas e certa Caixa, cujo número, quem acompanha a política em nosso país conhece muito bem o algarismo, entre outras benfeitorias que a "**PEGARATO"** revelaria sem causar surpresa ao distinto público zilbranizenze, acostumado que estava com a lisura de seus dedicados representantes, os quais os eleitores, sempre distraídos insistiam em reconduzir ao posto para pouco tempo depois arrepender-se de seu recorrente equívoco.

Mas apesar desses pequenos deslizes dos quais a Sra. Rosscoff se eximia de responsabilidade, e, se ocorreram, somente um culpado existiria, o ministro Margarina, da economia, que sem o saber acabou nas barras da justiça para se explicar e que não o fazendo, muito a contento, **quase foi Conhecer a Papuda.**

Mas, eis que chega ao final o primeiro mandato da Sra. Rosscoff, avaliado não muito bem pelos companheiros, mas avalizado pelo padrinho de quem ninguém ousava discordar, sob pena, se o fizesse não conseguir uma boquinha na chapa.

Candidata à reeleição a Sra. Rosscoff, foram devidamente contratados os marqueteiros da campanha, remunerados com verdinhas no exterior, posto que a moeda local não estivesse lá essas coisas.

Seguindo as normas dos progressistas, a responsável pelo pagamento seria aquela empreiteira dedicada financiar e cobrir dívidas de campanha a todos os candidatos a que a ela recorressem, desde que não fossem insensíveis às futuras demandas daquela esmoler.

Em vésperas do pleito os eficientes marqueteiros correram a espalhar que o mandato do primeiro quadriênio da ilustre senhora presidenta fora de grandes realizações:

1- incremento daquela famosa bolsa de bondades em favor do miserável terço dos confins de Zilbraniz e suas periferias, com ampla correspondência às expectativas eleitoreiras;

2- o alcance do pleno emprego no país, que logo após a vitória, o Anésio candidato da oposição derrotado por poucos sufrágios, denunciava como grande potoca estelionatária;

3 – atendimento à pobre gente que fora, definitivamente, quase abrigada através do programa **Minha Casa Minhas Dívidas**, honradas apenas pelos menos

espertos, com base em contratos assinados sem compromisso, entre outros benefícios que seriam concedidos se...

Como alguns milhões de seguidores do Bula-Lá acreditaram nas realizações da Sra. Rosscoff, esta, depois de renhida disputa, conseguiu, por um triz, levar de vencida o candidato dos **Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias.**

Todavia, este novo quadriênio da Sra. Rosscoff, não seria dos melhores.

Começara já contestado pelo então ainda quase ilibado opositor **Anésio das Caravelas** que se julgou vítima de propaganda enganosa no honesto pleito dos 14, uma vez que os marqueteiros potocaram no que dizia respeito ao pleno emprego, que longe de ser pleno faltou-lhe no termo três antecendentes letrinhas capitais qual sejam o "des", que se alastraria em pouco tempo a níveis ensurdecedores.

Por outro lado, a **PEGARATO** que já vinha fazendo estragos nas hostes **Pronto-Trabalhistas**, tomaria novo impulso com a constatação dos bons feitos das empresas **construtoriais,** - para elas, é claro -, então de bem com o paralamentares sem grana para tocar suas campanhas, assim como com o Bula-Lá e a Sra. Rosscoff credores da reeleição da invicta candidata.

Estupefata, a Sra. Rosscoff, e, esperançoso, o vice **Migué Treme**, observavam as celas de certa capital da Província Paralá encher-se de membros de uma **Zelite,** que jamais se imaginaria enfurnada em compartimentos exíguos, sem ventilador durante o dia, calefação à noite. Vejam só, até mesmo, obrigados a usar coletivamente um certo buraco que, a princípio, julgavam indigno de sua condição social, por tempo determinado e sabido, é claro. Mas, isso, se algum deles dessem com a língua nos dentes sobre os mal-feitos de seus confrades, mormente, agora que **o transitado em julgado** fora, temporariamente, posto fora de combate pela Altíssima Corte, por exatos 5x4, por voto equivocado de volúvel **"membra** da Altíssima Corte", que, entretanto, não demoraria voltar atrás, vítima das dores de consciência que lhes impedia um sono tranquilo.

Sequer o Bula-Lá se livrou das bisbilhotices da **PEGARATO** quando essa primeira Instância Judicial Procuradoria, chefiada pelo Matamoros fora informada de que o ex recebera de presente um pequeno ap. de uns 300 m2, a beira mar que, por desagradar cara metade, só pra lá se mudariam mediante urgentes reformas que incluía, inclusive, a construção de simples elevador para evitar que os futuros

moradores gastassem suas energias para subir alguns lances de longas escadas de uns 10 ou doze degraus, entre outras de custo, se soube, posteriormente, quase alcançaria o valor do imóvel. Mas como ainda não assinara a escritura, o Bula-Lá se julgou no direito de não ser proprietário desse seu imóvel praieiro.

Ainda que todos os condóminos soubessem que a família do Bula-Lá, lá estivesse todos os dias para adiantar as obras, quando questionado pela **PEGARATO,** se fora proprietário do imóvel, argumentava em sua defesa que pelo atraso das reformas de há muito houvera desistido do negócio, contrariando a opinião do proprietário da dadivosa empreiteira, muito agastada com a ingratidão do presenteado.

Todavia, o Matamoros não caiu na conversa do Bula-Lá e depois das necessárias Instâncias, o ex acabou numa sala federal especialmente montada para que pudesse gerir os **ProntoTrabalhistas** em local onde diariamente, pudesse receber e orientar seus subalternos, obedecendo a um preceito das Ordenações88, na qual se estabelece que em Zilbraniz todos são iguais perante a Lei, exceto alguns mais, que poderiam criar sérios conflitos sociais decorrentes da aplicação incorreta das leis- de acordo com os seus rábulas, por certo.

Fora, o pobre, condenado, equivocadamente, a alguns lustros em galera. Todavia, não esquentou cadeira do cubículo de uns 100m2, muito bem mobiliado, por força de decisão daquela volúvel ministra da Altíssima, que acabou por mudar o placar do jogo.

É verdade que o Bula-Lá, permanentemente perseguido pela cega justiça, (conforme argumentação de seus competentes rábulas, que não acertavam uma), mas sempre de olho nele, insistiam furiosamente em sua presunção de inocência e na parcialidade do Matamoros, que como já afirmei, anteriormente, se confirmaria, para gáudio de todos os outros condenados, que, nos novos tempos, se tornaram absolutamente inocentes.

Sem ser perguntado, o Bula-Lá, ainda responde por alguns singelos processos, um dos quais a respeito de outra doação de umas terras, por parte dos sempre gratos empreiteiros, das quais abriu mão em benefício de seu sócio, concedendo-lhe a posse irrecorrível do bem, perdido para sempre, desgostando seus herdeiros, que não mais poderão navegar de barquinho naquele belíssimo lago,

semelhante ao construído pelo famoso João Fernandes, contratador de diamantes, para sua querida Chica da Silva, lá pelos idos dos XVIII,

Lembro-me agora de que este processo se finalizou, recentemente, com nova e cruel decisão de seus julgadores, em segunda instância, por mais uma cana – não confundir com as biritas diárias do indigitado -, de década e pouco, ignorando que a Altíssima Corte determinara, em recente decisão coletiva, que somente deverá cumpri-la - a cana, é claro -, em tempo incerto e não sabido. Coisas daquele Trânsito, tão lucrativo aos rábulas defensores do Estado Democrático de Direito... aos que dispõe do vil metal, às vezes **propineiro**, para fazê-lo valer nos tribunais.

Mas voltemos à vaca fria, ou seja, dos últimos momentos do governo da Sra. Rosscoff agora em conflito aberto com o Migué Treme que vivia a reclamar sobre a demora, para se cumprir o destino dos vices.

Além dos aborrecimentos domésticos com suas arrumadeiras de quarto palaciano, descuidando de suas indumentárias, o que as vezes a obrigava atirar nelas alguns cabides que lhes chegavam às mãos, para ver se se emendavam, a presidenta, Sra. Rosscoff, também não se acertava com seus gestores da economia, quando tentavam de todas as formas, sem sucesso, impedir que madame pedalasse as finanças. Afinal, já desacorçoados com aquelas tresloucadas atitudes, acabaram dando no pé uns, ou levando um pé, outros.

No segundo ano de mandato, diante de grandes atribulações pela falta de dinheiro para honrar compromissos inadiáveis, e dos olhos gananciosos do Migué Treme, eis que a Sra. Rosscoff viria dar o passo decisivo, ou seja, **bicicletar,** a fim de saldar dívidas pendentes com indevidos e inexistentes recursos do Orçamento, o que não era uma novidade no trato dessa instituição, se a presidenta não houvesse se desentendido com o seu igual Cunha, chefe da principal casa do Paralamento.

Fora fatal aquele pedalar da senhora Rosscoff, fazendo com que as duas Casas Paralamentares lhes aplicassem aquela impichada determinada pelas Ordenações88, que a descadeirou – literalmente.

Coube a um correligionário, devoto dos ProntoTrabalhistas, cujo proprietário o tinha colocado na Altíssima Corte pra quebrar galhos acidentais do partido, naquele momento, gerindo o **Excelso Pretório**, regimentalmente, presidir a sessão **impichadora.**

Não fosse essa coincidência estaria a indigitada em palpos de aranha, quanto as suas aspirações em continuar na expectativa de um cargo paralamentar, futuramente.

Contudo, a pobre injustiçada escaparia do vexame por obra de **lapsus memoriae Ordenacional** do devotado Ministro, conservando-lhe intacto o direito de concorrer num futuro próximo a cargo senatal, como prêmio de consolação.

Mas Ó justiça divina! O golpe aplicado a Sra. Rosscoff, espalhada aos quatro ventos de Zilbraniz por seus confrades e comadres, certamente, não colou, posto que por ocasião do novo pleito, em não sendo eleita, escapou de participar do Apocalipse Now, que então se inauguraria em Zilbraniz, após o governo do vice, Migué Treme.

Esperava-se que o Migué Treme, de quem não se falava muito bem -, por sua amizade com um coronel, pau pra toda obra, entre outras cositás más -, desse um jeito naquela barafunda em que se debatia Zilbraniz.

Ao se apossar do cargo - ato falho -, digo ao tomar posse no cargo e receber aquela ambicionada faixa, o novo Executivo, como todos os antecessores, sem o querer, quase todos perjuros, o Treme, para não seguir a regra, jurava exercer a função de mãos limpas e consciência tranquila, desde que, se ‘alguma vez incorresse equivocadamente em mal-feitos, pudesse socorrer-se de sua base paralamentar, evitando assim, o destino da Sra. Rosscoff.

O primeiro ato do ex-vice, fora formar um ministério recheado de ilustres gedéis políticos, muitos dos quais, amigos do peito, notabilizados pelas suas controversas relações com a **PEGARATO,** que lhes conhecia de sobejo seus bons feitos junto a instituições estatais das quais ajudaram aliviar alguns... milhões de zilbranões, que uma vez denunciados por escândalos a eles atribuídos, bem uma dezena deles, despediram-se rapidamente daqueles cargos, naquele momento, um tanto quanto monótonos e tediosos.

Um desses afortunados demissionários, inclusive, fora flagrado, economizando, para si e confrades, bons 50 milhões de zilbranões, decerto, para futuras campanhas, cujas explicações aos Procuradores **PEGARATO**, não chegaram a convencê-los, decorrendo do fato o encaminhamento do indigitado a

longo repouso, para desgosto da Migué Treme que o tinha em alta conta, em sua sala contigua.

Independentemente de alguns pecadilhos, quase desconhecidos do distinto público, nosso Ordenacionista, viria comportar-se de acordo com que aprendera, direito, nos bancos acadêmicos, ou seja, "é dando que se recebe", aforismo esse invertido pelos paralamentares ciosos de suas recompensas pelos favores prestados aos Executivos de plantão, sem maioria, quando da necessidade em aprovar projetos de duvidosa valia, como o seriam alguns do Migué Treme:

- no que dizia respeito à gastança desordenada federal, provincial e municipal, que não mais se faria por uns 20 anos;

- noutro, impedindo a oposição levar adiante processos relativos a movimentos financeiros suspeitos perpetrados por gente de confiança, correndo pelas ruas, flagrado por câmeras indiscretas, carregando malas recheadas a locais de difícil identificação, que línguas viperinas sugeriam seriam entregues em certo Palácio oficial, que por coincidência poderia ser aquele onde morava o Migué Treme, fato que todos sabiam vero, mas nunca provado, aquando da discussão de processos **impichadores**, em comissões paralamentares, cuja maioria movia-se um tanto quanto próxima do acusado.

Outro importante escorregão do ex-vice, deu-se quando certo Procurador Geral de Zilbraniz o tal Junot,(não confundir com o celebre general de Napoleão), que não tinha o Treme em boa conta, em conluio com o célebre bilionário Frigorifeiro, íntimo do ex-vice, quando buscou testá-lo em suas relações com o presidente do Paralamento, que houvera ajudado o Treme a descadeirar a Sra. Rosscoff. Devo ressaltar que o indigitado não sobreviveria aquela desfeita à presidenta, uma vez que Deus é justo e o **PEGARATO,** nem se fale!

Como já conhecia outras estripulias do Migué, o tal Procurador enviou o Frigorifeiro na calada da noite, apetrechado do necessário para conhecer a opinião do ex-vice sobre a conduta daquela autoridade paralamentar, que ameaçava cobrar o serviço que lhe havia permitido chegar lá.

E não deu outra. O Migué Treme, não deixou barato dizendo ao gravador do amigo... da onça**: "vai timão, tem que continuar isso aí viu"**.

Não fossem os engasgos do reprodutor vocal, que os peritos, um tanto surdos, não conseguiram identificar sobre o que conversaram, sem testemunhas auditivas e oculares, na garagem do edifício, ou os amigos das comissões parlamentares, o Treme teria Sifu...

Grandes foram as reformas que alavancaram a popularidade do Treme entre... os detentores do capital, entre as quais:

1- aquela que botou abaixo alguns artigos das carcomidas leis trabalheiras de inspiração mussoliniana concedida aos laborantes pelo GG dos Pampas para corrigir as prerrogativas de patrões em remunerar seus empregados como bem entendessem. De tal modo que as Uniões Trabalhais ficavam impedidas de interferir, daí por diante, no livre arbítrio de laborantes e barnabés nos seus dissídios coletivos;

2- aquela que, muito a gosto daqueles laborantes desconectados das Uniões Trabalhais, reclamavam de ter de colaborar uma vez ao ano, financeiramente, com uma instituição da qual jamais ouviram falar, a não ser quando um dia de trabalho desaparecia de seu contracheque. Não é preciso dizer que a eliminação daquele imposto compulsório sobre todos laborantes desestimularia espertos cidadãos dedicados a criação dessas instituições altamente lucrativas... a novos defensores de laborantes distraídos.

Não é preciso dizer que ao término de seu mandato, o Migué Treme, deixou um legado quase positivo:

- uma inflação, por força da falta de grana da população para comprar o necessário, caindo a índices respeitáveis;

- um PIB capaz de corar o mais pessimista analisador da economia de Zilbraniz.

Entre os últimos três impolutos mandatários de Zilbraniz o Treme pegara a rabeira nas pesquisas de opinião realizadas por periódicos bisbilhoteiros.

Inconformado argumentava o Treme que fora vítima da incompreensão daqueles milhões de desempregados, desalentados e quejandos, que afinal, constituíam parte considerável da população capaz de avaliá-lo.

O Apocalipse Now



Finalmente, nesta segunda década XXI, Zilbraniz viria a conhecer um tempo de grandes tempestades, que não seria somente de chuvas e trovoadas, mas de péssimas notícias políticas, econômicas e sanitárias provocadas por duas pestes: a primeira sanitária, a segunda pela chegada ao poder do Javoltar Mandrião que viria infectar a vida política e o combate a primeira peste

Mas como se explicaria esse terrível fenômeno, numa terra de gente tão cordial e governantes nem tanto, mas pelo menos alfabetizados e com algum conhecimento dos problemas zilbranizenses, ainda que nunca solucionados?

Uma das explicações estaria numa crônica do Ingrácio Dára Agon, acerbo crítico **dos malfeitos de políticos zilbranizenses, que incluo nesta narrativa:**



"Zilbraniz sempre fora uma terra de acontecimentos muito surreais. Este fato que vos narro não fugiu à regra. Pois não é que num determinado momento o povão dessa ditosa terra foi posto à prova com a ascensão de um Coisa Ruim? Ainda que ele viva, constantemente, fazendo o nome do padre, o qual não se sabe qual, posto que é inconcebível um filho de Deus invocar seu Santo Nome em vão; elogiando antigas e suavíssimas maldades e badalando a um de seus Ul(s)TRAs partícipes transpassados, já há algum tempo, ao 7º Círculo do Inferno de Dante. E não foi que o Coisa Ruim, por força daquelas negativas virtudes, caiu nas graças das gentes crentes, patrocinadas por seus desinteressados pastores de muita grana e, primordialmente, pelas criaturas de Cesare Lombroso, povoando, mais ou menos 50%, do território de Zilbraniz, amedrontados com a possibilidade da volta do desafeto pronto trabalhista, eis que o Coisa Ruim virou mandachuva dessa terra. Miserere Nóbis"

Claro está que o caro leitor será capaz de identificar esse anjo decaído inserido nesse esclarecedor texto, apontando para as desgraças que sobrevieram àquela pacata Nação na qual os **Rosa-Choque**, acostumados a entrar pela porta dos fundos, ingressariam, aos milhares, pávidos colossos, pela rampa do Planalto e demais imóveis da capital federal e quejandos.

É que seus membros (os dos **Rosa-Choque,** é claro) seriam vítimas de terrível vingança do Coisa Ruim, Javoltar Mandrião, ao lembrar-se de que o botaram pra correr devido a sua mania de reagir aos baixos salários da tropa, por meio de estragos bombásticos em quartéis e Guandus da vida. E, na ocasião em que vestiu a faixa declarou **Zilbraniz abaixo de tudo, digo acima de tudo e Deus um pouco mais acima**, pensou com seus botões e em sua linguagem de culto miliciano: "Agora esses filhos da #### Rosa vão ver o que é bom pra tosse: dou-lhes uma boa grana, pra dobrarem o soldo e os obrigo a recordarem-se dos tempos dourados dos **Anos do Ferro** em Zilbraniz, que pretendo restaurar no mais breve espaço de tempo, com a ajuda desses filhos da @#& ####"s.

Aliás, o Javoltar Mandrião (sobrenome significante do excesso de trabalho a que se impôs ao assumir o poder, conforme se pode observar em sua pauta diária, que, diga-se, é de domínio público sabedor de seu nada-far-niente diário); é bom dizer que antes de iniciar a desconstrução de Zilbraniz já apresentava rumorosa biografia, ou, seja, vida pregressa, bastante bizarra.

Pouco esforçado e gazeteiro às aulas, na infância e adolescência, seu genitor desanimado com as artes da cria, que a muito custo concluiria o be a bá, não viu alternativa senão encaminhá-lo aos **Rosa-Choque** como última maneira se fazê-lo entrar nos eixos.

Imaginou o Mandrião que lá enriqueceria, ao observar a elegância das altas patentes quando os via em desfiles a que de vez em quando assistia maravilhado com o dourado das medalhas naquelas reluzentes fatiotas rosa-choque..

Mas qual, depois de algum tempo um tanto frustrado com o baixo soldo, resolveu por cobro àquela mediocridade salarial, propondo impossível criação de **União Trabalhal Rosa-Choque** que, de acordo com o regimento da tropa, era, terminantemente, proibida.

Revoltado, com aquela impossibilidade resolveu partir pra desforra ao planejar, de acordo com entrevista á repórter sensacionalista, seu plano de bombásticas ações- literalmente-, em locais impróprios, tais como alojamentos dos pelotões e reservatórios d'água, o que, segundo seu extenso bestunto, QI 25, chamaria atenção para suas reivindicações.

Descoberto seus incompletos malfeitos, depois de algum tempo em cana, o alto comando **Rosa-Choque** fez o Mandrião Já ir a vida civil, informando-o de que a Instituição não era lugar para se ganhar dinheiro fácil e, sim, morrer pela pátria, se necessário, o que, evidentemente, nunca esteve em seus planos!

Para realizar seus sonhos de alcançar afluência, aconselhou-o seu mentor, que o melhor seria tornar-se paralamentar.

Como não saiu com as mãos abanando, uma vez concedida a reforma ganhou algum estipêndio pra se virar na Wonderful City, já naquela época um tanto **Ugly,** uma vez infestada de executivos e paralamentares roedores, responsáveis pelo consumo dos bilhões de zilbranões do tesouro, que em pouco tempo deixariam seus barnabés a ver navios no que concerne a vazios holerites e quejandos, e estimulariam seus indigitados executivos, a se acostumarem com jantares em Paris comemorados com guardanapos na cabeça(????), que afinal os levariam a ser encerrados em numerados Bangus dessa bela urbe... anterior àquela infestação.

Sem muitos recursos acabou conhecendo a tchurma dos mantenedores da ordem da **zelite** das baixadas e subidas, em comunidades **Muzemas e Pedremas** nas quais gozava de grande popularidade no que dizia respeito à proteção àqueles habitantes dispostos a lhes garantir, compulsoriamente, extras em seus mirrados holerites. Essa tropa, ao notar no Mandrião certo grau de tino político, anti-colorado, logo lhe ensinou formas de fazê-lo ingressar, primeiramente, em paralamento municipal e, posteriormente, no federal.

Nessas instituições paralamentares de gabinetes plenos de empregos ilimitado, pôs em funcionamento seu QI privilegiado para os bons feitos... para proveito próprio, desvelando procedimentos que, afinal, não eram incomuns nos representantes **do Centrocão** das Casas paralamentares, qual seja, socializar os ganhos de seus barnabés na base dos 80% para o dadivoso paralamentar e 20% para os subalternos, os quais, não tinham muito a reclamar uma vez que ubíquos, poderiam complementar o orçamento doméstico com outras atividades em distantes urbes de Ziliabrás.

Aliás, essa prática peculatária seria parte da educação cívica transmitida pelo Mandrião à numerada prole, a qual encaminhou nessa atividade um tanto lucrativa à

famíglia, ou seria quadrilha, termo esse, que se diga, não dizia respeito àquela alegre dança das noites de São João, em Zilbraniz.

Dessa forma, deu-se início ao enriquecimento da quadrilha, digo, da **famíglia** do Mandrião, que seria incrementada, agora, em níveis compatíveis com a dignidade do mais alto cargo da Res Pública zilbranizense, no qual se encarapitou, acompanhado por ex-companheiros de antiga indumentária rosa-choque.

Bem acomodado no poder, e defrontando-se com a primeira praga, o Mandrião, exercitando suas inclinações medicinais, iniciou sua ação missionária contra a pandemia por meio da recomendação do uso de salutar fármaco, que viria contribuir para a passagem a perenidade de alto porcentual dos centos e tantos mil pobres infelizes lombrosos, infectados por ambas as pragas.

Outras ações irrelevantes deram continuidade a governança do Mandrião entre elas:

- a preocupação do Javoltar com a liberdade de os cidadãos em adquirirem fortes **berros** para se defenderem de possíveis ameaças de meliantes especializados em declarar legítima defesa, ao enviá-los ao Reino do Criador, por absoluta incompetência deste ou daquele cidadão, ao manusear o letal instrumento, com o qual jamais terá tido qualquer intimidade;

- do estímulo a cidadãos de resistirem com doces balas emitidas pelos **berros,** às proibições de ir e vir ás praias, restaurantes, cinemas e quejandos, que, de acordo com o tresloucado pensar do Mandrião, constituiria verdadeiro atentado à liberdade individual do cidadão de... se infectar com o vírus da primeira praga.



Aconselhado pelo seu guru, o tal **Oparvo de Peroba das Virgíneas** cujo óleo utilizava para lustrar sua cara-de-pau, o filosofo das abobrinhas, segundo as boas línguas, formara sua sabedoria política, na escola da vida... pregressa, deu início a boas sugestões ao Mandrião na formação de seu ministério que viria constituir-se da nata lombrosiana, a disposição no mercado.

Para saber da capacidade intelectual do Oparvo de Peroba, faz-se necessário fazer-lhe uma pequena biografia.

Há muito custo Oparvo conseguiu ser alfabetizado a partir de palavras impudicas aprendidas nos becos, esgotos e adjacências as quais anexou ao seu vocabulário cotidiano, aliás, muito usado em suas lives televisivas contra todos aqueles que ousavam revelar sua enorme indisposição para com os temas mais elementares da cultura de Zilbraniz, a qual resistia armado até os dentes.

A partir de tentativas e muitos erros gramaticais (corrigidos pelos revisores, é claro), conseguiria acertar a grande obra prima de sua vida intitulada: **"Algumas lições para formar debilóides felizes"** na qual expunha princípios necessários a formação **de discípulos lombrosianos eleitores, entre os quais, a prole do Mandrião,** como por exemplo suas indiscutíveis verdades:

1- Se alguém te falar sobre a importância da literatura, pintura, poesia, música, exceto o funk, entre outros fatos culturais, puxe o berro e atire sem contemplação;

2- Se te encontrares com homos, despreconceituosamente, oferte-lhes um exemplar do kit-gay do Feliciano que é tiro e queda...deles;

3- Se te aparecer um jovem colored egresso de alguma inocente balada, na calada da noite, maldiga Zumbi e a Princesa e se, por coincidência, surgir alguns mantenedores da ordem, recomende-lhes que façam aquilo a que já estão acostumados, ou seja, encher o pobre de bordoadas, por tratar-se, indubitavelmente, de perigoso meliante;

4- Se tua mulher, ou qualquer uma delas, próxima de ti, se meter discutir política contigo, criticando os **Anos do Ferro** e defendendo ideias libertárias, feministas e quejandos, dê-lhes uma bela tunda, e te escondas por algum tempo, evitando o flagrante delito, uma vez que teu rábula alegará, quando te apresentares à justiça, a presunção de inocência, ainda que, paciência, sejas réu confesso;

5- Se suspeitas de que teu candidato extremamente comprometido com a desconstrução de Zilbraniz, corre o risco de ser derrotado por adversário respeitoso das Ordenações88, fake news nele... como vem procedendo a prole do Mandrião em conhecido gabinete do grande amor pelos bons feitos de adversários, aliás, prática, que se diga, responsável pela eleição do Pápi.

Argumenta Oparvo de Peroba das Virgíneas que uma vez interiorizadas suas verdades incontestáveis, expostas acima, estarão os lombrosianos eleitores perfeitamente aptos a contribuír para com o Apocalipse, regenerador de Zilbraniz

Ah, devo informar aos incautos leitores interessados em participar dos cursos do **Oparvo de Peroba, filosofo das abobrinhas**, que ele temeroso de levar uns cascudos de humilhados e ofendidos por ele em suas lives, há muito se mudou para os **Steites Big Stick** de onde coordena as ações do Mandrião, indicando os

mais estranhos, bizarros e originais ministros de que Zilbraniz tem notícia, como se verá logo abaixo.

Assim, o Mandrão, sob a orientação do filosofo das abobrinhas, **Oparvo de Peroba**, daria continuidade ao seu projeto de desconstrução de Zilbraniz, a fim de torná-lo um país melhor ajambrado, para enfrentar a inexorável quebradeira econômica, política, social e cultural. Mas eis que, de tanto o Oparvo de Peroba, falar bem da peste, eis que ela o pega de jeito, levando-o a perenidade para alegria de seus seguidores que o imaginava ser recebido pelo Divino, os quais os confundiam com o Tinhoso.

Sobre a influência do Oparvo, enquanto ainda vivo, montou o Mandrião o **Sanatório Geral**, digo, um ministério identificado com aqueles já mencionados objetivos desconstrucionistas, como esclareceremos a seguir.

Para recuperar a combalida economia de Zilbraniz, encaixou no ministério das finanças o nomeado **Posto de Combustíveis**, o tal Guéles Falastrão, especialista em acertar, com informações de cocheira, a cotação de determinadas ações nos Stocks Exchange e o dia em que as verdinhas subiriam a estratosfera, diga-se, com sua eficiente colaboração.

Como o Gueles era pouco ambicioso, aproveitou a oportunidade para faturar poucos...milhões de verdinhas, que ninguém é de ferro.

Suas primeiras medidas com vista a equilibrar as finanças de Zilbraniz foram, pela ordem, a reforma da Imprevidência**,** ou seja, das honestas tributações dos administrados barnabés não tops, e dos laborantes de baixa renda. Segundamente prometia salvar as finanças do país às custas do alongamento do tempo de serviço de laborantes da iniciativa privada e o dos barnabés de baixa renda, quando estivessem às vésperas de passarem a perenidade, até porque com os suaves descontos á **Imprevidência** sobre os salários de ativos, aposentados e pensionistas, teriam estes de diminuir suas rações diárias, com saudáveis consequências...

Contudo, demorou tanto para ser construído e enviado o tal projeto da **Imprevidência** ao Paralamento, que este, imaginando ter o falastrão se olvidado do tema, resolveram os próprios paralamentares assumir a responsabilidade de impor

àquelas duas categorias atarantadas, essa tamanha contribuição ao empobrecimento da coletividade trabalhal e ao país.

A segunda reforma, a **Tributalícia,** há décadas, acalentada por toda a população inconformada com os quarenta tantos por cento da grana retirada anualmente de seus contracheques, para tapar os buracos de Orçamentos, só seria levada adiante pelo Bula-Lá, em meio a controvérsias gerais, uma vez esquecidos os roedores apanhados pelo PEGARATO durante o governo da Sra. Rosscoff, hoje livres e desembaraçados graças as maracutaias do Matamoros, nos julgamentos insólitos na justiça da Província do Paralá.

Quanto à reforma administrativa suspeita-se que o objetivo dela é, mesmo, pegar no pé dos pobres barnabés dos vários executivos federais, provinciais e municipais, eliminando sua garantia de emprego a fim de torná-los fiéis eleitores dos mandatários de plantão daqueles segmentos mencionados acima, bem como acabar com seus privilégios vinculados aos reajustes salariais concedidos quando der na telha das autoridades do momento, ao declararem o desejo de se reeleger.

Mas como tudo que o Mandrião e o Guéles projetaram para descontruir Zilbraniz chegou a termo, os pobres barnabés, sifu, uma vez que ficariam de fora dessas criteriosas mudanças todos os membros **dos paralamentos**, **do Corpo Juizal**, de alto a baixo, dos **Rosa-Choque, barnabés tops,** dos...dos... que de uma forma ou de outra podem garantir a permanência do Mandrião no poder.

Vejamos, então, os demais auxiliares escolhidos, em meio a palavrões pelo Oparvo das Perobas das Virgíneas - pouco antes desse guru do Javoltar Mandrião, para desgovernar Zilbraniz, passar a perenidade, desfalcando, profundamente, aquele time de desinformados sobre o que deveriam realizar em seu ministério.

Para o ministério da conservação da natureza, foi nomeado experiente ambientalista, expert em tocar rebanhos, no momento que a população estiver de olho na peste, estimulando:

1- a que catadores de metais preciosos em rios por eles **mercurizados,** ponham fim aos silvícolas do pedaço, ao consumirem aquelas águas saudabilíssimas;

2- a que incendiários devastem florestas a fim de prepará-las:

a- ao pasto dos rebanhos de bois bombeiros, responsáveis pelos gases, que ao dizer das más línguas, vem contribuindo para o surgimento de buracos nas camadas de ozônio

b- ao cultivo de produtos agricultáveis, condenados ao não florescimento de suas sementes, por motivos óbvios;

3- a que mercadores de troncos varram da região matas atrapalhadoras do ir e vir de madeireiros vinculados a indústria moveleira, entre outras atividades capazes de, à médio e longo prazos, provocarem sérios problemas respiratórios às populações daquém e além-mar, sonho do Mandrião, a fim de se vingar daqueles estadistas que insistem em desqualificar suas ações desconstrucionistas e seu comportamento um tanto deselegante ao referir-se a gringos com palavras impudicas, sempre no plural.

É de se notar que o tal ministro da conservação da natureza, no exercício do cargo de mesmo nome, na Paulícéia Desvairada, ao falhar na condução do rebanho, acabou flagrado em malfeitos, razão pela qual escapou, temporariamente, de ser pego pelo **PEGARATO**, ao transpor-se, com foro, de secretário a ministro. Contudo, de acordo com a opinião do pessoal da **Província do Paralá**, ele não perde por esperar pra ir pra Lá. Todavia, ainda não foi...

Já, no que diz respeito ao ministro das tecnologias - o conhecido Travesseiro -, sabe-se que vive no mundo da lua, uma vez que dela esteve muito próximo em suas viagens planetárias, de carona, ao tempo em que fora do peito do Bula-Lá que lhe financiou aquele importante turismo estelar, muito útil, diga-se, para que iniciasse a comercialização de confortáveis acolhedores de cabeças dorminhocas.

Pouco se comenta sobre suas iniciativas tecno-científicas, a não ser a notícia de que anunciaria em alguma semana próxima um fármaco capaz de conter o avanço da pandemia. Contudo, passado curto espaço de tempo, verificou-se que o Travesseiro **"fechou-se em copas",** possivelmente pelo equívoco do informante que trocara o termo Fármaco por Camargo, e Pandemia por Pandemônio.

Envergonhado pela **"bola fora",** o Travesseiro retraiu-se um tanto no conjunto da **ministrada**, quando convocada a participar desta ou daquela palestra do Mandrião, na qual só se observava a ponta da cabeleira do avoado ministro.

Não podemos deixar de mencionar o papel dos numerosos ministros das coisas educacionais, escolhidos a dedo, a fim de dar continuidade "re-desconstrução" do setor que o alto QI 25 do Mandrião distinguiu como prioridade.

O primeiro deseducador esteve à altura dos objetivos do Chefe, até porque não falava a língua zilbraneza, tal qual o Mandrião. Todavia, por não se fazer compreender pelos assessores, não teve condição de continuar no cargo.

O segundo, o tal **Destraubelhado**, egresso, não se sabe como, de curso superior, ao que parece, sem passar pelo de alfabetização, uma vez demonstrando sérias dificuldades em identificar a grafia das palavras quando ao escrevê-la e pronunciá-la.

Identificou-se de tal maneira com o Mandrião, que como disse este, foi **amor à primeira vista,** e tanto, que sobre todos os pontos de vista "deseducacionais, concordavam em gênero, número e grau, quando se tratou de dar um trato nas universidades sob seu comando, segundo o **Deustraubelhado,** preocupadas em formar colorados nas humanidades e cultivar ervas daninhas para consumo de discentes e docentes, fato nunca comprovado, uma vez que o tal ministro jamais lá pôs os pés, e não o fez por se saber **persona ingrata** junto ao colendo auditório que, com certeza, o receberia com sete pedras na mão, pra não dizer com uma avalanche delas.

Durante os muitos meses de gestão se dedicou pouco a instrução infantil, juvenil e quejandos, economizando os recursos da pasta, por acreditar que seria jogar dinheiro fora investir num ensino, pelo qual ele não havia aprendido **lhuvas,** não por culpa dos mestres, que muitos esforços fizeram para fazer crescer aquele bestunto infenso a conhecimentos significativos, fatos que se comprovaram ao vê-lo conduzir tão importante pasta.

Dir-se-ia que seu interesse não estaria propriamente focado na questão educacional sobre a qual se o dispensava de dar opinião, mas seguir a linha do Chefe Mandrião, ao se **imaginar este o dono do pedaço**, pelo olvido aos

dispositivos das Ordenações88, principalmente, no que dizia respeito à **Altíssima Corte**, que vivia a lhe **cortar o barato**, quando o contrariava em seu desiderato de aposentá-la – a **Altíssima Corte**, por certo -, ao perder a paciência com a **MESMA,** quando declarava aos jovens e velhos lombrosianos, diariamente alocados, babando, junto ao cercadinho de Planaltos e planícies.

Muitos estudiosos ao se depararem com esses lombrosianos babões mostram-se um tanto desconfiados de que se trata de egressos de uma nova etnia decorrente de **mutações distópicas regressistas** de Homo Sapiens, que hoje se espalham por numerosas Províncias de Zilbraniz e mesmo de países do planeta nos quais vão desaparecendo os direitos fundamentais dos demais Sapiens, não lombrosianos.

Esta conjunção espiritual entre o **Deustraubelhado e o Mandrião** ficou muito evidente quando em celebre reunião da gang, num abril 22, o primeiro anunciaria ser sonho seu, ver em galera, aqueles folgados membros da **Altíssima,** que pelo andar da carruagem, poderiam referir-se a, pelo menos, três deles, autores de alegres estripulias entre os quais:

1- aquele procurador de notória ignorância jurídica, especialista em encobrir malfeitos das crias do Mandrião, a quem a partir de determinado momento, passou a demonstrar profunda afeição, traindo a confiança de seu antigo padrinho;

2- **aqueloutro** garantindo a compadres e comadres, com culpa formada, o ir e vir por aí sem se preocupar com o **PEGARATO** que lhe andou encontrando uns pecadilhos "coafianos" seu, e da cara metade, logo virando fumaça pela inalcançável posição dessas duas peças**;**

3- **aqueloutro, outro,** protegendo, respectivamente, padrinho e madrinha do alcance da caolha justiça, sem muito sucesso em relação ao primeiro, e com muito sucesso com a segunda, ao livrar-lhe a cara dos oito anos de penitência relativa a célebre impichada, pelo menos até que o pleno da **Altíssima** resolva reunir-se para puxar a orelha de seu dadivoso confrade, por sua costumeira indiferença a determinados artigos das Ordenações88 e respectivos tribunais e códigos.

Acontece que essa aleivosia do Destraubelhado provocou séria reação dos membros da **Altíssima Corte**, que **não deixaram barato** a provocação do indigitado **incultor** da língua zilbraneza.

O fato é que a ousadia do ministro colocava em perigo a estabilidade no cargo do Mandrião, também na mira de suas Altíssimas Excelências, do que decorreria o divórcio entre aqueles dois amantes e a queda do titular da pasta, obrigando-se, em desabalada carreira, a procurar abrigo nos **Steites Big Stick,** presidido pelo compadre do Mandrião, "**Para Não Conhecer Papuda", digo, a Papuda.**

Não foi difícil encontrar o substituto para o Deustraubelhado, não fosse a desistência do terceiro candidato, ao ter descoberto que entraria numa fria; do que decorreria novo equívoco do Mandrião ao escolher um quase educador, quase titulado em **quase(s)** doutorado(s) e **pós(es),** em diversas universidades que quase ficaram sabendo daqueles diplomas anunciados pela persona, quando dá quase nomeação.

Todavia não demoraria outra acertada escolha do novo ministro, também identificado com o Chefe. Assim, chegava um tal **Troncho Córrego** – que não era corrente de água, decerto -, com originais ideias educacionais entre as quais:

1- a formação propedêutica dos alunos, com a aplicação do **rabo de tatu** que poderia comprovar sua tese segundo a qual, não haveria real bom comportamento e aprendizagem, sem uns tantos traços no lombo dos discentes;

2- a necessidade de despertar os jovens zumbis para a crença na **Divindade,** a fim de evitar, que esses perversos descrentes partissem de moto próprio, para a



comprovação da existência **Dela**, antes que o Capeta os desviasse do Paraíso, não fosse ele- o ministro, decerto -, de ora em diante, cuidador da salvação do corpo e alma da quase perdida infância e adolescência, claro que, em nome de Jesus;

3- a curiosa opinião declarada em extensa entrevista a certo periódico, a respeito da origem do gênero homo, segundo a qual eles não nasceram assim, mas assim ficaram, por culpa dos genitores que nunca se esforçaram por corrigir seus trejeitos, que o insigne educador, acredita ter sido pela falta de umas boas bordoadas, que com certeza os tornariam razoáveis heteros. Ao contrário daqueles que acreditam na cura gay do Feliciano.

Espera-se, se o indigitado não desistir de seu sacro santo sacerdócio instrucional, que a partir de tão inovadoras ideias educacionais, finalmente a qualidade de ensino em Zilbraniz se ombreie com as da Finlândia, Japão e congêneres. Ah! Ia me esquecendo de sua aproximação com pastores congêneres, interessados em auxiliar financeiramente alcaides de municípios pobres nordestinheiros, desde que providenciassem algumas barrinhas, que não seriam aquelas dispostas a mitigar o apetite deste ou daquele esquecido de um matafome. Sim, sim, nomeado extraoficialmente pelo Mandrião a fim de auxiliar o Troncho, em nome de Jesus/SA.



Dando continuidade à análise do hospício... ops, digo, dos propícios trabalhos ministeriais, não poderíamos esquecer da senhora Adamastora, gestora da pasta dedicada aos controversos e bizarros direitos humanos, femininos e quejandos do nomeado governo.

Trata-se de singular pastora d'almas, direcionada ao reto caminho do terceiro círculo do Inferno de Dante, isso porque a serena devota senhora, de reconhecida saúde mental, jamais teria invocado o Santo Nome do Senhor em vão, a não ser quando declarou ter visto o filho de Deus, encarapitado numa cerejeira do Japão ou coisa que o valha, acenando-lhe, um tanto contrafeito, com o dedo médio.

Sua opinião, sempre contemplativa, em nome de Jesus, a respeito de temas de seu ministério, vem causando polêmicas uma vez que se dirigem sempre em direção oposta ao receituário humanístico tradicional, senão vejamos:

1- a senhora Adamastora que vem a ser, segundo suas próprias palavras, a quinta esposa do Pajé, discorda da posição de alcaides municipais e

executivos provinciais ao recomendarem aos possíveis infectados pela peste, que vão dar uma voltinha por aí, a fim de preservarem a saúde do corpo - lembro que a preocupação dela será sempre a alma eterna, pois o corpo, essa coisa pecaminosa que se dane, posto que um dia será pó, afirma. Então que vão bater pernas por aí, aconselha a indigitada.

2- a titular da pasta, de posse de suas faculdades mentais, recomenda que é o juntarem-se os fiéis, nos seus respectivos templos para orarem fervorosamente, posto ser esta ação a única forma de combater a peste, uma vez que esse mal não passa de artes do Tinhoso, muito ao contrário do que afirmam críveis epidemiologistas, preocupados em salvar vidas. Razão pela qual, em reunião dos membros do sanatório, digo do ministério, no conhecido e fatal 22, declarou que tomará **medidas judiciosas,** no sentido de meter essas autoridades em cana, por tentarem impedir que a população viesse a se infectar que, afinal, em sua opinião e na do Mandrião, constitui um direito inalienável de cidadãos... adeptos de saudáveis aglomerações e suicídios coletivos;

3- a senhora Adamastora, ao lado da conhecida Gesolmina do Inferno, digo do Inverno (aquela que pretendia foguetear a **Altíssima Corte,** (lembram?), divergem delirantemente, do direito de suas congêneres infantis, juvenis e adultas, violadas sem autorização, de se livrarem daquela inconveniente carga, alegando que ao fazê-lo, estariam cometendo o assassinato de um ente a ser preservado... em detrimento da vida das infelizes, razão pela qual, aconselha ao seu rebanho que proteste diante dos nosocômios, não permitindo a entrada daqueles esculápios que efetuarão tal delito, sob pena da maldição celeste, até porque, como diz o ditado**, pimenta no rabo dos outros é refresco.**

Um fato curioso e inusitado na vida sentimental da senhora Adamastora, além do Pajé é claro, a mim relatado por amigo zilbranizense, língua de trapo, deu-se quando a equilibradíssima pastora pretendeu contrair novas núpcias. Nessa ocasião, na qual, ainda não havia sido pedida em casório pelo libidinoso Pajé, me parece.

Como, possivelmente, não acertara os ponteiros com o(s) primeiro(s) pretendentes (ou seria algo mais escabroso?), buscou métodos matrimoniais

modernos, ou seja, selecionar um dos inscritos no concurso por ela instituído, para ver se aparecia alguma alma gêmea identificada com seu singular modo de pensar os direitos humanos.

Mas ao que parece, pelo fato de os nosocômios vinculados a saúde mental não permitirem o contato de seus pacientes com os meios de comunicação, que poderiam, de uma maneira ou de outra, comprometer os específicos tratamentos, deve ter prejudicado o aparecimento de algum interessado nesse curioso himeneu proposto pela lúcida ministra, séria candidata a ingressar na Altíssima Corte, a fim de catequisar as remanescentes agnósticas excelências.

Coisa que não aconteceria, uma vez, que o indicado fora o questionável e imparcial juiz Kacaióssio, recebido de braços abertos pela **trinca sinistra do Excelso Pretório**, que viu nele sua alma gêmea, capaz, portanto, de formar uma quadra – que não será da megasena, por suposto.

No que concerne às relações internacionais estabelecidas pelo novo governo deve-se ressaltar a nomeação do chanceler **Artrudo Sabujo** para tratar dos interesses da Pasta.

O escolhido, persona irrelevantemente de segunda classe, na diplomacia de Zilbraniz, apelidado por conhecido historiador de Beato Salú, figura pouco simpática a confrades e conhecidos desafetos, posto sempre mostrar-se preocupado com a disseminação da cultura "**marchista"** mundial, de há muito, fora de moda, todavia ressuscitada em cérebros de QI 25, como o do novel chanceler, que a difundia em pensamento, palavras e obras a todos aqueles que se opunham à subserviência do Mandrião aos ditames de seu imaginário compadre, o célebre presidente **Man is a Tramp**, dirigente mor dos **Steites Big Stick**, que lhe vivia a passar rasteiras nas relações comerciais, mormente, nas questões **sacarinas** e **etaloniais,** ao perceber o pouco discernimento daquele colega tatu, no que diz respeito a seu pouco respeito aos interesses econômicos de Zilbraniz.

De sorte que ao seguir os passos do **Man is a Tramp**, Beato Salu e o Mandrião, este pouco benquisto pelos defensores do ar puro, um tanto prejudicado pela política de preservação de queimadas das florestas tropicais desse generoso país, fará com que, em pouco tempo somente restará relações inamistosas com a

Conchinchina, contra a qual as línguas viperinas de certo gabinete do 03, em Palácio, não deixam de fazer, cotidianamente, caluniosos elogios, na expectativa de que os chinos encontrem novos mercados, concluindo assim, a definitiva desconstrução da economia de Zilbraniz, projeto inquestionável do novo governo.

Sobre o **ministério do Justiciamento** devemos relatar que o **Sanatório Geral** houvera conseguido a aquisição de um ministro de peso, embora não muito obeso, para o cargo.

Caindo na lábia do Javoltar, que necessitava de pelo menos algum nome de qualidade para o ministério da caça aos roedores do tesouro, no qual se incluía ele próprio, o Matamoros, ignorando as proezas do Mandrião nos paralamentos nos quais atuou por décadas e somente lembrado pelos desencontros com a bancada feminina a quem sempre se referia com a elegância de milicianos das fluminenses baixadas, preocupado que estava, como mencionei alhures, a empresariar ubíquos serviçais despreocupados da totalidade do salário mensal, aceitou o ex-juiz do Paralá, a carta branca para dirigir um **PEGARATO**, agora oficial, sem suspeitar que uma das ratazanas seria seu Chefe imediato.

Todavia, mais cedo do que esperava o Matamoros percebeu que havia entrado numa fria quando ao tentar pôr em prática seus projetos de libertar Zilbraniz dos insaciáveis roedores, que não os deixava dormir em paz, acabou por bater de frente com o Mandrião e sua prole que não pretendiam abrir mão:

1- de suas, de há muito, manjadas **peculatárias dividindinhas;**

2- de certo escritório planaltino, especializado em cobrir de vergonha aqueles que ousavam pôr em dúvida a honorabilidade do genitor sempre inclinado a transgredir dispositivos das Ordenações88;

3- de, ao tentar botar pra correr os membros da Altíssima Corte, por meio de algum cabo, íntimo do terceiro Bananinha, mal sabendo, entretanto, o Mandrião que na contramão, as **Altíssimas Excelências** preparavam, não só o seu enquadramento, como também, o de toda a sua **famiglia.**

Mas o que entornou o caldo no namoro entre o Mandrião e o Matamoros foram os ciúmes produzido pelo cartaz que adquirira o segundo junto ao povão,

ameaçando o do Chefe. Todavia, à época o povão já havia descoberto as malandragens do Matamoros e Cia na condução da Pegarato no Paralá.

E a reação veio na reunião da gang no 22, quando o Mandrião olhou torto para o Matamoros, exigindo a nomeação de um certo ramalhoso amigo para Chefe da Procuração na **Wonderful City**, capaz de achar um jeito de livrar a cara de sua prole e agregados, um tanto quanto enroscado com velhas práticas arrecadatórias em Paralamentos municipais e federais.

Isso tudo ilustrada na reunião do 22 por uma chuvarada de castiças orações capazes de enrubescer o mais desavergonhado meliante, todavia, recebidas com muito bom humor pela bancada presente, já acostumada com esses arroubos do Chefe, sobre os quais declarava que, paciência, esse era o jeito dele.

Contudo, isso foi demais para o Matamoros que, abandonando o barco, não deixou barato a afronta, ao denunciar às Altíssimas Excelências alguns podres do indigitado, surpreendentemente, acatada por um decano, que, se encaminhando para aposentadoria, aproveitou a oportunidade para, metaforicamente, discorrer sobre os perigos de condutas autoritárias daquelas gentes da reunião do 22 a qual determinou seu lançamento ao ar com toda pompa e circunstância para pouca surpresa da população de Zibranizense, visto de há muito, conhecer a peça.

Ações essas discutidas na reunião supra citada, tendentes a desqualificar o estado democrático de direito em Zilbraniz que, afinal, não constituía novidade, uma vez que o responsável nunca fizera segredo de suas boas intenções ao jurar obediência aos princípios das Ordenações88, naquelas festivas manifestações públicas em favor do **regenerador 5º DESACATO Definitivo dos 68, com o qual concordava em gênero, número e grau,** ao desfilar desajeitadamente em belo pangaré, ou flutuando sobre o Planalto, diante dos 300 de Esparta, que não se referia, decerto, aos heróis das Termópilas gregas.

Dessa forma encerrou-se a missão do Matamoros, que ficara sem pai nem mãe no pedaço, e do decano, sem que se pusesse fim ao ameaçador perigo que, ao que parece, terminaria em tempo incerto e não sabido, se Zilbraniz sobreviver às intempéries produzidas pelo Mandrião, até o segundo ano da segunda década do XXI, se lá chegar intacta essa ditosa Nação. Mas, para a felicidade geral na Nação

acabou chegando aos trancos e barrancos, no “fotochard”, diante do desesperado Mandrião, que bateria em fuga, nos primórdios do 23.

Ah, já me ia esquecendo (se levarmos em consideração a primeira peste, posto que a segunda é do conhecimento geral, grassando em Zilbraniz), do mais importante ministro, o da **Insalubridade**, uma vez que os dois primeiros, da saúde, ao se dispor a combater a praga desgostaram solenemente o Mandrião. Primeiramente porque se opuseram a “imunidade de rebanho” proposta pelo Javoltar, que apostava na redução dele (do rebanho), que não parava de crescer, a seu ver, dando prejuízo ao erário; segundamente porque já descobrira a fórmula mágica para conter a Pandemia:

1- colocando a testa da Pasta o estrategista Rosa-Choque o tal General Pesadelo, também adepto de miraculoso fármaco, (aquele medicamento, que apresentado a Emas fê-las, furiosas, quase furar os olhos de quem a oferecia, personagem que o leitor, já adivinha quem fosse) capaz de atender aos objetivos do Mandrião de reduzir, em poucos meses, aquele rebanho, em pauta, o qual recomendava, diariamente, a confraternizar com o vírus em praias, praças, baladas, aproveitando as festividades natalinas e as da passagem de um novo ano pleno, de numerosas transmigrações a perenidade, para desespero dos zilbranizense ajuizados.

2- orientando o Pesadêlo a cumprir fielmente determinações no que dizia respeito ao tratamento precoce dos infectados, com aquele miraculoso fármaco, objetivando a chegada dos infelizes ao Reino do Criador, no menor espaço de tempo possível, economizando recursos necessários ao convencimento de paralamentares indecisos em votar nos candidatos do Mandrião as presidências de ambos Paralamentos.

E não deu outra, escolhera o Mandrião, sua alma gêmea, mas um tanto fora da hierarquia, quando o Pesadelo concordou com a gloriosa determinação, “um manda o outro obedece” posto que nunca se vira, entre os Rosa-Choque, um general submeter-se às ordens de um subalterno.

Mas tanto pesadelo ocasionou àquelas determinações sanitárias do Mandrião, que se chegou ao ponto máximo de insatisfação dos zilbranizense,

obrigando a **Segunda Peste** a transferir o Pesadelo para outro gabinete do Palácio, a fim de que o obeso estrategista não tivesse redução de salário, aliás, proibida pelas Ordenações88, aos barnabés de fardas e aos sem.

De sorte que, o novo **Ministro da Insalubridade**, o Dr. Gororoba, com alguma demora, diga-se, chegou ao cargo disposto a dar continuidade ao Pesadelo, uma vez atendido os apelos do Mandrião no sentido de visitar os hospitais para comprovar a veracidade de o rebanho estar passando a perenidade. Determinação descumprida pelo temor ao contágio.

Por outro lado, a segunda missão do Dr. Gororoba seria dar continuidade a compras daqueles quinhentos milhões de vacinas, anunciadas nas lives do Mandrião, contratadas para chegar a Zilbraniz, exatamente quando da tão almejada imunidade de rebanho, razão pela qual, o erário se recusaria a pagá-las pela sua desnecessidade, ainda que tivesse o governo que responder por inolvidável calote internacional.

É verdade que, até lá, os produtores vacinais não teriam condições de cobrar essas dívidas, uma vez que, provavelmente, a população de Zilbraniz já não fizesse parte de um Mapa pretérito.

Muito, ainda teremos a falar do Mandrião, o que o faremos ao final do tema a seguir.

Ao longo dos quatro anos do profícuo governo do lustroso indigitado , este fora de grandes realizações no campo do Estado Antidemocrático sem direitos com grandes manifestações contra a Altíssima Corte a qual pretendeu confrontar por meio de seu 02, que dissera certo dia, passar-lhe rasteira por meio de um simples cabo de guerra, ação que por motivos óbvios não passou de palavras ao vento.

Todavia, a Altíssima Corte segurou as pontas e ao Mandrião restou discursar contra ela, na presença de milhares de babões lombrosianos, que os aclamavam sob sua chuva de saliva e mais diretamente ao Ministro Grandão que de muitos modos continuaria em seu pé até ao derradeiro momento de levá-lo a Papuda. E notem, por motivos absolutamente superficiais quais sejam:

1- uma simples ação ligada a verdadeiros atestados de vacina que lhes propiciaria livre entrada nos Steites;

2- a comercialização de pobres colares e bijuterias de alguns milhares de dólares lhes oferecida em suas viagens às arábias, que não se sabe por que razão as fazia, a não ser para concluir alguma negociação maracutaial, até hoje desconhecida do distinto público zilbranizense;

3- as ingênuas negociações com seus dedicados rosa-choques saudosos dos tempos de chumbo, a fim de colocar fim a existência de incômodos desafetos entre os quais o Bula-lá, o Grandão e o nosso gaiato Picolé, que não largam de seu pé;

4- a celebre viagem aos Steites no avião da muamba quando desgostoso com o abandono de seus lombrosianos na disputa pela continuidade no Palácio no qual pretendia se perpetuar, no aguardo de que seus rosa-choque, de novo o entronariam para grandes e definitivas mudanças naquela bagunçada democracia, que ao seu ver, não lhe permitia por em prática aqueles delicados tratamentos dedicados aqueles contestadores dos anos de chumbo, sobre os quais sonhava ter participado, se nesse tempo pudesse ser vivido ao lado de seu ídolo aquele jovial U(s)tra, que lhe ensinaria outras “cositas más”.

Mas eis que o tempo passou e o mandato do Javoltar Mandrião expirou deixando sérias sequelas:

1- aquelas suas recomendações medicamentosas que levaria à perenidade um certo alto porcentual da população, até hoje esquecidas, até mesmo pelos desendentes dos falecidos;

2- a busca desesperada pelas riquezas arabianas, presenteadas ao governo, retidas na alfandega, entre outras, das quais se apossou sub-repticiamente nas viagens avoadas, em que, amigos do peito, se aproveitavam para trazer certos produtos des‘entediantes, muito lucrativos, diga-se;

3- as constantes ameaças às liberdades democráticas em seus passeios a cavalo pelo planalto sob a cobertura de certos Rosa Choque ministeriais, hoje, devidamente enjaulados por obra de um outro, que acabou por dar o serviço revelando os pecados do Javoltar e Cia;

4- estimulando seus seguidores lombrosos acampados livremente, diante dos estabelecimentos Rosa Choque, que os tratavam a pão de ló, apostando no sucesso na empreitada;

4- e, finalmente, o passeio de patrioteiros embandeirados, num certo 8 de janeiro, pelas imediações e interiores dos palácios da Praça dos Três Poderes também existentes em Zilbraniz, nos quais deram tratamento exemplar a esses edifícios, em nome de seus princípios, não deixando pedra sobre pedra, mormente na Casa do Altíssimo na qual um certo gaiato emoldurou a mesa do presidente com suas necessidades fisiológicas. É claro que tudo não ficou por isso mesmo posto que milhares deles, pegos com a boca na botija, estão até hoje em Galera à espera de quem os venha libertar após no próximo festival eleitoral. Não é preciso dizer que o mandante, hoje sob soluços, (conheceu papudo?), digo na Papuda, na qual foi acometido de providenciais moléstias que um dos condoídos ministros da Suprema, permitiu seu restabelecimento no lar, que como se sabe, Zilbraniz sempre se mostrou leniente com estrepolias ideológicas do famigerado sacripanta.

O PODER EXECUTIVO EM ZILBRANIZ



A prevalência dos “Vices”

Ao entrar em contacto com o Poder Executivo zilbranizense e estudá-lo, historicamente, nos seus breves interregnos de **Vida Democrática de Direito**, constatei a prevalência dos Vices sobre os eleitos ao cargo máximo.

Consultando cidadãos politizados, a maioria dos habitantes dessa nobre Nação informaram-me que, embora, durante a campanha eleitoral, a figura do Vice fosse absolutamente desconhecida da população (a não ser quando denunciados por superficiais estripulias com recursos públicos, comprometendo o cabeça da chapa, nas pesquisas eleitorais), caberá, sempre a ele, em determinado previsível momento, a condução dos destinos do país.

Comentam as más línguas zilbranizenses ocorrer tal fenômeno pela insistência dos partidos ao escolher candidatos majoritários, **enfarados desta vida, sedentos de uma caninha, entediados, estropiados, cleptomaníacos administrativos** e quejandos.

Como o destino da governança, muitas vezes recairá, fatalmente, - na acepção do termo -, no Vice, as cúpulas partidárias buscam-nos entre os correligionários mais saudáveis e taludos, independentemente do QI, das tendências ideológicas, da capacidade administrativa, uma vez que sua tarefa se resumiria a completar os três anos e meio (dos quatro obrigatórios) de mandato-tampão, à espera do próximo **suicida, renunciante, moribundo, posto-fora**.

Assim, dos últimos dez chefes de Estado zilbranizense, eleitos direta ou indiretamente, nos moldes da democracia vigente em Zilbraniz, tivemos nada menos que seis vices quebrando o galho do titular, posto fora.

Um deles, o pobre, nos sessenta, foi posto pra correr pela carrancuda comunidade castrense, normalmente pronta a tomar as dores das classes médias, revoltadas com as dificuldades em almoçar fora aos domingos, como narrado alhures.

Contudo, houve períodos da história de Zilbraniz, em que o papel do Vice foi nulo. Referimo-nos ao tempo dos governos de **Salvação Nacional, por Décadas**, codinome, **Anos do Ferro**, empalmados pelo **grupo armado Rosa-Choque**, evitando a concorrência dos políticos na repartição do **botim público** entre os guerreiros. E que não se aplique, neste caso, o famoso princípio filosófico-humorístico de clássico escritor zilbranizense, posto na boca de um **seu**

personagem pirado, **ao vencedor as cebolas** - pelo amor de Deus! Pois, não foram só as cebolas...

Muito ao contrário da atual Democracia de Direito, na de **Salvação Nacional por Décadas**, durante os **Anos do Ferro,** os indicados ao poder maior, posteriormente eleitos pelo **Paralamento-Revoltado-Mas-Nem-Tanto**, demonstraram extremo vigor físico no exercício do cargo, - à exceção do primeiro deles, tardiamente convertido ao exibicionismo liberalizante, logo, logo, colocado em seu devido lugar - **assim na terra como no céu**. Ou melhor dizendo, jogado do céu para alegria do duros.

Vigor físico este, estendido a seus prepostos de caserna, transferindo-o ao lombo de opositores do regime, muitos dos quais encaminhados secretamente à praça do Redentor, infinitamente impacientes com **pentelhas demandas relativa ao retorno do estado democrático de direito, um tanto torto nessa ocasião Rosa-Choque** -, inatendíveis naquele conturbado momento da vida desse país.

Um Executivo Imperial, mas sem coroa - Ministérios

A República zilbraneza, jamais, esqueceu as poderosas estruturas políticas **reinais**, conservando muitas delas, sub-repticiamente, na figura do **Grande Timoneiro**, a quem concedeu, desde os primórdios do regime, o chamado **Poder Imperial** - primo do discricionário **Monarcal**.

O Poder Imperial subsistiu, tanto na Democracia de Direito inaugurada nos 89, como na dos **Governos de Salvação Nacional, por Décadas nos 37 e 64** (mais enfatizado nestes).

Poderes amplos, nas mãos de um poderoso chefe, reforçando a autoridade, agilizariam soluções para problemas emergentes, cotidianos na vida política e econômica de Zilbraniz, acreditavam os fundadores da **Res Publica** e ainda acreditam os construtores e desconstrutores de antanho e mais recentes.

Assim, o Poder Imperial, nas mãos de um só, acabou por fazê-lo acreditar-se capaz de elaborar diretrizes, planos de governo e escolhas ministeriais infalíveis para concretizá-los - mesmo porque, como se sabe, festas, inaugurações, viagens ocupam todo o tempo da autoridade maior, não restando o suficiente para supervisionar os bons feitos dos ministros, está claro!

Durante os mandatos presidenciais, numerosos planos de governo foram postos em prática (sempre seguindo a técnica do ensaio e erro, muito apreciada em Zilbraniz).

Planos esses, conduzidos pelos Executivos e seus respectivos ministros durante as Ordenações descritas anteriormente, que se sucederam, a cada equívoco, resultando no enriquecimento dos índices inflacionais e em algumas ocasiões, incluindo numerosos zeros à moeda, enchendo os bolsos da população com papel pintado, no qual se esgotaram, rapidamente, os vultos pátrios zilbranizenses homenageados, a tal ponto que, hoje, a escolha de novas estampas cedulares vinculadas à natureza ameaçam extinguir a fauna e a flora de Zilbraniz.

Por ocasião de minha derradeira viagem a esse país, observei estarem Chefes de Estado rodeado de ministros **Mãos Abertas, Visionários, Altruístas,** todos eles, às vezes, um pouco caturros, mas muito atenciosos aos paternais conselhos dos amados chefes, sob pena, de se manterem no cargo apenas por algum tempo, conforme esmiuçaremos a seguir.

Ministérios – um breve histórico

Imprevidência

Os Chefes máximos **diretrizaram** melhores condições de atendimento salarial aos **desacorçoados do repouso laboral**, proibindo deixá-los, muito tempo, em filas de bancos em dia de pagamento.

Os ministros - pois foram muitos – alegaram os mais recentes, inexistir recursos para reajustes salariais de monta, mesmo porque, pela idade provecta, os aposentados já não alimentariam vaidades, sendo, pois desnecessário inseri-los no mercado de consumo.

Assim, submetê-los a prolongadas dietas, só lhes trariam benefícios à saúde. Esses ministros lembraram ao Chefe terem sido os recursos da Pasta devorados por lapsos nos cálculos de uma ou outra indenização, requerida por serventes de pedreiro de elevados salários, por meio de solertes rábulas, auxiliados por zelosos juízes e funcionários da **Imprevidência**, exagerando nos zeros à direita de valores mínimos a serem pagos às vítimas de topadas no trabalho, tornando-os inválidos por alguns dias.

Mas isso ocorreu em tempos idos e os transgressores depois do um sexto, já se encontram de posse do resultado de suas boas ações, junto àquele órgão... a si mesmos.

Quanto às filas, justificaram a não tomada de providências, a fim de evitar prejuízos à saúde dos velhinhos, a quem, exercícios às madrugadas, diante de agências **bancariais** e da **Imprevidência** são imprescindíveis à circulação do sangue dos macróbios, que insistem em levar vida sedentária.

É verdade que o excesso desses exercícios, às vezes transfere-os, contra sua vontade, decerto, aos braços do Redentor.

Nesta última visita, tomei conhecimento de profunda reforma na **Imprevidência Social**, visando adequar as dissipações da pasta com o sistema de aposentadorias de alguns salários-mínimos. Salários que se complementarão com os da Previdência privada... se estas sobreviverem o tempo suficiente para honrá-las.

Em conversa com amigos zilbranizenses informaram-me que reformas previdenciárias, que foram muitas, buscaram equilibrar as contas públicas de províncias gastadeiras, assim como de executivos federais idem, por meio da ampliação do tempo de serviço de barnabés e laborantes em geral, de tal maneira que ao aposentarem-se já estejam prontos a passar a perenidade.

Por outro lado essas reformas também se preocuparam com os quase bons salários de aposentados e pensionistas, reduzindo-os pela metade que era para, de um lado, fazê-los sair do doce-far-niente tão prejudicial à saúde dos macróbios, induzindo-os a zanzarem bem umas 8 horas por dia, carregando, pelo centro das grandes metrópoles aquelas coloridas placas onde estão inscritas: compram-se metais preciosos e que tais, e, por outro, fazer com que as futuras pensionistas se acostumem a uma dieta balanceada capaz de fazê-las, em pouco tempo, buscarem a companhia dos pranteados esposos.

Ministério dos Estropiados e Afins

Os **Ilustres Condutores desse Ministério** determinaram cuidados especiais aos desvalidos saudabilíssimos, proibindo o atendimento deles em corredores de hospitais e de postos de saúde.

Os ministros da área econômica, por justo motivo, tendem a bloquear verbas que se destinariam a essas instituições salutares, alegando que elas costumavam tão somente tratar almas penadas, precisadas de transfusões de ectoplasma, e, pior ainda, torravam recursos cuidando predominantemente pacientes ubíquos, por isso capazes de ocuparem leitos de nosocômios em diferentes províncias, ao mesmo tempo.

De sorte que, hoje, vivem os ministros dos Estropiados e Afins, atrás de investimentos para a Pasta, capazes de, uma vez conseguidos, causar novas moléstias, entre as quais as produzidas pela inanição, com o estabelecimento de novos impostos como a CPMFE, que criada para atender o tratamento das moléstias do miserável terço acabou por tapar buracos produzidos pelos demais ministérios preocupados em mantê-los, em parte, nas suas contas correntes e nas de correligionários dispostos a aprovar projetos do executivo de plantão.

Todavia, para tristeza dos favorecidos esse imposto foi extinto já há algum tempo, mas ameaçando ser ressuscitado pelo Posto de Gasolina... se conseguir manter o emprego, decerto. E por incrível que possa parecer, apesar das topadas na condução da economia de Zilbraniz, além de manter-se no emprego, conseguiu incluir alguns milhões de zilbranões em seu portfólio financeiro sob os olhares complacentes do Mandrião, mais interessado em planejar a sua boa vida no poder, agradando a comunidade Rosa-Choque, que como veremos mais adiante, quase deu certo.

Ministério das Vias Intransitáveis

As Autoridades Maiores preconizaram planos de recuperação das estradas de Zilbraniz, um tanto comprometidas, depois de décadas de uso por aqueles enormes veículos, produzindo aquelas barrocas **incosertáveis.**

Todavia, os ministros recusaram-se a tapar buracos, primeiramente, por se considerarem firmes no cargo, até aquele momento; **segundamente**, argumentaram que veículos, intempéries, acidentes, estes esmagando contingentes de populações próximas, acabam por provocar movimentos populares, dedicados a destruir trechos significativos dessas rodovias, levando ao aparecimento de noveis valas.

Por isso os prepostos ministeriais não se comprometeram a assumir responsabilidades sobre esse redundante; desperdício capaz de prejudicar o transporte

das imensas safras que hoje vem sustentando a economia de Zilbraniz, pelo menos, enquanto os compradores Chinos não se sentirem ofendidos pelo fogo amigo da prole peculatária presidencial e do bronco chanceler, **Beato Salú.**

Todos esses ministros preocupados em descobrir colorados em todos os cantos do planeta, esquecendo-se de que essas Utopias há muito saíram de moda, ainda que sejam mantidas a porrete nas **terras do gordóto fogueteiro, Poquemon**; no sempre decadente **Xangri-Lá caribenho**; e, no faz de conta que ainda vige, entre os **Chinos,** hoje providos de muito capital para investir, alhures e algures, como já me referi em algum trecho desta narrativa, ameaçando a hegemonia da nação Big-Stick, atualmente, graças ao "Man of Tramp", quase uma república das bananas. Posto o "Man of Tramp" demitido eleitoralmente há uns anos eis que recentemente retornou ao poder cheio de esperanças de tornar o "pais Big Stick" grande outra vez, ou seja transformá-lo definitivamente numa "República das Bananas" o que vem conseguindo por meio da clarividentes atitudes, sócio econômicas, que comprovam sua absoluta sanidade mental, comprovada por todos aqueles que o auxiliam na administração daquela grande nação que são tão sãos quanto o chefe.

Ministério do Cultivo de Produtos "*In Natura*"

Os **Grandes Chefes sempre** lembraram aos titulares da Pasta sobre os cuidados com o armazenamento das safras, a fim de que, ao primeiro sinal de elevação dos preços dos grãos, os estoques reguladores sejam postos no mercado para diminuí-los... se houvessem, a tempo e hora.

Como se tratasse de simples lembrete, os ocupados ministros esqueceram-se das safras em armazéns e silos, impossível de se saber quantos seriam e onde se localizariam.

Ultimamente, vem se abrindo singela querela entre o **Grande Timoneiro** e os responsáveis pelo cultivo de produtos ***in natura*** a propósito do financiamento do setor.

Alguns produtores rurais, abonados, reclamam da interferência indébita do governo quanto às aplicações dos empréstimos obtidos no BNDésse Zilbranizense, discordando dos juros cobrados pelas autoridades, impedindo-os, as vezes de

adquirirem aquelas Ferraris e Lamborghinis, com a pequena margem de lucro desses afluentes ruralistas, após a queda da inflação.

Outros, não abonados, se revoltam com o fato de as suas safras não cobrirem os débitos para com o Banco de Zilbraniz, instituição desabituada à estabilidade econômica, incapaz de prover numerário suficiente para honrar folhas de pagamento de seus mal remunerados funcionários. Razão pela qual não pode renegociar dívidas dos pequenos rurícolas.

Ambos os grupos rurícolas pretendem isenções de dívidas, a serem cobertas pelo contribuinte resignado, não disposto a penitências futuras.

Ministério da Ação Social Entre Amigos

Os ***Magníficos Condotiéris*** propugnaram aos seus ministros melhor atenção a creches, orfanatos, à distribuição de leite às famílias carentes, e, principalmente, proteção aos menores abandonados em número relativamente pequeno... em cada esquina de Zilbraniz.

Como tais instituições, são geridas por representantes do povo e parentela, os ministros, emocionados com tanta solidariedade humana, apressam-se em liberar-lhes verbas, reservadas no **Orçamento**.

Com elas - as verbas, é claro -, buscam mitigar dificuldades dos intermediários e sustentar campanhas eleitorais, nas quais os programas dos candidatos valorizam o amor ao próximo... cabo eleitoral, do primo, sobrinho, cunhado, esposa, concubina, etc, e tal.

A rapidez com que chegam essas verbas ao seu destino depende da boa ou má vontade dos responsáveis pelas instituições caritativas em fornecer recibos **quentes**, para impedir que os benemerentes possam ser acusados de enriquecimento ilícito, ou coisas do gênero, muito comum entre zilbranizenses despeitados com a criatividade dos políticos.

Quanto aos menores abandonados, nota-se certo desleixo em investir-se em sua proteção, pela dificuldade em localizá-los, posto que, ultimamente, alguns **Mantenedores da Ordem**, solidários com mercadores de **produtos desentediantes** se incumbem de protegê-los da solidão, transportando-os das portas das igrejas,

esquinas e baixadas para uma vida melhor, a fim de não se interromper o fluxo turístico e o lazer nas praias, mormente as da Wonderful City, hoje, como comentei em várias passagens, infestados de ratazanas, muitas das quais habitando Papudas e Bangus da vida, por força das ações da **PEGARATO, hoje um tanto desidratado.**

Ministério de Adaptação à Oração e à Escrita

Os **Excelentíssimos** determinaram, com alguma severidade, aos ministros da Pasta, investirem pesadamente na construção de educandários e na valorização dos mestres dos grotões **nortenhos e nordestinenhos**, propiciando-lhes pelo menos duas rações diárias.

É que, de há muito, se vem notando nessas regiões certa ojeriza pela alfabetização, tanto da parte dos privilegiados mestrezinhos e mestrezinhas, quanto das crianças, preferindo estas se instruírem no lar, visto que seus progenitores apresentam tanta competência para a tarefa quanto aos concluintes dos primeiros anos do ensino fundamental, postos aí a serviço da educação básica.

Sabedores dessas distorções, os ministros da Pasta refutaram as teses dos **Excelentíssimos** - com todo o respeito, é claro -, argumentando ser perda de tempo e dinheiro, que não existiria para esse fim, investir naquela parcela da população infanto-juvenil, incapaz até mesmo de alcançar o assento dos bancos e carteiras escolares. Móveis que teriam de ser diminuídos, provocando novas despesas, pela baixa estatura dos usuários.

Contudo o que foi explicitado acima, não diz respeito à educação pública das capitais **nordestinheiras,** hoje apresentando um ensino a fazer inveja àquele existente nos melhores sistemas do primeiro mundo, ao investirem pesado as autoridades em selecionadas escolas e professores, prometendo estendê-las aos grotões mencionados acima, em tempo incerto e não sabido.

Já, nesta segunda década do XXI o ministério da Oração e da Escrita mercê de um governo extremamente cultor... de armas e munições, tem se descuidado um tantozinho da educação, instalando nele alguns deseducadores dispostos atingirem aqueles objetivos especificados pelos últimos três, introduzidos, sub-repticiamente, no ministério da deseducação, capitaneada pelo Mandrião.

Todavia neste último quadriênio governamental do Bula-Lá muitas coisas mudaram posto que o tal ministério vem acabando com a evasão escolar pelo investimento nos possíveis evadidos concedendo-lhe alguma grana para que, mesmo que desgostem dos estudos, pelo menos frequentem às aulas e obtenham seus diplomas para se colocarem em empregos de alta qualidade. Por outro lado, o governo criou importante plano de incentivo para mestres de alto nível seja enviado aos grotões para receber um salário capaz de que possam sobreviver com pelo menos três refeições ao dia. Todavia, pouco se sabe se esses educadores embarcaram nessas delícias pedagógico-humanitárias.

Ministério de Acabados e de Vendas a Varejo

Os **Grandes Timoneiros** orientaram seus ministros para que não deixassem os setores indústrio-mercantis desprovidos de recursos fundamentais ao desenvolvimento e consequente criação de empregos, mormente aqueles cujos proprietários se encontram bem relacionados nos âmbitos **judiciais, legislativais** e **executivais.**

Preconizavam que ouvissem com atenção suas demandas quanto à diminuição de impostos com ênfase nos ramos **automobilitais** e **farmaciais** e tantos quantos, com força política, solicitarem.

Atentos às recomendações, no que concerniria à produção de veículos populares, reduziram-lhes os encargos, a ponto de verificar-se sério problema, uma vez que os preços desse objeto de desejo tornaram-se ridiculamente diminutos, temporariamente, de acordo com o recente plano do Bula-lá III.

Contudo logo se deu um jeito nessa distorção, pois as concessionárias encontraram formas de valorizá-los, transferindo-os, supostamente, a varejistas estranhos às montadoras, capazes de conferir aos populares valor de merecida dignidade, para desconsolo da Receita Federal zilbranizense. Mas isso foi há pouco tempo e hoje abandonou-se essa prática não delituosa.

Quanto ao setor **farmacial**, a lei da oferta e da procura, nele aplicado, vive a sofrer profunda influência das saudabilíssimas condições físicas e mentais de alguns zilbranizenses, insistindo em alimentar-se com saborosos e nutritivos churrasquinhos

gregos, encontradiços em esquinas, onde proliferam inofensivas varejeiras. Ou mesmo, durante a peste, ao buscarem testá-la, aglomerando-se em bailes funcks em periferias e quejandos, para desespero de sanitaristas, infectologistas, e aqueles que tentam salvar os alegres transgressores, infectados nos muitos convescotes de fim de semana. Todavia, nestes novos tempos do ano da graça do 23, estamos, temporariamente, livres das duas pestes, as quais o leitor sabe muito bem quais foram.

Hoje parece ter havido profundas mudanças na comercialização de medicamentos em Zilbraniz, e eles são oferecidos a população saudável a preços mais do que justos, chegando os descontos, às vezes a 100%, ou mais, isto depois de os produtores realizarem pequenas remarcações que os impedem sofrer prejuízos que se imaginavam certos e irreversíveis.

Se esses dois setores produtivos constituem motivos de grande preocupação para os ministros, não é o caso do varejo. Este se mostra cada vez mais autossuficiente, graças à sua capacidade de embutir velados acréscimos em suas constantes liquidações... de distraídos consumidores, em todas as estações do ano.

Assim procedendo, evitam os varejistas ter seus títulos protestados com a fatal **falência**, trazendo a certeira recuperação da empresa, digo, do proprietário.

Ministério de Fazer-Andar-o-País

Este ministério se incumbe daquelas multidões responsáveis pelo fazer caminhar Zilbraniz. Multidões administrando tanto **Corporações de Ofício** quanto às que fazem fluir a burocracia de selos e carimbos.

As primeiras multidões constituem-se de serviçais autárquicos, mais ou menos fixos. Beneficiam-se de tripla proteção, quais sejam: carteiras assinadas, estabilidade no emprego e fundos de previdência, garantindo-lhes extras no exercício do cargo e nas aposentadorias. Tudo perfeitamente justificável, visto que suas remunerações são tão baixas que os dirigentes das Corporações têm até vergonha de exibi-las à opinião pública, mesmo pressionada pelo Chefe Máximo da Nação.

As segundas multidões, as dos selos e carimbos, são absolutamente fixas para a eternidade, mas em número deficitário pelo excesso de serviços a elas atribuídos.

Seus salários, bem ao contrário dos autárquicos, correspondem, exatamente, ao esforço despendido e à atenção dada ao público, que, diga-se de passagem, os tem em alta conta.

Curiosamente, este segundo segmento da administração é o maior gerador de empregos em Ziliabrás, nas províncias e **células municipais**. Mas, contraditoriamente, excluído este setor da vida **trabalhal**, seria Zilbraniz um país de pleno emprego e recursos suficientes para impedir que mulheres deem à luz em pias de banheiros dos bem equipados hospitais dessa terra.

O Grande Timoneiro, preocupado com temporárias **imobilizações** dos autárquicos, preconizou aos ministros da Pasta cuidados especiais para com os setores administrados por essas **multidões**, entre os quais: os **energéticos** os **telefonais**, os das indústrias de base, vivendo **a paredearem**. Estes, constantemente, em busca de melhores condições de sobrevivência, ameaçando vastas parcelas da sociedade a retornarem ao telefone de gancho, ao fogão à lenha e ao motor a gasogênio, para desgosto dos ecologistas.

Quanto às multidões, fixas pela eternidade, suas greves são sempre desejadas, por economizar luz, papel higiênico, impressos, tinta, computadores, entre outros materiais de escritórios.

Os direitos, tanto dos autárquicos como os dos fixos pela eternidade, são defendidos encarniçadamente pela **União Trabalhal Única**, absolutamente contrária às paredes, embora viva sussurrando nos ouvidos dos filiados as perdas de gerações passadas de servidores a cada substancial reajuste.

Esses justos movimentos possibilitam aos serviçais das **Corporações de Ofício** e da administração direta descansarem, por semanas e meses, às portas dos edifícios, num tedioso **lazer baralhal**.

Ao retornarem ao serviço, depois de tensas e cansativas negociações, surpreendem-se com os contracheques, portando nos reajustes a incorporação das horas extras das noites insones a eles acometida, pela ameaça da demissão, por justa causa, brandida por juízes e tribunais **trabalhais** sumamente acreditados em suas sentenças. E tudo porque o Congresso de Ziliabrás está com os servidores e não abre.

Com a vitória dos progressistas nas eleições no começo do 23 do século XXI, substituindo o perigoso Javoltar Mandrião, o partido, preocupado com o grande

desemprego vigente no país, resolveu sabiamente parte do problema... de seus militantes, encaixando-os, tanto nos cargos vagos deixados pelos também militantes do partido anterior (afinal quem governaria um país sem essas milhares de "pessoas de confiança", não é verdade?), como os ampliou de forma a não deixar qualquer correligionário na "rua da amargura", mormente aqueles que por motivos óbvios não se reelegeram.

Ministério do Tira-O-Que-Pode

Comparado aos demais ministérios, o do **Tira-O-Que-Pode** é absolutamente autônomo e discreto. Mas os pronunciamentos dos titulares da Pasta, sobre câmbio e preços de serviços públicos, conseguem enorme repercussão, determinando algum desconforto à economia geral do País. Isto para grande alegria dos agentes econômicos e especuladores, adicionando novos zeros à direita de seus cifrões. Por isso os **Amados Condutores** aconselham os prepostos da Pasta a não se manifestarem sobre projetos da área financeira, cujas opiniões são costumeiramente distorcidas por repórteres indiscretos ou de má fé.

O ministério, em tela, está incumbido de prover recursos necessários a robustecer Zilbraniz, um tanto raquítico quanto à educação, à saúde, aos transportes, à tecnologia, à imprevidência social etc.

Os recursos são recolhidos por meio de pequeno número de impostos, ainda não chegados a cem, para desgosto dos responsáveis pela arrecadação, prometendo atingi-los, no mais breve espaço de tempo.

Contudo se comenta pretender certa corrente reduzi-los em número, para conservá-los nos valores, por meio da tão esperada **Reforma Tributalícia**, que com certeza reduzirão os impostos... das **zelite,** como diria o sábio Bula-Lá III.

Alguns impostos são cobrados com eqüidade, justiça, seriedade e competência, a tal ponto que nenhum trabalhador com holerite, empresas com balanços publicados, cujos demonstrativos correspondem exatamente aos lucros obtidos, deixam de honrá-los.

Outros impostos, também medíocres, recaem:

- sobre folhas de pagamento de grandes e pequenas firmas, dobrando seus valores. Esses acréscimos, nas despesas, estimulam-nas a conferir maior dignidade aos preços de seus produtos e serviços, provocando, neste caso, o ranger de dentes dos zilbranizenses (de poucos, pois há muito se sabe ser a população composta, predominantemente, de desdentados e banguelas). Por outro lado, facilitam-lhes contratar trabalhadores desinteressados do amparo trabalhista;

- invisivelmente sobre todas as mercadorias consumidas pelos habitantes, evitando síncopes cardíacas se visualizados os preços nas etiquetas.

Como se vê, um rio de dinheiro corre às burras do tesouro do **Tira o Que Pode**, mas como Zilbraniz é um país geograficamente constituído de ralos, bem uns 50% dos impostos descem pelos orifícios.

Assim, devem a Casa da Moeda e a população, afluentemente ociosa, suprir parcelas significativas dos déficits, cobrindo os pequenos rombos da seguinte maneira:

- primeiramente, não dando descanso às máquinas de fabricar papel pintado e aos seus técnicos, trabalhando em três turnos de oito horas diárias. Tais técnicos nem bem terminam uma série de notas, novas reformas econômicas obrigam-nos a substituir as cédulas esgotadas nos zeros por outras de valores humildes, a princípio, logo ganhando expressão numérica.

- segundamente, pela garantia às aplicações em títulos do tesouro, rendendo pífios juros e correção monetária, aos investidores permitindo-lhe não se conspurcar com o indigno trabalho braçal ou o tedioso labor regular ao mesmo tempo auxiliando o governo em suas pequenas dificuldades econômico-financeiro do que resulta alguns trilhões de zilbranões, que diz respeito a dívida interna de Zilbraniz a ser paga em tempo incerto e não sabido.

Quando, em certas ocasiões, é preciso mais **algum** para fechar as contas governamentais, engendram os ministros outras agradáveis surpresas aos contribuintes angustiados, estimulando-os, compulsoriamente, a participar de programas **tapa-novos-buracos**, com empréstimos que lhes serão restituídos em prazo estipulado em lei - que o governo costuma respeitar tal qual os devedores do fisco. Compulsórios, absolutamente olvidados tão logo vence o prazo para a devolução. ***Lapsos memoriae,*** auxiliado pelo **Corpo Juizal** e **tribunalais,** julgando

procedentes os argumentos das autoridades fazendárias, segundo as quais, infelizmente, não há verbas para ressarcirem os ***esmoleres***, pelo menos nos próximos decênios. Tempo necessário para a introdução de novos empréstimos destinados a honrar os anteriores, indenizando os netos das vítimas.

Não se diga que o responsável pela proteção dos cidadãos **tungados**, qual seja, o Procurador Geral de Zilbraniz, não se esforce para reparar os desvios da **Res Publica**, não, isso não! Ele procura, procura, mas não consegue encontrar a base legal para obrigar os ministros do **Tira-O-Que-Pode** e os **Amados Chefes** a cumprirem os preceitos constitucionais.

Dessa forma, a autoridade **Procural** constrange-se em molestar as altas autoridades com questões comezinhas, pois elas têm mais o que fazer do que se ocupar com ridículas ações judiciais **anticalotes institucionalizadas.**

Mas, se tudo isso não foi o bastante para fechar os buracos orçamentários, os ministros descem de seu pedestal, baixando aos fundos... dos trabalhadores, transferindo esses valores ao tesouro nacional, usando-os para despesas de emergência, as mais comuns.

Esses mergulhos governamentais aos fundos causam alguma espécie, no momento que a classe laboral necessita sacá-los, depois dos breves trinta e cinco anos de serviço, nunca os encontrando completamente intactos.

Entre os impostos, um dos mais eficientemente cobrados, está o do **Imposto dos que não têm renda**. Dele, somente escapam aqueles que trabalham por conta própria. ***Self-made-men, que se*** acham no direito de não prestar contas ao fisco.

Com eles concordam os técnicos da arrecadação, impossibilitados de encontrar os haveres dos ***Selfs***, depositados, religiosamente, e muito bem protegidos nas milhares de agências **bancariais** de Zilbraniz.

É verdade que, muitas vezes, essa grana se encontra em contas de outro mundo, às quais tem acesso qualquer servidor do departamento arrecadador, autorizado pela quebra do sigilo bancário de sonegadores contumazes.

Entre alguns poucos, a verificação de seus ganhos é sempre prejudicada pela invasão de vírus nos computadores da Receita. Portanto, não se pode afirmar que **retalhadores de corpos e afins**, **tratadores de gengivas**, **rábulas**, entre outros ***Selfs***, não cumpram com seus deveres **impostais**, o que seria uma tremenda difamação.

Ocorre que o ano, em Zilbraniz, é longo, e, no dia a dia, não reparam esses profissionais nas entradas de dinheiro, confundindo-se no **com ou sem recibo**, de tal maneira que computar isso tudo, na véspera do dia da entrega da declaração, causa sérios embaraços mentais aos seus contadores.

Conferindo as declarações de renda dos ***Selfs***, os serviçais da Receita se condoem da miserável existência **trabalhal** desses infelizes, colocando-os nos primeiros lotes de restituição. Não quero dizer que todos os profissionais liberais soneguem os impostos dos que não tem renda... só a maioria

Evidentemente, os trabalhadores, com ganhos garantidos mensalmente, nos holerites, são justamente deixados para as últimas remessas **devolutais**, enviadas com ano e pouco de atraso, que é para não aumentarem o consumo e a consequente inflação de demanda em Zilbraniz. Isso se não forem apanhados nas malhas do Leão.

Existirá, na face da Terra, país com tão elevada justiça tributária? Duvido.

O PODER JUDICIÁRIO EM ZILBRANIZ



A relativa perfeita harmonia entre os pertinentes poderes

O Judiciário completa o tripé de poderes em Zilbraniz. Tem por finalidade preservar os direitos dos cidadãos, protegidos eficientemente... se tiverem por trás de si rábulas, bem enfronhados nos herméticos códigos (assim elaborados para desenvolver o raciocínio jurídico dos causídicos).

Esse Poder funciona em relativa perfeita harmonia com o Legislativo e o Executivo, inclinando-se ligeiramente para o segundo, salvaguardando, em determinadas ocasiões, a implementação de medidas econômicas pelo **Governo Central**, não prevista nas Ordenações, por lapsos dos constituintes, incapazes de prever intermitentes planos de recuperação nacional.

O Poder Judiciário é composto pelo Corpo Juizal, Tribunalais de muitos tipos e hierarquias, Códigos Criminalísticos e Civilísticos, todos eles para darem conta dos direitos deveres dos cidadãos, assim como dos do Tesouro Nacional e, finalmente, a Altíssima Corte que manda em tudo.

Os Tribunalais são constituídos de numerosas instâncias, a fim de incrementar na população sindicante a virtude da paciência, da tolerância e do espírito de renúncia, quando demanda o cumprimento de seus direitos líquido e certo, entre os quais os de:

- ressarcir-se de contribuições compulsórias, efetuadas pelo Estado - estabelecidas com nobilíssimas finalidades sociais como já se viu -, com prazo vencido, há décadas. Neste caso, os juízes e tribunalais unem o útil ao agradável: agradando aos **Magníficos Executivos** em dificuldades econômicas, protelando decisões que os prejudicariam. Assim agindo, também, como medidas profiláticas, para impedir que o manuseio de processos empoeirados venham provocar-lhes alergias e bronquites crônicas;

- conceder liberdade a inconformistas deslembrados, após terem cumprido integralmente a pena - naturalmente, um sexto dela. Difícil de ser concretizada, não por omissão das autoridades judiciárias, longe disso, mas pelas dificuldades de se encontrarem os processos extraviados em labirínticos arquivos; ou por considerarem alguns juízes ser o reingresso do miserável convicto ao convívio dos cidadãos pacatos e honestos um tremendo risco para a sociedade - o que em alguns casos não deixam de estar cobertos de razões.

Mas, tal privilégio só será concedido se o meliante conseguir ser julgado, no curto espaço de alguns decênios;

- ver julgadas, com certa brevidade, ações contra a oblíqua conduta de membros da elite financeira, nas suas relações com o Estado – quando ela se esquece de recolher tributos sociais, preservando seu capital de giro ou seus investimentos pessoais, necessários à manutenção dos empregos em suas empresas e à estabilidade financeira da família.

A brevidade dos julgamentos visa a não permitir a impunidade em Zilbraniz, que, diga-se de passagem, inexiste, por força de as autoridades judiciárias julgarem celeremente os processos. Que, quando muito, não ultrapassam uns cinco ou seis anos para serem concluídos, visto estarem as ações judiciais resguardadas por portentosas liminares ou brilhantes apelações fundadas nos sábios e ultrademocráticos códigos zilbranizenses.

Contraditoriamente ao exposto, devemos lembrar que membros do miserável terço, mormente os coloreds, sem respaldo de rábulas, por força do roubo de algumas penosas e outros relativos que tais, um tanto primário nas transgressões, são enjaulados em pequeno número de algumas dezenas ao lado de bons convictos, em amplas celas de uns quatro ou cinco metros quadrado, com direito a confortáveis pisos frios que é para se acostumarem a se aquecerem uns aos outros nos próximos muitos invernos.

É que as autoridades policiais que os botaram em "galera" posto que cumpriram suas obrigações legais, dando satisfação à sociedade e não sendo questionados por quem de direito, muitas vezes esquecem que esses meliantes deveriam ser julgados.

Mas como as prisões dessa gente são constantes e o **Corpo Juiza**l deve dar prioridade àqueles julgamentos com processos concluídos, ao longo de alguns anos, e rábulas dispostos prolongá-los, uma vez respondendo o réu em liberdade, vai daí que os demais vão ficando, ficando, até que alguém se lembre de que um dia os deslembrados deveriam ter sido levados ás barras do tribunal, isso se o detento não fugiu ou passou a perenidade em alguma rebelião que, afinal, são situações muito raras em galeras de Zilbraniz.

É verdade que famosos rábulas, defensores, principalmente, das vítimas da **PEGARATO,** presumidamente culpados, ops, digo inocentes, se insurgem às crueldades praticadas pela juízada e tribunalais contra seus clientes, **não transitado em julgado**, de há muito livres, longe daqueles condenados pela eternidade, com os quais jamais tiveram contato.

No que diz respeito àqueles clientes ainda enredados com a PEGARATO, seus rábulas vivem a reclamar em artigos candentes nos periódicos de que a justiça em Zilbraniz não se preocupa em fazê-la, mas, tão somente, vingar-se daqueles meliantes, ao desconsiderarem seus argumentos.

No que concerne aos presos pela eternidade, esses mesmos rábulas, com o coração partido, gostariam de vê-los longe das grades... se pudessem os infelizes arcar com as módicas remunerações que cobram.

No que concerne às Pequenas Médias Instâncias, tal é o cuidado em não se ferir os direitos dos cidadãos que as demandas acabam sempre desaguando na Altíssima Corte zilbranizense.

As instâncias inferiores, quase sempre, não se sentem seguras em seus veredictos, muito embora os fundamentem de forma inquestionável.

Contudo, jamais suas decisões são aceitas por uma das partes, - mormente, se o acionado é o Estado, às voltas com **precatórios** e **requisitórios**, por se ter equivocado nesta ou naquela interpretação manifestamente contrária aos preceitos constitucionais -, em detrimento dos peticionários, cobertos de razões jurídicas.

Comenta-se ser a **Altíssima Corte** de Zilbraniz profundamente severa para com os representantes do povo, injustamente acusados, condenados e afastados de suas cadeiras **legislativais** e **executivais,** ao aliviarem os fundos públicos - abarrotados de títulos a vencer -, depois de terem sido encontrados reles bilhões de zilbranões do Tesouro em contas bancárias de outro mundo, geridas por prepostos **fantasmais**.

Levados os transgressores às barras da **Altíssima Corte,** os julgadores, preocupados em bem aplicar a lei contra aqueles que tanto fizeram pela **Res Publica**, consideram de vital importância dar-lhes tempo suficiente para se defenderem e tanto que, após decênios, os processos continuam seu repouso eterno no sexto arquivo (ou

seria cesto arquivo???) ou mesmo prescritos por falta de tempo para julgá-los, os quais daqui por diante, facilmente, virão a sê-los em razão de recente lei que irá remunerá-los regiamente com uns extras, para realizar um trabalhozinho, que, de há muito, deveria estar concluído, não fosse os dois meses do **dolce far niente,** a que tem direito a juizada, uma vez que ninguém é de ferro, não é mesmo???

O deferimento das ilustres Cortes para com os políticos cresce ainda mais, conforme a posição hierárquica da autoridade molestada. Em sendo os **Grandes Timoneiros Decaídos**, por exemplo, procuram os vetustos jurisconsultos resolver a questão por meio de fraternal diálogo, uma vez que muitos deles seriam incapazes de faltar com respeito ao padrinho.

Fato curioso vem ocorrendo, atualmente, com as remunerações do corpo juizal. Reclamam eles que seus salários não atendem às suas necessidades materiais, ainda que venham acompanhados de múltiplos penduricalhos que os próprios se recusam solicitar a outros poderes constituídos, que é para não lhes aborrecer, uma vez que estão eles preocupados com seus próprios interesses e penduricalhos em Secretos Orçamentos. Razão pela qual eles próprios tomam a iniciativa de incorporar-lhe aos seus pequenos salários e proventos-, na opinião da corporação, é claro.

No que diz respeito aos medíocres salários da juizada, lembro de uma justa e procedente reclamação de suplicante causídica, segundo a qual, seus salários de uns medíocres 78.000 zilbranões seriam absolutamente insuficientes para adquirir suas preciosas bijuterias, de baixo custo... segundo ela, é claro.

Dentre antigas doutas decisões da Altíssima, já descritas em passagens anteriores destes escritos, que o caro leitor já deve ter tomado conhecimento, quero lembrar recentes decisões da Altíssima, demonstrando mais uma vez a sabedoria jurídica do Pretório Excelso de Zilbraniz, quais sejam:

- a eliminação daquela execrável proibição pelos membros da Altíssima Corte, quanto ao direito de a parentela do juizado não ser prejudicada em suas demandas judiciais.

Será que alguém, em sã consciência, teria a coragem de desconfiar da integridade do juiz, ao julgar uma causa do Papá ou da Mamã e demais membros do Clã, ou mesmo, daqueles Jurisconsultos, depois de ter sido homenageado em convescotes nos quais os promotores do evento teriam algum processo a ser julgado

pelos ditos cujos? “Ó Deus” até quanto pode ir a maldade humana “dessas gentes” língua de trapo!

- á eliminação daquela antiquada transgressão cominada no Código Penal, vinculado ao porte e uso, de produtos desentediantes nas ruas e no aconchego do lar, mas, atenção, em exatas 60 mg, encontradas facilmente em qualquer esquina de Zilbraniz, que é quantidade, de ora em diante, permitida ao traficante, agora transformado em cidadão de pleno direito a comercializá-la.

A garantia dos viventes: os cartórios

A justiça de Zilbraniz é a tal ponto cega não conseguindo enxergar pessoas, circunstancialmente dadas por mortas. Reaparecendo, devem provar o fato de mover-se e respirar diante de incrédulos juízes, para quem deverão exibir os pertinentes documentos de identificação e os atestados de exumação do cadáver usurpador.

Estas medidas legais são exigidas para que se impeçam tornarem-se verdadeiras as aterrorizantes teses transmigradoras dos kardecistas.

Essas ações acauteladoras, por parte das autoridades judiciárias, são uma das razões pelas quais se concedem patentes a tabeliães, para explorar cartórios, sem os quais o vivente jamais teria existência real.

De sorte que, em Zilbraniz, requerentes e peticionários são obrigados a frequentar extensas filas para provar aquela assertiva. Ao mesmo tempo confirmam ter aprendido a assinar o nome de forma padronizada, o que não deixa de ser valiosa contribuição à alfabetização funcional.

Por falar em cartórios, constituem eles, verdadeira instituição nacional, geridos por uma aristocracia, cujos brasões de selos e carimbos, há séculos, passam de pais a filhos, cada vez mais afluentes, dado ao crescimento da população necessitada de reconhecimento de assinaturas, postas em dúvida apenas pelos tabeliães.

A severidade das Leis nos Crimes Contra a Pessoa e o Patrimônio

Zilbraniz é um país de população pacífica e **bondadal**, segundo

interpretação de célebre historiador nativo.

Por isso a violência e a criminalidade inexpressivas são punidas sem delongas - quando se consegue encontrar o transgressor -, de acordo com os severos códigos criminais, eivados de humaníssimas passagens, bastante conhecidas e utilizadas pelos interessados.

Entre elas se destacam artigos interessantíssimos dos quais me recordo de alguns, prevendo ampla possibilidade de os acusados livrar-se das cruéis malhas da lei:

- o que exige, para encarcerar, preventivamente, **liqüidadores de pessoas indefesas**, o testemunho de numerosa assistência ao seu tresloucado ato, desde que tenha presenciado a execução, vendo os ditos cujos e a arma liquidando a vítima. Do contrário, mesmo que as provas sejam evidentes e irrefutáveis, ao se apresentarem voluntariamente, quando lhes der na telha, manda a lei, que devam ser soltos, uma vez que deram sobejas provas de confiança na justiça. O único inconveniente de deixá-los em liberdade será, futuramente, localizá-los, para levá-los a julgamento, pois a demora é tanta que os próprios réus acabam se esquecendo de que estavam sendo processados pelo delito.

Mas há outras bondades nos códigos entre as quais a que permite aos estreantes em transgressões à lei responderem o processo em liberdade, por serem considerados réus primários, muito embora tenham diversas passagens pelos escritórios dos **Mantenedores da Ordem**:

- a que considera os crimes de trânsito pura desatenção dos motoristas, mesmo não prestando o atropelador qualquer socorro às vítimas - o que lhe daria muita dor de cabeça -, estas sim, responsáveis por se colocarem sob as rodas dos veículos.

Pelos poucos exemplos, pode-se constatar o extremo cuidado dos Códigos e Leis em preservar a integridade de cidadãos vitimados por compulsivos desejos de subir na vida por parte dos inconformistas e por praticantes de hedonismos velocistas.

Ultimamente, os centros de reabilitação penal, especializados em fortalecer os impulsos negativos dos convictos - transformando-os de tíbios em excelentes profissionais -, encontram-se um tanto quanto lotados, ocorrendo o fato, por força de alguns percalços na economia, determinando o repouso laboral de grande parte de membros da população ativa. Muitos dos quais, entediados pelo ***dolce-far-niente*** e apetite insatisfeito, procurando distrair-se e fartarem-se, visitando sub-repticiamente

residências abandonadas, durante longos feriados de fins de semana - raríssimos em Zilbraniz, diga-se -, para abastecerem-se.

Evidentemente, que, às vezes, dão-se algumas escaramuças, das quais resultam reações pouco carinhosas dos visitadores, interrompendo a existência deste ou daquele intimorato chefe de família.

Se encontrado o miserável, o que não é fácil, com certeza, pagará caro pela crueldade, graças à severidade das leis e do corpo de jurados, punindo-o com a prisão perpétua, por alguns anos - face ao bom comportamento.

Afinal, mantê-lo enclausurado tanto tempo - o que poderia provocar-lhe claustrofobia -, rouba vaga a novos aspirantes nos confortáveis e pouco habitados apartamentos prisionais, e não trará de volta à vida aqueles que se foram desta para melhor (?). Muitos, complementando a longa pena em regime de prisão semiaberta para não perderem os meliantes bons e arraigados hábitos durante o dia.

A polêmica questão da pena de morte em Zilbraniz

Ainda, no capítulo da criminalidade, escassa em Zilbraniz, é bastante controversa a questão sobre a pena de morte.

Ela é repudiada pelas camadas vivendo em ***bunkers*** ou protegida pelos **Mantenedores da Ordem**, 24 h por dia.

Argumentam aqueles, com muito tirocínio, ser tal medida contrária aos princípios da boa convivência, segundo os quais ninguém tem o direito de tirar a vida de **inconformistas exagerados**, privilégio apenas desses infelizes, desprovidos de senso de medida e de peso na consciência, por não se terem socializado, na infância, ao fugirem das escolas por culpa da sociedade.

Muito menos teria o Estado o direito de executar autores de crimes nefandos, pois, se assim o fizesse, criaria sério problema social, desempregando certos **Mantenedores da Ordem** de pavio curto e trabalhadores das empresas de segurança privada em franco florescimento.

Justificam, em abono ao seu ponto de vista, contrário a pena de morte que, consciente de que seria executado por tirar a vida de outrem, o meliante, de revólver

em punho, refletiria da seguinte maneira, diante do abordado: “perdido por um perdido por mil e bummmmmm!”.

Consideram os críticos, ser total absurdo dar ouvidos à opinião pública zilbranizense sobre a pena de morte, ou decidi-la por meio de plebiscito.

Alegam que o povo seria levado a aprová-la, sob forte impacto emocional, visto que, naquele momento, milhares de almas estariam viajando para o além, por obras dos desumanos, o que determinaria decisão puramente artificial da população, condicionada pelos acontecimentos do dia a dia.

O grupo pró, por sua vez, enfatiza a necessidade da introdução de **penalidade mortal**, provando por “A mais B” que o mais vil meliante, sabedor do que lhe espera, ao mandar seu semelhante ao Reino do Criador, não gostaria de se exilar deste vale de lágrimas, compulsoriamente; que os oponentes incorrem em grave erro, posto que, mais cedo ou mais tarde, se abririam brechas em seus muros e portões, fazendo-os conhecer de perto os bons fluidos de seus afilhados, o que acarretaria vexatória mudança de ponto de vista sobre o assunto.

É interessante notar que ambos os grupos, utilizando-se dos mesmos dados, chegam a resultados absolutamente opostos; coisas de Zilbraniz...

De minha parte, observador arguto da psicologia da população zilbranizense, considero a instalação da pena de morte pura perda de tempo, visto ser tal castigo profundamente susceptível à ação do tempo, que tudo apaga e faz esquecer.

Entendo que jamais alguém pagaria tão caro por atitudes irrefletidas, cometidas há muitos anos, prazo mínimo para eliminar da memória esses tristes acontecimentos.

Quanto aos defensores da mencionada pena, julgo laborarem, em profundo equívoco, ao tentarem impor o que na prática já existe há muitos anos.

Várias organizações, formais e informais se encarregam de viabilizar **a pena máxima**, entre as quais:

- **Mantenedores da Ordem** fazendo um **bico** junto a empresários **bichais** e **drogais**, cobrando, respectivamente, apostadores inadimplentes e usuários compulsivos; contendo a ânsia de liberdade de condenados descontentes com o **rango prisional**;

- administradores milicianos de morros e planícies das grandes urbes eliminando invasores do **Ponto em todas as províncias de Zilbraniz**;

- superficiais desentendimentos entre convictos das milhares de centenas das bem cuidadas "Galeras" de Zilbraniz, não dispostos a representar o papel de bonecas no teatro penitenciário.

Essas ações executadas, por meio de métodos administrativos diretos, trazem grande vantagem à justiça de Zilbraniz. Evitam gastos desnecessários com papel, tinta, carimbos e oratórias **promotoriais** e **defensoriais**, liberando **rábulas** para atividades menos tediosas e mais rendosas.

Por outro lado, tais eliminações informais impedem a má fama internacional, que se abateria sobre Zilbraniz, se adotasse punições medievais em seu código criminal, uma vez gozando, hoje, sob este aspecto - não violência contra cidadãos -, imenso prestígio entre os povos civilizados do planeta.

No que diz respeito à publicidade que se dá na imprensa escrita, falada e televisada sobre acusados de cometerem crimes maiores e menores, antes que se apure a veracidade dos fatos, rábulas humanistas argumentam ser esta prática um tanto cruel uma vez que esses infelizes, se inocentes, se tornam culpados pela eternidade, enquanto o equivocado julgamento, permanecer na lembrança de maldosos cidadãos, sempre inclinados a levar adiante odiosos linchamentos.

Ao completar estas digressões sobre a justiça em Zilbraniz, não poderia deixar de informar aos leitores sobre a fiscalização das contas públicas.

Os cuidadosos gastos governamentais são vigiados com severidade pelo chamado **Tribunalal do Corpo de Afilhados – correspondente aos nossos Tribunais de Contas -**, instalados nos municípios das grandes metrópoles, nas Províncias e na sede da **União Federacional**.

Irremovíveis - a não ser pelas parcas -, e independentes, os membros do **Corpo de Afilhados** julgam as contas públicas com a mais absoluta isenção. Aprovam-nas ou refugam-nas conforme a maior ou menor afinidade com os executivos, o que não deixa de ser uma prova de reciprocidade afetiva, num país de grande espírito de gratidão, como é o de Zilbraniz.

É verdade que os julgamentos das contas públicas sofrem alguns percalços quando da mudança de partidos no poder, ocasião em que os novos governantes, não

muito simpáticos ao **Corpo de Afilhados**, fatalmente irão gastar mal os recursos públicos, segundo premonição do **Tribunalal**, mesmo o fazendo os eleitos de acordo com as normas vigentes.

De sorte que, somente o trânsito à perenidade de pelo menos 50% mais um do **Corpo de Afilhados** e consequente renovação da **Intituição Contatorial** consegue trazer o equilíbrio necessário para o equacionamento dos gastos públicos e sincera aprovação das contas.

CAPÍTULO VII

VIDA ECONÔMICA EM ZILBRANIZ



Um país em plena abertura econômica

O PIB de Zilbraniz é elevadíssimo, composto de uma parte visível e outra invisível. Causa inveja a países próximos e remotos, participantes sub-reptícios da parte invisível.

O Produto Interno Bruto sustenta com folga, pelo menos metade da população, enquanto a outra metade, se não se deixar levar pela baixa expectativa de vida, conseguirá em longo prazo - se todos não estiverem transitados à perenidade -, ingressar, um dia, no mercado de consumo.

Pratica-se, no país, uma verdadeira economia de mercado, produzindo-se o necessário para que os preços não permaneçam estacionados, o que favorece certas camadas sociais, apreciadoras da graciosa ciranda financeira - na qual poucos bailam às custas dos muitos que se esfalfam -, proporcionando-lhes o aumento da renda-per-capta, graças às aplicações **bancariais** compatíveis com a manutenção de seu modesto modo de vida. Já, a população **estóico-epicurista** contenta-se em sonhar com a estabilidade de preços, uma vez ou outra alcançada por alguns meses.

Nessas ocasiões, legiões de detentores de renda mínima, agora maximizada, conseguem adquirir bens há muito desejados, mas, de forma exagerada. Fato obrigando as autoridades fazendárias a conter a volúpia dessa gente, recolocando os gastadores compulsivos no seu devido lugar, obrigando-os a continuar poupando, até o ponto em que seus haveres, então equacionados, os dissuadam daquelas dissipações tão deletérias à estabilização a duras penas alcançada.

Por meio dessa austera política de contenção, facilmente, retorna-se ao ***status quo***, muito apreciado pelos inimigos da economia de escala.

Zilbraniz possui uma economia, informalmente, aberta e relaxada, digo, desregulamentada - desculpem, pois fui traído pela ambiguidade de certas palavras -, de tal maneira que se encontram, pelas praças e calçadas das médias e grandes urbes, mercadorias procedentes de todas as partes do planeta.

Entram, facilmente, pelas bem policiadas fronteiras - acrescentando algum achego ao salário dos guardiões interessados em combater o desemprego, que as más línguas dizem elevado, em Zilbraniz, mas, pelo que observei, absolutamente inexistente, se deixarmos de lado a velha burocracia de carteiras assinadas, não muito simpáticas aos empregadores.

Neste aspecto, institutos de pesquisas zilbranizenses erram, clamorosamente, quando levam em consideração apenas a renda dos trabalhadores regularmente contratados, esquecendo-se daqueles que fazem evoluir o país, resistindo, bravamente, às investidas do **rei dos animais e do Executivo, sempre de "Pires nas Mãos"** sobre seu capital de giro.

Em uma de minhas últimas visitas a Zilbraniz, notei que a sabedoria dos mercadores informais vem influenciando, sobremaneira, as políticas governamentais quanto aos escancaramentos do mercado zilbranizense aos **exógenos**.

Tais políticas vêm permitindo a livre importação, em larga escala, de todos os secos e molhados disponíveis nos países de alhures e algures. Fato trazendo algum desconforto aos informais importadores, mas somente até se esgotarem as reservas de verdes cédulas prudentemente acumuladas pelo Governo Central.

Isto prova serem as autoridades fazendárias e os **Grandes Timoneiros**, às vezes, vítimas de milagrosos ***insights***, ao perceberem - antes tarde do que nunca -, a importância da competição comercial, bem capaz de fazer valer a **lei da oferta e da procura.** Lei interpretada de maneira insólita pelo empresariado zilbranizense, acostumado a conferir dignidade às suas mercadorias, embutindo, no preço final de sua modesta produção, o miserável adendo de duzentos e tantos por cento; de um lado, para dividir seus lucros com o governo e de outro, precaver-se com negras perspectivas **inflacionais** anunciadas pelos periódicos, afinal, nunca concretizadas, pelo menos no nível esperado.

Tais aberturas, no entanto, são fugazes, uma vez que essas medidas, tomadas com a maior competência, provocam a dissipação das reservas de divisas internacionais, em razão da importação de gêneros de primeira necessidade, por gastadores compulsivos.

Tudo isso faz com que as autoridades fazendárias determinem um novo processo de fechamento do mercado, coibindo os excessos consumistas, por elas mesmas estimuladas. Essas bruscas mudanças, nas regras do **jogo importal**, conferem cada vez maior credibilidade ao governo de Zilbraniz, dado insistirem as autoridades fazendárias em honrar a palavra empenhada.

Com a mudança de Pequeno Timoneiro para Grande Timoneiro, recentemente, Zilbraniz vinha crescendo desmesuradamente com o grande incremento das exportações rurícolas.

O fenômeno fora perfeitamente explicável uma vez que o Pequeno Timoneiro, notório, segunda peste, Javoltar Mandrião, desde sua posse jamais meteu o nariz nos rumos das políticas econômicas de Zilbraniz – mesmo porque, orientado pelo Guéles Falastrão, ignorava qual delas seguir -, de sorte que o país que costumava crescer somente à noite, quando as máquinas e lavouras param, empacou, por obra da primeira peste, obrigando, por longo período, os laborantes a recolher-se no

aconchego do lar, contrariando recomendações do Mandrião que os queria nas ruas enfrentando, valentemente a **gripezinha.**

Como a sugestão do Chefe fora do gosto de algumas multidões, por via de consequência, tal comportamento das massas, fizera dessa Terra, uma das campeãs mundiais dos transpassados a perenidade. Coisas de Zilbraniz.

As Corporações de Ofício zilbranizenses

Em Zilbraniz, o Estado é o grande empresário dos chamados setores estratégicos: combustíveis, energia, matérias-primas etc. Atua por meio de florescentes **Corporações de Ofício** - inspiradas em modernas associações medievais.

As **Corporações** são companhias de capital aberto, com ações nas ***Stock-Exchanges***, nas quais o contribuinte resignado é, sem o saber, o grande acionista, sem participação nos ***profits***, conquanto seja sistematicamente chamado a subscrever aumentos de capital - para tapar frestas -, pelos quais não recebem dividendos ou bonificações.

Generosos ao extremo, os sócios invisíveis não se importam em possuir tais títulos, apenas em mãos de seleta camada social e nas do Estado controlador, em nome do povo, sempre no vermelho.

Os resultados da produção das **Corporações de Ofício** são distribuídos equitativamente:

- os prejuízos ficam com os milhões de acionistas invisíveis e com o Estado que os representa;

- os lucros, com os modestos detentores das ações ordinárias e preferenciais, adquiridas nos ***Stock Exchanges***; com os pessimamente remunerados e dedicados funcionários **corporativais** - exercendo o amor à empresa, durante pacíficas paredes, tropeçando em enormes tanques e reservatórios de ouro negro, ou enroscando-se em fios **telefonais**; com suas empobrecidas **Caixas de Pensão**, sobre as quais, já me referi, em passagens anteriores.

É interessante observar estarem as **Corporações de Ofício** muito bem protegidas na sua integridade existencial, por membros esclarecidos da população **estóico-epicurista,** muitos dos quais militando as variadas **Uniões Trabalhais** as quais os fazem profundamente politizados.

Por via de consequência**, combatedores** dos males da livre iniciativa, sobre a qual discorrem com grande sabedoria e perspicácia, apenas com o inconveniente de não dominarem muito bem o conteúdo dessa ideologia, para eles, artes do tinhoso, dificultando o acesso de Zilbraniz ao **socialismo cor-de-rosa.**

Nesta luta encarniçada contra as privatizações, recebem amplo apoio:

- de jovenzitos dos anos 50, agregados às **Uniões Estudantais** transmigrados para o século XXI, sem que o tempo lhes tenha deixado quaisquer resquícios de mudanças, em suas avançadas opiniões socioeconômicas

- de parte do **Corpo Pastoral Progressista** preocupado com o fim das isenções fiscais sobre suas exíguas propriedades, acumuladas com os dízimos dos fiéis em nome de Jesus...SA, ao longo de alguns anos, insistindo em vendê-las para minorar os sofrimentos dos poucos pobres zilbranizenses.

Já os instrumentados **Rosa-Choque** defendem com unhas, dentes e porretes a manutenção de **instituições saurinas**. Fazem-no em nome da soberania nacional... das mordomias de seus pares, nelas laborando. Mordomias que se perderiam se as **Corporações de Ofício** alcançassem elevado nível de produtividade, nas mãos de eficientes dirigentes **endógenos** e **exógenos** privados, integrando o país no concerto das grandes economias internacionais, sem o desconfortável índice de pobreza em Zilbraniz - que não é tão grande assim...

Na visão politicamente correta desses idealistas, inovações nesse campo trariam indesejável cosmopolitismo, conspurcando as tradições pátrias, ligadas ao voto de pobreza a que estão submetidas legiões de ascetas, frustrando o desejo de alcançar as graças celestes, ainda neste mundo, se as **Corporações** fossem privatizadas; por outro lado, o saudável imobilismo, permitindo o repouso, garantiria a manutenção das sinecuras, tão arduamente conquistadas por aquelas **Corporações**, ao tempo em que Zilbraniz viveu no sempre criticado **Governo de Salvação Nacional por Décadas**, dirigido pela comunidade **Rosa-Choque**.

Contrariando o isolacionismo econômico pregado pelas **Corporações**, os **Quase-Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias**, outrora no poder, e os **ProntoTrabalhistas** substituindo-os, já há alguns anos, constrangidos em abandonar suas antigas teses - semelhante às das **Corporações** -, buscam inovar. E o fazem,

premidos pela diminuta dívida interna, ameaçando quando muito, pôr termo aos planos de recuperação nacional.

Contudo, no passado sofreram os **Quase e os Progressitas e sofrem hoje os Regressistas,** com a desobediência dos gestores das **Corporações**, que não reconhecem autoridade moral do **Executivo** zilbranizense, para imiscuir-se na administração dessas gigantes, perfeitamente adequadas às necessidades de seu **Corpo Trabalhal**.

As **Corporações de Ofício** contribuem, sem dúvida, para o desenvolvimento estugado. Elas produzem e vendem energia, combustíveis, matérias-primas, por preços mais do que justos, em nada interferindo nos custos das empresas privadas, nos orçamentos domésticos e no processo **inflacional**.

Não é incomum apresentarem as Corporações permanentes déficits, perfeitamente explicáveis pela função social, que desempenham, criando empregos, principalmente, em épocas pré e pós-eleitorais. Nessas ocasiões dão grande contribuição ao setor ferroviário ao colocarem em movimento, luxuosos **trens da alegria** - devido ao bom humor nelas vigentes - cujos chefes de estação, quase sempre, são os representantes do povo no Congresso de Ziliabrás e congêneres provinciais, empregando a parentela.

Por outro lado, seus orçamentos são auxiliados por empréstimos externos, avalizados pela paternal bondade governamental, sempre a repetir que nunca mais fará o papel de pedreiro das **Corporações**, consertando buracos decorrentes das modestas tarifas cobradas aos usuários. Baixas tarifas, enquanto as contas não chegam às mãos dos consumidores, nesse momento, trêmulos e atônitos.

Privatizações & Flexibilizações

Devo informar aos leitores que os **Quase-Progressistas-Conforme-as-Circunstâncias** desenvolveram ambicioso plano de privatização das **Corporações de Ofício**, no tempo que governaram Zilbraniz, transferindo muitas delas à iniciativa privada. Não todas, é claro, somente aquelas sobre as quais **bobearam** as **Uniões Trabalhais e Estudantais.**

É verdade que tão boas intenções, quanto às privatizações, às vezes, se frustraram, pela insistência governamental em escolher a moeda a se colocar no

negócio. Soube-se à época que existia, em Zilbraniz, dois tipos de moedas bem caracterizadas para se investir na compra de **Corporações de Ofício**:

- as ainda sadias, por tempo determinado, correntes no país, preferidas pelas autoridades;

- as podres, decorrentes dos **Lapsus Memoria e** governamentais, quando instados ao pagamento de dívidas vencidas de antanho, cujos credores perderam a esperança de recebê-las, para não mal se acostumarem.

Muito a contragosto, aceitaram-se, em determinadas circunstâncias as abundantes podres no negócio privatista, que, por isso, às vezes, não cheiravam bem.

Entre as **Corporações de Ofício**, eram consideradas intocáveis pelo porte, eficiência e produtividade, as do **Ouro Negro** e as das **Transmissões à Longa e Curta Distâncias**.

A do **Ouro Negro** seria considerada imexível - neologismo cunhado por culto ministro-lingüista, de governos passados envolvido em singular transação, cujos valores ruborizariam o mais modesto ladrão-de-galinhas.

E essa imexíbilidade foi reforçada, pelas informações de técnicos abalizados, segundo as quais a **Corporação do Ouro Negro, a Petroaniz** alcançaria autossuficiência em combustíveis, no século XXI... se, até lá, houver dinheiro para explorar essa matéria prima, hoje, um tanto responsabilizada pelo possível **Juízo Final, evidentemente, no longo prazo,** quando o mundo terminar num longo congestionamento, **não se assuste o leitor.**

A posição de mantê-la incólume seria ainda reforçada pelos enormes lucros, há décadas, proporcionado aos seletos acionistas e aos **Fundos de Pensão**. Lucros esses, comprovados por ultraconfiáveis balanços, estampados em todos os periódicos de Zilbraniz, nos quais nunca constavam os débitos da Corporação.

Como são débitos de modestos valores, coisa assim de algumas centenas de bilhões de zilbranões, pouco pesam no conjunto da pequena dívida interna do país, hoje, em torno de medíocres trilhões, como se vê, dinheiro de pinga.

Os lucros dessas **Corporações**, se desconsiderarmos investimentos com dinheiro alheio - cujo encargo é de responsabilidade do contribuinte resignado-, justificavam-se pela criativa comercialização do produto, engendrado pelos seus geniais PhDs. Estes importam barris de ouro negro a preço “x”, vendendo os

derivados por “5x”, satisfazendo plenamente os consumidores pelo valor e pela qualidade do produto, responsável pela durabilidade dos motores dos veículos, na eternidade de alguns anos.

Mas sejamos justos, pelo menos uma vez. Essa saurina **Corporação** - por favor, não entendam esse termo paleontológico de forma pejorativa, mas representativa de seu imenso potencial jurássico -, já há alguns anos, depois de valorizar o combustível nuns três ou quatro mil por cento, com grande sacrifício para a expansão da empresa, dos salários dos mal remunerados funcionários, dos seletos acionistas, das Caixas de Pensão, reduziu-os em exatos 0,03%, diante de uma população estarrecida com tamanho desprendimento.

Embora **imexível,** os audazes **quase** a época no poder, viviam a soprar, sobre a Corporação, leve brisa de modernidade, flexibilizando o monopólio. Tratou-se de medida do mais alto alcance socioeconômico, qual seja, convidar investidores exógenos e endógenos a efetuarem pesquisas, onde não se encontram quaisquer resquícios de **ouro negro,** já realizadas em priscas eras com excelentes resultados... para a Corporação em tela.

Conforme o engendrado pela flexibilização, investidores exógenos e endógenos tentariam encontrar o **ouro negro**, até o ponto em que, entusiasmados, seriam induzidos a buscar nova associação, agora, com a **Corporação**, contribuindo para a manutenção das reservas existentes no recém-descoberto **Pré-Salinas**, nos próximos séculos.

Tudo isso, para evitar a continuidade da poluição ambiental, posto que, até lá, novas fontes de energia mais baratas e limpas estarão em uso. Evidentemente, aparecerão numerosos candidatos para participar de um projeto a fazer inveja a qualquer planejamento chinês, hoje na crista da onda, demonstrando que com o controle dos laborantes e da economia pelo partidão, não haveria saída para o crescimento econômico social, atualmente em grande alta, por um civilização que levou 5.000 anos para alcançá-lo graças ao baixinho Deng, depois de ter levado muito pau do Mau digo do Mao gordinho há algum tempo levado a perenidade. E não é que em poucos anos o chinas-pau, já passaram o País Big-Stick graças às exageradas precauções do muito mentalmente saudável, Man of Tramp!

Ao tempo do Governo dos **Quase,** muita oposição existiu quanto a privatização das **Corporações das Transmissões, à Longa e Curta Distâncias**. Isto porque muitos consideravam essa atividade essencial à segurança nacional dos zilbranizenses, cujas famílias não pretendiam ver quebrada sua privacidade e compulsão de falar mal da vida alheia.

Neste caso, prejudicadas pelas linhas cruzadas, necessitando as mensagens serem esclarecidas por telefonemas fonados. Que não deixava de ser eficiente estratégia de marketing, para fazer crescer o faturamento da empresa e revelarem-se com clareza os fuxicos domésticos e mais tarde na segunda década do XXI intercomunicações inocentes em envolvidos com o rombo da Petroaniz, detectadas e punidas pela **PEGARATO.**

De certa forma, os argumentos a favor da privatização das **Corporações das Transmissões, à Longa e Curta Distâncias**, eram falaciosos, uma vez que sobravam milhões de telefones, isto é, aparelhos, não linhas. Estas, cada vez mais congestionadas com rentáveis serviços de autoajuda, jogos variados e relações sexuais à longa distância. Assim, comprometendo orçamentos domésticos e enlouquecendo pater-famílias, despreparados para conter a libidinagem dos pequerruchos.

Mas depois de muitas carícias por parte de membros das **Uniões Trabalhais** contra os privatistas, das respectivas, no meio da rua, a caminho do recinto onde se fecharia o negócio, os **Quase** conseguiriam, finalmente, privatizá-las.

Ao final do processo da privatização **das Corporações das Transmissões, à Longa e Curta Distâncias,** sobraram congratulações dos progressistas a tão meritório ato governamental, não faltando menções elogiosas a profundas alterações nas contas bancárias dos envolvidos – segundo os progressistas, posteriormente no poder. É claro, enciumados com um procedimento que se posto em prática por eles hoje poderia recuperar as finanças do partido, um tanto quanto abalada.

Aqui um pequenino problema, posto que substituiu o antigo aparelho fônico aquela invenção do diabo chamado copular, não confundir com aquele outro objeto do desejo de todo hetero, que colocou um mundo bom e cão nas mãos de pequeno número de bons cidadãos e nas de milhões de lombrosos habitantes adeptos daquelas bondades capazes de facilitar o bom relacionamento entre as gentes que nunca se

deram bem, aquelas que ainda apoiam o soluçante Javoltar Mandrião, hoje voltando a moda.

Quase despercebida da opinião pública de Zilbraniz - sempre consultada sobre matérias, dizendo-lhe respeito -, foi a privatização **Portual**. Ocorreu em virtude dos baixíssimos custos no embarque e desembarque de produtos **endógenos** e **exógenos**, cujas tarifas, apesar do sucedido, continuaram a manter a maior dignidade entre as cobradas pelas grandes nações marítimas.

Todavia, se observaram percalços nesta abertura econômica, visto que os portos não caíram, especificamente em mãos de cruéis empresários neoliberais, mas nas de membros neoconservadores **da Uniões Trabalhais** da **Corporação de Ofício Portual**. Estes não dispostos a omitirem-se na seleção de pessoal, cujos ingressantes se obrigam a aprender com velhos e arqueados estivadores os segredos do carregar sacos às costas, sem provocar desvios de coluna e os de manobrar complexos guindastes.

De sorte que, passados já alguns anos da feliz privatização, as tarifas portuais ainda não arrefeceram seu ímpeto, contribuindo significativamente para o PIB de outros países e para o ranger de dentes de importadores e exportadores zilbranizenses.

Todavia, as más línguas, algum tempo depois, não deixaram de comentar que nessas negociações privativistas houve o dedinho do Migué Treme, o qual jura de pés juntos que nunca se interessou por esse tipo de negócio, que ficaria a cargo de seu coronel faz tudo...por baixo do pano, conforme denunciou célebre historiador, hoje dedicado a pôr cobro aos mandos e desmandos da segunda peste grassando Zilbraniz.

Não posso negar que na virada do século, os "Quase" privatizaram numerosas Corporações, que viviam a dar algum lucro... aos seus funcionários e pequenas despesas ao Estado empreendedor. Isso tudo, sob protesto das **Uniões Trabalhais.**

Mas, fato curioso que, acredito, só ocorre em Zilbraniz. As privatizações se fizeram, em grande parte, com dinheiro dos pobres Fundos de Pensão das várias Uniões **Trabalhais,** que se tornaram também sócias do negócio.

Agradecidos pela aplicação daquele "dinheiro de pinga" dos Fundos nas privatizações, os novos donos das empresas concordaram em acolher membros das **Uniões Trabalhai**s, mormente, os pertencentes ao Partido, em seus Conselhos de Administração, aproveitando o profundo conhecimento deles sobre o ramo de

negócio dessas empresas. E tudo se harmonizou entre os **ex-debaixo** e os sempre de **CIMA.**

Entretanto, toda essa gente, acabou desalojada nesses novos tempos em que o novo mandatário optou pelos experientes **Rosa-Choque**, ativos e passivos, necessitados de um achego aos controversos salários obtidos na reforma da Imprevidência, extensivo a todas as patentes, excluída a **sargentada,** a ranger os dentes, se ainda os possuir. Ah, por falar na Imprevidência social, soube que alguns membros de seus dirigentes, ao tempo do Javoltar Mandrião, condoídos com as dificuldades financeiras do velhinhos associados, concederam-lhes vultosos empréstimos sem que os favorecidos tivessem conhecimento, a fim de utilizarem-nos integrando-os ás suas parcas economias na esperança de que a Viúva, viesse ao socorro dos velhinhos que descobriram, felizes, que sem querer, haviam feito gorda economia de recursos. E, quanto aos recursos extraviados pelas carecas, inda se os procura, as carecas, é claro, em locais não sabidos, ainda que se saiba onde residem, aqueles cidadãos protegidos pela presunção de inocência.. Coisas de Zilbraniz.

Stock Exchanges em Zilbraniz

A propósito dos ***Stock Exchanges*** - equivalente às nossas Bolsas de Valores -, Zilbraniz as possuía em quase todas as províncias, funcionando a todo vapor com tanto lucro que hoje, ela está centralizada na mais prospera Província de Zilbraniz para ver se ela cresce ainda mais. Nela, as empresas de **capital aberto** - aquelas em que o proprietário filantropo socializa os prejuízos e capitaliza os lucros -, buscam **algum** para o seu capital de giro, sempre prejudicado: pelas transferências de numerário a Paraísos Fiscais; pelos vorazes ataques do **rei dos animais**, sobre seus haveres; pelas eventuais recessões, pondo em risco o patrimônio pessoal dos sócios majoritários e as folhas de pagamento do pessoal.

Nos ***Stock-Exchanges***, transacionam-se, diariamente, bilhões de títulos, proporcionando enormes lucros aos bem-informados investidores, enquanto os distraídos e desinformados, ou seja, 99% deles devem aguardar alguns decênios para se ressarcirem de eventuais prejuízos - uma vez sobrevivendo a empresa de capital aberto aos naufrágios econômicos, raramente sucedidos em Zilbraniz -, se não se mostrarem excessivamente ansiosos e destituídos de reserva nos períodos de baixa.

Nessas ocasiões tendem os investidores a vender suas ações adquiridas na alta, para a alegria dos especuladores, segundo as boas línguas, a alma dos negócios bursáteis.

Futriqueiros, nos seus costumeiros **nhenhenhéns**, vivem alardeando não passar tal instituição de mais uma das modalidades de jogos de azar, disseminados pelas autoridades para angariar fundos às populações carentes dos Paralamentos de Ziliabrás. Neste caso, entretanto, como terapêutica contra o desânimo que, de vez em quando, se apossa das classes afluentes, ao findar, temporariamente, o ascenso **inflacional,** com a consequente baixa da correção monetária e respectivos juros.

Em comparação com os demais jogos, dedicados à população, em geral, este é mais sofisticado e, por isso, conduzido por senhores, portando imaculados colarinhos, administrando carteiras de ações, cujos valores fazem subir ou descer, conforme notícias absolutamente verídicas, transmitidas por bem-informadas ***insiders***, ou plantadas nos veículos de comunicação, um dia tenebrosas, e outro, róseas.

Tais movimentos - sobe-e-desce - fazem com que os investidores relutantes acreditem obter fortuna do dia para a noite, sonho, afinal, nunca concretizado, não pela má administração das carteiras de ações, mas pela impaciência, frustração e ilusões perdidas, ao caírem as cotações, quando se apressam em vender os papéis. Do ato, arrepender-se-ão, amargamente, dia seguinte, com a inesperada alta.

Na derradeira viagem a Zilbraniz, observei estarem as ***Stock-Exchanges*** desse país atraindo milhares de investidores de alhures, inconformados com lucros inferiores a 1000% ao ano, em seus países, que, em Zilbraniz, podem ser conseguidos em poucos dias, se não sucedem acontecimentos apocalipticamente fictícios, preparados pela **alma bursátil** - inimiga de rotinas.

A sinistrose afugenta em massa os investidores, proporcionando aos criativos **gersonianos** modestos lucros.

As almas bursáteis se concentram em purgatórios bem refrigerados de corretoras de **Fundos de Pensão**, nos aquários dos ***Stock Exchanges***. Para os ignorantes desse limbo, os aquários são locais, onde sobrevoam certas almas dos pregões, torcendo para que a gangorra baixe ao solo, a fim de que obtenham pequeno lucro ainda na sessão em andamento. Tudo isso em linguagem figurada, lógico.

É de se ressaltar que além de moeda sonante própria para participar desse sugestivo jogo de apostas requer-se, também, criatividade, informações de cocheira "semelhante às obtidas pelos íntimos, junto a inconfidentes autoridades monetárias, quando de desvalorizações cambiais".

São operações lideradas por mágicos-midas, adivinhadores, de que, em determinados dias de certos meses, a ***Stock-Exchanges*** estará, em alta ou em baixa, nos chamados negócios **derivativos** ou de **opções**, que quando muito quebram este ou aquele tradicional banco da ***Pérfida Albion***.

Mas ai daqueles que falharem nas suas profecias bursáteis! Serão obrigados a responder solitários pela hedionda premonição. A "Comissão de Valores Mobiliários" zilbranizenses declarará, alto e em bom som, a não participação de quaisquer membros do **Sistema Bancarial** no pequeno deslize do decaído vidente, atirado ao ostracismo bursátil.

Afinal, como tais práticas **maracutaiais** não estão cominadas - pelo menos, claramente -, nas leis de Zilbraniz, ocorre sempre um final feliz com o concomitante entendimento entre as partes. Ato contínuo, o atrevido farsante será catapultado do ***Stock-Exchange***, continuando a operar por meio da parentela, preservando a unidade familiar.

O Sistema Bancarial de Zilbraniz

Ao mencionar o **Sistema Bancarial** zilbranizense sou obrigado a dar algumas informações instrutivas aos desavisados. É um dos mais desnecessitados de capital inicial de monta, a não ser para a compra das respectivas cartas patentes, quase sempre contornadas pela intimidade dos empreendedores e cultivadas amizades com membros do poder zilbranizense, possibilitando-lhes algum desconto na aquisição.

Já, o capital para tocar a instituição vem dos próprios clientes, fornecendo-os em abundância, por, de há muito, ter-se perdido o hábito de guardar dinheiro debaixo do colchão. São capitais que, em pouco tempo, se quintuplicarão.

Por ser o mais desenvolvido setor da economia, o **Sistema Bancarial** é responsável pelo financiamento dos vários segmentos da produção, a juros mais do que módicos. Algo em torno de uns 20 ou 30% acima da correção monetária -

evidentemente para defender-se dos solavancos inflacionais. É o que chamam de "Spread", ou seja, a garantia que o sistema não perderá "um puto zilbranão"

De sorte que os bancos sobrevivem a todas as intempéries, conservando lucro e patrimônio, seja lá que hecatombe desabe sobre o país (neste ponto me ocorre cruel dúvida: seriam os bancos ou os seus proprietários a resistir às hecatombes???). Tais lucros, além dos baixos juros cobrados, são conseguidos por meio de singelas medidas, dentre as quais à de redução de pessoal, aquando da obesidade da folha de pagamento.

Nessas ocasiões, dá-se aos funcionários a oportunidade de buscarem empregos de melhor remuneração e saúde mental em outra freguesia. O que não deixa de ser um ato de misericórdia para com aqueles que, fatalmente, afetados por tão criativa atividade, algum dia, poderiam compor clientela de clínicas psiquiátricas, que, por sua complexidade e longo prazo nos tratamentos, não são cobertos pelos solidários planos privados de saúde, auxiliando o conveniado a transitar à perenidade, rodeado dos maiores cuidados médicos. Desculpem-me a longevidade da oração, mas não houve outra forma de explicar o fenômeno.

"Uai, a propósito do que esta digressão sobre convênios de saúde??? Ah! Inocêncio, ah, Inocêncio!"

No aspecto dispensas em massa, as ações das **Uniões Trabalhais Bancariais** buscam melhorar as condições migratórias de seus associados, realizando, em determinadas épocas do ano ou fora delas, paredes nacionais, sempre vitoriosas. Não duram mais do que uma noite pela discordância da base da categoria, preocupada em não mudar de profissão compulsoriamente.

A cada greve, nota-se que o **Sistema Bancarial** encontra o seu ponto máximo de enxugamento, acompanhado de conveniente compatibilização das folhas de pagamento com os lucros projetados para o corrente exercício.

Bancos, dificilmente, quebram em Zilbraniz, repito, a não ser quando este ou aquele proprietário, enfarado com a rotina, resolve inovar, dando novo direcionamento aos valores depositados, enviando-os para seguro abrigo a congêneres de certo país exógeno. País cuja maior contribuição intelecto-científico-cultural para a humanidade foi a invenção do cuco, do queijo furadinho e do religioso amor ao dinheiro, a partir da doutrina de célebre taumaturgo, muito chegado a

churrasquear contestadores de seus pontos de vista religiosos. Nação, sobre a qual não declino o nome, para não ser agraciado com sua Grã-Cruz do Mérito Nacional, o que constrangeria minha modéstia.

O **Sistema Bancarial** desse país, diga-se de passagem, especializou-se em salvaguardar patrimônios de terceiros, entre os quais os de governantes em dificuldades em explicar os tradicionais 10% ou 20% de empresas vitoriosas em concorrências públicas - realizadas com a maior lisura, diga-se a bem da verdade depositados em suas contas por distração de empreiteiros.

Sob muitos aspectos, tais bancos do país em tela - que insisto em não declinar o nome -, demonstram o quanto são despreconceituosos, atendendo a todos sem distinção de raça nacionalidade, ideologia, guardando absoluto sigilo sobre a origem dos valores dos pseudos detentores daquela **grana**.

Desculpem-me a pretensiosa erudição, mas as informações acima se fazem necessárias para a compreensão do fato e de seu contexto, na conduta dos banqueiros zilbranizenses, aos quais estou me referindo.

Assim, entre a liquidação de seu negócio **bancarial** e o usufruir dele, passam a trabalhar os enfarados banqueiros:

- com contribuições sociais, não as repassando a quem de direito, até o ponto em que as autoridades, premidas por dificuldades para atender o **Ministério da Imprevidência**, lembram-se de recolhê-las, não as encontrando onde deveriam estar;

- ou ainda com empréstimos diários do **BCezão** - órgão controlador da moeda em Zilbraniz -, que ao cabo de alguns curtos anos de parcimoniosos repasses de alguns bilhões de zilbranões, parte dos quais o sofrido banqueiro reserva para seu sustento na velhice.

As autoridades revoltadas com a desfaçatez dos **Infiéis Depositários** determinam a sumária liqüidação das instituições **maracutaiais,** nesse momento restritas as dívidas para com correntistas e investidores, e com patrimônio, jamais, capaz de cobrir os prejuízos deixados.

Cheias de compaixão pelos infelizes empresários **bancariais** decaídos, as autoridades fazendárias assumem as dívidas, não deixando os prejudicados na rua da amargura. Já, os **pigmaliões** empresários, envergonhados com tão má ação autoexilam-se em alguma ***Côte-D'Azur*** ou humilde ***Aspen***, onde vão deliciar-se

terríveis dores de consciência, rodeados de belas odaliscas lhes acalmando o desespero.

Tudo, enfim, que as sobras possam proporcionar aos infelizes. Todavia não interpretem esta narrativa como regra geral em Zilbraniz entre membros desse clube, mas, somente, uma das muitas exceções.

Mas esses fatos aconteceram ao tempo do Príncipe. Já, com os posteriores progressistas no poder, o B**Cezão** fecha com o sistema bancarial e não abre.

Hoje, tempos do **Javoltar Mandrião e o Guéles Falastrão** que pouco entendem dos assuntos de economia/finanças, a não ser aquelas apropriadas peculatárias, em meio a peste, não se sabe muito bem como o sistema enfrentará o **Apocalipse Now** produzido pelo casal 24, acima mencionado.

Já, agora, nestes 23, o BCezão, independente e muito preocupado com os índices inflacionários em baixa, fez pirraça, durante alguns meses, montado nos 13,75%, para desgosto do Bula-Lá, que os queria no 0%, para fazer deslanchar Zilbraniz para aquele futuro glorioso, há cinco séculos sonhado, fazendo valer a máxima: "Esperança é a última que morre". Acontece que sem tê-la perdido, o pobre zilbranizense, tem morrido bem antes que a tal se concretize. De tal forma que tal perspectiva ficará sempre para as próximas gerações. Quem sabe um dia...posto que não se deve perder a esperança.

O **Sistema Bancarial** zilbranizense tem profunda função social, acudindo, a tempo e hora, as necessidades de correntistas, se afluentes; da indústria, comércio e agricultura, se dispostos a dividirem seus lucros com essa esmoler instituição de créditos e débitos.

Quando tais segmentos discordam dos termos do acordo são, imediatamente, encaminhados às instituições oficiais de crédito, ou seja, congêneres estatais, acostumadas a operar a **fundo perdido**.

Esta é a missão primordial do BNZPI - BANCO Zilbranizense de Perdas Irrecuperáveis, grande fomentador da agricultura da Nação. Dele se socorrem, sistematicamente, rurícolas graúdos, ao perceberem a possibilidade de ganhos operacionais no mercado financeiro, com empréstimos obtidos dessa instituição.

Com tais lucros, iniciam o plantio de safras, capazes de alimentar dois terços da população, e as exportações.

O excedente, que poderia mitigar a fome do miserável terço, às vezes, é destruído sob o nobre argumento de que não alcançaria preços mínimos, o que, segundo os pesos pesados do setor, seria contraproducente ao mercado e a seus bolsos.

Por outro lado, preços baixos, dizem, inviabilizariam novos plantios, criando sério precedente, ao fazer o **miserável terço** acostumar-se com três refeições diárias, pondo, em risco, o metabolismo desses ascetas já atendidos por numerosos programas de combate à fome, recentemente postos em prática, a fim de garantir-lhes pelo menos o café da manhã e uma que outra refeição.

Assim agindo, ou seja, destruindo excedentes, evitam os grandes semeadores criar hábitos populares incompatíveis com os preços mínimos dos negócios agricultáveis.

Os eventuais prejuízos do setor não incomodam os inadimplentes ruralistas grandões, com grande bancada no Congresso de Ziliabrás, visto que o BNZTI refinancia as dívidas à primeira ameaça de não iniciarem novas semeaduras, sem os devidos achegos **bancariais**, a juros a perder de vista - dado sofrerem quase todos os grandes rurícolas de astigmatismo -, no que são imediatamente atendidos.

Quanto aos pequenos proprietários rurais, quase sempre preguiçosos e inimigos de novas técnicas agrícolas, incapazes de produzir com extremas secas, vendavais de granizos e enchentes, o Banco supra citado, mostra-se inflexível na cobrança de débitos.

Por ocasião do vencimento dos contratos, lhes dá lições de lisura quanto ao respeito aos acordos celebrados, quase sempre, executando as hipotecas. O que não deixa de ser uma prova de equidade no trato com todos os clientes.

Além do BNZTI, alguns governos provinciais possuem os seus **zilbranizinhos**, instituições de crédito, fundamentais para a execução dos programas de governo a serem implementados nos quadriênios. Programas esses nos quais se incluem a colocação de parentes, amigos e cabos eleitorais em cargos bem remunerados, preito de gratidão irreversível, após a ascensão do novo governante provincial.

Pelo que pude observar, são bancos com recursos inexauríveis pela sua incrível capacidade de emitir **Títulos da Dívida Pública**.

Normalmente, são geridos por pessoas de confiança dos respectivos governantes, não, necessariamente, ***experts no métier***, mas sensíveis às intenções daquelas autoridades, isto é, garantir recursos para fazer o sucessor a qualquer custo, a fim de que guarde segredo sobre as realizações sub-reptícias do governo findo, entre outras estripulias de outrora.

Em muitas ocasiões, notei estarem essas instituições de crédito oficial passando por ampla reforma, com os recém-eleitos **Timoneiros** provinciais, encontrando-as com algumas dificuldades, coisa assim de pequenos débitos, não ultrapassando alguns bilhões de verdes cédulas, mesquinharias, como se vê derivadas:

- da transferência das folhas de pagamento dos barnabés para esses bancos, atendendo aos clamores por novos postos de trabalho;

- do excesso de almas de outro mundo, em suas diretorias e conselhos de administração, que não se sabe por que recebiam tão altos salários, uma vez que, no além, não se tem onde gastar dinheiro;

- de defeitos nos aparelhos de produzir TDPs;

- do **muxoxo** do B**Cezão** Zilbranizense, em remendar buracos diariamente encontrados nos fundos dessas instituições, com certeza, provocados por roedores, constantemente percorrendo corredores palacianos e cofres públicos, abundantes nas províncias.

Os problemas, apresentados por essas instituições creditícias, são tão medíocres, que, hoje, estão todos sob a supervisão do B**Czão**, devendo saneá-los, em pouco tempo.

Mas tudo o que foi narrado sobre o sistema bancarial das províncias é passado uma vez que se descobriu que a manutenção desse sistema não mais atendia as necessidades governamentais de manter seus cabos eleitorais sempre em crescente número, causando sérios prejuízos ao tesouro, costumeiramente, chamado a tapar os buracos criados pelas ratazanas a roerem as finanças dessas instituições.

Para que algumas Províncias pudessem se ressarcir dos prejuízos, o jeito foi vendê-los a espertos banqueiros endógenos e exógenos que desratizando as instituições, fizeram-nas extremamente prósperas, como pude constatar ao observar alguns balanços publicados nos periódicos locais.

Sobre o movimento indústrio-explorativo

A indústria de Zilbraniz, hoje um tanto desacostumada a andar pra frente, é uma das mais importantes do planeta. Dispõe de efetivas estratégias de produção, nas quais se destaca a enorme ojeriza pela economia de escala, preferindo produzir para um exato número de consumidores, garantindo seguro retorno a seus vultosos investimentos.

As indústrias dirigem sua produção para centros afluentes de alto poder aquisitivo, quase sempre onde estão instaladas suas fábricas. Elas recusam-se em investir em regiões que não lhes dê lucro imediato, o que não deixa de ser excelente política de resultados.

Consideram os industriais zilbranizenses, preconceituosamente, serem vastas áreas **norte-nordestinenhas** do país, desmerecedoras de seus esforços e atenções, por serem habitadas por populações excessivamente saracoteadoras, preferindo o lazer ao trabalho e ao consumo, fenômeno facilmente percebido pela extensão das folias de momo e quejandos, iniciando, no primeiro dia do ano, terminando no último.

Dessas regiões, privilegiadas pela incidência do sol e da estiagem, importaram os empresários, até há pouco tempo, apenas mão-de-obra de alto nível técnico e bastante dispendiosa, contudo, desprendida de bens materiais, conforto e letramento visto que, migrando, se conformaram com singelas moradias construídas com materiais ao alcance das mãos.

Diga-se de passagem, ter sido o soerguimento do maior centro industrial de Zilbraniz, obra desses trabalhadores. Todavia, hoje, esses laborantes mostram-se um tanto decepcionados com os capitães da indústria nativa, excedendo-se na criação de empregos e na divisão dos lucros com os seus empregados. Por isso, muitos desistiram de migrar para as grandes metrópoles, ou delas estão retornando aos seus locais de origem.

Assim agindo, os migrantes visam a “transitar à perenidade”, em seu próprio canto, de forma menos impessoal, garantindo, ao menos, um “Padre-Nosso” de parentes e amigos na última despedida e uma cova rasa a preços módicos, hoje, pela hora da morte – literalmente, na grande capital industrial.

A indústria automobilital

Das indústrias zilbranizenses, a mais dinâmica e empregadora fora a **automobilital** (atualmente um tanto arredia), produzindo o mais querido objeto do desejo da população.

Durante décadas, essa indústria reinou soberana, produzindo as mais avançadas carroças mecânicas - na opinião de famoso piloto de Fórmula 1, acostumado com tecnologia atrasada -, a preços de fazer corar fabricantes de "Masseratis", "Rolls-Royces" e "Ferraris Testarossas", entre outros veículos produzidos em série, a conta gotas.

A indústria **automobilital** se tornou tão importante que, em pouco tempo, passou a fazer parte integrante do primeiro escalão governamental de Zilbraniz. E não podia ser de outra forma, pois se transformou, sem o querer, evidentemente, em sócia dos poderes central e provinciais, com eles dividindo seus lucros, garantindo exclusividade no atendimento ao mercado.

Mas, como a população de Zilbraniz cresceu muitas vezes mais de que a produção das "carroçinhas" (forma carinhosa de se referir aos veículos nativos) resolveu o governo central, num desses geniais *insights*, de que, às vezes, é acometido, abrir, por pouco tempo - embora, oficialmente houvesse declarado que o fazia para todo o sempre -, o mercado aos veículos estrangeiros, sob relevantes protestos do setor.

Tudo isso para estimular a não produção nacional que começava a crescer com suas ótimas carrocinhas, que se diga, ameaçavam tornar-se de alta qualidade para atrapalhar, as importações das carrocinhas estrangeiras, que não eram lá essas coisas...

A partir de então, notaram-se misteriosos acontecimentos **automobilitais**. Apesar da entrada de centenas de milhares de veículos, a preços menores do que os nacionais – importados, em larga escala, pelas próprias montadoras -, melhorou-se a qualidade do produto interno, com a introdução de novas tecnologias, nunca reclamadas anteriormente pelos consumidores, até porque não tinham parâmetros para fazê-lo, pois os veículos zilbranizenses conseguiam rodar por um bom tempo,

desde que o usuário trocasse de carro, de dois em dois anos, diziam os exportadores, principalmente, os do país que todos conhecem, desde então.

Os preços baixaram de forma espantosa, principalmente, os populares, a cujos impostos o governo renunciou, na esperança de ver, pelo menos 15% da população estóico-epicurista, motorizada, num ato de desprendimento, nunca ocorrido.

Desde então, a indústria **automobilital** de Zilbraniz enquadrou-se na livre concorrência, obtendo altíssimos lucros (que, afinal, nunca deixaria de tê-los, agora acrescidos dos importados de suas fábricas **exógenas**), principalmente, com suas "carrocinhas" populares.

Sobre as populares, a produção delas foi calibrada, de tal maneira que, por mais que chegassem ao mercado, jamais alcançavam os impacientes consumidores, dispostos a pagar qualquer preço pelas maravilhosas maquininhas.

Esse fenômeno provocou inovadoras estratégias de marketing, desaguando o produto em concessionárias informais, agora, umbilicalmente associadas às formais, valorizando-as em 40 ou 50% do preço sugerido pelas montadoras, para grande satisfação dos que podiam adquiri-las, fazendo inveja ao vizinho.

A esse acréscimo, deu-se o nome de ágio, prática pouco conhecida na economia de Zilbraniz. É verdade que as montadoras se revoltaram com as traquinagens de seus varejistas oficiais, somente, conformando-se após alguns acertos monetários que não as deixassem de fora da **Boca**.

Ficou clara a discordância das autoridades zilbranizenses quanto a um acerto que as excluía, razão pela qual se abriu sério conflito de interesses, iniciando-se singular bate-boca, no qual os agredidos foram os consumidores.

Assim, um linguarudo ministro "garrou" elogiá-los (aos consumidores, certamente) com o epíteto de otários - antes, reservado apenas àqueles que mantinham em dia o pagamento de seus impostos-, responsabilizando-os pela queda da arrecadação que a prática do ágio determinava.

A questão parece estar perfeitamente equacionada: o governo renunciou a ideia de isentar de impostos os populares, acrescentando a dose certa para perder menos; o ágio tornou-se, muito ao contrário de contravenção, um ato de vontade dos otários; as concessionárias informais fecharam as portas, pela sua inutilidade em negociar carro 0 km, em novo contexto; as formais assumiram seu verdadeiro papel,

sem temor de serem louvadas pelas autoridades e opinião pública, dividindo lucros extras com as montadoras.

A querela deixou profundas marcas nas relações entre esses segmentos, protestando produtores e varejistas contra a falta de rigor com a palavra empenhada por parte das autoridades, que, afinal, estão lá, a meu ver, para defender os interesses da população e não, os dos otários, cujo número diminuiu muito após essas diatribes.

Mas tudo o que narrei foi coisa do século passado. Hoje a indústria **automobilital** tornou-se recordista na venda de veículos automotivos contribuindo poderosamente para a diminuição dos acidentes de trânsito nas grandes urbes, principalmente nos horários de pico quando os motoristas aproveitam a paz **transital** para tirar uma boa soneca, despreocupados em chegar à casa à hora do jantar, que de há muito passou das sete para meia noite.

Não se pode negar que o fato produz imensa alegria nas donas de casa, agora podendo assistir às suas novelas sem interrupções e madrugar na cozinha, para desespero deste ou daquele libidinoso paterfamílias.

Todo exposto anteriormente e o amor do público por esse objeto do desejo de 10 entre 10 membros da população de Zilbraniz vem sofrendo forte abalo com a peste, uma vez que durante muito tempo, praticamente, não se podia sair de casa, para evitar precoce despedida desta para melhor(?) do que decorreu o quase desaparecimento dessa próspera indústria, que sem sombra de dúvida, só poderá se salvar quando Zilbraniz conseguir se livrar da segunda peste que o caro leitor pode adivinhar quem seja.

Sobre a indústria computatorial

Indústria em franca expansão em Zilbraniz é a de informática. Evoluiu, a partir de incentivos governamentais, por meio de "reserva de mercado", permitindo aos nativos buscar inspiração em modelos de países avançados no setor, sem se comprometerem com ***royalties*** baseados na ideia de que somos todos filhos de Adão e Eva, princípio ético, defendido pelos **xenofobitas**, ao qual me referi no capítulo "Aspectos Físicos e Humanos de Zilbraniz, lembram-se?.

A partir de então, computadores maravilhosos passaram a substituir cérebros preguiçosos, difundindo-se por todos os setores da vida zilbranizense, agilizando transações, fazendo aumentar as filas em caixas de bancos, cinemas, supermercados etc. Tudo isso, obrigando os clientes e consumidores, em geral, a deixarem de lado a vida sedentária que insistiam em levar, mormente, os aposentados em dias de pagamento - é verdade que, com alguns percalços, dentre os quais os de aumentar a incidência de varizes, principalmente, nas mulheres.

Computadores de Zilbraniz são aparelhos, facilitando a vida de:

- empresários, quando promovem fugas de capitais, que o governo só perceberá, quando as reservas internacionais sofrerem esvaziamentos, com o consequente déficit da balança comercial e algum sacolejo no câmbio;

- escritores, cansados de bater teclados de mastodônticas máquinas de escrever, cujo infernal "tec..tec..tec" desvia-lhes a atenção para o tema em tratamento, ou a inspiração, se poeta;

- quitandeiros e habitantes, em geral, preocupados com a decoração de seus escritórios e casas.

Esses aparelhos possibilitam um melhor viver para todos, quando não faltam energia elétrica e peças de reposição, para fazê-los voltar a funcionar após este ou aquele defeito. O que se consegue no espaço de horas e mesmo dias se se dispuser de técnicos à mão, peças a preços competitivos e, fundamentalmente, se o defeito não ocorrer em vésperas de feriados prolongados.

Computadores em Zilbraniz apresentam problemas graves de sobrevivência. Procurando reproduzir características humanas, são eles, também, vítimas da contaminação por vírus, com dia e hora para atacar os indefesos "softwares".

Tais vírus costumam destruir arquivos de informações, determinando a morte dos programas e mesmo dos micros, sem a respectiva extrema-unção, visto que, até agora, aparelho algum desse jaez foi batizado e catequizado.

Tudo isso para gáudio dos fabricantes, dispostos a repô-los a preços compatíveis, com o prejuízo acarretado pela peste computatorial. Não é preciso dizer que os usuários zilbranizenses reagem por meio de ataques à progenitora dos produtores dessas anomalias.

Informei, no início destas linhas, que, durante muito tempo, os mestres montadores de Zilbraniz criaram aparelhos de primeira geração, visto que o mercado se mostrou satisfeito com a eficiência e rapidez dessas máquinas - até porque desconhecia as mais recentes.

Por outro lado, os fabricantes **exógenos se** recusavam a fornecer modelos de última geração por motivos óbvios.

Os produtores **exógenos** constataram, entretanto, insistirem os zilbranizenses anunciarem em seus jornais e mídias televisivas, computadores de altíssimo nível, jamais exportados a Zilbraniz. Tal fato fê-los apelar ao Grande Chefe dos **Steites Big Stick**, para que convencesse os governantes de Zilbraniz a acabar com a reserva de mercado.

A autoridade **exógena** seguiu o conselho, não sem antes, paternalmente, colocar defeitos nos calçados zilbranizenses, nesse momento, provocando calos nos usuários daquele país do Norte, sobretaxando-os levemente. Por outro lado, descobriu estar consumindo a população, secos e molhados zilbranizenses, absolutamente contaminados e, por isso, indevidamente importados.

Foi o bastante para que o **Grande Timoneiro** de Zilbraniz chegasse à conclusão de que a reserva de mercado para o setor era uma **roubada**, posto que, muito negativa às exportações. Assim, escancarou o mercado zilbranizense ao mundo da informática, trazendo a eliminação da deletéria indústria copiativa e **contrabanditiva**, desapetrechada e ***pour cause***, para concorrer num mercado livre.

Pouco a pouco, as mentes dos mestres montadores zilbranizenses clarearam e, hoje, começam a criar engenhocas **computais** consentâneas com as necessidades, vendendo pouco menos do que as importadas.

Não é preciso dizer ter sido o fim da **reserva de mercado**, santo remédio para os calos dos cidadãos **bigstickianos** e para as dores de barriga produzidas pelos secos e molhados, deixando de fazer mal aos habitantes do grande país do Norte.

Nos últimos tempos a vida de Zilbraniz passou por grandes transformações informático-tecnológicos, com o aparecimento de inventos extraordinários como, por exemplo, o chamado **LIVRONACARA ,** em tradução livre da palavra original, para o Zilbranês – posto que os governantes desse país, moderadamente nacionalistas, proibem grafar-se palavras e expressões dos **Steites BigStick** em seus dicionários e

vocabulário, contrariando a população que adora botá-las em todos os cantos e produtos, mormente, nos termos e procedimentos dos notebooks, para desconsolo dos analfabetos digitais que atualmente dizem respeito aos jovenzinhos entre setenta a oitenta invernos, dado o incrível aumento da expectativa de vida... daqueles atendidos pelo saneamento básico, um tanto restrito em determinas regiões e, aos privilegiados pela genética.

Não se pode negar ter essa invenção, tirado a população de Zilbraniz daquela privacidade, que as famílias de antanho faziam questão de preservar e as atuais, nem pensar.

De sorte que, atualmente com **o LIVRONACARA** a coletividade revela, candidamente, a todos os amigos seus usos e costumes, isso se não aparecem maledicentes figuras dispostas a mostrar ao distinto público os podres deste ou daquele transviado membro familiar.

Grande novidade **interneta**l são os procedimentos whatzapetal, facilitando sobremaneira contatos interpessoais, fazendo com que uns não deixem em paz a outros e outras, ao longo dos dias e das noites, por dá cá aquela palha, ou tédio, mesmo.

O hábito do manuseio daquele célebre appezinho o qual já não pode prescindir os atuais seres humanos de Zilbraniz -,e, porque não dizer, nos do planeta -, quando andam pelas ruas e avenidas de cabeça baixa, de olho naquele inseparável objeto do desejo... de meliantes e que tais, claramente exibido aos guardas de trânsito, hoje um tanto raros, quando dirigem seus autos, despreocupados dos sinais de trânsito, de distraídos pedestres e dos próprios condutores de olho **Naquilo**, ás vezes, por pura coincidência, colidem com postes e passantes, não por culpa do motorista, mas por aqueles obstáculos, que insistem em se apresentar diante dos veículos.

Tão insistentes são esses usuários no constante gesto de inclinar o pescoço e dorso sobre **Aquilo** que, proximamente, em Zilbraniz – e quiçá no mundo - surgirá uma geração de belos corcundas.

Mas nem tudo são rosas no que diz respeito aos contatos interpessoais produzidos por essas novas tecnológias **célulo-whatizapianas**. Elas têm servido, também, para se falar bem ou mal da vida alheia, de acordo com a preferência política

deste ou daquele eleitor, de políticos em geral, às vezes, com muita ou nenhuma razão, até mesmo da família de membros da Altíssima Corte.

Fiquei sabendo por amigo jornalista, crítico severo daquela **Corte**, por ele inconsiderada, que um desses Excelentíssimos, para não deixar barato a bisbilhotice, maledicência e grave ameaça à conhecida prole, mandou grampear milhares de suspeitos, que não se sabe quem são, embora se encontrem pistas de que saem dos gabinetes de **paralamentares lombrosianos**, até o momento sem resultados conclusivos.

Outras falsas verdades e inverdades ilustrando biografias, mormente de adversários políticos com pé nos paralamentos municipais, estaduais e federal, dizem as más línguas, com um fundo de verdade, de que são produzidas em certo quartinho do planalto por Dividididinhos, Pitanguinhas, e Abacaxicinhos, todos eles pertencente a conhecida prole frugal.

O comércio de Zilbraniz

As transações varejistas, em Zilbraniz, primam pela ética e respeito aos consumidores, conforme pude notar ao adquirir esta ou aquela mercadoria em shoppings, supermercados, lojas e congêneres.

Para começar, os embaladores industriais e atacadistas procuram não sobrecarregar os consumidores com pesados pacotes - evitando desvios de coluna -, aliviando-os do exato peso, que deveriam conter as mercadorias, segundo determinação do instituto de pesos e medidas zilbranizenses, equivalente ao nosso eficiente “Imetro”.

Esse instituto nega a tese desses varejistas quanto aos perigos à saúde, determinados por leves embalagens, o que não muda, de forma alguma, a opinião de industriais e atacadistas.

As compras, quase sempre, são desacompanhadas de notas fiscais, abominadas pela população, ferindo-lhes o amor próprio ao ter de solicitá-las. Não as fornecendo, os comerciantes contribuem para a higiene pessoal e não **pretejamento** de mãos e vestes do cliente, pelo contato com o formulário carbonado da segunda via.

Outros motivos podem ser arrolados para explicar a síndrome das notas fiscais, quais sejam:

- a legibilidade das letras e valores, se preenchidas por vendedores egressos das escolas públicas de Zilbraniz, desqualificando o documento fiscal;

- o espírito distraído dos balconistas, adquirido, nos treinamentos, para o exercício da função, promovidos pelos patrões;

- absoluta ausência de interesses em exigi-las, considerando-as incômodas a bolsos e carteiras;

- a timidez de muitos, em face de taludos e mal encarados atendentes, não dispostos a manusear canetas, perenemente, vazando, sujando-lhes dedos e uniformes.

De sorte que, o governo, sabedor dessas tendências do mercado, não perde tempo em enviar fiscais da arrecadação aos estabelecimentos comerciais, para não gastar, à toa, sola de sapatos, pela hora da morte, o que os faria reivindicar aumentos de salário, contrariando a política de austeridade vigente nestes novos tempos da Pandemia na **Res Pública**.

Às vezes, premidas por dificuldades de caixa, para fazer frente a pagamentos de débitos inadiáveis, mas desimportantes - que quando muito provocam ameaças de intervenção nos governos central e provinciais -, as autoridades vão ao coração dos consumidores, tangendo as cordas jogatinais da população, estimulando-as a exigir notas fiscais. Estas, transformadas, agora, em cupons para sorteios vários, cujos prêmios de elevados valores garantem aos felizardos ganhadores, um belo fim de semana, num hotel-fazenda. Isto para desgosto dos mercadores, observando, condoídos, o esforço sobre-humano de seus serviçais, contorcendo-se nos balcões para atender supérflua exigência de recibos.

Não é preciso dizer provocarem esses exercícios dolorosas tendinites nos empregados e aumento de arrecadação estatal.

A perseguição do fisco aos inadimplentes

Outro fato, por mim verificado no comércio zilbranizense, é a notável mobilidade de estabelecimentos, mormente, quando as coisas não correm bem para a economia do país, retraindo-se os negócios.

Nessas ocasiões, acumulam-se os poucos impostos devidos, fazendo com que os mercadores sejam atacados pelo terrível "mal de **Alzheimer**" - doença profissional de varejistas, em falta com a **Receita.**

Diante da crise, os mercadores mudam rapidamente de ramo, bem como o nome da empresa, desnorteando as autoridades fiscais, obrigadas a uma investigação de Sherlock Holmes para encontrá-los... no mesmo endereço, onde antes exerciam suas atividades, apenas com o logotipo da firma modificado.

Dão-se, então, fatos singulares, na cobrança desses débitos, inscritos nos arquivos da dívida ativa de Zilbraniz: os fiscais chegam, pretendendo arrancar do infeliz esquecido, até o último centavo.

Todavia os incrédulos devedores, juram, de pés juntos e mãos espalmadas, não se lembrarem de tais dívidas que, afinal, nesse momento, não mais lhes dizem respeito, uma vez que a firma ganhou nova identidade e eles nova personalidade jurídica.

Tratando-se de mercadores orientais, todos regularmente imigrados e legalmente instalados em Zilbraniz, geralmente, o que atende aos fiscais não fala o zilbranês, o que dificulta o entendimento entre as partes, produzindo uma desagradável **algaravia**.

Depois de algumas altercações e ameaças dos fiscais em carregar caminhões fictícios com as mercadorias empenhadas - que, se recolhidas, de fato, provocariam o pagamento imediato da dívida -, resolvem deixá-las com o próprio devedor nomeando-o **Fiel Depositário** até a execução das dívidas, o que demorará algumas décadas, posto que a justiça fiscal de Zilbraniz não é de ferro.

Do fato, resulta a influência do **Rabudo** sobre os inadimplentes, fazendo-os cair em tentação ao surgirem interessados naqueles estoques imobilizados.

Tudo isso me convenceu da grande compaixão inerente à justiça fiscal e ao respeito por ela dedicado à versão antiga do Pai-Nosso, abolida pelo Concílio do Vaticano II: "Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores".

Ao não quitarem seus débitos, segundo algumas versões, os mercadores impedem a superlotação das burras governamentais, o que poderia causar profunda deflação. Deflação essa que, com certeza, produziria sérios prejuízos para as

atividades mercantis e o fim da saudável querela entre governantes e aposentados, estes brigando por novos achegos às suas elevadas remunerações.

A meu ver, não se devem condenar as flexíveis normas do Fisco quanto ao recolhimento dos bens dos inadimplentes; se não os deixassem em mãos dos **Fiéis Depositários** teriam de construir tantos depósitos, quantos fossem os espaços disponíveis nas grandes urbes, para guardá-los. O que comprometeria programas ligados à construção de casas populares, em quase franca expansão em Zilbraniz.

As Consorciedades

Numerosas instituições mercantis zilbranizenses procuram facilitar, ao máximo, a aquisição de bens pela população.

Dentre as modalidades facilitadoras, destacam-se as **Consorciedades**. Nelas, cada um dos participantes entra com um pouco e muitos saem sem a mercadoria e aquela quantidade investida.

As **Consorciedades** mais concorridas são as de veículos automotivos, paixão dos zilbranizenses. Tão querido que alguns habitantes se impõem rigorosas dietas para consegui-los, dos mais caros aos mais baratos.

Após sorteios e lances, finalmente, o membro da **Consorciedade** é agraciado com uma carroça mecânica, que, dificilmente, chegará às suas mãos, conforme contratos, claramente redigidos com enormes letras, nunca lidos pelos interessados.

Nessas ocasiões, os consorcietários ganham uma carta de crédito para adquirir o veículo em outra freguesia, uma vez que a **carrocinha** se extravia pelos ínvios caminhos, entre as montadoras e a **companhia consorcial.**

Por outro lado, se chega às mãos do felizardo, vem muito enfeitada, não correspondendo ao preço acertado no contrato, fugindo às possibilidades financeiras do agraciado. Isto faz com que o satisfeito consumidor busque nova marca e modelo em outras agências, causando grande alegria e esperanças vãs nos demais participantes desse solidário negócio.

Diante disso, é normal os contemplados, exercendo seus direitos de cidadania, enviarem aos jornais vasta correspondência, elogiando os benfeitores proprietários da **Consorciedade**.

Não são fatos extraordinários, algumas **Consorciedades** cerrarem suas portas em pleno andamento dos planos, pelas dificuldades emergentes e momentâneas de seus diretores ao cobrirem débitos de familiares em dificuldades com as prestações recebidas. Disso decorre a incapacidade em saldar compromissos com as montadoras, recusando-se, esta, a dar continuidade ao fornecimento do produto a empresas sobre as quais nunca ouviu falar.

Dá-se, então, a falência da **Consorciedade** e a intervenção governamental fechando-a ex-abrupto, para surpresa daqueles que já se viam prontos a afirmar-se como cidadãos de primeira classe.

Sabe-se que os infelizes proprietários da **Consorciedade** pagarão caro pela **maracutaia**... se não dispuserem de bons rábulas, posto que os transgressores serão formalmente processados por estelionato.

Como as leis de Zilbraniz são excessivamente severas, acontece, nesses casos, o enriquecimento de suas biografias, em folhas corridas no **Departamento de Manutenção da Ordem Pública**, que os recomendarão a novos e ousados empreendimentos do gênero.

Vez por outra, o esperto consorcietário, ao fazer nova tentativa para adquirir esse objeto do desejo, a longo prazo, após assinar o contrato diante do proprietário, seria capaz de jurar ter visto aquela fisionomia em alguma companhia **consorcia**l de má memória.

O que acabo de narrar foram fatos ocorridos décadas atrás. Neste novo século, parece que as **consorciedades** entraram em decadência. É que os fabricantes de veículos e concessionárias passaram a fazer forte concorrência a elas, concedendo aos consumidores a possibilidade de pagar o veículo por meio de várias gerações ao invés daqueles curtos cinquenta meses tradicionais.

Um país em constantes liquidações

Gostaria, também, de mencionar o desprendimento dos mercadores zilbranizenses para favorecer consumidores impulsivos. Esses varejistas acumulam prejuízos enormes, nas chamadas liquidações de primavera, verão, outono e inverno, disseminados pelo país.

Vai daí que se pode comprar qualquer mercadoria com descontos acima de 100%, pelo ano todo, principalmente nas sextas feiras negras (para os consumidores decerto), de todos os fins de semana em Zilbraniz, ocasião em que, até o miserável terço se esbalda, não sem antes estropiar aqueles que lhes disputam a sonhada mercadoria.

Notei, entretanto, grande contradição entre essas liquidações e o patrimônio dos esmoleres, crescendo desmesuradamente ao término de cada uma delas.

Por outro lado, quanto mais se liquida o freguês, digo, as mercadorias, mais elevada é a inflação. Fenômeno de difícil compreensão se não se levar em conta que o porcentual de abatimento dos produtos é fixado, quando os estabelecimentos cerram as suas portas, para horas extras aos empregados, especialistas em operar maquinetas de remarcação, o que os fatiga, sobremaneira, posto que o façam diariamente.

Ultimamente, os lucros dos liquidadores vêm alcançando patamares extraordinários, graças ao elevado poder aquisitivo dos salários, depois de louvada reforma econômica, de alguns anos atrás e o atendimento a pobreza por meio **da bolsa/famélica,** recém-instituída, colocando maior quantidade de zilbranões nos bolsos da população mercantil, A e B, e um pouco menor nas C, D e E.

Com esse dinheiro correm os consumidores às compras a prazo, cujos juros são tão baixos que os mercadores se envergonham em obedecer à normas governamentais, determinando a fixação deles nos produtos expostos. Desobedecendo-as, os mercadores acabam castigados, uma vez que não recebem mais do que duas ou três das 12 ou 24 prestações a que se propuseram a conceder a clientes, em poucos meses recuperados de alucinações consumistas.

Serviços

O ramo de serviços em Zilbraniz é dos mais conceituados e baratos, desde o mais simples, realizados em residências por encanadores, eletricistas, pedreiros, carpinteiros, técnicos, em geral, até o mais sofisticado, como os de saúde, executados por esculápios e tiradentes; os de defesa dos cidadãos, por **rábulas**; os de transportes urbanos e interestaduais, por choferes etc.

Comecemos pela descrição dos serviços mais simples e seus preços. Para esses profissionais de almas cândidas e fígados comprometidos, os honorários limitam-se ao céu. Executam reparos, correspondentes ao que cobram, com tal perfeição e destreza, que, normalmente, as famílias têm de refazê-los várias vezes para adequá-los à modéstia de suas residências.

Bastante requisitados esses laborantes são pouco encontradiços no mercado, visto que o espaço de tempo, mediando o término de uma tarefa e o início de outra, é preenchido com etílicas comemorações, prolongando-se por dias e semanas, até que a remuneração percebida possibilite a renovação dos estoques das casas especializadas em licores.

No entanto, quando trabalham em conjunto, na reforma de moradias, costumam partir para regozijos extemporâneos, alegrando donas-de-casa. Estas, livrando-se de fogões por meses, brindando esposos e rebentos com dietas prolongadas, capazes de eliminar a obesidade familiar.

Pelo que cobram esses profissionais, deveriam, se o trabalho fosse regular, acumular amplas reservas monetárias, ao final de cada mês.

Todavia, os que perseveram, nos costumes etílicos, acabam por saturar-se com a rotina, desvinculando-se dos compromissos comuns aos cidadãos, quais sejam: pagamentos de impostos, taxas, duplicatas.

Vai daí que acabam por mudar-se para residências ao ar livre, debaixo de refrigeradas pontes e viadutos, dando-lhes total liberdade de ir e vir e permanente visão do movimento urbano livres, agora, daquela **chata** cobrança de impacientes mestres-de-obras e **gargalhosos** paterfamílias.

Esse descompromisso social que muitos apelidam preconceituosamente de vagabundagem com o que absolutamente não concordo, provoca grande consternação entre membros da camada humanitária da população.

Esta, observando as consequências do descompromisso daqueles, provê-lhes **quentinhas**, imprecando contra a péssima distribuição de renda e ausência de solidariedade humana em Zilbraniz, o que é um equívoco; sabe-se que para resolver esses problemas sociais, anda em marcha... -ré, nesse país, rumoroso plano de combate à fome e à miséria, capaz de fazê-los (os descompromissados) a perseverar, no repúdio, ao uso da **vara de pescar**, preferindo o peixe, ainda que cru.

Quanto aos serviços referentes à saúde, os de esculápios são fornecidos a maior parte da população em higiênicos hospitais públicos, quase vazios, nos quais sobram leitos e respectivos seguidores de Hipócrates, se estes não marcaram churrascos para os dias em que deveriam atender as consultas.

Repito, nosocômios acéticos, nos quais raramente o paciente contrai alguma infecção hospitalar, contaminação quase desconhecida no país, posto que as poucas mortes dela decorrentes são, nos atestados de óbito, identificadas como causas desconhecidas.

Significativo número de doentes busca ajuda em clínicas e esculápios particulares, todos cobrando honorários mais do que acessíveis à massa, fazendo corar os que clinicam em nossa terra.

São modestas quantias inseridas nos recibos (se **pentelhos** insistem em pedi-los), em torno de uns 20 ou 30% acima do anunciado nos cardápios consultais. Tal prática se explica pela compulsão desses profissionais em conceder abatimentos e pelo horror a recibos. Isto para não dar trabalho aos fregueses, quando da declaração do **Imposto dos que não têm renda**, entupindo de papéis, bolsas e gavetas, confundindo o contribuinte, no último dia, data escolhida pelos zilbranizenses para elaboração e a entrega do precioso documento à Receita Federal Zilbranizense.

Por outro lado, ao agir dessa forma, atendem os esculápios interesses ligados à sua própria saúde, evitando serem mordidos pelo **rei dos animais**, fatalmente, produzindo-lhes gangrenas financeiras de difícil cura. Penso exagerarem os esculápios nesses cuidados, pois esse bicho se mostra pouco agressivo com membros de profissões liberais, mormente, para com os prestadores de serviços de saúde, talvez, até por temer o "Leão" cair um dia em mãos de algum veterinário vingativo.

Quanto aos **tiradentes**, temo não se elevarem tanto seus rendimentos, porque a maioria da população de Zilbraniz é constituída por banguelas e desdentados, portanto pouca assídua a consultórios **odontologicais**.

Tal síndrome - a da falta de dentes -, é, facilmente, explicável pelo atendimento dado às crianças nas escolas públicas, tanto pelos tiradentes escolares, aliviando-lhes as dores, arrancando o mal pela raiz, digo o dente em bom estado, bem como pela merenda, com balanceadas quantidades de açúcar, prescritas por nutricionistas zilbranizenses.

Mas tudo isso é passado posto que esse serviço, a bem da dentição dos pequenos foi há muito abolido em razão de, por um lado, o desinteresse dos tiradentes, por um cargo de remuneração incapaz de prover-lhes a sobrevivência, por outro, a preocupação do estado em reduzir sua folha de pagamento com uma atividade que lhe custava os olhos da cara e, em detrimento dos salários dos mestres, a que se obrigava a reajustar em tempo incerto e não sabido, ou seja, de lustro a lustro.

Sobre os serviços **rabulais**, devem ser divididos, quanto à justiça comum, em duas partes distintas: uma ligada ao crime e outra, ao cível. Os criminalistas conseguem sobreviver muito bem com o que percebem nas causas dolosas e culposas, principalmente, os instalados em portas de cadeias, atendendo aos inconformistas, com eles dividindo os lucros das arriscadas empreitadas.

Já, os do cível, penso que encontram muitas dificuldades em se sustentar, dado que as ações impetradas contra particulares e contra o Estado, **useiro e vezeiro** em cumprir, equivocadamente, as leis que promulga, posto demorarem décadas para serem concluídas.

Assim, os vinte ou trinta por cento aos quais têm direito os rábulas sobre as indenizações, tenderiam a ser deixados de herança aos netos, se não cobrassem um pequeno óbolo dos demandadores para iniciá-las, valores capazes de mantê-los nessa travessia existencial jurídica.

Contudo, se chegam vivos à decisão do Supremo, dando-lhes ganho de causa ou sucumbência com certeza, como diria o vulgo, **lavarão a égua** - nunca entendi muito bem este aforismo zilbranizense, pois não concebo a relação entre a higiene pessoal desse eqüino-fêmea e o possível enriquecimento de cidadãos.

Além do lucro oriundo das ações coletivas, já mencionadas, alguns rábulas guardam, carinhosamente, as indenizações dos clientes por meses e até anos, bem aplicadas no mercando financeiro, para que os demandadores não saiam por aí a gastá-las, desbragadamente, no consumo de supérfluos, produzindo mais inflação e desabastecimento.

Eles mantêm esses valores rendendo, até que os interessados insistam em recebê-los, depois de informados por Oficiais de Justiça de que há muito o processo foi transitado em julgado. Evidentemente, o dinheiro lhes é entregue intacto, tal qual o recebido em priscas eras, cuja data de depósito esses rábulas não se recordam.

Os serviços de transportes urbanos de massa, movidos a diesel, ou seja, os de ônibus, essenciais à população laboral de baixa e mediana renda, são perfeitamente adequados às necessidades das grandes urbes zilbranizenses. Constituídas de frotas numerosas, mostram-se condizentes com o número de passageiros a serem transportados (todos sentados, confortavelmente..., uns sobre os outros).

Obedecem aos mais rigorosos padrões de segurança e estacionam nos pontos, em horários pré-estabelecidos, com o inconveniente de fazer com que os usuários cheguem, diariamente, adiantados ao trabalho, ou nunca, de acordo com os percalços do trajeto.

Esses veículos são dotados, como já afirmei, de todo o conforto necessário ao repouso dos assalariados, sempre sonolentos.

Seus condutores são verdadeiros ***gentlemans***, aguardando, com paciência estoica e extrema cortesia, o embarque e desembarque de desatentos passageiros. Normalmente, tropeçando em estribos e degraus, ou esparramando-se pelos corredores, quando os citados cavalheiros estugam o veículo, evitando atropelar homens, crianças, mulheres e animais, supostamente obstruindo a passagem.

Embora atentíssimos, não é incomum serem esses **chauffeurs** surpreendidos por suicidas em potencial, insistindo em jogar-se sob as rodas, ao obedecer ao sinal verde dos faróis de tráfego, confundido pelo condutor com o vermelho - por serem quase todos daltônicos. Neste aspecto, dão ênfase a outras tarefas a eles atribuídas, quais sejam: as de planejadores familiares e colaboradores da compatibilização populacional, sobre as quais me referi em passagens anteriores.

Os ônibus zilbranizenses oferecem belo visual, tanto interno quanto externo, mormente os que percorrem bairros periféricos das grandes metrópoles.

Primam os veículos pelo estado de conservação, ao serem utilizados por grupos sociais culturalmente superiores - não por culpa deles, é claro -, exercendo seus talentos artísticos em bancos e laterais dos veículos. Tais grupos os enfeitam a mais não poder, com todo o tipo de manifestações plásticas, das quais se destacam belíssimos **hieróglifos**, decifrados por este ou aquele **Champollion de subúrbio**, revelando extremosos louvores às genitoras zilbranizenses, ou exaltando certos órgãos execráveis do corpo humano, quando não os reproduzem naturalisticamente.

Há, também, nesses veículos, numerosas obras de **cinzelação** sobre estofados e placas metálicas, trabalhadas com afiados estiletes, às vezes, utilizados para a execução de obras menos nobres em abdomens, se manuseados por inconformistas e torcedores de ludopédio, comemorando vitorias de seus times do coração, não reconhecidas por despeitados antagonistas.

Devo informar serem os ônibus zilbranizenses bastante acéticos, quando os usuários não fazem neles suas refeições, durante o trajeto, e as consequências delas, num espaço tão sacolejante, revirando vísceras e estômagos. Visto que, entre o ir e vir, ao e do trabalho, restam aos passageiros algumas horas de sono, devido à pequena distância a percorrer e à velocidade controlada desse meio de transporte, pelos constantes congestionamentos criados para evitar trombadas.

Os interestaduais são famosos pela segurança oferecida aos passageiros, todos resguardados por apólices de seguro de gordo valor, cuja aquisição é feita na compra das passagens. Em caso de raros acidentes - coisa difícil de acontecer, uma vez percorrerem os veículos conservadas rodovias -, asseguram amparo aos lares atingidos.

Os motoristas dos interestaduais são dotados de enorme resistência física e mental, a maior parte dos quais frequentadoras do **Guiness-Book**, pela capacidade de permanecerem despertos ao longo de dias e noites ininterruptas ao volante. Quando muito, auxiliados por excitantes **drops**, garantindo-lhes as horas extras.

Disso tudo resulta, às vezes, algum cochilo sem maiores consequências, a não ser quando o desobediente ônibus cisma em contrariar o desperto condutor, dando uma passeadinha por barrancos e precipícios, colocados indevidamente pela natureza ao lado das rodovias. Estas, com um ou outro buraco não recapeado.

Os ministros das vias **Intransitáveis** consideram perda de tempo remendar os buracos das estradas, visto que o sistemático atrito de milhões de pneus sobre o conserto tenderia a reabri-los, perdendo-se, assim, vultosos investimentos.

Juntem-se a esses ínfimos problemas o fato de grande parte das rodovias, ligando os principais centros zilbranizenses, ser dotada de apenas duas pistas, uma de ida e outra de volta - evitando ultrapassagens perigosas, coibidas por atentos guardas rodoviários, jogando biriba em suas cabines -, e teremos a absoluta tranquilidade dessas viagens rápidas e seguras, com a ressalva de ser grande parte delas concluída

com a desencarnação dos passageiros - se kardecistas, é claro -, presentes apenas em espíritos no desembarque.

A AGRICULTURA EM ZILBRANIZ

Tanto quanto pude verificar, nos campos zilbranizenses, esta Nação poderia ser considerada o celeiro do mundo contemporâneo, se:

- não se incentivasse, com algum exagero, a proliferação de saúvas (com excelentes propriedades para melhorar a visão uma vez bem deglutida) e gafanhotos - alimento nutritivo e mal aproveitado pelas populações carentes -, dentre outros insetos famintos, mas inofensivos às culturas; a expansão de vassourocas, hoje, engolindo até mesmo vilas e povoados, sem causar surpresa alguma às conformadas autoridades;

- não houvesse o costume de deixar, em repouso, imensas propriedades, por séculos, as quais não se sabe como foram parar em tão poucas mãos; ou melhor, se sabe, mas deixa pra lá...;

- não fossem utilizadas técnicas tão avançadas, como a coivara, por exemplo, em pequenas propriedades, enriquecendo o solo, a tal ponto que, em pouco tempo, esfalfa seus titulares, fazendo-os procurar algum repouso nas grandes urbes;

- não tivesse a natureza a mania de recusar-se a regar determinadas regiões, cuja população é, imediatamente, amparada pelas autoridades, por meio de investimentos ligados à expansão de buracos, impedindo a vida sedentária e os roncos de estômagos saturados de ar dos rurícolas **nordestinhenhos**. Investimentos esses, desprezando experiências de países situados em desertos, hoje, produzindo para si e para mercados internacionais. Experiências estas não aproveitadas pelas autoridades zilbranizenses, por considerarem serem os desertos daqueles países mais férteis do que os de Zilbraniz. Caturrice delas, sem dúvida;

- não fossem implementadas monoculturas, em vastas áreas, para atender os planos de substituição de combustíveis automotivos, afinal, em pouco tempo abandonados, conforme medidas muito bem articuladas pelos tecnocratas para conseguirem **algum** com a exportação do sucedâneo, ao primeiro sinal da elevação da cotação internacional do doce mel da **saccharum officinarum**;

- os grandes proprietários não remunerassem seus camponeses com tão altos salários, motivando-os a deixarem o campo para gozar as delícias da vida urbana, onde poderão morar com conforto e comer **à tripa forra**, nos aterros sanitários, com as sobras salariais;

- não ocorresse a política de preços mínimos, maximizados pelos atravessadores - a alma dos negócios agricultáveis -, financiando numerosos plantios, comprando-os ainda no pé, a preços inacreditáveis, mantendo o agricultor na mesma posição; ação que impede chegar o produto agrícola a preços medíocres ao mercado.

Há, em Zilbraniz, racional planejamento agrícola, de sorte que muito pouco se perde das fabulosas colheitas.

Dizem os futriqueiros zilbranizenses que, o que se joga fora, daria para alimentar não só o miserável terço, como países de reduzida população, como a China e a Índia, o que não passa de maledicência desses eternos ranhetas de barriga cheia.

De minha parte, pude ver, com estes olhos que a terra há de comer (se eu não optar pela cremação, obviamente), o quanto centros de abastecimento das grandes metrópoles alimentam, com seu lixo **frutal e leguminal**, populações egressas de comunidades **tabuais**, próximas, em épocas de enchentes. Isso me faz supor que a fome em Zilbraniz não passa de **balela** desses eternos manipuladores da opinião pública, segundo alguns **futriqueiros.**

Outro fato relevante, no planejamento agrícola, é a preocupação governamental com o abastecimento do mercado, não deixando faltar produtos às vésperas da entrada das safras para evitar o **Ascenso inflacional**.

Se os produtores **dormem no ponto**, digo, demoram em colher suas riquezas **agriculturais**, o governo se apressa em suprir o mercado com importações capazes de determinar ao produtor a destruição de suas lavouras, ou doá-las aos necessitados.

Nessas ocasiões, nota-se, entre os pequenos e médios agricultores e granjeiros, um compulsivo desejo de realizar benemerências. Por isso distribuem, gratuitamente, o resultado de seu labor, compelindo a população carente a exercitar-se diante de milhares de caminhões, abarrotados de iguarias: frangos, leite, legumes, ovos, frutas etc, das quais, muitos do miserável terço provam pela primeira vez.

Não faltam nesses momentos de grande solidariedade humana, por parte dos altruístas, comoventes louvações à política agrícola dos governos central e provinciais, sucedendo-se monotonamente em Zilbraniz.

A agricultura zilbranizense se encontra quase toda mecanizada, nas grandes propriedades, sobrando pouco espaço para o emprego de mão-de-obra "**campônia",** às vezes, contratada, apenas, para a colheita de produtos, cuja mecanização custaria, muitas vezes, mais do que os salários desses trabalhadores, por décadas.

A atividade "colheitadeira" ocupa esses camponeses por dois ou três meses, permitindo-lhes boa poupança para o ano todo... se encontrarem novas lavouras. O que não é difícil, principalmente, quando dos rigorosos invernos californianos, ocorrendo de dez em dez anos, ocasiões em que se dá ênfase à **"catança"** de cítricos, para suprir de sucos o grande país do Norte.

Nas lavouras de subsistência, mormente dos ex sem-terra, agora, bastante animadas, ainda são usados modernos implementos agrícolas: enxadas, alfanjes, foices, restelos e o avançado arado, puxado a homens ou animais, mais em conta do que máquinas "tratorais". Estas, se compradas sob financiamentos do Banco de Zilbraniz, seriam capazes de levar o pequeno produtor a autoexilar-se da pequena propriedade, pelas difíceis facilidades em saldar esses encargos.

Por outro lado, as técnicas de exploração do solo, nas quais se incluem as queimadas para prepará-lo ao plantio, garantem a perfeita harmonia entre a exploração humana e a natureza e às vezes, a redução de amazônicas florestas e pantanais diversos, pondo em perigo o consumo de oxigênio de populações de Zilbraniz e outras, de além oceanos, segundo carrancudos ambientalistas.

A grande produção agrícola é desenvolvida à base de fertilizantes naturais, ou seja, naturalmente produzido pelas indústrias do ramo, nas quais se excluem das matérias-primas, fedorentos dejetos de bovinos, equinos e quejandos, que nada mais fariam se utilizados, intensivamente, do que espalhar mau cheiro às lavouras.

Assim, aplicam-se intensivamente adubos químicos, em todas as plantações, de modo algum contaminando as culturas e o meio ambiente. É o recomendado, mesmo que se constatem alguns percalços, como é o caso do amendoim; sanitaristas e agrônomos pessimistas alegam conter o produto elementos cancerígenos, provenientes dos fertilizantes, jamais constatados nas necropsias de consumidores,

preocupados com o desempenho em leitos domésticos e **motelais**, mesmo porque essas mortes são sempre consideradas originárias de causas naturais, baseadas no princípio de que ninguém é eterno.

Devido à proliferação de insetos, fazendo **footings** nas lavouras, procura-se expulsá-los à base de fumigações, com perfumosos gases nada nocivos à saúde... de quem vive longe deles.

São aplicados de acordo com os mais rigorosos padrões de segurança, explicados com clareza e exatidão nos rótulos de vidros e embalagens. Apenas com o inconveniente de os fumigadores, em grande número, não saberem ler e escrever.

Já, os letrados preferem espalhar o produto do alto de seus aeroplanos, para não aspirar parte dos gases, desperdiçando-os em pulmões outros, obtendo, assim, maior produtividade, cobrindo áreas maiores.

Os demais fumigadores o fazem a partir de equipamentos bastante seguros, entre os quais os pelos das narinas, próprios para reterem toda e qualquer substância química venenosa, atrevendo-se a invadir o organismo desses cuidadosos profissionais.

Numerosas pesquisas, levadas a efeito pelas autoridades sobre o uso de pesticidas nas lavouras, contaminando agricultores, vêm sendo realizadas entre aqueles que há muitos anos vivem a fumigar. Contudo a maior parte delas - das pesquisas, é claro -, fica comprometida pelas dificuldades de se encontrar algum sobrevivente, depois de um ou dois anos de exercício na função.

Mas tudo isso é passado. Hoje a agricultura de Zilbraniz evoluiu de tal maneira que consegue aguentar o repuxo de um pibinho pequenininho que só consegue chegar a um pontinho graças a essa atividade.

Atividade essa, garantida, temporariamente, pelo bilhão de famélicos chinos sistematicamente elogiados pelas atuais autoridades, preocupadas com o avanço de ideias coloradas, decerto, introduzida na grana das exportações. Ideias essas, apenas existentes no bestunto do Mandrião, prole, **Beato Salú** et caterva, que logo, logo, sob ameaça de levarem um pé no trazeiro experimentarão o desejo de mudar de opinião sobre aqueles compradores, quando as parcas reservas do país não mais garantirem as atuais ração e meia diária ao miserável terço o que trará, consequentemente, alguns pontinhos a mais nas pesquisas sobre a impopularidade do Chefe.

A pecuária em Zilbraniz

Variados são os rebanhos em Zilbraniz: bovinos, eqüinos, ovinos, caprinos, suínos (estes, muitos louvados pelo apadrinhamento a times de ludopédio, cujos torcedores primam pela limpeza nas ações, elegância e bons modos nos estádios), e asininos - muitos, desgarrados em grupamentos **congressuais, executivais, trabalhais, estudantais**, batalhando contra as reformas do Grande Pasto -, vagueando impávidos e ruminantes pelas imensidões verdejantes de Ziliabrás.

A carne abunda em Zilbraniz, não confunda com aquela oferecida aos príapos nas grandes e médias cidades do país, de tal maneira que vastas parcelas da população chegam a consumir uns bons 500 kg ao ano, (se levarmos em consideração as filas em rodízios), enquanto o miserável terço, não mais do que algumas gramas, se ainda conserva os caninos para roer os ossuários de açougues e frigoríficos.

Decorre, daí, existir significativa parte da população **superproteinizada** e outra, insignificantemente**, "leguminizada",** quando da benemerência de centros de abastecimento, em dias de enchente, ou de rurícolas insatisfeitos com a política agrícola governamental, sobre as quais mencionei linhas atrás.

Entre a diversidade de rebanhos pontifica a dos bovinos do qual se deve excluir parte da população pacífica, herdando da boiada, características básicas, face:

- á contumaz renúncia fiscal dos governos sobre certos produtores;

- ás remarcações de preços no comércio, na indústria e nos serviços;

- a qualidade do ensino nas escolas públicas;

- ao atendimento à saúde em hospitais bem equipados e ociosos;

- ás benesses concedidas a esse povo privilegiado, que as aceita **sem tugir**, **nem mugir**

A carne dos bovinos constitui alimento indispensável nos cardápios domésticos, quando os pater-famílias detêm mais de um emprego. Já, os que exercem uma só colocação, não muito bem-remunerada, costumam reverenciar e consumir o animal, tal qual o fazem os hindus com seus rebanhos, pastando e defecando, livremente, pelas quase congestionadas vias de suas metrópoles.

O segundo grupo prefere uma alimentação balanceada, composta de brotos, ar e água - água rica em oxigênio e hidrogênio, se não retirada de poços contaminados -, provendo-lhe um perfil esbelto e cores variadas nas bochechas, indo do amarelo-claro ao verde-fosco. Muito ao contrário dos carnívoros, obesos e avermelhados, demonstrando pressão alta e propensão a ataques cardíacos, mormente, após os oitenta anos.

Surpreendentemente, os carnívoros duram mais do que os herbívoros. Estes, normalmente, transitando à perenidade, na flor da idade, por inanição, evitando os prolongados achaques da velhice.

Frigoríficos bem vedados e abatedouros secretos impedem bisbilhotarem-se as avançadas técnicas no corte do animal e ao higiênico manuseio das carnes, apresentando características **palatativas** em diferentes épocas do ano.

Durante o período de safras, quando os prados verdejam, a carne apresenta sabor próprio de carne mesmo. Todavia na entressafra - ocasião em que os criadores necessitam trocar automóveis nacionais por importados -, o gosto da carne se altera, apresentando sabores exóticos, resultantes da aplicação de especiarias químicas para conservá-las. Tais especiarias são substâncias descobertas há milênio por sacerdotes egipcianos, especializados em preparar defuntos para a imortalidade, à espera de almas pródigas que, um dia, retornarão ao corpo intacto.

Essa técnica de conservação, repito, dá ao bovino, da entressafra, aquele gostinho de múmia, segundo opinião abalizada de carnívoros críticos, contestado pelos afásicos ao provarem as chamadas **carnes resfriadas**.

Imagina-se que, assim procedendo, os formadores de estoques reguladores pretendam oferecer, aos consumidores, as mesmas propriedades do defunto animal, introduzindo no organismo da população aqueles conservantes, para que dure mais.

As autoridades sanitárias mantêm-se vigilantes para com a qualidade da carne bovina entregue ao mercado, inspecionando-a com rigor. São equipes numerosas, vasculhando os quatro cantos do país, impedindo irregularidades nos abates, no manuseio e na distribuição do material. Bem examinado e aprovado, para a comercialização, carimbam-no com seus ***non obstat***, sinal de que a população pode consumi-lo sem temores, se o açougueiro não se recusar a recebê-lo, manchada com a tinta dos carimbos, causando-lhe repugnância.

Houve um tempo em que estoques importados e retidos, há décadas, por procederem de regiões exógenas, onde rebanhos conviveram com alguma radioatividade, proveniente de superficiais vazamentos em usinas termonucleares foram objeto de eficiente fiscalização, uma vez que se misturaram a estoques nacionais. Sabe-se que estiveram perfeitamente adequados para o consumo, pois o tempo, em que teriam ficado de quarentena, seria o suficiente para a eliminação daquela impureza.

Lembro-me de ter ouvido muitas pendengas sobre o consumo, ou não, desse saudável importado, que o governo, na ocasião, tentou devolver às suas origens - recusado pelos exportadores, alegando ter sua população consumido essa carne sem grandes traumas, a não ser terem sido alguns gulosos contaminados e imediatamente tratados, em nosocômios especializados na cura de superficiais sarcomas. Mas, mesmo que o aceitassem de volta, a ação seria impossível de se concretizar, posto que se descobriu, recentemente, ter sido o produto vendido por engano nos mercados zilbranizenses.

Mas tudo isso aconteceu em passado, pois hoje Zilbraniz, o maior produtor mundial de carne bovina, aprendeu a tática dos exógenos, fornecendo-lhes carne mais duradoura.

Os rebanhos bovinos espalham-se por todo o território de Zilbraniz, com maior incidência nas campinas do Sul, habitat natural deles. Sudeste e Centro-Oeste, também, apresentam saudáveis criações, vez por outra atacadas por doenças várias, muitas transmitidas por vampiros vegetarianos.

Nas áreas **Nortenhas e Nordestinhenhas**, existem raças aquáticas e desérticas. As primeiras imprestáveis para o consumo, pelo enrijecimento dos músculos dos animais, permanentemente, exercitando-se ao fugirem às inundações; os segundos, absolutamente, transparentes, dos quais só se aproveitam os ossos para a confecção de berrantes e botões, produção um tanto quanto comprometida pelo aparecimento do plástico.

Excluindo-se as finas raças nacionais de pangarés, pau-pra-toda-obra, nos campos, os rebanhos equinos procedem de espécies selecionadas, livremente importadas para o desenvolvimento dos puros-sangues. Estes não apresentam utilidade prática, a não ser para disputas **Jockeiclubais**, leilões especulativos e

retretas interioranas. Nestas, os cowboys nativos exibem sua recente afluência nos famosos **rodeios**, montando reluzentes carroças importadas, nas quais desfilam suas ***lady Godivas***. Estas, aparentando, pelo original vestuário, procedência texana, não fossem traídas pelos "erres" caipirosos ao emitirem esta ou aquela oração nas quais os "esses" finais das palavras são quase sempre omitidos.

Sobre ovinos, pouco tenho a dizer, a não ser de seu ânimo semelhante a grande parte da população e das autoridades de **Wonderful City**, em face de bondosos mercadores de **produtos desentediantes e transviados mantenedores da ordem pública**, exercendo seus ofícios em morros e planícies; de seus executivos provinciais (vez por outra, até municipais), entre os quais, os cinco últimos executivos, hoje, em longo repouso, em **Papudas e Bangus** da vida, depois de não resistirem à tentação participar dos lucros das rendas estatais em parte destinadas aos contra cheques dos **barnabés não tops.** Estes acabando sem pai nem mãe, sobrevivendo com cestas básicas doadas por benemerentes populares, como já mencionamos algures

De sorte que ovinos só servem a confecção de pratos para consumo de turcos e libaneses e o uso de sua lã, na fabricação de aconchegantes casacos, muito usados, durante o longo inverno de alguns dias em Zilbraniz.

Quanto aos caprinos, pode-se dizer que sua maior incidência ocorre em regiões **nordestinhenhas**. Ali fazem concorrência com a população rural, retirando dela parte da alimentação, por estarem adaptados a ruminar cactos, mandacarus, xique-xiques e quejandos, apenas consumidos, em último caso, pelos felizes habitantes das secas, razão pela qual esses animais sobrevivem nesse território paradisíaco e a população, em termos.

Os suínos, tirante seus apadrinhamentos simbólicos a este ou aquele clube de ludopédio, vivem a chafurdar a lama:

- de concorrências públicas mal explicadas;

- de transações de produtos desentediantes;

- de quebradeiras de bancos oficiais, agora, em recuperação com o dinheiro da **vara**;

- de negócios derivativos e de opções nas **Stock-Exchanges**;

- dos horários de trabalho de certos representantes do centrocão, escolhidos do grupo **porcal** e de sua capacidade de obterem mais e mais recursos para a sua alimentação, entre outros que tais, muito conhecidos do irado distinto público;

- das **maracutaias** de líderes de **varas provinciais**, ainda na memória dos eleitores resignados, pagando pelas ousadias financeiras daquelas autoridades **suinais.**

Tudo, enfim, que permite engordar esse importante rebanho, oferecendo saborosa carne, quando a facada mortal não atinge o fígado do bicho, fazendo vazar, aos outros órgãos do animal, substância perfumosa, dando-lhe um paladar e odor característicos. Todos eles presentes nos embutidos de Zilbraniz. De tal sorte que não se experimenta, em país algum do mundo, produto mais delicioso do que o presunto zilbranizense, comparável ao produzido em Serra Nevada, na Espanha.

Superficial tempestade econômica mundial, fazendo alguma "marolinha" em Zilbraniz

Como os leitores puderam constatar, Zilbraniz primou, desde sempre, pelo elevado desenvolvimento econômico/social, se eliminarmos aquelas décadas do século XX, de profunda estabilidade i**nflacional**, variando de 500 a 2.800 % ao mês que, quando muito, avariavam calculadoras, fazendo com que a população desconhecesse o fenômeno da obesidade, tão prejudicial à saúde, uma vez que o mês era quase sempre mais longo que o salário do **laborante.**

Mas como "não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe", eis que senão quando um sapo virou príncipe e depois de muito ensaio e erro de competentes economistas, finalmente foi conquistada a tão sonhada estabilização da economia do país, como já narrei páginas atrás.

Desde então, conforme **Millor piadista**, digo o melhor piadista da Nação, ninguém mais segurou Zilbraniz, que estourou na Praça Internacional, não sem antes dar algum trabalho ao famigerado FMI e elevar a dívida interna para casa dos trilhões de zilbranões, posto que nesse país, dívidas devem ser imensas para corresponder ao tamanho do país.

Tudo por obra de certo governante progressista especializado em assegurar que qualquer conquista de sua administração nunca houvera ocorrido antes do dito

cujo, condição, "sine-qua-non", para o crescimento de um país, no qual PhDs formados em Harvard conseguiam desfazer durante a noite, o que simplórios empresários construíam ao longo dos dias. Deu pra entender?

Assim, como o novo governante não tinha o hábito de interferir nas coisas econômicas, deixando-a o sucesso dela em mãos do chefe do BCtralzão, e atilados empresários, pode Zilbraniz prosperar durante uns lustros, mas sem exageros para não causar inveja aos vizinhos.

Abominando a competição (vício condenado por educadores descomprometidos com ideologias exóticas, nas escolas de Zilbraniz), considerando-a coisa de países gananciosos como a China, por exemplo, esse ético país calibrou seu crescimento nas últimas décadas nuns 1,5% ao ano para não ferir susceptibilidade de países fronteiriços, estes, o fazendo alguns pontos a mais, aí pelos 6 ou 7%.

Mas "como não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe", eis que senão quando, o mundo desenvolvido percebeu-se em palpos de aranha no 2008, por obra de enormes filantropias internacionais por parte dos afluentes, entre as quais:

1- farta distribuição de moradias a custo zero e de singelas hipotecas saudáveis, para a população de baixa, média e alta renda da **próspera hiper-prepotência**, a tal **Steites Big-Stick,**

2- financiamentos bancários a juros negativos para quem se dispusesse a tomá-los, "à leite de pato", entre outras pequenas "maracutaias derivativas **e Madofianas**", menos votadas nos países do G8.

Do que resultaria aquela tempestade econômica, descrita alhures e que nosso taumaturgo mandatário da época, comentaria, em sua conhecida sabedoria, ser apenas mais uma brisazinha, sem consequências.

De acordo com as previsões desse antigo mandatário maior de Zilbraniz, a crise mundial afetaria muito pouco a economia/sociedade zilbranizense a não ser provocando alguns percalços:

- nos Stock-Exchanges cujas ações perderam alguns trocados, coisa assim de uns 60 ou 70% do valor das companhias, mormente aquelas comercializadoras de comodidades, que se tornaram extremamente incomodas aos consumidores internacionais, aos fabricantes de salames e mortadelas e aos de fibras para papelórios em geral;

- na indústria **automobilital** que se viu sem condições de financiar seus produtos aos seus consumidores por duas ou três décadas como o vinha fazendo, mormente, aos membros do miserável terço, pondo as manguinhas de fora em cima dos 1.0. Em meio a esses pequenos percalços do setor **automobilital,** não se pode esquecer o comércio de usados que passaram a alcançar algum preço... nas transações com sucatas;

- no setor agrícola/alimentício uma vez que o salário-desemprego, dado a existência de muitos interessados, pouco se movia para cima fato que determinou a grande parte da população e "pour cause", ter de optar por severo regime alimentar;

- no comércio em geral posto que muitos lojistas e detentores de casas de secos e molhados desanimados com a ausência de clientela buscaram descobrir novos ramos de negócios, muito fáceis de serem abertos em Zilbraniz, pela facilidade oferecidas pelas autoridades aos interessados, num país absolutamente desburocratizado;

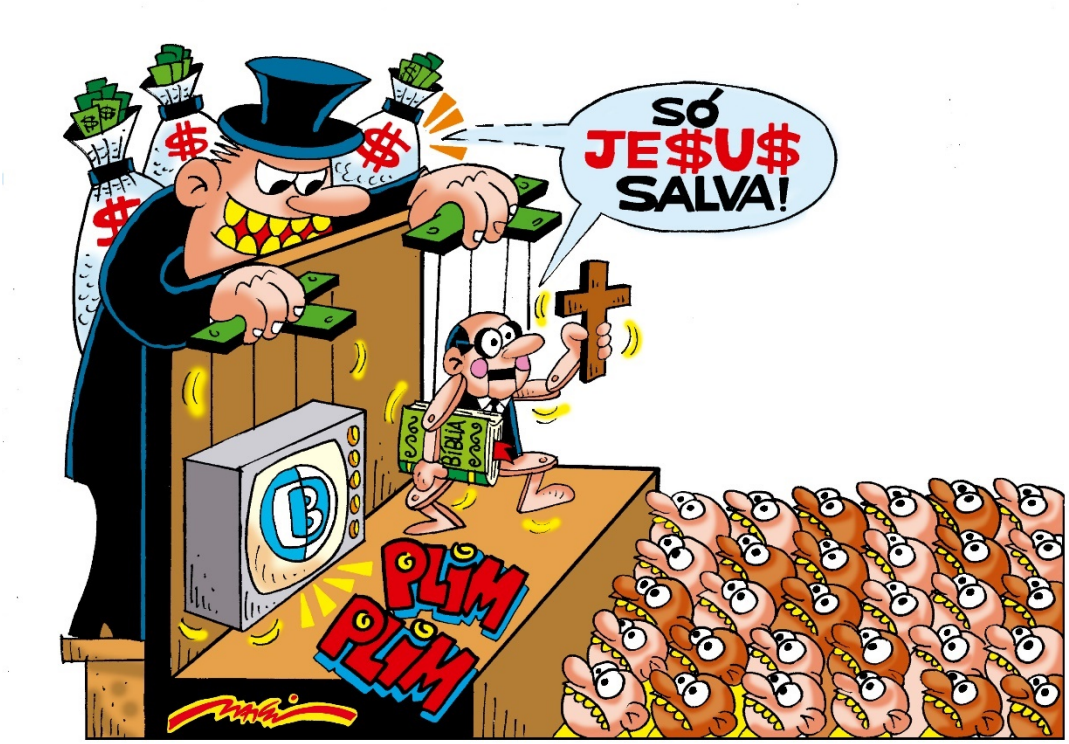
- no sistema bancarial que passou a adquirir cada vez maior número de cotas de financiamentos de veículos automotivos a perder de vista (literalmente) dentre outras mercadorias de setores vários, na esperança de que não se transformassem em lixo tóxico. Claro que esperavam que tais inadimplentes fossem capazes de, num prazo curto de umas duas ou três décadas pudessem honrar tais compromissos se até lá eles (os inadimplentes é claro), ou as instituições bancariais sobrevivessem à marolinha..

Enfim, como o leitor pode reparar, a crise não foi lá essas coisas em Zilbraniz, como prognosticou o comandante em chefe dessa gloriosa Nação.

Todavia, nessa época, a feliz população de Zilbraniz não imaginava o que a esperava nos próximos decênios dos governos que se sucederiam até o Apocalipse Now sobre a qual o leitor já foi informado.

CAPÍTULO VIII

A VIDA SOCIAL EM ZILBRANIZ



Vista d'olhos sobre um certo passado de quase profundas mudanças sociais

A sociedade zilbranizense apresenta-se, **estamentalmente**, bem distribuída, conforme as imutáveis leis de Darwin, fortalecidas, ainda mais, depois da queda de certo muro teutônico. Este separava nações de proletários, enfarados com o humanitarismo entre membros do Partido Único, das de trabalhadores entusiasmados:

- com a equitativa distribuição de renda, com a participação nos lucros das empresas;

- com a política de pleno emprego em países de livre trânsito do capital; razoáveis no primeiro mundo, problemáticos no segundo e inexequíveis no terceiro.

As nações proletárias, seguidoras da **Boa Nova Contemporânea**, encerraram brilhante experiência político-socioeconômica, tendente a modificar a natureza humana, inimiga figadal do igualitarismo, em países, nos quais os membros de grupos dominantes conseguiam ser mais iguais do que os cidadãos comuns.

É verdade que, como afirma avançado sacerdote fundamentalista de Zilbraniz, essas nações garantiram três ou quatro refeições à população carente. Mas somente enquanto as ágapes não comprometiam a produção de inofensivas armas de paz, ameaçando antecipar o **Juízo Final**, contrariando os livros sagrados, não marcando data para o funesto evento - funesto para os pecadores, é claro.

Todavia, os oponentes, não dispostos a seguir o caminho coletivista, acumularam outros instrumentos persuasivos de igual calibre, resultando perfeito equilíbrio de forças entre o Leste e o Oeste, disto resultando a convivência pacífica entre os povos da Terra - embora, aqui e ali, eclodissem tênues conflitos, leigos e religiosos, aliviando o planeta de alguns milhões de famélicas bocas e belicosas almas, compensando a inexistência de conflagrações mundiais.

Bem que os adeptos zilbranizenses da **Boa Nova Contemporânea**, em alguns momentos de sua história recente, flertaram com as novas ideias. Tentaram veiculá-las ao país para pôr fim, definitivamente, às desigualdades sociais - superficiais, confessemos.

Feliz, ou infelizmente, fracassaram rotundamente - dependendo da posição do analista -, ao verificarem, depois de profunda autocrítica e a falta de apoio dos miseráveis pelos quais lutavam. Tudo porque não informaram, com clareza, seus objetivos aos interessados. Vai daí que estes os julgavam um tanto quanto esnobes nas formas escritas e verbais de teses **revolucionais**, discutidas em bares da moda, incompreensíveis às massas.

Igualmente, não encontraram os contestadores solidariedade na classe média:

- não disposta a abrigar estranhos dentro de casa, penso que influenciada pelo filme **Dr. Jivago**, recorde de bilheteria nos cinemas de Zilbraniz por essa época;

- **fula da vida** com a ideia de abrir mão de seus lazeres de fim de semana, dentre os quais: almoçar fora aos domingos, bronzear-se ao sol das praias em feriados, prolongados ou não, raros em Zilbraniz, sobre os quais o novo regime, se vitorioso, interferiria, privilegiando, com certeza, os farofeiros de baixa renda. Estes, estacionando seus ônibus à beira-mar, espalhando detritos, que se confundiriam com os atirados pelos turistas de classe média, comprometendo os segundos pelos baixos valores contidos nos rótulos e etiquetas de embalagens, contendo batatinhas, hambúrgueres, bananas, mexericas, etc e tal;

- tendo de conviver com bisbilhoteiros dentro e fora de casa escarafunchando lhes a intimidade, revelando-a a comitês ligados à boa conduta política, semelhante ao ocorrido naquele regime de país colorado em boa hora extinto, para uns **anti**, e péssima para outros a favor, ambos se digladiando em Zilbraniz,

Ademais, havia algo na ideologia rebelde, incomodando a classe média, ou seja, a questão religiosa.

Os adeptos da **Boa Nova** eram todos excessivamente doutrinários, concorrendo, em matéria de fé, com a igreja dominante, o que seria inadmissível num país tão piedoso, cuja população madura seria bem capaz de se enredar com a nova religião, a qual já havia aderido grande parte de sua juventude ***doreé***.

Assim, leigos de classe média em súbita ardência espiritual - visto que as classes altas, de há muito, tinham se tornado agnósticas, embora, naquela época, costumassem fazer algumas visitas às igrejas - iniciaram memoráveis marchas, reunindo milhões de assustados cidadãos, comandados por um ou outro clérigo preocupado com a unidade familiar e a segurança nacional das propriedades... da Cúria.

Todos clamando palavras de ordem contra o perigo **purpurino**, dentre as quais se ouvia, por todos os cantos, o **Vade Retro Satanás**, patrono dos comedores de criancinhas.

Os contestadores, ***pour cause***, também não encontraram guarida nas classes dominantes, ciosas de seus cargos na **Res Publica** e do livre jogo do mercado, que seriam extintos com o novo regime, levando Zilbraniz à bancarrota - segundo previsões de cientistas políticos conservadoramente progressistas.

Dessas ousadias, resultaram profundas alterações na vida política de Zilbraniz, dentre as quais a substituição da **democracia de direito** - mostrando-se indulgente com as traquinagens ideológicas em marcha - pelo **Governo de Salvação Nacional por Décadas**, também conhecido por **Anos do Ferro** imposto pela comunidade **Rosa-Choque**. Esta, de há muito, namorando a oportunidade de elevar Zilbraniz ao primeiro mundo, assim como melhorar as condições de trabalho e de salário das suas altas patentes na gerência... de Corporações de Ofício e Multinacionais.

Os **Rosa-Choque**, para conter o ímpeto renovador, passaram a financiar ***tours*** latino-americanos e europeus a **mudancistas** e simpatizantes quando estes logravam escapar de iluminados porões. Locais onde muitos contestadores ranhetas ou mudavam de opinião, retornando ao convívio da sociedade, exaltados pelos seus pares, ou se exilavam deste vale de lágrimas, em corpo e alma, cujos ossos, hoje, este ou aquele arqueólogo amador descobre em depósitos de sambaquis clandestinos.

"Ó Inocêncio, a propósito do que divagas sobre tão escabroso assunto? Não estás a descrever as classes sociais de Zilbraniz?".

Não se assuste o leitor com esta intervenção insólita. Trata-se do lado esquerdo de meu cérebro, eterno contestador deste relato, julgando-o conservador, reacionário e detrator...

Mas deixemos este personagem de lado e continuemos, não sem antes explicar o porquê desta digressão; ela introduz algumas características da sociedade zilbranizense, em contacto com fatos políticos, de hoje e de antanho.

Daí a importância de abrir este capítulo com históricas rememorações a mim confidenciadas por sobreviventes daqueles róseos tempos. Tempos esses responsáveis pelo progresso de Zilbraniz, se desconsiderarmos os percalços financeiros e o curioso índice de mortalidade infantil, juvenil e adulta, deles decorrentes.

As classes sociais

Mencionei no início destas mal traçadas linhas, mostrar-se a sociedade zilbranizense bem dividida - além das causas antecedentes, ditas na abertura, também pelo respeito à hierarquia vigente no país, segundo a máxima "cada macaco no seu galho" -, comportando três camadas sociais:

- a classe baixa cujos segmentos são denominados com as duas últimas consoantes do alfabeto;

- a classe média, algo matizada, mas tendendo à homogeneidade, visto que a maior parte da população de baixa renda sonha integrar-se nela;

- a classe alta, dita dominante, classificada com a primeira letra do alfabeto, não apresentando grandes contradições em seu bojo - há séculos -, a não ser quando ameaçada de ser desalojada por movimentos liderados por invejosos de sua afluência.

O miserável terço

Entre os segmentos da classe baixa encontram-se os mais ou menos pobres, os de nenhum poder aquisitivo e os absolutamente miseráveis. A este conjunto social, os sociólogos zilbranizenses de plantão denominam de o **miserável terço**, termo por mim utilizado em numerosas passagens desta narrativa.

Dir-se-ia que os mais ou menos pobres ganham de um a dois salários mínimos, os segundos, um, o terceiro, nenhum, valores estes lhes permitindo viver em santidade, com o paraíso garantido, posto que, pelas escrituras, a eles está reservado o reino do céu, se não conseguirem elevar-se socialmente. O que não seria tarefa árdua numa sociedade de tantas oportunidades educacionais, como as de Zilbraniz, não fossem matriculados os filhos do miserável terço, em escolas públicas de periferia.

Educação que é prioridade de todos os governos zilbranizenses, contanto que não tenham de colocar dinheiro nesse negócio.

A seguir, um breve comentário sobre a posição de postulantes ao poder em Zilbraniz, nas suas plataformas eleitorais relacionadas à pobreza.

As políticas propostas por candidatos a cargos públicos dirigem-se, pelo menos, enquanto os pleitos não se concluem, à solução do problema dos deserdados, mas que se alterarão, substancialmente, ao ingressarem no poder.

Descobrem, então, os eleitos que seus antecessores despenderam todas as verbas com membros desse segmento, engajados na eleição, prestando serviços temporários na distribuição de panfletos e cartazes de propaganda.

De sorte que tudo fica para os posteriores postulantes, vencidos os quatro anos de mandato.

Confiantes nos programas de combate às injustiças sociais, o miserável terço vota em massa em seus beneméritos, descobrindo, depois de algum tempo, ter

acertado, em cheio, posto que, os novos governantes não estejam dispostos a lhe alterar o glorioso destino no além.

Relações humanas intra-miserável terço

O miserável terço é plenamente atendido pelos poderes públicos, orientando-o no planejamento do lar. Constitui ele, restritas famílias de uns dez ou quinze filhos, dos quais, com certeza, vingarão uns quatro ou cinco. Chegam, segundo as matriarcas, pela vontade do "Senhor" -, não, da divindade, mas dos amantíssimos esposos.

Tais famílias seguem o princípio bíblico do "crescei-vos e multiplicai-vos", difundidos por sacerdotes da igreja prevalecente, inconformados com a ausência dos pobres em seus templos. Pobres estes buscando seitas de fácil assimilação doutrinária, geridas por carismáticos pastores, aptos a solucionarem os mais intrincados problemas físicos e espirituais do rebanho pela imposição das mãos... nos bolsos dos fiéis, desprendidos de seus poucos bens - que serão, sem dúvida, eficientemente aplicados no mercado financeiro, nos ramos imobiliários e de comunicações, para a honra do Senhor... pastor, em nome de Jesus S /A.

As famílias do miserável terço, além de restrita prole, estruturam-se de forma sólida, não ocorrendo, entre marido e mulher, desquites, divórcios e outras separações legais tão usuais na classe média e alta, até porque não teriam como arcar com as custas do processo... de separação.

Nestas camadas sociais, quando da separação assegura-se a equitativa divisão do patrimônio, que os maridos insistem em dizer pertencer-lhes, argumentando terem casado em regime de separação de bens, muito embora não vigesse, aquela época, essa prática.

Os casamentos dos membros do miserável terço desfazem-se naturalmente quando as mulheres se cansam do extremo carinho com que são tratadas, quase sempre, depois de os maridos se excederem em etílicas comemorações.

Não tendo com quem desabafar, depois de uma ou outra decepção no trabalho ou em arrufos entre amigos, naturalmente mais fortes, busca o indigitado o amparo da mulher para aliviar seus bons humores de pater-famílias desempregado.

A harmonização doméstica, muitas vezes, será concretizada nas recém-criadas delegacias da mulher, nas quais as titulares fazem o papel de persuasivas conselheiras matrimoniais. Instalam o meigo esposo em confortáveis apartamentos gradeados, fazendo-o, em solidão, refletir sobre o acontecido para não repetir a dose (???), que em muitos casos, seria fatal à **cara-metade**, aparentando, após o incidente, aquela fisionomia bipartida diante da autoridade. Detenção, às vezes, sob protesto de uma das partes, preocupada com a ausência do arrimo de família.

Em direção à democracia racial

Não é incomum observar-se, nos lares do miserável terço, filhos de diferentes matizes cutâneos, indo do muito claro ao extremo escuro - sem dúvida, contribuindo para a miscigenação -, determinados pela volubilidade, de muitas esposas deixadas livres, sem eira nem beira, pelo amante esposo... de outras mulheres.

Filhos desses casamentos exemplares e de longa duração - chegando muitos a comemorar bodas de cobre - são tratados com extremo carinho, desde tenra idade, evoluindo psicossocialmente, sem traumas.

Alguns jovenzitos, influenciados pela paz familiar, encaminham-se, desde logo, para uma vida de grandes perspectivas. Emancipam-se precocemente, para viver vida própria, ultimamente não tão tranquila e longa como o desejável, incomodando o ir e vir das pessoas e comerciantes de periferia, provocando reações controversas.

Conduta e educação dos filhos do miserável terço

Não por acaso, pequenos empresários daquele comércio contratam **"corrigidores**" de conduta infanto-juvenil para afastar essas crianças das redondezas ou mesmo da existência, o que causa enorme revolta à população humanitária e a governos. Estes prometendo resolver o problema somente depois de novos e rumorosos eventos, que, afinal, não ocorrem todo dia - só dia sim, dia não -, segundo suas bem-informadas fontes enquistadas em ministérios e secretarias de bem-estar do menor, perfeitamente equipadas para prover às crianças necessária proteção, logo depois delas evolarem à eternidade.

No entanto, a esmagadora maioria dos filhos-família do miserável terço busca caminhos mais amenos na sua escalada para o melhor. Estes são matriculados, como já disse, em escolas públicas periféricas das grandes e médias cidades, as quais chegam dispostos a mudar seu destino, abrindo caminho para uma vida de amplas perspectivas no mercado de trabalho explicada:

- pelo excesso de alimentação nos primeiros anos de vida, exagerando a disposição dos neurônios;

- pelo grande número de dias letivos, apenas interrompidos por paralisações, quase nunca ultrapassando três meses;

- por feriados prolongados, muitos dos quais patrocinados por governantes, preocupados com o faturamento das urbes praieiras e balneárias;

- por eleições gerais no país;

- por homenagens a santos fogueteiros, entre outras comemorações escolares realizadas em ***petit-comitê*** pelo corpo docente;

- pela profunda erudição dos mestres das escolas públicas, acompanhada por aquela vontade de ensinar, determinada pelas excelentes condições de trabalho e salário, providos pelas interessadas autoridades;

- pelo lazer que as ruas oferecem às crianças e aos jovens, iniciando-os em hábitos e costumes que poderão levá-los a êxtases variados, sob o olhar complacente dos **Mantenedores da Ordem**, desautorizados a interferir em nirvanas alheios;

- pela atenção à **Mãezona Eletrônica**, se os pais insistem em manter a gurizada junto ao seu regaço.

Não se diga haver desinteresse dessas famílias pela aprendizagem dos filhos. Chamadas à escola para tomar conhecimento dos méritos dos rebentos, diante de professores e diretores, aplicam instrutivos conselhos, afagando-os com carinhosos gestos e leves expressões verbais. Atitudes causando espécie aos presentes, que, no fundo, até não discordam daqueles corretivos, uma vez esgotados os meios pedagógicos para melhor ajustá-los às salas de aula. Isso quando esses corretivos não se voltam contra os próprios educadores por pais discordantes das punições aplicadas aos rebentos.

Vai daí que, ao final do ano letivo, pequeno número de discentes é aconselhado a permanecer na mesma série - a minoria não evadida, evidentemente -, na esperança de que recupere o tempo perdido e se habitue à frequência às aulas.

Assim, série após série, os alunos vão sendo filtrados, de tal maneira que, ao chegarem à quarta, resta um ou dois luminares, que, somados a alguns outros de dezenas de classes, formam brilhante quinta série de 35 alunos. Estes iniciando novo processo seletivo, cuja nata completará a oitava.

Ao término do ensino médio, meia dúzia deles estará apto a iniciar vigorosa carreira, em excelentes faculdades privadas, formando a chamada elite da pobreza, pronta a dar sequência ao círculo virtuoso, exercendo todos eles à docência nas escolas em que estudaram, por curtos doze ou treze anos.

Mas. o que foi descrito acima é passado e não ocorre em todas as províncias, só na maioria delas, principalmente nas regiões **nortenhas e nordestinhenhas**, hoje em franca renovação educacional, se eliminarmos seus grotões, ainda alijados do progresso.

Depois de muita discussão educacional, muito comum em Zilbraniz, chegou-se à conclusão, principalmente na mais rica província de que manter alunos na mesma série é extremamente prejudicial... ao tesouro. Por essa razão uma terna secretária de educação de alguns anos atrás, resolveu o problema criando nessa província a chamada "pulação sem interrupção", na qual os alunos ao folgarem o ano todo, conseguem um aproveitamento duas vezes maior que no tempo de antanho, o que não é grande vantagem, a meu ver, por ser duas vezes zero igual a zero.

E a norma pegou, e hoje a totalidade do alunado dessa rica região, mercê de um aprendizado por osmose, deixou para traz aquela praga de evasão e reprovação.

Diante desse quadro de alta performance educacional dos discentes, quem sou eu para criticar tão brilhante inovação educacional?

Sobre a imobilidade do miserável terço

Ressalte-se ser o miserável terço, camada social plenamente solidária, dividindo entre si seus haveres, razão pela qual consegue juntar enormes **indulgências plenárias**, durante as gerações que se sucedem.

Sua gloriosa e imutável situação pode ser explicada por diversos fatores por eles ignorados, quais sejam:

- o círculo virtuoso da educação, fazendo com que muitos se evadam das escolas, buscando alternativas à vida acadêmica. Sobre este aspecto seus mestres os estimulam a não desanimar, sem respostas positivas. Desse ensino modelar decorre estarem os estudantes pobres, em pouco tempo, aptos a se inserirem no mercado de trabalho com grandes chances de progresso e ascensão social, se não se empregarem na construção civil. Tudo determinando o seguinte ciclo: pai analfabeto pobre, filho semianalfabeto catador, neto destituído de letras, desabrigado;

- modestos gastos governamentais com suas **Corporações de Ofício Judiciais e legislativas,** sempre necessitadas de alguns achegos, para fechar balanços. Achegos retirando do orçamento ínfimo numerário que, quando muito, sustentaria com folga os serviços de saúde e educação para a base da pirâmide social. É preciso dizer, a bem da verdade, que essas Corporações são reservadas aos afilhados de membros de altos escalões administrativos e de paralamentares devotos de São Francisco de Assis, nas votações de projetos de leis de interesse dos Executivos provinciais, municipais e federais;

- a equitativa política de distribuição de renda, produzida pelas altas remunerações no mercado de trabalho, e o pleno emprego, ambos determinados pelas facilidades oferecidas à abertura de empresas de capital endógeno e exógeno, numa economia totalmente desregulamentada, facilitadora, portanto, de novos negócios, principalmente, se informais;

- os cuidados governamentais para com a saúde das crianças zilbranizenses do miserável terço, por meio de campanhas vacinais, preferidas às alimenticias - para, pelo menos, fazerem-nas transitar à perenidade, livres de sarampos, difterias, coqueluches etc -;

- a segurança no trabalho, fiscalizando-o incessantemente a fim de evitar que vivam os incapacitados à custa do tesouro e da sociedade - o que me pareceu possível, por algum tempo, face às remunerações percebidas pelos acidentados;

- a rede hospitalar provendo ao miserável terço um “passamento” rápido nos bens equipados prontos-socorros e enfermarias, neles existentes, dotados de

resistentes equipes médicas, satisfeitas com os salários e condições de trabalho em corredores normalmente vazios de muitos estropiados;

- a estabilidade inflacional, vigente há décadas, valorizando a moeda das afluentes camadas sociais, estimulando-as a obter lucros operacionais, ao invés do trabalhoso **producional,** dando emprego ao miserável terço;

- a política tributária de poucos impostos, alguns dos quais, secretamente, embutidos nos secos e molhados, fazendo com que todos contribuam, segundo as suas posses, para equilíbrio das contas públicas, sempre por um fio. Resultando ao miserável terço o consumir, por alguns dias, sendo os demais do mês de contrita penitência.

Um miserável terço bem protegido

Apesar dos percalços, o miserável terço é feliz e resignado, vivendo em plena segurança, em suas **comunidades tabuais**. Isto quando não são confundidos com inadimplentes do mercado de produtos desentediantes, cujos mercadores, protegidos pelos **Mantenedores da Ordem**, vez por outra invadem barracos, à guisa de procurarem os caloteiros, do que resulta algum **batefundo** com a remoção de famílias inteiras ao Reino do Senhor, nas chamadas disputas pelo **ponto**.

Nas metrópoles zilbranizenses, os habitantes das **comunidades tabuais** adaptam-se admiravelmente à previdência privada, geridas pelos empresários do ramo de **produtos desentediantes**. Destes, recebem proteção e amparo, fechando com eles em todas as circunstâncias, mesmo porque, se não o fizessem, teriam de mudar, compulsoriamente, desta para melhor. No caso destes coitados, literalmente.

De sorte que tais comunidades formam núcleos autônomos, uma espécie de Estado, dentro do Estado, dentro do Município, submetendo-se à legislação original, na qual estão perfeitamente cominadas a "lei do silêncio" e a do "olho por olho, dente por dente", artigo este aplicado na acepção do termo aos bisbilhoteiros e linguarudos do pedaço.

Diversões e lazeres da juventude não *dorée*

Os lazeres de alguns jovens e maduros desses segmentos, às vezes, acompanhados pela petizada, da classe média ajuizada ou não, revestem-se de cândida inocência:

- nos campos de ludopédio, onde extravasam suas alegrias, reprimidas, em cabeças e corpos de torcedores oponentes, sobre veículos e metrôs, principalmente, se neles viajam diletos amigos ou, ainda, sobre ônibus alugados, para levá-los às competições, transformando-os em ***bunkers***, recheados de fogos de artifício de fabricação caseira. Usam-nos para festejar os adversários à chegada e saída dos estádios, quando muito catapultando-os do mundo dos desportos e dos vivos;

- nos fins de semana, ao darem vazão aos seus instintos dançais, em fogosos bailes **rapnais** e **funkais**, cujo clímax não se dá no salão, mas, durante o retorno ao lar, ao encontrarem grupos com quem mantêm profundos laços afetivos. Nesses momentos de íntimo conúbio, fazem verter hemoglobina deste ou daquele amigo, folgadamente, cochilando em bancos de ônibus, os quais iluminam com suas **bazucas**, demonstrando a veracidade das teses de Freud sobre a natureza humana;

- em tardes calorentas, quando buscam refrescar-se em praias desertas, onde realizam rápidas corridas em grupos de cem ou duzentos competidores, enroscando seus calções de banho em turistas distraídos, que, num piscar de olhos, ficam sem seus teres e haveres, jurando nunca mais voltar;

- buscando, uma minoria deles, divertir-se de forma utilitária, retirando material supérfluo de moradias alheias, o que não deixa de ser uma atividade muito importante para a renovação de estoques de lojas, butiques e armarinhos; aliviando transeuntes exibidos, portando jóias, relógios e carteiras com o salário do mês do bem remunerado trabalhador, sob os olhos compassivos dos **Mantenedores da Ordem**, ou de câmeras de tevês, documentando o raro evento para preencher noticiários noturnos.

Existem outras diversões a que se dedicam os jovens do miserável terço, associados aos da classe média, como, por exemplo, enfeitar todos os espaços aparentes das megalópolis, com obras de arte pós-modernas tão triviais, que nem vale a pena descrevê-las, para não chatear o leitor, acostumado a observá-las nas paredes recém- pintadas de suas residências.

As classes médias: todos atrás delas

Todas as virtudes da nação se concentram nas classes médias, esteio da sociedade zilbranizense. Dela saem desde os grandes líderes políticos e luminares das ciências e letras aos sustentadores do pleno emprego. Estes gerindo suas microempresas, usualmente, protegidas e aquinhoadas pelos poderes públicos com financiamentos, isenções e nenhuma burocracia quando intentam novos negócios.

Dir-se-ia que as classes médias carregas às costas a Nação, financiando políticas governamentais, ligadas à Saúde e Educação, por meio de impostos diretos e indiretos. Saúde e educação públicas estas, cuja maior parte desse segmento, raramente, faz uso pela reconhecida qualidade. Será mesmo nestes tempos bicudos?

Desses impostos, escapam, em parte, o miserável terço, laborando informalmente, e a classe elevada, com seus lucros operacionais. Ambos, obviamente, por não conviverem com holerites.

Politicamente, as classes médias são um tanto quanto volúvel e contraditória em seus hábitos eleitorais. Escolhe candidatos, que primam:

- pela retidão de caráter, encontrados aos montes, mas dificilmente pretendendo seguir a carreira partidária, até por falta de quem os financie "descompromissadamente";

- pelo não radicalismo doutrinário, conquanto disputem seu voto, **Xiitas Lights**, com os quais simpatizam muitos membros das camadas médias;

- por programas reformistas, voltados para planos de combate à inflação e estabilização econômica, permitindo-lhe alguma paz de espírito, em meio às tormentas financeiras, fazendo oscilar seus componentes entre as interseções da pirâmide social.

A influência das classes médias, nos pleitos, é inegável, convergindo para os seus pontos de vista parte do miserável terço, pouco atendido pelos poderes constituídos, como a classe alta, lhe soprando aos ouvidos (das classes médias, por suposto) princípios um tanto conservadores que não a desagrada de todo...

É de se notar buscarem sempre as camadas médias acertar em suas escolhas eleitorais. Nem bem seus vitoriosos candidatos tomam posse, implantam medidas reformistas, objetivando melhorar a existência de seus eleitores, estimulando-os a morrer na lida, a fim de evitar o tédio das aposentadorias. Ou ainda, reduzindo o

número de impostos, aumentando-os em valores com a nobre finalidade de manter a estabilidade por um fio. Estabilidade comprometida, segundo as autoridades, pelo exagerado consumo da camada em tela, no qual é “useira e vezeira”.

Por tudo isso se apressam os beneficiados em enviar cartas às secções de leitores dos periódicos, regozijando-se com as inovações, mas um tanto arrependido de suas escolhas.

De sorte que, em matéria política, a classe média contribui em muito para o pacto social em favor de mudanças requeridas pelo país, contanto que não mexam em seus bolsos, mas somente nos dos vizinhos, eles sim, merecedores de novos encargos pelo bem da pátria.

A difícil escalada

A classe média de Zilbraniz, conquanto tendendo à homogeneidade quanto a pontos de vista, hábitos e costumes, pode ser seccionada em três subcamadas distintas: a classe média-baixa, média-média e média-alta.

A primeira sabendo que tem pouco, a segunda pensando que possui alguma coisa, a terceira desconhecendo o que tem. Esta última, com séria inclinação para abandonar seus pares em direção ao Olimpo Social, se naufrágios financeiros não a desaloja do pedestal, revertendo-a a base da pirâmide, tendo de começar tudo de novo.

Alguns comentários sobre a classe média-baixa, segundo acuradas observações ao longo de minhas viagens: é uma categoria social, às duras penas galgando o setor intermediário, mas evoluindo em proporção pouco significativa quanto ao desejável num país em franco desenvolvimento, nos tempos que correm. Conseguem-no de diversas formas:

- pela educação, se, circunstancialmente, seus membros usufruem de escolas públicas não periféricas, após as quais evitam a carreira docente estatal, que, se escolhida, ao longo do tempo, os remeterá de volta ao miserável terço, por razões óbvias;

- pelo labor e poupança, privilégio daqueles que nunca se incomodaram com títulos e diplomas, hoje, um tanto quanto desacreditados no mercado de trabalho,

exigindo dos postulantes: tutano, prática, iniciativa, criatividade e algum verniz cultural. Verniz cultural que, nos formandos de estabelecimentos públicos, os marca em demasia, confundindo-se ao preencherem currículos ou propostas de emprego. Informações essas difíceis de serem decodificadas pelos selecionadores dos departamentos de recursos humanos das empresas, percebendo a necessidade de reciclagem, em caligrafia, aos precários candidatos arduamente selecionados.

Algumas exigências são estabelecidas para a ascensão de membros do miserável terço à classe média-baixa, quais sejam: possuir status de cidadãos pela posse de um **popularzinho de segunda mão** - veículo muito apreciado em Zilbraniz -, com um mínimo de dez anos de uso; residência de alvenaria, distante das comunidades tabuais, ainda que alugadas - dentro das comunidades não vale -, o sonho de matricular os filhos em educandários privados, longe das más companhias dos filhos do miserável terço, de acordo com seu ponto de vista, está clarol.

No entanto, este segmento, quando integrado, guarda resquícios de hábitos e costumes do antigo extrato, dos quais destacamos:

- dificuldades em fazer alongar o salário até o final do mês, síndrome, hoje, envolvendo até mesmo a classe média-média;

- a mania de reclamar do preço dos alugueres, das contas de luz, água e telefone - o que, diga-se de passagem, já não constitui privilégio seu;

- viverem a reivindicar reajuste mensal de salário, se filiados a **Uniões Trabalhais**, que, uma vez concedido, tenderá a incompatibilizar seus ganhos com o consumo e sobrevivência;

- o descontentamento com as prestações, que, num momento de delírio consumista, em tempo de economia equilibrada - veiculada por otimistas órgãos da imprensa escrita, falada e televisada nas quais acreditaram -, imaginam poder saldá-las. Dificuldade acentuada por investimentos **senais, lotais, bichais, raspadais, bilhetais**, quase sempre sem nenhum retorno.

Transformações sociais mudando hábitos e costumes das classes médias

Diferentemente das famílias do miserável terço, as das classes médias, de há muito, deixaram de obedecer aos princípios bíblicos ligados à reprodução da espécie

- dado certo materialismo vigente nessa camada -, que, se seguido à risca, acabaria por destruir suas inclinações hedonistas.

Assim, a classe média abomina a **ninhada**, contentando-se com um ou dois rebentos, deixando tempo para lazeres menos tediosos do que a manipulação de fraldas e enxugamento de pipis, na cama e fora dela.

As classes médias constituem famílias estáveis, todas chegando, no mínimo, às bodas de prata, mais pelo espírito de renúncia e compreensão das matrizes (maioria das quais entretida com panelas, fogões e o controle das traquinagens dos pequerruchos, em casa e na escola, tarefas exclusivamente feminina em Zilbraniz) do que pelas virtudes monogâmicas dos amantíssimos, inaugurando em cada quadra da vida uma que outra filial, inflacionando o orçamento doméstico.

É verdade que as rápidas transformações sociais alteraram os costumes de Zilbraniz, afetando profundamente o núcleo familiar produzindo nas novas gerações certo desprezo pelo véu e grinalda.

Unem-se os jovens casais por breve tempo – economizando proclamas, entre outras formalidades de alto custo -, para testar as juras de amor eterno antes do ato, para ver se a união dá certo depois dele, cujo resultado quase sempre é o decepcionarem-se. Não sem antes colocarem no mundo alguns bebês, cujos registros teimam em não mencionar o nome paterno. Rebentos, transformando-se nos xodós de rabugentos avós. Tudo ocorrendo em função de um breve encontro, neste ou naquele bailinho ou baladinha inocente, que os pais nunca sabem onde se realizaram.

Sobre esta temática, é de se ressaltar ser aquela conduta pós-moderna dos jovens, produto de draconiana educação imposta aos filhos por muitos pais de classe média. Estes, profundamente, informados:

- pelos dramas **novelais**, ***talk-shows*** entre outros meios **televisais**;

- por revistas especializadas no estímulo à libido, de livre curso em numerosos lares liberais;

- pela oitiva a palestras de avançados sexólogos, preconizando a segura e livre copulação dos jovenzitos;

- pela experiência em casa, com o exemplo de alguns esposos, especializados na formação de novos núcleos familiares - afinal, todos, temos o direito de reconstruir nossas vidas amorosas, uma vez entediados com as rotinas domésticas. Tudo isso

orientando com precisão crianças e jovens ao inculcar-lhes valores morais tendendo a evitar quaisquer traumas produzidos:

• pelo mau uso da palavra não. Posto que, em Zilbraniz, é proibido proibir;

• pela não interferência no ir e vir, fazendo com que os filhos passem noites e dias fora de casa, transando com toda a segurança - somente os meninos, é claro - visto que receberam treinamento para tal, apenas com o detalhe da ocorrência de pequenas derrapagens nas relações, produzindo esta ou aquela indesejável gravidez - sempre por culpa das meninas, usualmente, desinformadas;

• pelo uso de **produtos desentediantes** para combater o tédio e a solidão, que a liberdade lhes concedeu, e por viver grande parte deles sozinhos, quando mães têm de ganhar a vida em razão de os pais precisarem prover o sustento de novos lares em andamento.

De sorte que, em determinadas circunstâncias, quando os pequerruchos aprontam alguma falseta, os camaradas patriarcas e bondosas matronas concluem que alguma coisa não deu certo na orientação fornecida, corretamente fundamentada em certos comerciais de tevê, apresentando famílias modelares, nas quais pretendiam espelhar-se.

O objeto do desejo da classe média

Chamou-me a atenção o entranhado amor de certos segmentos das classes médias zilbranizense por veículos automotivos, sem os quais se julgam destituídos de status, se não possuírem, pelo menos, dois na garagem.

Da média à alta classe média, seus membros lutam com denodo para superarem-se na aquisição desse bem supremo, tema constante das conversações de muitos. Parecendo, aos que os ouve tratar-se de experientes mecânicos ou eletricistas do ramo, pela riqueza de detalhes sobre as características de modelos e motores, expostos nas rodinhas.

Para adquirir os veículos, são capazes de inauditos sacrifícios e renúncias, entre as quais realizarem prolongadas dietas, cortes de despesa de urgência, para atender às prestações comuns ou **consorciais,** por décadas, se, menos afortunados,

ou comprometer reservas, se, abonados, a fim de exibir populares e importados ao vizinho, babando de inveja.

Em priscas eras, a casa própria fora o grande sonho das famílias de classe-média de Zilbraniz. Mas os tempos mudaram e, hoje, este ***réverie*** está em segundo plano, visto custarem os veículos duas ou três vezes mais do que o imóvel, conferindo, portanto, maior prestígio social.

Afinal, a moradia pode ser alugada, sem que o inquilino motorizado sofra algum vexame, a não ser quando despejado por desviar os alugueres para o pagamento das prestações desse objeto do desejo.

Dir-se-ia que o produto faz parte integrante da família; um defeito ou abalroamento provoca tanta comoção quanto qualquer fato doloroso da vida doméstica, até porque o conserto determinará alguns percalços no abastecimento de dispensas e cortes no orçamento, realizado sem traumas, uma vez colocado o lulu no banco traseiro, sentindo a família aquele gostoso ventinho no rosto.

A preocupação com os estudos dos rebentos

Outra fixação das classes médias zilbranizense é a preocupação com a educação dos filhos, preferindo escolas privadas de baixíssimo custo, perfeitamente compatível com o orçamento doméstico, às dispendiosas públicas, reservadas ao miserável terço.

Nos períodos de aperto financeiro, quando não encontram alternativas, esses pais arriscam matriculá-los em estabelecimentos públicos, não sem antes inspecionarem, detidamente, as instalações sanitárias, salas de aula e a clientela, fazendo pequenos reparos quanto à higiene dos ambientes e ao aspecto cutâneo da gurizada.

Alegram-se, sobretudo, com os novos coleguinhas de seus rebentos, notando serem alguns deles um tanto afoito, portando objetos pontiagudos, que acreditam necessários às aulas de modelação, em educação artística, praticando “bullyng” em amiguinhos menores, dando algum trabalho aos prontos-socorros próximos.

Diga-se, ainda, que esses pais se surpreendem com a qualidade da merenda e as formas sofisticadas de servi-la sendo consumida pela petizada à moda antiga - tipo idade média, quando se desconheciam objetos próprios das mesas contemporâneas.

Por tudo isso, esses filhos-família de classe média permanecem longos dois ou três meses no estabelecimento público. Todavia, uma vez equacionado novos cortes no orçamento doméstico e lazeres vários, possibilitando raspar o fundo do tacho procura recambiá-los ao antigo ninho educacional.

Quando obrigados a permanecer, os pais auxiliam na superação das dificuldades da escola pública, negando-se a colaborar financeiramente com ela, alegando configurar tal ajuda, **ensino pago em escola pública**, algo que fere sua condição de contribuinte. O que suporia julgar esses pais fornecer condições materiais e humanas às escolas públicas, atribuições do Estado, no que estão cobertos de razão... se o Estado cumprisse essas obrigações, está claro.

Contudo não deixam de elogiar, em altos brados, às vezes, diante do assustado diretor da escola pública, a limpeza de banheiros, corredores e salas de aula, atendidas por numeroso contingente de um ou dois serventes, regiamente pagos para a manutenção diária de umas trinta e tantas dependências.

Jovens de fino trato, os egressos de educandários particulares, comportam-se com retidão e interesse nas aulas e recreios, como o faziam nas anteriores, nas quais tinham aprovação garantida, uma vez quite com as mensalidades. Por isso esses jovens descuidam um pouco dos estudos, julgando estar bem à frente dos coleguinhas.

Desse comportamento decorrem pequenas transgressões, provocando a convocação dos pais à escola. Estes tendem a inocentá-los antes mesmo de ouvir as ponderações da direção e professores. Argumentam ter sido aquele sujeitinho mal-encarado, sentado à frente de seu filho, o único responsável pelo acidente, por ter colocado a cabeça, na direção do objeto, atirado ao mestre - para avisá-lo de que tinha dúvidas a esclarecer -, pela doce criatura, durante a aula.

Não é preciso dizer que esses cândidos discentes, quase sempre, acabam por se decepcionar com injustas reprimendas, buscando outro estabelecimento para começar nova vida escolar, até que a renda familiar melhore.

Notei, pela leitura de noticiários nos meios de comunicação de Zilbraniz, séria querela entre pais de alunos e donos de colégios particulares.

Querela essa, tendo por mote o preço das mensalidades escolares: os pais, exigindo-as em valores semelhantes aos que pagariam nas públicas; os proprietários, pretendendo-as semelhantes às dos colégios suíços, justificando-os pelo altíssimo nível de ensino, oferecido pela maioria desses **próprios pedagógicos**, cuja maior virtude, na verdade, é iniciarem os trabalhos escolares no primeiro dia de aula e terminarem no último. Ao contrário dos públicos, inaugurando o ano letivo algumas semanas depois do primeiro dia e terminando no antepenúltimo, dos quais se devem descontar curtas paralisações em meses pré-determinados, nos quais os mestres se ressentem da excessiva alimentação proporcionada pelos polpudos salários. Eventos, previstos nos calendários das escolas públicas.

As classes dominantes de Zilbraniz

Não foi fácil reunir informações sobre a classe dominante zilbranizense por tratar-se de extrato social reservadíssimo, ao qual poucos têm acesso. Sabe-se algo desse ilustre segmento, quando:

- seus membros são flagrados - contra a sua vontade, é claro -, por tevês, focalizando eventos **vips** em residências idem, nas quais detestam aparecer, se as câmeras estão desligadas, para afastar o perigo de sequestros e quejandos por inconformistas, necessitando **algum** para o seu capital de giro;

- colunistas sociais (quase sempre convidados de honra, aos quais se pede sigilo sobre a intimidade das anfitriãs para que apareçam de surpresa nas colunas), comentam jantares, cujos cardápios fazem questão de revelar, a fim de estimular o apetite da classe média-alta, preparando-se para semelhantes ágapes, e da classe média-média, sonhando um dia provar os acepipes, desde que a sorte não lhe seja madrasta em suas investidas **jogatinais**;

- um ou outro magnata macróbio divulga a agenda, na qual noticia alguma visita ás autoridades, oferecendo seus préstimos, ou solicitando isenções, acompanhado de ***escorts***, regiamente pagas para provarem a virilidade do senil matusalém;

- mostram-se em **vernissages** e concertos operísticos, nos quais demonstram sua vasta erudição lítero-melômana, por meio de pertinentes comentários sobre o último desfile de conhecidos modistas internacionais, cujos modelitos, usados na ocasião, deixam entrever o seu superior bom gosto **perual**.

Esta classe é composta pelo **créme-de-la-créme** da sociedade zilbranizense, oriunda de estirpes várias, tanto antigas como recentes.

As tradicionais famílias procedem de Condes e Barões, cujas fortunas, de há muito perdidas ou extraviadas, se fizeram em séculos passados, por meio de intenso comércio de carne africana, hoje, provocando-lhes forte indigestão; de chefes **jagunçais**, especializados na produção da ***sacarum***, cujos ascendentes, em linha direta, ainda lutam, encarniçadamente, para manter seus brasões... e títulos de dívidas, negociando pequenos débitos de suas usinas com o Banco de Zilbraniz, já conformado em não recebê-los.

Sem brasões, mas com riquezas - em afluência ou decadência -, existem tradicionais famílias do início do século, que, mesmo perdendo tudo, não perderam a pose.

Resultaram de uniões entre afluentes emigrados e membros de famílias **cafetais e algodoais**, cujo contubérnio permitiu acúmulo de capitais determinando extraordinário progresso indústrio-comercial de Zilbraniz.

As classes dominantes renovaram-se durante o século XX, após a instalação dos alternados **Governos de Salvação Nacional por Décadas**. Nesse período, surgiram novos ricos egressos dos úberes estatais, propiciados por esclarecidos déspotas e pela comunidade **Rosa-Choque**. Esses lactantes se acostumaram de tal maneira com as tetas que, hoje, se torna traumático desmamá-los.

Há, também, em pequeno número, prometendo crescer, os novíssimos ricos, explorando filões, anteriormente desprezados pela classe dirigente tradicional, por julgá-los excessivamente vulgares, dentre os quais:

- empreendimentos **bingais**, bichais, os de exploração de produtos desentendiantes - cujos empresários odeiam a notoriedade, agindo por meio de prepostos instalados em morros e planícies;

- negócios do ramo de comunicações, nos quais se estimulam determinadas programações lúdicas voltadas para a aquisição da casa própria ou de pequenas

fortunas, mediante contribuição mensal ao capital de giro de beneméritos empreendedores, sobre os quais falaremos mais adiante.

A classe dominante, embora pouco envolvida na política partidária, se encontra muito bem representada por executivos e legislativos de Zilbraniz, de cujos candidatos é desinteressada financiadora.

Apenas, por coincidência, o conjunto de projetos de leis engendrados por seus apadrinhados, nos executivos e nos legislativos a favorece.

Contudo a classe dominante vive a reclamar que os governos só fazem por prejudicá-la com novos tributos, dentre os quais aqueles sobre grandes fortunas, devendo entrar em vigor em período incerto, mas só depois de terem os pobres magnatas transferido seus bens a **Paraísos Fiscais**, onde existe maior reconhecimento pelos seus esforços em criar riquezas.

Entre os desmamados dos úberes governamentais, nota-se uma aura de modernidade entre alguns empreendedores **exógenos** e **endógenos**, consubstanciada:

- no respeito às carteiras assinadas;

- na inclinação pela ***joints-ventures***;

- na economia de escala e

- na preocupação com a criação de novos empregos.

Muito ao contrário da maioria dos negocistas estritamente **endógenos**, acostumados pelos salários que pagam, a tratar seus empregados tal qual os ancestrais, manipulando troncos e gargalheiras, estes empreendedores, descapitalizados, vivem a economizar os encargos sociais para reinvesti-los nos negócios, sob o olhar compassivo das autoridades pouco propensas em receber tais créditos.

O "bondadal" cidadão zilbranizense

Analisado sob o prisma das relações humanas, Zilbraniz apresenta uma sociedade de homens irrepreensivelmente serenos e pacíficos, na qual o princípio da liberdade individual, preconizada por Voltaire, é respeitado e aplicado com propriedade. Por isso devo assinalar ser a comunhão de seres zilbranizenses despreconceituosa, solidária e altruísta - mormente entre os membros do miserável

terço -, concedendo velho sábio nativo, aos cidadãos, o epíteto de **homem bondadal**, excluindo-se, é bem verdade, os momentos em que distraídos indivíduos pisam calos mútuos:

- nos campos de ludopédio, quando torcidas brindam os oponentes, com elogios de **alto calão**, com afagos **pedrais, porretais e revolvais**, diante de vitórias ou derrotas de seus times, sem qualquer importância para a tabela de classificação;

- ao ocorrer esta ou aquela "barbeiragem" mulheril no trânsito, quando são louvadas por varões motorizados, à exaustão, pela habilidade demonstrada. Assim agem os varões por saberem que não haverá resistência às belas frases emitidas; ao chocarem seus veículos quando avançam faróis indevidos, cuja responsabilidade de quem, quase sempre, é decidida pela troca de doces balas, distribuídas a esmo entre eles e contra transeuntes, selando a existência dos mais próximos;

- quando consumidores não liquidam suas dívidas para com mercadores de **produtos desentediantes**, posto que o negócio, em sendo do tempo do **fio-da-barba**, faz com que, quem o desonra, perca o respectivo, juntamente com o membro superior;

- quando o cidadão comum discorda dos desejos reprimidos dos inconformistas, tentando levar teres e haveres do enciumado proprietário, do que resultam, às vezes, superficiais incidentes, logo esquecidos, pela ocorrência de outros;

- quando o cidadão comum se mete a discutir com os **Mantenedores da Ordem**, interferindo na forma de execução da tarefa destes, principalmente se exageram no cumprimento do dever;

- na ocorrência de alguns outros entreveros, que seriam fastidioso enumerar, sobre os quais o caro leitor já deve ter sentido na pele.

Ainda sobre o **espírito bondadal** dos zilbranizenses, deve-se mencionar a solidariedade, mormente, quando um ou outro cidadão é agarrado nas ruas por inconformistas dispostos a ganhar o pão de cada dia. Regra geral, nesses casos são os calmos transeuntes olharem curiosos o evento, respeitando a ação do meliante sem interferirem no trabalho alheio.

Contudo, se o dito inconformista se mostrar incompetente, sendo imobilizado pelos **Mantenedores da Ordem**, um rancor incontido se apossa desses grupos, agora,

dispostos a utilizarem métodos administrativos para punir a falta de jeito do inconformista no trato com o cordial agredido.

Uma sociedade absolutamente despreconceituosa

O preconceito racial, dito de cor, é considerado anátema e condenado pela constituição de Zilbraniz - se verbalizado, decerto. Por isso, praticamente, inexistente, desde que o retinto:

- não frequente elevadores sociais de prédios de apartamentos sofisticados, mesmo se hóspede;

- não tente ingressar em clubes ***privées***;

- se ***player*** de ludopédio de mediana qualidade técnica não se atreva a entrar pela parte social das agremiações;

- não ouse penetrar em boites rampeiras de bairros sofisticados;

- não tente galgar posições sociais, por meio de distintos empregos e altos salários (posto que tem o ludopédio, as artes populares e os muito sorteios promovidos pelas autoridades, entre outros desportos e lazeres para fazê-lo).

Apesar de "cada macaco no seu galho" ser um aforismo muito difundido e respeitado, poucos se opõem aos casamentos mistos, desde que realizados entre os membros do miserável terço, apropriados, segundo alguns, para o desenvolvimento da democracia racial em Zilbraniz.

Nos relacionamentos entre grupos bicolores, predominam como não poderia deixar de ser, num país tão alegre, o bom-humor de chistes e ditados, por meio dos quais procuram alguns claros elevar o moral dos escuros, exaltando as qualidades fisionômicas, estéticas e espirituais. Mas somente, em privado, de maneira sutil, como mandam os códigos criminais. Embora muitos o façam, desconhecendo a própria árvore genealógica, apontando, em algumas gerações anteriores, o chamado **pé-na-cozinha** - sempre reconhecido pelos serviços de imigração de países, despreocupados com a cor da pele do turista zilbranizense.

A rainha do lar em Zilbraniz

Grande é o respeito dedicado à mulher, tanto no lar, pelos amantíssimos, como pelo mercado de trabalho.

No primeiro caso, as esposas da classe média-baixa e média-média são brindadas com específicas responsabilidades, quais sejam: as de educar os rebentos e cuidar extremosamente da casa - ocupando poucas horas do dia -, que muitos patriarcas julgam tarefas levíssimas, ao contrário de sua cansativa lida cotidiana, seguida dos respectivos aperitivos da tarde. O que não deixa tempo para assumi-las em conjunto.

De maneira que, a maior parte dos esposos de classe média se mantem equidistante dos acontecimentos domésticos, para não serem tachados de machistas e dominadores - acusação de feministas -, o que de certo modo lhes dá argumento para elogiá-las, todas as vezes que as coisas não correm bem com os pequerruchos, na rua e na escola.

Quanto ao mercado de trabalho, sabe-se que, em Zilbraniz, a mulher é privilegiada nos empregos e salários, percebendo-os em modestos porcentuais dos pagos aos varões, que é para estimulá-las a não abandonarem vassouras, fogões e rebentos, não comprometendo dessa forma a oferta de empregos aos varões. São conquistas levado a cabo por ardorosas feministas, concretizados em tempo incerto e não sabido.

Os resultados são dos mais alvissareiros, uma vez que as mulheres estão para conquistar perfeita igualdade com os homens, seja no aspecto da capacidade física, pelo acúmulo de dois empregos, com apenas uma remuneração, seja no repouso laboral, obtendo aposentadoria, em um deles, aos sessenta e cinco anos de superficial labuta, se não fraquejarem em seu desiderato.

O acendrado amor dos zilbranizenses pelos idosos

Há, em Zilbraniz, profundo respeito pelos seres chegados a terceira e quarta idades, hoje não se sabe bem por que, chamadas de melhor idade - fenômeno muito comum entre os membros das classes afluentes de hábitos sadios e os restritos grupos de baixa renda, favorecidos pela genética.

Tal é a devoção dedicada aos macróbios que muitas famílias procuram facilitar-lhes o trânsito à perenidade, a fim de evitar incômodos resmungos e **ranhetices,** próprio de quem já experimentou as doçuras deste "vale de sonhos" – mas, para alguns poucos, de pesadelos.

São benemerências levadas a cabo por casais amantíssimos de seus "Maiores", ciosos da privacidade deles, posto que, alguns dedicados filhos e noras, pelos seus afazeres de fim de semana, não tem tempo para atender os raros achaques de que são vítimas patriarcas e matriarcas.

Tudo isso estimulando aqueles casais - que se imaginam em imutável situação biológica -, a colocarem seus velhinhos em suntuosos asilos, para que se vão acostumando com o repouso eterno, em companhia de pessoas assemelhadas. Evidentemente, quando os filhos já estão crescidos, não mais necessitando de quem os cuide, ou lhes dê superados conselhos e lições de vida - contrariando comerciais de televisão nesse sentido.

Tais famílias disputam ferozmente a guarda de avozinhos e avozinhas... depois de instalados em casas de repouso, próprias para visitas de fim de semana, se os percalços da vida cotidiana não as fazem esquecer o compromisso.

Ressaltem-se, também, as facilidades de locomoção propiciadas pelas autoridades aos idosos. Com enorme satisfação e sem qualquer interesse eleitoral, oferecem-lhes isenções em ônibus e ***subways***. Neste caso, proporcionando-lhes insignificantes constrangimentos.

Exemplo desse extremoso carinho dedicado aos idosos são as ações de motoristas de ônibus, recebendo-os com um largo sorriso, depois de fazê-los correr cem ou duzentos metros para alcançar a condução - o que não deixa de ser valiosa contribuição ao desenvolvimento físico desses enferrujados sedentários.

Outra prova de consideração aos idosos ocorre quando embarcando suados e ofegantes se deparam com a solidariedade de maduros e jovens, sentados, guardando profundo silêncio para não perturbarem o cochilo dos idosos, confortavelmente, pendurados em corrimões, roçando os passageiros abaixo de si.

Um último sinal de solidariedade aos idosos, em suas viagens, acontece no momento em que os macróbios desembarcam com toda a segurança, se o motorista, ao dar-lhes gentis adeusinhos, deixa escapar seu pé do acelerador.

Não se deve esquecer, igualmente, do fino tratamento dado aos velhos aposentados pelo **Ministério da Imprevidência**, remunerando-os com salários simbólicos. O que provoca, neles, manifestações de apreço pela instituição e uma que outra ameaça de greve... de fome, a qual de há muito se acostumaram, os desafortunados. Fome, extremamente benéfica para conter a obesidade e o excesso de colesterol e triglicérides no sangue, o que afetaria seus bem conservados corações - vez por outra abalados pelas crises de raiva que os acomete quando do reajuste de suas remunerações.

Uma população amante da disciplina

Profundo é o respeito de motoristas e pedestres zilbranizenses pelas leis e regulamentos, com ênfase nos do trânsito, com a ressalva de que vivem a confundir as cores dos semáforos e sinais.

Os primeiros obedecem-nos, contribuindo para o decréscimo da população, perfeitamente resguardados pelo código penal, que não prevê sanções para insólitos comportamentos ao volante.

Não se negue, entretanto, receberem eles enorme colaboração dos pedestres zilbranizenses, elucubrando sobre suas pequenas dificuldades de sobrevivência, ao cruzarem ruas e avenidas, toureando veículos, sem levar em consideração as boas intenções dos motoristas.

Em minha última visita a Zilbraniz, observei estarem as autoridades preocupadas com a saúde e segurança dos cidadãos no trânsito, legislando, afoitamente, a ponto de interferirem nas liberdades individuais dos inclinados ao suicídio - direito inalienável de todos aqueles colocados num beco sem saída, espiritual e material:

- queimando seus quatro ou cinco maços de cigarro por dia, sem levar em consideração o puro oxigênio das grandes metrópoles, determinado pela intensa fiscalização sobre as fontes poluidoras de veículos e fábricas;

- transando de forma prazerosa, desprezando determinados incômodos;

- aspirando doces aromas, dentre os quais inofensivos **lolós** que muitos pretendem ver **descriminalizados**, à guisa de combate ao tráfico. Experiência já

levada a cabo no primeiro mundo, com resultados positivos, incrementando o número de consumidores, agora não mais isentos de impostos;

- dirigindo com os membros totalmente presos às amarras instaladas nos bancos dos veículos, excluindo-se os transportes de massa, sempre lotados, não necessitando esses cuidados, que, uma vez instalados, trariam enormes prejuízos financeiros às companhias.

Sobre tais violações à liberdade individual, duas delas chamou-me a atenção:

1- a que a que diz respeito às amarras nos condutores, para evitar tragédias **transitais**, uma vez que bem seguro pelo cômodo cinto, possa o motorista, em eventuais acidentes transitar à perenidade com o rosto incólume, para ser reconhecido pelo Redentor;

2- a que se refere a proibição ao hábito de se **pitar** em ambientes fechados e mais ou menos.

Essas medidas foram contestadas, na justiça, com resultados diversos entre os quais:

- a lei de combate a **pitação** pegou, por considerarem juízes e tribunais zilbranizenses ser a lei, ainda que, lesiva a bares e restaurantes, muito mais que a viciados, considera que estes não tem o direito de ignorarem as terríveis ameaças contidas nas fotos inseridas nos respectivos maços daquele veneno, as quais o fumante não presta a menor atenção;

- a que disciplinava a imobilização dos motoristas, nos assentos dos veículos, depois de alguma controvérsia dirimida com leves e convincentes multas, acabou por ser respeitada por alguns meses, depois dos quais ninguém mais dela se lembrou - da lei é claro -, posto que as multas não permaneceram indeléveis na memória da população motorizada. Mesmo porque os zilbranizenses ao volante jamais foram possuídos pelo espírito de pilotos de fórmula 1. Apenas exercem essa inclinação velocista nas espaçosas rodovias, nas quais caminhões e betoneiras, dirigidos por etílicos caminhoneiros, costumam trafegar nas faixas a eles proibidas, que é para despertar a atenção dos que vêm, lentamente, em sua direção. Estes, ocupados em passar recados a parentes e amigos, por meio de potentes celulares, cuja ligação se completará após algumas centenas de tentativas.

Os meios de comunicação social,
mudando usos e costumes

O principal lazer da sociedade zilbranizense é assistir à tevê, na seguinte conformidade: membros do miserável terço, só à noite, por motivos óbvios; os de classe média, predominantemente donas-de-casa extremosas, o dia inteiro; os da classe alta, em fugazes momentos, às escondidas, para não caírem na vulgaridade.

Este meio de comunicação social, como já informei no capítulo sobre a educação, é conhecido por **Mãezona Eletrônica**, pelo alto poder de sedução entre crianças, jovens, maduros e velhos. E o faz por meio de variada programação, na qual predominam inocentes comerciais, dos quais os mais apreciados são os que estimulam a libido das várias faixas etárias.

Os maduros e velhos, como não poderia deixar de ser, ficam constrangidos com esta ou aquela picante cena, na qual o mocinho e a mocinha, em **pelo,** trocam puras carícias, adoradas pela petizada. Esta, não precisando perguntar aos pais como é que se faz, evitando ruborizá-los.

Contudo esses momentos de alguma lascívia, se é que podemos chamá-los, assim, são raros, apenas se repetindo em dramas **novelais**, filmes e em um ou outro programa pornô, condição ***sine qua non*** para elevados ibopes, estimulando a venda dos mais diversos **badulaques** materiais e espirituais.

Dentre as programações são sagradas as inseridas no chamado horário nobre, razão pela qual não é de bom tom visitar os amigos nesse espaço de tempo, sob o risco de os que se atreverem não serem recebidos – em razão de os donos da casa não ouvirem a campainha -, dada a concentração necessária ao entendimento das tramas **hitchkoquianas** dos escalafobéticos novelões.

Um exemplo de boa acolhida

Sobre a matéria, lembro-me de sugestivo episódio por mim vivido numa dessas residências, quando levado por amigo a conhecer sua ilustre família.

Era um apartamento típico de classe média-média, cujos membros constituem fanáticos vedores da telinha. Recordo-me de que, na penumbra esfumaçada da exígua sala, se amontoava um pequeno grupo de “uns dez”, no mais sacrossanto silêncio.

Receberam-me com grande satisfação, não fosse um sinistro esgar no canto dos lábios de um ou outro telespectador, que atribuí a certa impaciência na conclusão do capítulo, no qual o mau **caratismo d**a personagem provocava desairosos comentários, tipo: "Pô, não tinha outra hora para chegar?", "Esse cara não se manca, não?", "puta que pariu, porque não vai encher o saco do vizinho, porra?" - enfáticos. Palavras e expressões muito comuns, hoje, nos lares bem-educados de Zilbraniz. De sorte que fui apanhando, mãos ao acaso, a me cumprimentar, cortesmente, em gestos de grande espontaneidade, apenas com a ressalva de que não consegui identificar fisionomias, grudadas na telinha.

Como havia compromisso urgente a atender, deixei-os, silenciosamente, agora, sim, sob iluminados olhares daquela unida família, pouco espantada com minha súbita partida. Conhecendo a porta de saída, não precisei aborrecê-los com cerimoniosas despedidas.

Uma população entrando pelos canais

Em Zilbraniz, são muitos os canais televisivos e de radiodifusão - aplacando o tédio da população. Todos há muito, cedidos a **leite de pato** a empresários bem relacionados com membros de partidos majoritários no Congresso de Ziliabrás e Executivo de priscas eras.

Explicam-se tais concessões pela necessidade de o Executivo transmitir suas mensagens políticas ou econômicas para aplacarem gargalhadas da sociedade, depois da implementação destas ou daquelas medidas bem-recebidas, por gravarem os bolsos da população, e, mais recentemente, reformas fiscais e administrativas favorecendo a arrecadação das províncias, estas nadando em dinheiro.

Como, atualmente, as concessões se encontram saturadas, prometem as novas autoridades democratizá-las, a fim de que não mais se formem monopólios, hoje, perfeitamente consolidados no mercado das telecomunicações, o que não deixa de ser um avanço.

De maneira geral, as redes televisivas e de radiodifusão são bem-comportadas no aspecto ideológico, detestando radicalismos à esquerda e à direita, respeitando o peso das respectivas bancadas no Congresso de Ziliabrás. Nessas redes, vige a mais

profunda liberdade de expressão, desde que não se contrarie o ponto de vista do proprietário nada comprometido com os poderosos de plantão.

Possivelmente, costume originário da época do **Governo de Salvação Nacional por Décadas**, quando a comunidade Rosa-Choque, preocupada com a correção das mensagens em rádios e tevês, convencia os donos da voz e da imagem para as pertinentes mudanças em textos modernistas, desrespeitando as boas regras gramaticais - principalmente, os ***scripts*** elaborados por novelistas de vanguarda, ao expressarem opiniões contrárias ao regime... a que se submetiam membros da comunidade em tela.

Do que decorria o aparecimento de inúmeras receitas culinárias nos meios de comunicação escritas.

Mas tudo isso é passado, morto e sepultado.

Hoje, tempos de libertinagem, digo de liberdade, longe daqueles puristas de outrora, os canais televisivos vêm quebrando tabus. Utilizando linguagem popularesca, não faltam textos eivados de vocábulos de livre curso, nos campos de ludopédio, e inocentes imagens fundadas nos mais prestigiosos pornôs endógenos e exógenos, introduzindo Zilbraniz nas artes eróticas do primeiro mundo. Apenas com o inconveniente de fazer aumentar a incidência de doenças sexualmente transmissíveis pelo **frisson** a que são submetidos os telespectadores solteiros, tendo de buscar, após determinados programas, algo compensatório pelas ruas à noite.

Excluindo-se o horário nobre, pique de audiência de apenas uma rede, as demais programações são preenchidas com entrevistas, telejornais menores, quadros humorísticos - causando alguma depressão -, mesas redondas, quadradas, hexagonais e quantas outras formas forem necessárias para capturar notívagos, entediados e trabalhadores em férias.

Dessas programações algumas me chamaram a atenção pelo alto nível dos apresentadores e participantes: as de entrevistas, a que chamam ***talk-shows***, são numerosas até por não necessitarem grandes investimentos, preenchendo extensas lacunas dos intervalos comerciais. Diferenciam-se os programas de entrevistas apenas pelas indumentárias usadas pelos convidados, constantes de listas fixas das emissoras. O objetivo de manter tais personagens em evidência é para os

telespectadores memorizarem suas lições de vida material, espiritual e, principalmente, sexual, posto que nada escondem do público "voyuer".

Os telejornais, tanto os do horário nobre quanto os do plebeu, sintetizam, com farta documentação imagética, os eventos do dia, locais e planetários, se o telespectador for assinante de periódicos, necessários ao complemento das informações.

Seus apresentadores são sóbrios, resumindo-se a ler, em posição hierática as notícias, se os **telepronters** não lhes pregam alguma peça, deixando-os no ar sem pai nem mãe, estimulando-os a histriônicas improvisações e a sérias diatribes com os preparadores de noticiários e técnicos responsáveis.

Educados ao extremo e com perfeito domínio da língua pátria, escusam-se esses locutores **da mancada** com padronizada oração: "Desculpem a nossa falha" - deixo a critério do leitor analisar a propriedade da estrutura desta construção gramatical, ao referir-se o ***speaker*** à sua prima **Dona Falha, sempre atrapalhando as programações**.

Outros telejornais, em horários quase nobres, possuem renomados **"âncoras"**, capazes de opinar sobre quaisquer temas, dos mais triviais aos mais complexos, apegando-se aos aspectos vergonhosos dos acontecimentos, principalmente, ao tratarem de façanhas financeiras (não seriam patranhas?) dos representantes do povo no Congresso de Ziliabrás e quejandos. Denunciam-nos rangendo os dentes, o que agrada o telespectador, impossibilitado de fazê-lo por não contar com aquele meio de comunicação de massa.

Outros, ainda, em horários plebeus, se especializam em marcantes fatos decorrentes de conflitos passionais domésticos de periferias muito a gosto do miserável terço, mas condenado pela classe média, nominando-os de **programas mundo-cão**, ao qual só assistem para exercer seu senso crítico ou quando o comércio lhe produz alguma falseta na venda de produtos com defeito.

As mesas quadradas, redondas, hexagonais, sobre variados temas, são absolutamente conclusivas, em virtude do alto grau de instrução dos expositores e debatedores, falando todos ao mesmo tempo, contribuindo para a intensa atividade cerebral dos audientes se, nesse momento, não estiverem nos braços de Morfeu, por

ser a tevê, excelente sonífero. Neste aspecto a glossolalia é muito comum em debates esportivos dos canais fechados de Zilbraniz.

As transmissões esportivas, tanto as de televisão quanto as de radiodifusão, primam pela originalidade de locutores e repórteres de campo para lidar com o óbvio. Não é incomum criarem diálogos originalíssimos ao se dirigirem aos ***players***:

Ao flagrá-los, contorcendo-se em macas:

"Dói muito?"

Ao ser o jogador substituído pelo técnico:

"Gostou da atitude do treinador?"

Ao entrevistarem-nos após uma vitória:

"Gostou do resultado?"

Ao entrevistarem-nos após a derrota:

"Achou que o time jogou bem?"

Ao entrevistarem-nos ao final de uma prorrogação:

"Cansou muito?"

Ao entrevistarem-nos após a marcação de um pênalti contra ou a favor:

"O árbitro foi justo?"

E por aí vai...

Sonhos **dos meios e fins de semana em Zilbraniz**

Devido à influência dos meios de comunicação sobre a sociedade zilbranizense, estimulando o consumo e aspirações inexequíveis de ascensão social meteóricas, sem esforço, as classes baixa e média, inclinam-se pelos jogos de azar.

Neste caso, termo aplicado com propriedade, posto que, dos milhões de esperançosos perseguidores da deusa Fortuna, apenas, significativo punhado consegue as bênçãos da divindade, sem que os demais se frustrem, por acreditarem existir sempre um amanhã - se as parcas não interferirem, evidentemente.

Notável é a criatividade das autoridades constituídas para ampliar as modalidades de apostas, existindo para todos os gostos, bolsos, palpites e sonhos não freudianos.

Como já afirmei, estas são patrocinados pelos governos Central e Provinciais que, até há pouco tempo, as monopolizavam - sempre pensando no social de... seus rombos de caixa.

Digo, há pouco tempo, pois observei, em minha última viagem, alguma privatização no setor, com a entrada da livre empresa no domínio dessas atividades lúdicas, sem as quais se colocaria em xeque a **bondadeza** da população.

Essa descentralização visa a ajudar os desportos amadores, nos quais se exercitam empresários:

- uns, desanimados com investimentos de longa maturação, pretendem-nos, agora, para os de curta, em negócios dedicados a milhões de entediados membros da classe média-média e média-alta, dos quais se destacam enferrujados velhinhos e velhinhas materialistas, já enfarados com seus biribas e buracos a um centavo o ponto;

- outros do setor de comunicações, necessitando algum para o seu capital de giro a fim de engajarem-se em programas de distribuição de casas populares para meia dúzia de felizardos, dentre milhões de compradores de carnês (destinados aos desabrigados), que, com certeza, se perseverarem – uma virtude dos zilbranizenses não afluentes –, terão acesso a casa própria, lá pelo terceiro milênio, se o negócio não for desbaratado pelos herdeiros do humanitário mecenas.

Assim, em Zilbraniz, procura-se enredar a deusa Fortuna:

- oficialmente, raspando, girando, perfurando, marcando, **bilhetando,** numerando etc;

- informalmente, combinando animais, aves e répteis, no chamado **lazer bichal**, uma vez que com o trabalho propriamente dito quando muito se conseguem recursos para o pão de cada dia, pelo menos para três semanas do mês, se exagerados não forem os investimentos **jogatinais**.

Dos jogos de azar, o mais antigo e o de maior prestígio - no qual se joga pouco para não se ganhar nada -, entre os trabalhadores de baixa renda, é, exatamente, o informal **lazer bichal**, relacionado aos animais vertebrados e invertebrados.

Contudo provoca ele profunda ojeriza a governos, instituições religiosas e sociedade protetora dos animais, pela crueldade com que são tratadas as espécies nas roletas. Também, pela origem espúria dos promotores, tentando alçarem-se às classes elevadas sem os devidos **pedigrees**.

Embora seja a única modalidade lúdica não oficial no país, exerce o **jogo bichal** relevante papel social, contribuindo para a complementação salarial dos **Mantenedores da Ordem**, sem a qual estariam todos eles na rua da amargura e a população absolutamente desprotegida.

Constituem as apostas atividades importantíssimas para uma possível poupança popular indesejável, visto que, se essas quantias milionárias fossem economizadas, haveria, com certeza, sérios problemas de acumulação monetária, cujas reservas superaqueceriam o consumo, sem a contrapartida do crescimento da produção. Consumo constantemente maldito pelas autoridades fazendárias de Zilbraniz, elevando os índices inflacionais, dos quais o país busca livrar-se há séculos (levando-se em consideração de que a queda da inflação está longe de ser unanimidade nacional, mormente, entre membros de certo partido, hora no poder em Zilbraniz).

Por outro lado, os bilhões de zilbranões, arrecadados para fins sociais, têm seu destino garantido, qual seja o de combater a miséria e a fome dos apostadores, diretamente originárias desses investimentos populares.

Em Zilbraniz, repito, as oportunidades de enriquecimento das classes de baixa e média renda são praticamente diárias, não dando tempo a que os postulantes se desmotivem, pelo menos enquanto houver um zilbranão disponível para a compra do leite das crianças. O que, de certo modo, não as prejudica - as crianças, é claro -, pela existência de numerosos programas governamentais, doando o produto às populações carentes, demonstrando o alto grau de socialização da... miséria, atendendo aos clamores de remanescentes adeptos da **Boa Nova Contemporânea**.

Sobre a compulsão **jogatinal** zilbranizense coletei, em vários periódicos, numerosos poemas satíricos de ranheta bardo, um dos quais transcrevo para ilustrar a narrativa:

O vício do jogo

Num certo país do mundo
Chamado de Zilbraniz
vivia um povo feliz
que só mostrava destreza
na hora de exercitar
a proverbial esperteza
que pensava possuir

Gostava muito de dança
de rir e pouco sofrer
mas não perdia a esperança
de, um dia, nessa folgança
chegar a enriquecer

Seu espírito pacífico
por todos muito gabado
era mais do que aprazível
mas tinha uma fraqueza
o velho vício do jogo,
bancado com singeleza
pelo moderno Estadão
que pouco se preocupava
com a desmoralização
daquela raça beleza

Em apostas de todo tipo
desde bichos até em números
perdiam com ligeireza
quase todo o salário,
e os otários nas ***jogangas***



não perdoavam com certeza,
nem o leite das crianças
que morriam na magreza.

*E quando a **grana** acabava*
era aquela algazarra.
Alegava o perdulário
que ganhava muito pouco,
que o patrão o explorava
e corria ao sindicato.
Esse no tempo mais breve
profetizava no ato:
"Faremos mais uma greve"

O aumento logo vinha
para suavizar o aperto
e as apostas aumentavam.
O Estado com muita avareza
um pouco dessa riqueza,
doava para a assistência
de quem, porque não comia,
muito, muito jogava,
desde cedo, desde jovem
adoecia e morria
na fila da Imprevidência

Algo sobre a moda em Zilbraniz

Dado não ser experimentado escrevinhador e a narrativa não obedecer a método preciso de análise, desenvolvendo-se ao sabor do fluir dos fatos observados à memória, muita coisa se perdeu nas intersecções dos meus neurônios.

Isto posto haveria ainda muitas coisas a comentar sobre a sociedade zilbranizense, entre as quais a supina elegância no trajar desse povo, mormente, a dos jovenzitos da classe média, espelhando-se na indumentária do miserável terço. Diga-se, de passagem, baratíssima, com a ressalva de estourarem orçamentos domésticos de esforçados pater-famílias e acrescentarem elevados pontos nos índices inflacionais, para desgosto das autoridades, determinadas a baixá-los a qualquer custo, com vistas às próximas eleições ainda em longínquo horizonte.

Adotam essas doces criaturas a mais sofisticada **moda trapo**, complementada, harmonicamente, com perfumosos tênis de grifes - sempre necessitando de palmilhas **anticheiro**, arejadas sandálias de dedo, revelando as mais bem tratadas unhas de pé e vastas cabeleiras, sustentadas em seus penteados com parcimonioso uso de água e xampu, para não desperdiçar o precioso líquido, um tanto racionado ultimamente. De sorte que, ternos, colarinhos brancos, gravatas, sapatos com meias, constituem excentricidades de executivos, lobistas, representantes do povo, inconformistas especializados em visitar apartamentos de luxo. Mesmo os convidados a casamentos e batizados de alguma repercussão social já demonstram certa originalidade no trajar.

Assim, estrangeiros como eu, ao passearem pelas urbes, notam aquele ar "à vontade" e economia no vestir, o que não deixa de ser um costume saudável num país, cujos salários permitem luxuosos guarda-roupas à maioria da população andrajosa.

De tudo isso resulta a agradável aparência de grande parte das pessoas dessa terra, se não cruzarmos com ela no lusco-fusco da tarde declinante ou nos **regurgitantes** centros das médias e grandes metrópoles.

Nessas ocasiões e nesses locais, cidadãos comuns poderiam ser confundidos com inconformistas, com a única diferença de que os segundos são identificados pela pressa no andar, depois de esbarrarem em **exibidos**, portando correntinhas - ameaçados de serem degolados -, usando relógios e anéis - com tendência a se transformarem em manetas -, carregando carteiras recheadas, em dia de pagamento - cuja perda redundará em um mês de penitência.

Lembro-me, agora, de não ter comentado sobre o extremo cuidado com a aparência, demonstrada por mocinhas e velhinhas de algumas posses, no que diz

respeito à celulite, fazendo a fortuna de dedicados proprietários de academias de ginástica, proliferando em todos os cantos de Zilbraniz.

Ressalve-se, no entanto, que essas **malhações**, como são denominados os exercícios, funcionam, perfeitamente, para as que deles não precisam.

No entanto, observa-se que as mais velhas só conseguem libertar-se daquelas calosidades **perníferas** e **bundíferas**, tratadas com os mais científicos e infalíveis métodos, surgidos cotidianamente em comerciais de tevês, quando substituídas pelas pernocas e bundocas de jovencitas, convenientemente substituindo as das velhotas.

Já o miserável terço, que não pode pagar por essas superficialidades, aproveita as festas **saracoteais** para livrar-se das calosidades, com resultados até melhores do que os obtidos pelas moçoilas das classes favorecidas.

Não poderia terminar este capítulo sem as observações poéticos do meu caro amigo Ingrácio Dára Agon sobre a aparência das moçoilas zinbranizenses.

A Fogueira das vaidades

O cabeleireiro Osias
Era um profissional de fato
E aprontava suas artes
Em cabeleiras variadas
Com as tesouras malvadas
Que só davam derrapadas
E formavam nas cabeças
De suas vaidosas clientes
Uns mil caminhos de rato
E se quisessem dar jeito
Nesse penteado louco
Tinham de raspar o “côco”

Quando se olhavam no espelho
As infelizes freguesas,

Vinham-lhes muitas vontades:

Uma delas era, com certeza

de se jogarem em represa,

Ou procurarem a paz

Numa câmara de gás,

Tão feiosas, ficavam, rapaz!

Mas o esperto do Osias

Acalmava essas vaidosas

Dengosas, paralisadas.

Buscava no seu depósito

Umas revistas inglesas,

Que muitos punks mostravam

Exibindo-os às princesas

Os espetados cabelos

Desses espécimes raros.

Então elas se acalmavam

Passavam-lhes suas dores,

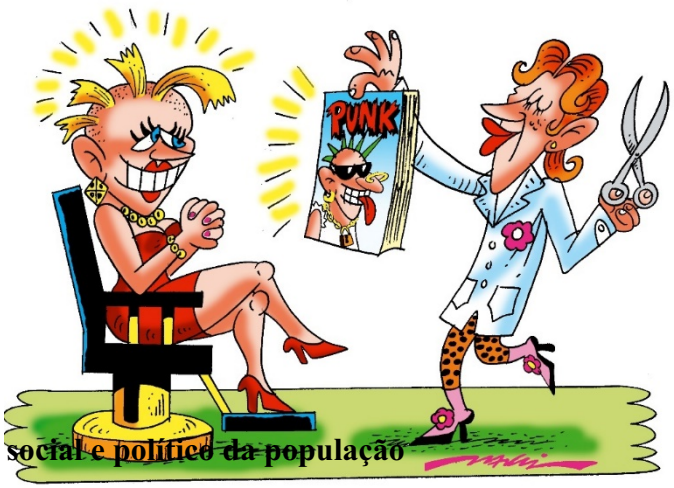
Voltavam-lhes as suas cores

E entre si comentavam:

"Como somos provincianas

A moda é nosso penteado,

Seu Osias, obrigado



Recentes mudanças no comportamento social e político da população zilbranizense

Na derradeira visita à Zilbraniz, nesta segunda década do segundo milênio, notei profundas alterações no comportamento bondadal da população.

Me pareceu que parte significativa da classe média e alta, sofreu significativa mutação em seus genes, com redução de bilhões de neurônios no bestunto, fazendo-os regredir a estágios próximos ao dos Australopithecus, ou mesmo àqueles apontados pelas teorias do estudioso do comportamento humano, Cezare Lombroso.

Quero crer, que isso aconteceu, primordialmente, pela influência das lições ensinadas ao Javoltar Mandrião e adeptos pelo involuído filosofo das abobrinhas, o tal Oparvo das Vergínias sobre o qual apontei qualificações extremamente ordinárias no "Apocalipse Now", personagem que, felizmente, para Zilbraniz, já tenha ingressado no 7° círculo do Inferno de Dante e difundidas pelo Javoltar Mandrião et caterva.

Estes segmentos da sociedade zilbranizense, mormente, grande parte dos macróbios, dos de meia idade, maduros e quejandos, agarraram-se às ideias desconjuntadas do Javoltar Mandrião, imaginando em seu degenerado bestunto ser ele o símbolo maior do conservadorismo ao defender:

- a Família Poligâmica – afinal o Mandrião não faturou três consortes, com sorte, será? -;

- o amor ao Santo Capeta, que parte dos espertos pastores do Jesus S/A venderam ao seu rebanho como a encarnação do Todo Poderoso;

- a Pátria Armada;

- o desamor ás Ordenações 88,

- a antipatia aos três poderes, principalmente ao Excelso Pretório, transformado naquele janeiro 23, em Walter Close, dos lombrosianos, entre outras peçonhentas ideias adoradas pelos seus seguidores, entre as quais: dinamitar aeroportos em vésperas de eleições; fazer bom uso da internet por meio de informações de conteúdos fidelíssimos fakes; concentrarem-se durante meses diante de Fortes Apaches, implorando aos complacentes Rosa-Choques, ações contra o perigo vermelho às portas de Zilbraniz na figura do Bula-Lá 3, este extremamente surpreso com tal aleivosia, uma vez que sempre fora torcedor do Alvinegro Paulista.

Tão certo estava o Mandrião de que venceria o Bula-Lá, pela gratidão que imaginava receber dos Rosa Choque a quem enchera de zilbranões e, apesar dos

tiros perpetrados pela conhecida Pistoleira dos Jardins contra linguarudo periodista, que lhe houvera dito algumas verdades, mas deixa pra lá...

O que interessa no momento é o fato de o Mandrião guardar com muito zelo o saque de alguns bens da União e outras bijuterias colaríficas mui preciosas e marcadores de horas, idem, que trouxera por baixo dos panos das arábias, mas, inadvertidamente, aprendidos na alfandega, uma vez objeto de sérias maracutaias e que o então mandatário, as queria, porque as queria, afim de levá-las para negociar nos States.

No que não foi feliz em seu intento, em razão de resoluto funcionário cioso de seus deveres de cidadão honesto frente aos insistentes e obedientes palacianos a serviço do Mandrião, que nunca soube do que faziam eles nessas alfândegas.

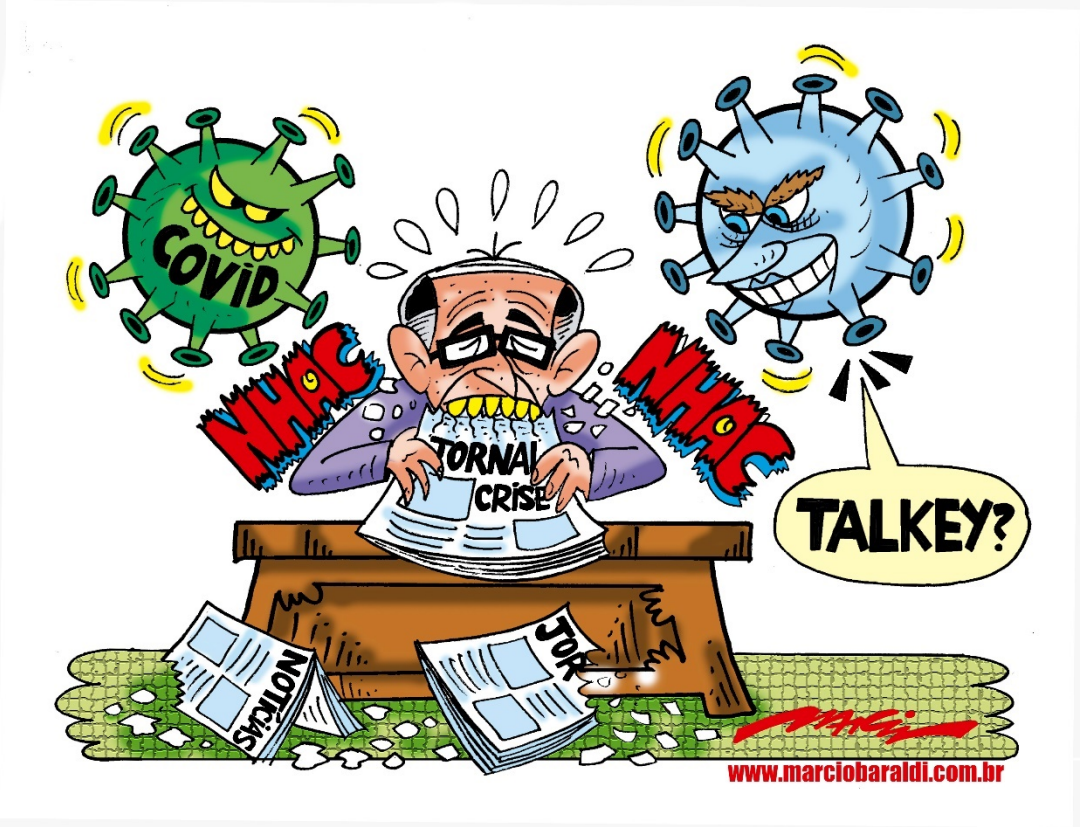
Mas não se diga que o Mandrião se conformou com o acontecido uma vez que quando se viu sem pai nem mãe após o desastre eleitoral, para não se encontrar com o Bula-Lá, quase enfaixado, mandou-se aos States com a muamba que guardara para si, a fim de gozar merecida férias, de alguns meses, que ninguém é de ferro, e preparar importante comércio de preciosidades por meio de interpostas pessoas de sua confiança ali residentes, por ordem dele, totalmente, desconhecidas.

Todavia, ao retornar a Zilbraniz, eis que lhe esperavam interessantes surpresas, posto que, uma vez, posto fora, faltou-lhe respaldo para encobrir tudo aquilo que já se sabia a seu respeito, apenas ignorado por aquele Procurador que sempre soubera dos seus maus feitos, para sempre, aras, Lira! que diabo, foram tão bem-feitos, que nunca se conseguiu impichá-lo.

De sorte que, provavelmente, graças a caolha justiça de Zilbraniz, dentro de tempo certo e sabido, o Javoltar Mandrião, conheceu Papuda, digo a Papuda, neste momento, lá já esteve por algum tempo mas graças aos seus soluços, acompanhado da famiglia, digo da quadrilha, ganhou, graças a condoído ministro do Excelso Pretório, uns meses de recesso ao lar.

CAPÍTULO IX

Epílogo dos escritos e do escritor



Com estes últimos comentários dou por encerrada a narrativa a que me propus. Devo confessar, proporcionada por numerosas paredes, em minha escola, das quais jamais participei pelo respeito que devoto às leis constituídas, proibindo greves nos serviços essenciais - apenas permitidas a barnabés daqui e **petrouronegrinos** de Zilbraniz.

Ao refletir sobre a matéria, ocorreu-me cruel dúvida se, realmente, em nosso país, a educação pública caracteriza serviço essencial.

Concluí ser a questão polêmica, pois muitos ganham e poucos perdem quando os mestres estugam em suas ações pedagógicas, senão vejamos:

- ganha o governo: descontando, ainda que teoricamente, os dias parados de pelo menos 1/3 dos paredistas, envergonhados em assinar o ponto sem exercer a sacerdotal missão; ganha também o governo pela economia de água, luz e telefone – se distraídos serviçais e zeladores não deixarem torneiras abertas e luzes acesas, o que raramente acontece nos, **madrugadamente,** úmidos e iluminados estabelecimentos públicos de ensino.

No que diz respeito às **paredes** são apoiados pela respectiva associação de classe, preocupada com a reposição de aulas, costumeiramente realizada em dias em que os mestres são acometidos de moléstias contagiosas, diga-se de passagem, comprovadas por confiáveis atestados médicos. Tudo isso contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino;

- ganham os alunos pela não oitiva de discutíveis conteúdos programáticos, disseminados por primeiranistas e segundanistas de faculdades, sem qualquer relação com as de **Filosofia, Ciências e Letras**; pela manutenção da integridade física da petizada, se militante de escolas de periferia de grandes e médias cidades, onde estudam na maior segurança;

- ganham os pais: pela economia de lápis, cadernos, livros, uniformes e passagens de ônibus, pela hora da morte, com a única ressalva de que prefeririam continuar com as despesas para se virem livres de leves e doces tormentos domésticos em horários dedicados a alguma paz de espírito;

- ganha o trânsito, pela diminuição de veículos em circulação, trazendo tranquilidade às grandes urbes, evitando, dessa forma, óbitos inesperados, com prejuízos às seguradoras ao terem de pagar o prêmio dobrado aos beneficiários;

- perdem os perueiros, tendo de atritar com os pais de alunos, na hora do pagamento das mensalidades, argumentando não terem culpa pelo evento; perdem as cantineiras, exigindo isenções para o curto período de três ou quatro meses, em que deixaram de faturar, nem sempre bem compreendido por diretores de escola, preocupados em levantar **algum** para fazer funcionar o estabelecimento ao retorno às aulas;

- perdem os mestres, fundamentalmente, se concedido o reajuste pretendido, fazendo-os receber um salário menor do que aquele anterior à parede.

De acordo com minhas estimativas, o custo-benefício do grevismo educativo inclina-se mais para a economia de recursos do que para despesas estatais e domésticas. O que não deixa de ser um estímulo ao Estado, em sua intenção de melhorar as remunerações dos mestres, em sua proverbial dedicação à profissão, enquanto não mudam de ramo. Muito ao contrário do que sucede em Zilbraniz. Contudo, tudo o que descrevi sobre mobilizações dos mestres em busca de melhores condições de vida e de trabalho, cessou há muito tempo posto que hoje, cansados de

tanto andar pra cima e pra baixo de avenidas e museus, elogiando ás genitoras de seus algozes com extensas palavras depois dos muitos afagos recebido deles em seus holerites, acabaram por conformar-se ao não darem mais atenção aos apelos de seus, agora, desacreditados representantes.

Apesar da liberdade de ação e o silêncio, necessário a elucubrações, proporcionado pela última paralisação, minhas mãos fraquejam e a memória se esvai pela propagação do vírus **DO-ESP** em meu organismo, não permitindo novas incursões ao ***déjà vu***.

Mas não só isso vem acabando comigo. Considero as equimoses, produzidas pelo socorro a mim prestado por meus serviçais, acalmando-me dos delírios, responsáveis, também, pela minha atual debilidade física e mental.

Ando um tanto desconfiado de que alguns se aproveitam do meu estado de saúde para se vingar, nessas ocasiões, de reprimendas a eles, em tempos idos. De maneira que, a cada crise a me acometer pelos corredores do colégio, percebo, ao recobrar os sentidos, enormes galos e doloridos pelotões no cocoruto.

Dizem alguns solidários atendentes decorrerem meus ferimentos da compulsão em atirar-me de cabeça contra portas e paredes. Assertivas desmentidas por outras testemunhas, alegando resumirem-se meus achaques a um praguejar pornográfico contra as autoridades educacionais e o desnudar-me.

Encontro-me tão estropiado que já nem me animo a coibir os abusos de docentes e discentes chegando a hora que bem entendem, de funcionários, claudicando na limpeza. Todos se retirando fora do horário aprazado, no que são amparados por legislação pertinente, a qual combati com denodo em muitas ocasiões sem resultados práticos.

Aproveitando-se de minha fraqueza, muitos ousaram, quando lhes chamava a atenção, acusar-me de dar mau exemplo quanto aos horários e à assiduidade. Equivocados, decerto, por ignorarem meus afazeres externos em algumas manhãs, tardes e noites, sobre as quais lhes respondi sobranceiro, dever satisfação a meus superiores hierárquicos, que, também, nunca são encontrados em seus departamentos, onde deveriam estar, provavelmente, pelo atendimento a compromissos semelhantes aos meus.

Já, há algum tempo, deixei de lado essas questiúnculas, observando, surpreso, a felicidade estampada no rosto de meus subalternos ao abdicar eu de ações mais enérgicas quanto às obrigações a serem cumpridas.

Noto, a partir deste meu novo comportamento, que, sem querer, me transformei de draconiano **rector** em democrático educador e em grande **paisão** - segundo comentários dos beneficiados, dentre os quais os mestres, livres de comparecerem regularmente às aulas, o que não o faziam mesmo sob severas recriminações em outros tempos.

Agora, alunos e mestres, mormente em dias caniculares, adotam uniformes naturistas, abominando a **hipocrisia vestuarial**, apenas com o inconveniente de mestras semidesnudas exibirem uma ou outra azulada cordilheira em pernas e coxas, neste caso, pouco apreciadas pelos guris.

Em sala de aula, não há mais aquele silêncio tumular interrompido por exposições excessivamente eruditas de antigos professores, dialogando, monotonamente, com o alunado, mas uma salutar algaravia, na qual o docente é posto à prova em seus profundos conhecimentos por meio de contestações civilizadas de crianças e jovens. Muitos dos quais, brindando-o com **palavras extensíssimas** diante de reações de desagrado dos mestres a objetos flutuando pelas suas cabeças; constato, então, que não há mais aquele conformismo dos discentes, no recreio, quando se quedavam abúlicos, tomando calmamente seus lanches, ou retornando a casa tranquilos penso eu, por sofrerem, aquela época, graves verminoses.

Mediante a liberdade conquistada, os alunos mostram-se, hoje, ativos e saudáveis, trocando amabilidades a todo o momento, o que não deixa de ser um estímulo às vocações ligadas à **nobre arte**.

É verdade que, ultimamente, meu gabinete é frequentado por chusmas de discentes, não sei se pela falta de paciência dos mestres em sala de aula, ou pela vontade de conhecerem melhor um diretor tão afável e cordial, fazendo-os retornar imediatamente às classes, para desgosto de tolerantes e motivadores docentes, temerosos de que sejam denunciados por ferir o **Código Pertinente em defesa de crianças e adolescentes**.

Em meio à euforia geral tomando conta dos que convivem em tão agradável unidade de ensino, reservo meus últimos esforços a concluir estes escritos, louvando-me em correspondência com amigos deixados em Zilbraniz.

Devo dizer, entretanto, que muito do que foi descrito por mim, sobre esse país, constitui passado remoto, calculando-me, pelas informações recebidas, ter havido grandes mudanças naquele feliz Estado, após minha última visita.

Comunicaram-me os amigos deixados em Zilbraniz, numerosas reformas, em favor:

- do combate à fome e à miséria de alguns bolsões, esperando as novas autoridades erradicá-las, definitivamente, no momento em que todos os santificados estiverem transitados ao Reino do Criador. O que não tardará, se as do tesouro zilbranizense perseverarem na manutenção da **estabilidade por um fio**. Será, então, a irreversível redenção de Zilbraniz, transformado num país sem pobres e nobres;

- das aposentadorias, cujos inativos sustentam, hoje, os que estão na ativa, na proporção de três bem-remunerados repousadores para dois ativos trabalhadores, depois de bem aplicados os recursos do Ministério da Imprevidência:

- no pagamento de indenizações, decorrentes de ações judiciais, julgadas e pagas pelo contubérnio de juízes com salários defasados, advogados honestos e bem intencionados, funcionários públicos de confiança... daqueles. Sobre esta matéria, informaram-me que, dos seiscentos e tantos milhões de zilbranões dispersos em mãos de credores indevidos, devidamente engaiolados por alguns meses, na expectativa da progressão da pena, já se recuperaram uns bons dez ou doze, o que não deixa de ser um extraordinário avanço, provando que já não se fazem em Zilbraniz estelionatários como antigamente:

• no pagamento de almas penadas, constantemente sobrevoando o tesouro **imprevidencial**, apesar de sistemáticos cadastramentos de inativos;

- do crescimento dos anões do orçamento, graças a Deus, não necessitando novos subsídios para atingirem a estatura normal;

- da desregulamentação total da economia, por meio de original medida implantada com muito sucesso, há quase dois séculos por iniciativa de genial monarca, famoso pelo amor às penosas;

- da valorização do zilbranão, fazendo com que se o coloque no topo das internacionais, apenas com o detalhe de elevar a dívida interna pelos parcimoniosos juros pagos aos alegres investidores, emprestando seus haveres aos dadivosos governantes, pretendendo vê-los **montados na bufunfa** (não se surpreenda com a ambiguidade da oração, pois serve para ambos os lados);

- do fim do contrabando pela associação com países vizinhos, useiros vezeiros em exportar sub-repticiamente produtos agrícolas, industriais minerais e quejandos, ao mesmo tempo, de e para Zilbraniz. Podendo fazê-lo, agora, sem qualquer incômodo **alfandegarial**, liberando exportadores e importadores informais exógenos e endógenos do complexo de culpa;

- do combate ao comércio de produtos desentediantes, em morros e planícies de **Wonderful City**, entre outras capitais, pelo envolvimento da comunidade **Rosa-Choque** nas ações coibitivas ao narcotráfico. Disso vem redundando melhor organização militar dos transgressores com a livre importação de armamentos de última geração, proporcionada pelo Mandrião, à que não tem acesso a comunidade Rosa-Choque, compelindo-a a hastear bandeiras brancas nessas batalhas.

Nestes últimos dias, imaginando-me, derradeiros, venho sentindo calafrios, mormente ao receber o holerite, cujo valor embutido possibilita quando muito alguma incursão a subúrbios próximos, embora tal disfunção fisiológica, se atribuída à remuneração, será mera coincidência.

Mas tudo isso é pouco se comparado às novas condições políticas do país com o **Apocalipse Now**, determinado pelo aparecimento das duas pestes em Zilbraniz, já mencionadas anteriormente: a primeira de cunho sanitário subtraindo enorme contingente da população, pelas ações e estimulo da segunda, personificada no Javoltar Mandrião que considera:

1- extremamente salutar a confraternização de imensas aglomerações em praias, bares, praças e jardins, no combate a pandemia;

2- extremamente negativa a presença de experientes epidemiologistas de alto gabarito a testa do respectivo ministério, que fatalmente contribuiriam para a minimização da Pandemia, mas, infelizmente, fazendo sombra a sua possibilidade de reeleição. Na visão do Mandrião, o mais eficaz no alastramento da gripezinha, será sempre colocar um ex-companheiro de

farda no comando do ministério, o general Pesadêlo, todavia, recentemente, aposentado do cargo, depois de ser acusado de obedecer cegamente o Mandrião no uso de milagroso fármaco, responsável por grande parte da viagem ao além de alto porcentual de infectados. Substituído pelo dr. Gororóba, espera-se que seja ele autorizado a dizer o que pensa sobre os cuidados a serem tomados pela população, nem sempre obediente aos protocolos sanitários, para se resguardar da Pandemia, isto se sua opinião não se chocar com a do chefe, o que, fatalmente, acontecerá, em algum momento...

Como faço parte do grupo de risco por já estar, repito, infectado pelo vírus DOSP, temendo dolorosa agonia por, também, ter-me contaminado com a nova moléstia em Zilbraniz e, acreditando não nos pregar o desconhecido alguma peça na eternidade, recuso-me a enfrentar as parcas.

Aterrorizado, penso seriamente em dar cabo da existência, influenciado pelas longas conversas com filósofos suicidas zilbranizenses ao se depararem com algumas artes do desgoverno do **Coisa-Ruim** e seus **seguidores lombrosianos**, daqui e d'além mar.

Vivo dando tratos à bola sobre como atingir meu desiderato.

Inicialmente, imaginei estourar os miolos, mas logo desisti do intento, posto que jamais manuseei armas de fogo.

A inexperiência levar-me-ia a errar o alvo, ferindo-me de algum modo. Tentativa, que me valeria transferência para o nosocômio oficial. Aí, escapando do tresloucado gesto, não me livraria de alguma infecção hospitalar.

Pesadas bem as coisas, julguei esse possível passamento doloroso e humilhante - o da contaminação -, pela possibilidade de concluir-se minha existência promiscuamente em corredores repletos de desesperados, abominando o transitarem à perenidade sem os devidos cuidados médicos.

De outra feita, pensei tomar formicida **Tatu**, mas fui dissuadido de fazê-lo, ao ser informado de que alguns políticos, implicados em escândalos orçamentários de antanho, já a haviam experimentado sem sucesso, obrigando-os a gastar enormes quantias para se recuperarem dos estragos no organismo, sem os respectivos achegos **maracutaiais**, suspensos temporariamente, pelo temor a **PEGARATO.**

Sabendo disso, desisti no ato, por não dispor de quaisquer reservas depois das muitas viagens e paralisações, comprometendo meus parcos salários.

Ocorreu-me, um dia, jogar-me sobre os trilhos do ***subway***. Enchi-me de coragem para executar o planejado. Mas, nas várias datas aprazadas, não me foi possível concluir o engendrado. Elas coincidiam com as raras paredes organizadas por esses injustiçados laborantes, revoltados com a recusa do patrão em conceder-lhes o 16º salário, entre outras humilíssimas reivindicações.

De mais a mais, nunca persegui a notoriedade, despertando a curiosidade de quem quer que seja, muito menos dos usuários de ***subways***. Estes, frios e desinteressados face às tragédias desse jaez que, quando muito, os fazem perder o dia de trabalho ao darem uma espiadinha no infeliz suicida/acidentado.

Refuguei a ideia, mesmo porque seria grande **sacanagem** para com a companhia de seguros, de quem adquiri gorda apólice, a qual, meus herdeiros, se um dia aparecessem, teriam certa dificuldade em recebê-la, devido à questão da **causa mortis**.

Acabar sob as rodas de veículos de transporte de massa caracterizaria imensa crueldade para com os cuidadosos motoristas, criando neles traumas irremovíveis, acostumados que estão a atropelar apenas transeuntes atrevidos, **mangando** deles, ao obedecerem aos sinais verdes dos semáforos.

Este projeto também desservia meus objetivos.

Enforcar-me na escola daria muita mão-de-obra, redundando em pura perda de tempo - e algum comprometimento à minha integridade física, possivelmente, deixando-me aleijado, pelo monumental tombo.

Não encontraria lugar suficiente firme onde pendurar a corda ou a gravata. Com certeza, provocando novas despesas às autoridades educacionais - atualmente, bem sovinas quanto a reformas e construções necessárias - com o desabamento de tetos e telhados, ao lançar-me ao espaço. Seriam muitos meses para a recuperação dos estragos, com irreversíveis prejuízos ao processo pedagógico com a interdição do estabelecimento. Como prezo meu alunado, não o privaria de sua eficiente aprendizagem quando de algum comparecimento dos mestres.

Atirar-me da caixa d'água da unidade seria impossível, sofro do mal das alturas e tal atitude poderia levar os alunos, sofrendo da mesma síndrome, a

imitar-me, o que não ocorreria com os demais, acostumados a merendar folgadamente sobre ela. Transgressão, que uma vez falhada, me valeria rancoroso processo administrativo, com demissão a bem do serviço público com a cassação da **pensão**, se casado fosse manchando-me o limpo prontuário funcional com apenas esta ou aquela repreensão a mim aplicada por invejosos de minhas viagens.

Ideei, igualmente, acabar com a existência, passeando as altas horas da noite em praças centrais bem frequentadas desta grande urbe, expondo em pulsos e pescoço pulseiras e correntinhas de metal nobre, herança de família. Com certeza tal ousadia de minha parte, motivaria este ou aquele transeunte mal-encarado no local a praticar a eutanásia. Logo desisti da aventura pela necessidade de empenhar as minhas joias para honrar dívidas pendentes.

Penso ir-me desta para melhor(?) a fim de impedir-me conviver com possível mudanças político social ambiental nestes últimos anos da década dos 2020 quando, possivelmente, em mais algum breve tempo seja acompanhado por alguns milhões de desajustados habitantes do planeta useiros e vezeiros em divertir-se com as grandes fogueiras de nossas já devastadas florestas na quais buscam aquecer-se das enormes geadas produzidas pelo derretimento dos polos, que poucos acreditam estar ocorrendo; quando grandes reuniões de beneméritos países humanistas visando combater a destruição do meio ambiente, nas chamadas "Conferências de Salvamento da Humanidade", combinam financiar com trilhões de verdinhas, medidas tendentes a garantir a vida do Planeta por mais algumas décadas, num espaço de tempo no qual as constantes crises econômicas os acometem, os impedem de cumprir suas promessas. Mas isso não significa que esses benevolentes esqueçam-se de continuar na sua batalha a favor da sobrevivência da humanidade no médio prazo...

De sorte que o tempo passa e não encontro solução plausível para o meu problema, de me livrar deste vale de lágrimas, embora o ruminar folhas de Diários Oficiais, tenda á abreviar meus dias... Arrg... Arrg... Arrgh...